



UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

TERRA, CASA E FAMÍLIA

*Valores em mudança numa aldeia
de Terras de Miranda (Sendim, 1944-1994)*

Ana Isabel Afonso



Dissertação apresentada para a obtenção
do grau de Doutor em Antropologia,
especialidade Antropologia Cultural e Social

LISBOA, 1997

ÍNDICE

ÍNDICE DE QUADROS	4
ÍNDICE DE FIGURAS.....	5
ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES.....	6
<i>AGRADECIMENTOS</i>	9
INTRODUÇÃO	12
Apresentação do problema	12
Métodos e técnicas de pesquisa.....	20
Nota à margem - a experiência de um terreno <i>familiar</i>	28
Um primeiro olhar sobre <i>Sendim</i>	30
Organização da apresentação do trabalho	34
I. CONTEXTO REGIONAL	37
1. <i>Terras de Miranda</i> em Trás-os-Montes.....	37
2. As arribas do Douro e Espanha mesmo ao lado	43
3. O espaço da freguesia.....	50
3.1. <i>Paisagem agrária</i>	50
3.2. <i>Uma inovação controversa - vacas turinas</i>	61
3.3. <i>Os campos e as casas - dinâmicas divergentes</i>	63
4. Fogos e habitantes (1864-1991)	68
II. DE ALDEIA A VILA (1944/1994).....	81
1. Pessoas e casas.....	81
2. A presença na vila - residentes <i>permanentes e episódicos</i>	91
3. <i>Status Animarum</i> (1944) e <i>Censo 94</i>	94
3.1. <i>Agricultura e diversificação de profissões</i>	94
3.2. <i>Já ninguém quer o campo, todo o mundo estuda</i>	103
4. Factores e protagonistas da mudança	107
4.1. <i>A construção das barragens e o seu impacto na aldeia</i>	108
4.2. <i>A grande evasão e o retorno</i>	110

III. GRUPO DOMÉSTICO: COMPOSIÇÃO E FRACCIONAMENTO.....	126
1. <i>Casar, apartar</i> - a predominância da neo-localidade.....	130
2. O casamento, controlo social e mudança.....	141
2.1. <i>A idade dos noivos: uma variável-chave</i>	143
2.2. <i>Casamentos arranjados e casamentos próximos</i>	149
3. Geografia das distâncias matrimoniais (1910-1994).....	158
4. Sazonalidade dos casamentos.....	165
IV. <i>TERRA QUANTA VEJAS, CASA ONDE CAIBAS</i>	170
1. Uma aldeia de camponeses.....	172
1.1. <i>Proprietários, lavradores e jornaleiros</i>	172
1.2. <i>Domésticas e filhos de família</i>	177
2. Vidas cruzadas na história da aldeia: lavradores e comerciantes.....	182
2.1. <i>A terra e o trabalho - apogeu e declínio dos agricultores</i>	182
2.2. <i>Dinheiro e instrução - o grupo emergente dos comerciantes</i>	199
2.3. <i>Um casamento de valores</i>	209
3. Infância de outros tempos: vidas passadas, vidas contadas.....	210
3.1. <i>O trabalho dos filhos de família</i>	210
3.2. <i>O infortúnio da irmã mais velha</i>	214
4. Mudança social, transformações familiares e secundarização do papel feminino.....	218
V. <i>CASA QUANTA VEJAS, TERRA ONDE CAIBAS</i>	228
1. Uma aldeia que se urbaniza.....	229
1.1. <i>Retracção da actividade agrícola e diluição da hierarquia social tradicional</i>	229
1.2. <i>Emigração e construção civil - o apogeu dos anos 80</i>	236
2. Casas e grupos sociais.....	237
3. Tradição e modernidade: uma vila a dois tempos.....	257
VI. TEMPOS DE FESTA.....	265
1. Mecanização e entejuda: quando o trabalho era uma festa.....	268
2. Do <i>ajuste de contas</i> ao piquenique familiar - a festa da <i>Trindade</i>	280
3. <i>Santa Bárbara</i> , protectora do cereal e as <i>novas colheitas</i>	285
4. Vila de Verão / vila de Inverno.....	300
VII. CONCLUSÕES.....	307
1. Os vectores da mudança.....	308
2. Os tempos da mudança.....	312

<i>ANEXO A: DOCUMENTOS</i>	1
<i>ANEXO B: QUADROS</i>	8
<i>ANEXO C: MAPAS</i>	39
BIBLIOGRAFIA	47

Índice de Quadros

<i>Quadro 1</i> Evolução das áreas de ocupação do solo em Sendim (%), 1947-1989	65
<i>Quadro 2</i> Variação do nº de fogos entre 1940 e 1991, por freguesia	73
<i>Quadro 3</i> Principais profissões, por sexo (1944/1994)	99
<i>Quadro 4</i> Analfabetos em relação à população total (por sexo)	103
<i>Quadro 5</i> Composição dos grupos domésticos, 1940-44 (em %)	131
<i>Quadro 6</i> Composição dos grupos domésticos, 1994 (em %)	135
<i>Quadro 7</i> Dimensão dos grupos domésticos (1944-1994)	137
<i>Quadro 8</i> Comparação entre a idade do 1º casamento, por década, entre homens e mulheres	144
<i>Quadro 9</i> Resultados do teste de comparação múltipla efectuada entre os valores da idade ao 1º casamento, nos homens e nas diferentes décadas.	147
<i>Quadro 10</i> Resultados do teste de comparação múltipla efectuada entre os valores da idade ao 1º casamento, nas mulheres e nas diferentes décadas	148
<i>Quadro 11</i> Instrução, por sexo, comparando diferentes cohortes	151
<i>Quadro 12</i> Idade média dos noivos, segundo a profissão do noivo, 1910-1960	154
<i>Quadro 13</i> Casamentos com dispensas por consanguinidade e afinidade, 1910-1970	157
<i>Quadro 14</i> Naturalidade dos cônjuges - Sendim, 1994	163
<i>Quadro 15</i> Sazonalidade dos casamentos segundo o mês e por década (1910 - 1994)	166
<i>Quadro 16</i> Actividades da população de Sendim, segundo um Manuscrito de 1796	171
<i>Quadro 17</i> Ocupação do representante do GD, por grupos socioprofissionais (1940-1944):	173
<i>Quadro 18</i> População não classificada em relação à população total, 1940-1944: (+12 anos)	178
<i>Quadro 19</i> Principais tarefas do ciclo agrícola	190
<i>Quadro 20</i> Actividades mais representadas segundo a profissão do chefe-de-família (1944/1994)	230
<i>Quadro 21</i> Actividade agrícola, por sexo (casais residentes)	233

Índice de Figuras

<i>Figura 1 Localização da freguesia</i>	41
<i>Figura 2 Vista aérea de Sendim</i>	49
<i>Figura 3 Divisão regional de Miranda do Douro</i>	52
<i>Figura 4 Evolução Populacional das freguesias de Terras de Cima (1864-1991)</i>	69
<i>Figura 5 Evolução Populacional das freguesias de Terras de Baixo (1864-1991)</i>	69
<i>Figura 6 Evolução populacional da cidade de Miranda do Douro (1864-1991)</i>	71
<i>Figura 7 População e nº de fogos, por freguesia (1864-1991), Terras de Cima</i>	75
<i>Figura 8 População e nº de fogos, por freguesia (1864-1991), Terras de Baixo</i>	76
<i>Figura 9 População e nº de fogos de Miranda do Douro (1864-1991)</i>	77
<i>Figura 10 Taxa de crescimento demográfico, Sendim (1878 - 1994)</i>	82
<i>Figura 11 Planta parcial de Sendim (anos 40 / anos 90)</i>	86
<i>Figura 12 Tipo de Ocupação das casas recenseadas</i>	92
<i>Figura 13 Situações de permanência na vila, 1994</i>	93
<i>Figura 14 Sectograma de actividades: 1944/1994</i>	96
<i>Figura 15 Profissões por grupos de idade (-40anos/+40anos)</i>	102
<i>Figura 16 Estrutura etária da População, 1940-44</i>	105
<i>Figura 17 Estrutura etária da população, 1994</i>	106
<i>Figura 18 Movimento de partida dos emigrantes (1950-1994)</i>	114
<i>Figura 19 Principais países de destino dos emigrantes, 1950-1994</i>	117
<i>Figura 20 Movimento de regresso dos emigrantes, 1950-1994</i>	120
<i>Figura 21 Composição dos grupos domésticos (1944-1994)</i>	136
<i>Figura 22 Idade média dos noivos ao 1º casamento, de 1910 - 1994</i>	145
<i>Figura 23 Evolução da naturalidade dos cônjuges (1910-1994)</i>	159
<i>Figura 24 Casamento segundo a naturalidade dos cônjuges (1910- 1994)</i>	162
<i>Figura 25 Diagrama de parentesco do casamento dos Ricardino</i>	185
<i>Figura 26 Planta do interior da casa</i>	193

Índice de Ilustrações

<i>Foto 1 - Chegada do comboio à aldeia (anos 60)</i>	36
<i>Foto 2 - Vista geral sobre a vila</i>	36
<i>Foto 3 - Onde as margens do rio se aproximam</i>	78
<i>Foto 4 - «Trasga» do arado para deslizar sobre as cordas que atravessavam o rio</i>	78
<i>Foto 5 - Aspecto da fragmentação da propriedade</i>	79
<i>Foto 6 - Os vinhedos rasteiros</i>	79
<i>Foto 7 - Exploração mista de oliveira e vinha</i>	80
<i>Foto 8 - Novos elementos na paisagem agrária</i>	80
<i>Foto 9 - «Profissões antigas antes de máquinas» (quadro talhado em madeira)</i>	97
<i>Foto 10 - Rua do centro da vila (anos 50)</i>	122
<i>Foto 11 - Mulheres apanhando estrume na rua (anos 60)</i>	122
<i>Foto 12 - Aspecto da «eira» ou «prado»</i>	123
<i>Foto 13 - O mesmo local nos anos 90</i>	123
<i>Foto 14 - Uma rua no centro da vila (anos 50)</i>	124
<i>Foto 15 - A mesma rua nos dias de hoje</i>	124
<i>Foto 16 - Rua dos Barreais (anos 60)</i>	125
<i>Foto 17 - Rua dos Barreais (anos 90)</i>	125
<i>Foto 18 - Uma família de lavradores (anos 30)</i>	133
<i>Foto 19 e Foto 20 - Tarefas feitas a dois</i>	169
<i>Foto 21 - Porta das casas tradicionais: um símbolo expressivo da inter comunicabilidade entre o espaço público e o espaço privado</i>	199
<i>Foto 22 e Foto 23 - Casas de outros tempos</i>	225
<i>Foto 24 - Sociabilidades femininas de outrora (final dos anos 60)</i>	226
<i>Foto 25 e Foto 26 - Espaços de sociabilidade masculina (anos 90)</i>	227
<i>Foto 27 - Ruínas de outros tempos...</i>	228
<i>Foto 28 - Aldeã limpando feijão à porta de casa</i>	261
<i>Foto 29 - «Loja» dos animais</i>	261
<i>Foto 30 e 31 - Aldeão e jovem empresário agrícola nas suas fainas (anos 90)</i>	262

<i>Foto 32 e Foto 33 - Tecnologias que coexistem no tempo (anos 90)</i>	263
<i>Foto 34 - Ofícios que vão acabando</i>	264
<i>Foto 35 - Antigo albardeiro mostrando a sua ferramenta</i>	264
<i>Foto 36 - Grupo de segadores (anos 60)</i>	270
<i>Foto 37 - Segada nos anos 60</i>	271
<i>Foto 38 - Grupo de trabalho amontoando a «parva»</i>	273
<i>Foto 39 - Trabalho na eira (finais dos anos 50)</i>	274
<i>Foto 40 - Passagem da mordomia para o ano seguinte</i>	287
<i>Foto 41 - As voltas à capelinha na festa da «Trindade» (anos 90)</i>	305
<i>Foto 42 - Mordomos de Sta. Bárbara organizando a volta à vila para fazer o peditório</i>	305
<i>Foto 43 - Mordomos de Sta. Bárbara durante a recolha da esmola para a festa</i>	306
<i>Foto 44 - Mordomos de Sta. Bárbara ao findar o peditório</i>	306
<i>Foto 45 - (sem legenda)</i>	316
<i>Foto 46 - (sem legenda)</i>	316
<i>Foto 47 - (sem legenda)</i>	317
<i>Foto 48 - (sem legenda)</i>	317
<i>Gravura 1- Atravessando o rio com as cordas</i>	45
<i>Gravura 2 - Sistema mecânico de prensagem da azeitona (em actividade até aos anos 60)</i>	60
<i>Gravura 3 - Grupo de jovens preparando um «patente» (anos 60).</i>	140
<i>Gravura 4 - A vida do dia a dia de um casal de lavradores assentava numa sólida cooperação da unidade conjugal</i>	188
<i>Gravura 5 - Casa de lavradores</i>	192
<i>Gravura 6 - Na cozinha, onde o mobiliário era reduzido ao mínimo indispensável, a família reunia-se ao serão.</i>	194
<i>Gravura 7 - Trabalho nas eiras em finais dos anos cinquenta</i>	212
<i>Gravura 8 - Mulher a lavar com o filho às costas</i>	215
<i>Gravura 9 - Esfera doméstica e esfera produtiva na representação do papel feminino, na época.</i>	222

Autores das Fotografias¹

Foto 1 - Américo Marcelino

Foto 3 - Américo Marcelino

Foto 8 - Américo Marcelino

Foto 10 - Américo Marcelino

Foto 11 - Zeca Meirinhos

Foto 12 - Américo Marcelino

Foto 14 - Américo Marcelino

Foto 16 - Américo Marcelino

Foto 18 - desconhecido

Foto 24 - Zeca Meirinhos

Foto 26 - Américo Marcelino

Foto 36 - Américo Marcelino

Foto 37 - Américo Marcelino

Foto 38 - Américo Marcelino

Foto 39 - Américo Marcelino

¹ Excluindo as que foram tiradas pela própria

Agradecimentos

Geralmente o último texto que se escreve e o primeiro que se apresenta, depois de um percurso recheado de imponderáveis, obstáculos a ultrapassar, opções a tomar, momentos de euforia e de desânimo, é este o lugar para um justo reconhecimento das pessoas e instituições que me auxiliaram e acompanharam ao longo desta investigação e sem as quais ela não teria sido possível.

A maior parte da pesquisa documental decorreu no âmbito do projecto «*Ser Português em Portugal, estudo multidimensional das identidades nacionais, regionais e locais*», subsidiado pela JNICT, a quem agradeço o financiamento de diversas deslocações e estadias no terreno (1993/94), bem como a aquisição de um computador portátil. Ao Professor Doutor Adolfo Casal, que coordenou este projecto, expresso também o meu apreço pela forma como me incentivou a prosseguir a minha linha de acção.

Aos meus colegas do departamento de Antropologia da Universidade Nova de Lisboa agradeço todo o apoio prestado e saliento que este trabalho foi realizado graças à sua solidariedade, que me dispensou da actividade docente nos períodos mais intensos do trabalho de campo e da redacção final.

Aos Professores Doutor J. Manuel Nazareth e Doutor Raúl Iturra devo duas criteriosas orientações e uma grande generosidade científica demonstrada pela paciente leitura crítica dos sucessivos capítulos que lhes fui apresentando.

O contacto com investigadores do núcleo *Anthropology and Computing* da Universidade de Kent em Canterbury, abriu-me horizontes sobre a utilização de novas tecnologias como ferramenta auxiliar na pesquisa antropológica. Agradeço especialmente a Janet Bagg e Jean Hosking que me receberam com grande hospitalidade no seu departamento e comigo partilharam ideias e experiências.

A Karin Wall estou particularmente grata pelos úteis conselhos e sugestões bibliográficas, bem como pelo seu convite para participar nos seminários do *Grupo de Estudos sobre a Família (GREF)*.

Em diversas instituições da região cruzei-me com pessoas que viabilizaram e facilitaram a consulta de fontes locais e muito contribuíram para ultrapassar os entraves burocráticos no acesso à informação. Assim aconteceu com os funcionários do *GAT*, em Bragança; Eng.º Domingos Amaro (*MAP*, Secção Regional de Mogadouro); D. Lurdes, da Conservatória do Registo Civil de Miranda do Douro; António Mourinho (Júnior) do Museu de *Terras de Miranda*; Câmara Municipal de Miranda do Douro (Serviços Técnicos e Repartição de Finanças).

Um agradecimento muito especial é dirigido aos sendineses cuja incondicional disponibilidade e entusiasmo me acompanharam durante as diversas estadias em Sendim. Espero não os decepcionar com o uso que acabei por fazer das nossas conversas informais, dos objectos que me mostraram, das vidas e memórias que comigo partilharam e pelas quais tenho o maior respeito e admiração.

Não posso deixar de particularizar uma enorme gratidão ao pároco Francisco Moscoso, pela confiança com que me abriu os documentos do Arquivo Paroquial de Sendim. Idêntica colaboração encontrei da parte de Jorge Picotês em relação ao acervo da Junta de Freguesia; Sr. Abílio, da Casa do Povo de Sendim e Francisco Martins, antigo regedor. A José Machado e Manuel Machado, da Adega Cooperativa, expresse igualmente o meu agradecimento, não só pelas informações prestadas, como também pela disponibilização da fotocopiadora daquela instituição.

Para a edição final deste relatório contei com o precioso apoio de Fernando Silva que me ensinou a uniformizar o aspecto gráfico do texto, Mário Cruz que digitalizou a maior parte do material fotográfico integrado e Mário de Carvalho que resolveu inúmeros problemas relacionados com o computador.

Ao *tio* Luís agradeço ter-me acompanhado pelas arribas abaixo e conduzido de barco pelo troço do rio Douro junto a Sendim, quando tentava fotografar os antigos *trilhos* do contrabando.

O talento ímpar de Manuel João Ramos deu forma e graça aos desenhos que ilustram algumas descrições baseadas na memória de diversos informantes.

A Rui Fernandes devo o sacrifício de inúmeros serões que levaram à construção e tratamento da informação da base de dados que serviu de suporte a uma parte fundamental dos dados recolhidos.

A Graça é daqueles amigos que bate com os dedos na mesa quando é preciso fazer coisas difíceis. Além de todo o apoio que me deu ao longo da pesquisa e dos livros com que enriqueceu a minha modesta biblioteca, contei, acima de tudo, com uma grande amizade que nos tem ligado num *continuum* de que já perdi a conta dos dias, desde que começámos a ler juntas os *Nuer*.

À *avó* Dulce e ao *avô* Leonel estou profundamente reconhecida pela disponibilidade que têm dedicado às suas netas, deixando-me inteiramente tranquila nas minhas sucessivas ausências.

Ao tio Manuel João expresso um agradecimento muito especial por me ter cedido um agradável estúdio no seu apartamento, onde encontrei recolhimento durante todo o período de redacção da tese.

Aos meus pais agradeço terem-me transmitido o gosto pelo trabalho e o valor da solidariedade humana. E também à *tia* Mizé e *tia* Bitinha que sempre me têm acompanhado neste longo percurso.

Com o Leonel partilhei os bons e os maus momentos inerentes à realização desta tese: algumas saídas de campo, certas etapas fundamentais da pesquisa, como o censo que efectuei graças à sua preciosa ajuda, e a fastidiosa introdução de dados no computador. Nas minhas ausências foi pai e mãe ao mesmo tempo. Ao meu lado foi companheiro, assistente de campo e de trabalho, Amigo. É com grande satisfação que com ele partilho os frutos desta solidariedade na alegria de um trabalho levado a bom termo.

A Inês e a Mariana tiveram que crescer no meio destas páginas, que por sua vez foram tomando forma nos intervalos do seu crescimento. É a elas que as dedico, esperando que um dia compreendam a razão dos meus longos momentos de indisponibilidade...

Introdução

APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

Esta pesquisa tem como ponto de partida o estudo das transformações sociais numa aldeia do Nordeste de Portugal. Formulado nestes termos, cedo me obrigou a delimitar contornos, definir unidades de análise e balizar um intervalo de tempo. Ou, para melhor dizer, dois intervalos de tempo: um tempo de pesquisa e um tempo *para* a pesquisa.

A preocupação central que transparece nesta primeira apresentação do problema desde logo anuncia o terreno arriscado e movediço das minhas motivações. Se a aldeia parecia ser um bom refúgio, um pequeno universo de pesquisa, relativamente seguro e controlável para os poucos recursos de uma antropóloga em princípio de carreira, já a proposta de estudar a mudança, cedo me fez confrontar com as limitações da minha experiência e com a contingência das ferramentas tradicionais do meu ofício.

O propósito inicial tinha uma dupla vertente: analisar a mudança social em relação a um tempo de memória, devidamente referenciado, isto é, um período que pudesse ser testemunhado pelas pessoas que o viveram, para, através delas, fazer a desmontagem dos processos inerentes à dinâmica da transformação local. Simultaneamente, queria fazer um registo tão pormenorizado quanto possível desse tempo de memória, inexoravelmente submergido (e em riscos de se perder) pelo

ritmo das aceleradas mutações que, de forma mais ou menos pronunciada, afectam hoje as comunidades camponesas.

Não era meu objectivo, contudo, fazer a reconstituição histórica da aldeia, mas apenas responder à questão “como a aldeia mudou?”, através da descrição dos factores, ritmos e protagonistas da mudança que me permitissem construir uma interpretação adequada do presente etnográfico.

Apesar dos inúmeros obstáculos em que fui tropeçando ao longo deste percurso, foi sempre tarde para mudar de rumo e empenhada que estava em fazer uso da minha formação antropológica para estudar um problema que me parecia pertinente, embora arriscado, num terreno *tradicional* em acelerada mutação, lancei mãos à obra.

De início, a escolha do sítio foi a questão menos problemática. Uma certa continuidade com a pesquisa exploratória que havia encetado para a dissertação de mestrado¹ levou-me a retomar o terreno, seguindo algumas das pistas que, já naquela época, se tinham delineado como hipóteses interessantes a explorar numa investigação futura.

O terreno parecia-me particularmente adequado para realizar esta pesquisa, sob uma dupla vertente: em primeiro lugar, tratava-se de uma freguesia do Nordeste de Portugal, com todos os problemas sociais ligados à interioridade do país (êxodo rural, forte contingente de emigrantes, grande distanciamento geográfico em relação aos principais centros urbanos), mas que durante as últimas décadas evidenciava sinais de franco desenvolvimento. Em segundo lugar, a pequena região trasmontana onde a freguesia escolhida se inseria - *Terras de Miranda* - representava um certo vazio na cartografia das regiões analisadas pelos estudos antropológicos recentemente efectuados no nosso país, apesar da densidade das suas relações sociais e dos diversos problemas socio-económicos que protagonizava.

¹*Estratégias matrimoniais numa aldeia de Trás-os-Montes*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1988.

Deste modo, ajudar a preencher esse *vazio* através de uma pesquisa centrada na mudança social, ao longo das últimas décadas, de uma aldeia situada numa região pouco estudada, pareceu-me um contributo útil e ao mesmo tempo urgente, num momento em que tanto são debatidos os problemas da regionalização do país.

As idiossincrasias deste pequeno espaço rural levaram-me à formulação das primeiras interrogações que, a pouco e pouco, foram dando rumo a esta pesquisa. Dois aspectos fundamentais da sua dinâmica haviam despertado a minha atenção. Por um lado, as casas que cresciam de dia para dia e os jovens que, chegados ao 12º ano, se iam dispersando por várias cidades do país e do estrangeiro, constituíam dois fenómenos cruzados que era preciso destrinçar. Por outro lado, as revoadas de gente que em certas alturas do ano chegavam à aldeia contrastavam com este indiferente *voltar de costas* aparente e mostravam outra face do campo, sugerindo a relevância da terra natal na construção social das identidades².

Duas interrogações principais emergiram, assim, dos primeiros contactos com o terreno e estão na base desta pesquisa:

- Em primeiro lugar, quais os processos que ao longo das últimas décadas deram origem a este esvaziar de gente, num sítio aparentemente tão florescente como esta comunidade de pequenos agricultores?
- Em segundo lugar, até que ponto é esta *mutilação* efectiva, quando a aldeia transborda de vida e bulício em determinados períodos do ano, particularmente durante as principais festividades cíclicas e nas ocasiões de férias laborais?

²Para enfatizar o poder centrípeta da aldeia como espaço de referência identitária, por oposição ao exterior, recorro à noção de *localidade*, que melhor me parece traduzir esta ideia, conforme salientado por Lamarche: «La notion de localité n'existe que par rapport à non-localité. C'est évident. Mais en milieu rural, le rapport local-nonlocal se situe généralement dans un rapport de force [...]; c'est, tout compte fait, la lutte constante entre un système socio-économique fondamentalement autarcique et un système prônant l'intégration dans l'économie de marché, l'adhésion à la société de consommation» (1986: 70).

Estas duas questões constituíram os fios condutores da pesquisa em torno da qual se desenvolveram, de forma sistemática e absorvente, os meus três últimos anos de aprendizagem. Aprendizagem que me levou a entrar em diálogo com outras disciplinas, a recorrer a diferentes metodologias de análise e a ensaiar diversas técnicas para fundamentar com o maior rigor possível os resultados duma investigação que, apesar de necessariamente exploratória, encontra a sua principal justificação no que permitiu começar a fazer.

O tema da mudança social tem sido pouco explorado pelos antropólogos portugueses que apenas o têm aflorado de forma indirecta nas suas pesquisas monográficas. Mesmo no que diz respeito aos trabalhos mais recentes e, salvo raras excepções (Nobre, 1987; Bastos, 1993), encontramos uma relativa indiferença por este tópico, apesar do foco de análise incidir, na maior parte das vezes, sobre pequenas comunidades rurais, extremamente permeáveis aos modos de vida urbanos que nelas se têm instalado de forma progressiva. Talvez fruto de uma Antropologia em tímido rejuvenescimento, ainda muito ligada aos trilhos dos primeiros etnógrafos.

Nesta medida, corroborando a opinião de João Portela (1988), a revisão de estudos sobre as comunidades rurais portuguesas efectuada por Cailler-Boisvert em finais dos anos 60, tem ainda bastante actualidade, pelo que se torna redundante retomá-la neste lugar. Conforme foi referido por esta autora:

«L'originalité dans pays comme le Portugal ne réside pas seulement dans les traditions mais dans ce qui en est le support, c'est-à-dire l'organisation de la société rurale. La disparition progressive de ces traditions reflète le profond bouleversement d'une société en plain changement que devrait pouvoir enfin analyser une sociologie encore embryonnaire dont l'essor est parfois freiné par un certain état d'esprit extérieur à la science».

(Cailler-Boisvert, 1967: 121)

Diversas investigações monográficas que se debruçam sobre a temática familiar, segundo uma perspectiva sincrónica e/ou diacrónica salientam, no entanto, factores decisivos de mudança, evidenciáveis a partir do *grupo doméstico*³, como

³Ao longo do trabalho utilizo a expressão *grupo doméstico* como tradução do termo anglo-saxónico *household*. Apesar da dificuldade na tradução literal deste termo, em virtude de não haver na

unidade de análise privilegiada (Iturra, 1983; Silva, 1994; Portela, 1988). Nesta medida, os trabalhos antropológicos que permitiram enquadrar o meu problema no âmbito dos estudos portugueses, concentram-se na já *densamente povoada* região do Minho e provêm do chamado *Grupo do Noroeste* (Goldey, 1881; Nunes, 1986; Pina-Cabral, 1989; Brettel, 1991; Cole, 1991).

Muitos dos trabalhos empíricos que me auxiliaram na pesquisa - e cujo foco incidia na mudança social e familiar em meio rural - derivam também, de investigadores de outros ramos das Ciências Sociais, com particular destaque para a Sociologia, a disciplina que tem produzido o maior número de publicações sobre este domínio de estudos no nosso país (Cabral, 1983; Ferreira de Almeida, 1986; Wall, 1988, 1994; Lourenço, 1991; Silva, 1994; Silva, 1994).

Classes Sociais nos Campos (Ferreira de Almeida, 1986) constituiu uma obra que muito me inspirou e motivou no desenvolvimento desta investigação, embora o contexto regional em que se insere - nas proximidades de um importante centro urbano, o Grande Porto - tenha características muito diferentes da região onde efectuei a minha pesquisa, que tem sido referenciada pela notória ausência de *pólos com funções centrais* (Lema, 1977).

Em relação à Espanha rural, diversas publicações sobre a transformação das sociedades camponesas tradicionais (Brandes, 1975; Douglass *et al.*, 1978; Comas d'Argemir, 1984, 1987), permitiram consolidar o projecto inicial de pesquisa e acreditar que era possível estudar um tema tão *fugidio*.

A obra de Stanley Brandes (1975) - *Migration, Kinship and Community: Tradition and Transition in a Spanish Village* - constituiu uma leitura introdutória que muito me motivou para o prosseguimento desta linha de estudo. A tese deste autor punha em causa as teorias sobre a modernização das comunidades rurais, defendidas até então, argumentando que na aldeia onde efectuou a sua pesquisa, em

língua portuguesa nenhuma designação inteiramente coincidente com a versão inglesa, optei por esta tradução, aliás corrente entre os antropólogos portugueses e franceses, baseando-me na sinonímia da língua original entre *household* e *domestic group*.

vez do colapso ou pulverização da comunidade, surgiram formas renovadas de cooperação que muito contribuíram para a dinamizar.

«My thesis, is that, in Becedas, the tradicional mechanisms of community integration and identity have survived and even become extended in the face of acute economic and cultural change. (...) The new economic adaptations and cultural patterns brought on by emigration are becoming incorporated within and phrased through a familiar structural framework».

(Brandes, 1975: xiii)

Além de partilhar o interesse pelo mesmo domínio temático, havia uma certa semelhança entre as características de *Becedas* - a aldeia estudada por este autor⁴ - e *Sendim*, o que me auxiliou bastante a gizar um primeiro esboço de pesquisa. Também a crítica que O'Neill (1984) faz ao trabalho de Brandes (*op. cit.*) me alertou para os problemas inerentes a um estudo sobre a mudança social quando se compara o presente etnográfico com um passado vago e difuso:

«Na obra (de Brandes) surgem múltiplas referências ao facto de que os aldeãos de Becedas, hoje, são «mais iguais do que nunca», e cooperam como «nunca o tinham feito». Infelizmente, este período histórico do «nunca» não é descrito em pormenor, excepto no que se refere a três páginas que abordam, superficialmente, fontes isoladas dos séculos XVI e XVIII».

(O'Neill, 1984: 27)

Foi com base nesta crítica que procurei definir marcos temporais e evitar referir-me a um *antes* vagamente perspectivado ou que não fosse possível de referenciar.

Os trabalhos de Martine Segalen (1977, 1979, 1985) sobre a transformação das sociedades camponesas em França, ajudaram-me a perspectivar as minhas reflexões e a afinar os instrumentos de análise que estava a utilizar. A sua proposta de considerar de modo articulado as mudanças na organização interna da família e as mudanças sociais, culturais, demográficas e económicas constituiu um terreno de pesquisa bastante promissor e cativante, em relação ao qual comecei a dar os primeiros passos.

⁴Becedas é uma aldeia castelhana, com cerca de 800 habitantes, situada na serra de Béjar a oeste de Madrid e que tem sofrido grandes transformações, na sequência do grande surto migratório verificado a partir da década de 60.

Da imbricação destes aspectos deriva também a importância de duas obras que considero de forma complementar e que se revelaram de grande utilidade para estabelecer as unidades de análise mais adequadas: a apresentação de diversos estudos empíricos sobre a transformação do espaço rural francês, reunidos em *L'esprit des lieux. Localités et changement social en France* (Vários, 1986), e a discussão em torno do grupo doméstico, como unidade descritiva e analítica frequentemente usada para o estudo comparativo das sociedades e culturas, que é apresentado em *Households. Comparative and Historical Studies of the Domestic Group* (Netting *et al.*, 1984).

Com efeito, a problemática da minha investigação situava-se, precisamente, no cruzamento dos temas de debate que deram origem a estas duas publicações colectivas, e cujos argumentos permitiram dissolver várias dúvidas com que me confrontei ao longo da pesquisa. No primeiro caso, em particular, apoiei-me em Lamarche para definir o conceito de mudança social, e é com esse sentido que o utilizo ao longo do texto:

«Toute analyse, et celle du changement social comme les autres, doit se faire dans le cadre des rapports sociaux. Le changement social peut alors être assimilé aux transformations des rapports sociaux.
Comment saisir concrètement le changement social ou la transformation des rapports sociaux? Par le biais de l'innovation, prise dans toutes ses dimensions et non uniquement technique.
Le changement social n'est pas l'innovation, mais tout changement implique une innovation. De sorte que l'innovation apparaît comme le moyen et non la cause du changement».

(Lamarche, 1986: 70)

No segundo caso, através da leitura de *Households...* (*idem*) compreendi como era possível estudar a mudança social a partir de uma unidade de análise, observável e susceptível de ser delimitada, que reflectisse, a nível micro, as mudanças sociais mais gerais - o grupo doméstico.

Os problemas inerentes à sua definição como unidade analítica e descritiva, tão bem debatidos pelos vários autores que participam nesta publicação (Hammel; Netting e Wilk, 1984) e alguns estudos de caso nela apresentados (Carter; Segalen, 1984) salientaram as vantagens de duas abordagens distintas, mas complementares que, aliás, já haviam sido apresentadas em publicações anteriores: a perspectiva

sincrónica (Laslett e Hammel, 1974) que tem como foco de análise a estrutura do grupo doméstico; e a perspectiva dos ciclos de vida - *life-course perspective* - que considera a importância da dinâmica inerente à sua formação e fraccionamento (Hareven, 1991).

Além da bibliografia já referida, os estudos antropológicos recentemente efectuados em Trás-os-Montes (O'Neill, 1984; Portela, 1988; Nobre, 1987; Pais de Brito, 1996), permitiram aprofundar o meu conhecimento sobre a vida social de outras aldeias da província, o que me guiou e ajudou a interpretar as fontes que utilizei para o estudo da região.

Embora o comunitarismo seja um tema que não chego a abordar na minha pesquisa, o trabalho pioneiro de Jorge Dias (1953) sobre *Rio de Onor* e o estudo de O'Neill (1984) sobre *Fontelas*, que perspectiva a problemática do comunitarismo sob um novo prisma, constituíram obras de referência fundamental.

A investigação de Joaquim Pais de Brito (1996), em *Rio de Onor* revisitada, levou-me a considerar a importância da fronteira como traço indissociável da vida social das povoações da raia luso-espanhola, que constituía um ponto comum entre *Sendim* e *Rio de Onor*. No meu caso, apesar de se tratar de uma região de fronteira separada por um acidente geográfico concreto, o rio Douro (Fig.I, Anexo C), e que não se incluía na designada raia seca, é bem verdade que a geografia aconselha, por vezes, a repartir o que a vida social liga de outro modo.

Ainda no contexto regional de Trás-os-Montes, a pesquisa sobre *Fontim*, uma aldeia da região Barrosã (Portela, 1988), a partir da qual o autor desmistifica alguns dos estereótipos ligados ao atraso do Nordeste trasmontano, constituiu uma leitura muito útil, sobretudo quando me confrontei com o tratamento da heterogeneidade socioprofissional dos grupos domésticos que vivem actualmente em *Sendim*. A questão «*does rural equate agriculture?*» - o ponto de partida da tese deste autor - levantava uma questão bem adequada à realidade social de *Sendim* e o seu estudo levou-me a usar com cautela as noções de *rural* e *agrícola*.

Na senda dos trabalhos publicados sobre Trás-os-Montes cruzei-me com interessantes perspectivas de investigadores de outros domínios científicos que me mostraram a riqueza do diálogo disciplinar (Lema, 1972, 1980; Amorim, 1973; Guerreiro, 1986; Cepeda, 1988).

Já na dimensão temporal, as *Memórias Histórico-Arqueológicas do distrito de Bragança* (1909), publicadas pelo Abade de Baçal, e o trabalho de Mendes (1981), sobre um manuscrito do séc. XVIII, permitiram referenciar os principais documentos históricos que ilustram alguns aspectos do enquadramento da região.

Apesar da escassez de publicações sobre *Terras de Miranda*, diversas pesquisas que se debruçaram sobre o dialecto *mirandês* (Leite Vasconcelos, 1900-1901; Santos, 1967), abordaram tópicos de grande interesse sobre diversas aldeias raianas, entre as quais se situa Sendim.

No que diz respeito ao material etnográfico que apresento, foram de grande utilidade os trabalhos de António Mourinho, um ilustre pároco, filho de Sendim e residente durante a maior parte da sua vida numa aldeia próxima, que durante largos anos se dedicou à compilação das *Coisas e factos da nossa vida e da nossa alma popular*, o subtítulo de uma das suas publicações mais conhecidas - *Terra de Miranda* (1991) - que ilustra bem o objectivo da sua importante recolha etnográfica.

Sem que este breve enunciado esgote as obras consultadas (ou referidas ao longo do texto), posso dizer que constituíram referências particularmente importantes que contribuíram para tomar as opções mais adequadas face aos obstáculos que tive de ultrapassar em diversas fases do meu percurso de investigação.

MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

A maior parte da informação apresentada neste trabalho foi obtida ao longo de diversas **estadias no terreno**, realizadas entre 1993 e 1995. A recolha de dados foi efectuada durante vários períodos interpolados - com a duração mínima de uma semana e máxima de um mês e meio - que abrangeram os momentos mais

importantes do ciclo agrícola e do ciclo festivo.⁵ A análise da mudança assentou na comparação entre a freguesia do presente etnográfico e a de um passado recente.

Em relação ao presente, foram usados métodos extensivos e intensivos para a recolha de informação. No primeiro caso, situa-se um levantamento que foi efectuado aos grupos domésticos da freguesia⁶. No segundo caso, enquadram-se as observações e entrevistas de índole diversa - livres e semi-directivas; temáticas e biográficas - que foram realizadas a um conjunto heterogéneo de pessoas, abrangendo diferentes idades, profissões e situações de presença na aldeia.

Em relação ao passado, privilegiaram-se duas fontes: a recolha de depoimentos junto dos mais velhos habitantes da aldeia e a consulta de diversos documentos do Arquivo Paroquial da freguesia. Seguidamente faço uma apresentação detalhada das técnicas usadas para desenvolver estes métodos.

Sobre o «Censo 94»

No decorrer do trabalho de campo efectuei um levantamento extensivo dos grupos domésticos da freguesia de Sendim para conseguir obter um conhecimento pormenorizado da população em estudo que me permitisse caracterizá-la com rigor.

As diferentes situações de presença na freguesia, a heterogeneidade ocupacional dos habitantes e a dimensão do tecido habitacional, que se aproximava de um milhar de fogos, (ver cap. II), implicaram uma cuidadosa preparação da estrutura de registo dos dados tendo em vista o seu posterior tratamento informático.

⁵Num primeiro momento, o facto do trabalho de campo ter sido efectuado neste moldes, deve-se, sobretudo a razões pessoais. As características particulares da fase do ciclo de vida familiar em que me encontrava, com a Inês a iniciar a sua vida escolar, a Mariana a dar os primeiros passos e o Leonel a ultimar a sua dissertação de doutoramento sobre *Boops boops*, um peixe cujo *habitat* era bastante longínquo das tranquilas águas do rio Douro, levou-me a tomar esta opção, que não sendo ideal constituiu a alternativa possível. No entanto, numa fase posterior, revelou-se uma estratégia particularmente útil para consolidar um adequado distanciamento entre os dados recolhidos e o seu tratamento analítico.

⁶Este tipo de levantamento, aliás muito frequente na maioria das pesquisas antropológicas, é referido no texto por «*Censo 94*», uma vez que a maior parte da recolha foi efectuada no decorrer do ano de 1994.

Para o efeito foi construída uma base de dados relacional⁷, em ambiente *Windows*, cuja estrutura assentou no reconhecimento de duas entidades: o indivíduo e a casa que ocupava na aldeia (designada na ficha de recolha como *grupo doméstico*, uma vez que além dos aspectos físicos da habitação continha elementos de caracterização desta unidade de análise, como, por exemplo, o tipo de estrutura familiar; o tipo de terrenos agrícolas e a sua forma de aquisição; a existência de determinados utensílios de trabalho).

A recolha dos dados em bruto foi efectuada, porta a porta, através do preenchimento de duas fichas-tipo independentes (ver doc.1 e 2, Anexo A) que reuniam a informação sobre cada uma das entidades atrás referidas. Os dados foram depois copiados para um ficheiro da base de dados, em duas tabelas distintas - uma reunia os registos das casas; a outra os do indivíduo. Através de um *campo-chave* foi feita a ligação de cada indivíduo ao código da respectiva casa que ocupava.

Este procedimento permitiu fazer o tratamento independente dos dados das duas tabelas, numa fase inicial da análise e, posteriormente, tratá-las em conjunto - agrupando em cada casa os respectivos elementos do grupo doméstico - o que facilitou o manuseamento da informação, tendo em conta o grande volume de dados a analisar.

Após a introdução dos dados no computador, foram efectuadas diversas pesquisas, sob a forma de interrogações simples, em linguagem *SQL - Queries* - cujos resultados foram exportados para uma folha de cálculo, onde foi efectuado o tratamento estatístico da informação assim obtida.

Enquanto recolhia esta informação, porta a porta - uma tarefa de rotina realizada ao longo de várias estadias em campo, nos momentos mais livres do ciclo diário de trabalho das pessoas - aproveitava a minha presença na freguesia para registar o desenrolar de vários aspectos da sua vida social, centrando as minhas observações nas tarefas do ciclo agrícola e nos principais acontecimentos festivos.

⁷Sobre a importância das Bases de Dados relacionais na investigação antropológica, ver Michael Fischer, 1994.

Sobre as observações

Apesar de ter participado nas tarefas do ciclo agrícola e nos principais acontecimentos festivos, não gosto de chamar observação *participante* ao processo que levou ao registo das observações que efectuei quando colaborava com os meus informantes em diversos momentos das suas vidas de trabalho ou de festa.

Associo muito o processo de abordagem de uma determinada sociedade, que esta designação traduz, ao tempo em que a Antropologia consolidava um método de investigação ligado a um terreno muito particular - o das *sociedades primitivas*, isoladas e pouco permeáveis à entrada de estranhos - onde o investigador precisava de *transmutar* a sua presença através de um estatuto especial que lhe atribuisse um lugar na comunidade que estudava⁸. Nesta medida, parece-me que a conotação evocada pela expressão *observação participante* está tão distante do processo de observação que privilegiei na abordagem desta freguesia, quanto estão as ilhas *Trobriand*, a partir das quais Malinowski (1922) sistematizou os principais pressupostos deste método.

Em alternativa, e à falta de um termo melhor, chamo observação *participada* à técnica que usei para recolher informações sobre as tarefas agrícolas e as diversas fases do ciclo festivo, na medida em que a sua descrição foi efectuada a partir dos aspectos que me pareceram fundamentais quando executei (os gestos) ou acompanhei (os passos) dos meus informantes. Distingo a observação *participada* da observação *directa*, que também usei para a descrição de objectos e acontecimentos, na medida em que, neste último caso, o seu registo foi efectuado a partir de um plano de observação exterior.

Tanto as observações *participadas* como as observações *directas* foram anotadas no diário de campo e mais tarde organizadas tematicamente. Em alguns casos, sobretudo no que diz respeito à descrição das tarefas do ciclo agrícola, efectuou-se a sua leitura junto dos informantes, para completar ou clarificar algum pormenor incorrecto.

⁸O caso de Marcel Griaule e Germaine Dieterlen (1965), *iniciados* entre os *Dogon*, constituem exemplos limite que ilustram vias através das quais o investigador pode ser integrado na comunidade.

Sobre as entrevistas

Numa fase inicial foram entrevistadas várias *pessoas-chave* relacionadas directamente com a vida social da freguesia, que me permitiram equacionar e contextualizar o problema. Privilegiei entrevistas de tipo *semi-directivo*, organizadas em torno de um conjunto de tópicos que visavam o conhecimento dos principais aspectos da dinâmica da aldeia. Estas entrevistas incluíram, entre outros: o pároco, o presidente da Junta de Freguesia, o antigo médico municipal, o carteiro, a assistente social que dá apoio a Sendim, uma funcionária dos Serviços Regionais de Segurança Social, dois professores primários residentes, o actual presidente do Conselho Directivo da Escola C+S de Sendim, o gerente de um dos cafés mais antigos da freguesia, o proprietário de um restaurante local muito frequentado e a proprietária de uma mercearia há muito implantada na freguesia.

Posteriormente foram realizadas entrevistas (também semi-directivas) a diversas pessoas naturais da freguesia, de ambos os sexos, procurando abranger um leque tão diversificado quanto possível de idades, profissões, estatuto socio-económico e situações de permanência (Quadro XX, Anexo B). A conversa foi orientada para as actividades desempenhadas pelos elementos do grupo doméstico, dando-se especial atenção aos aspectos de comensalidade, à participação nas tarefas domésticas, à gestão do orçamento familiar e ao processo de decisão em determinadas fases cruciais do ciclo de vida (escolha do cônjuge, herança, continuidade ou interrupção dos estudos, entrada no mundo do trabalho).

As entrevistas efectuadas foram gravadas, o que pareceu não perturbar muito o desenrolar da conversa, sendo de salientar a grande receptividade da maior parte das pessoas com quem contactei. As cassetes foram depois transcritas e organizadas por temas, privilegiando três domínios fundamentais de análise: o trabalho, a família e a festa.

Numa última fase, foram efectuadas entrevistas aprofundadas, de índole biográfica, a um número restrito de pessoas, que foram escolhidas com base nas principais características do percurso ocupacional, conhecido a partir das entrevistas semi-directivas atrás referidas. O objectivo desta abordagem era o de recolher

histórias de vida que permitissem analisar e ilustrar os aspectos fundamentais da dinâmica da aldeia, a partir de casos tipo.

Seguindo os procedimentos inerentes à natureza específica deste método (Poirier *et al.*, 1983; Ferrarotti, 1983; Bertaux, 1986), as pessoas foram abordadas através de conversas prolongadas, realizadas ao longo de vários dias⁹. Apesar de cada relato biográfico ser contado a partir de um ego específico, a recolha do material de base incidiu sobre vários elementos da mesma família. Foram também considerados depoimentos de outros informantes, quando se referiam directamente ao caso em análise.

O texto final destas *histórias contadas* resultou de uma reorganização das entrevistas de base, tendo em vista a anulação das repetições e a apresentação de uma sequência cronológica da narrativa, procurando, no entanto, respeitar as características específicas do discurso dos interlocutores.

Fontes locais

A consulta das fontes locais constituiu uma segunda vertente da recolha, tendo privilegiado os periódicos regionais - *Ilustração Transmontana*, *O Mirandez*, *Mensageiro de Bragança* - as Actas da *Casa do Povo* de Sendim, de 1941-1991, e vários documentos do Registo Paroquial da freguesia.

Foi ao efectuar esta recolha no Arquivo Paroquial que encontrei a resposta para a questão da definição de um marco temporal de referência, uma questão metodológica de base que, desde o início, se tinha apresentado de difícil solução. O *Status Animarum* de 1940-44, um livro de registo dos habitantes compilado pelo pároco da freguesia da época, acabou por definir esse marco temporal de referência e constituir a fonte privilegiada em relação à qual as observações do presente etnográfico foram comparadas.

⁹Em relação aos relatos biográfico dos casais Manuel+Isabel e Albertina+Sebastião (ver cap. IV), retomei as entrevistas efectuadas no âmbito da dissertação de mestrado, que procurei completar e aprofundar junto dos familiares e informantes mais idosos.

Quando em princípios da década de 40 o padre *João de Moraes*, procedia à morosa tarefa de fazer o levantamento da totalidade do número de habitantes de Sendim para o *Status Animarum* desse período, provavelmente não fazia ideia do uso que 50 anos depois lhe estaria reservado. Limitava-se a cumprir uma obrigação eclesiástica, à semelhança dos outros párocos das outras freguesias, que deveria ser efectuada com uma periodicidade quinquenal, consistindo no recenseamento dos respectivos paroquianos, sendo mencionado, caso a caso, o cumprimento ou não cumprimento da *desobriga pascal*. Tratava-se, deste modo, de uma exaustiva listagem, onde além da informação anteriormente referida, constava toda uma série de dados de índole biográfica, nomeadamente: nome, idade, estado civil, profissão e relação com o(a) cabeça de casal (Doc.3, Anexo A).

Apesar de uma suposta periodicidade quinquenal, apenas foi encontrado um *Status Animarum* no acervo documental do Arquivo Paroquial de Sendim, recobrando o quinquénio de 1940-1944, desconhecendo-se se, de facto, outros terão alguma vez sido efectuados e, em caso afirmativo, qual o seu paradeiro¹⁰. Este documento histórico de inquestionável valor, que serviu de ponto de partida para uma abordagem dinâmica de alguns dos processos inerentes à transformação da comunidade, fornece-nos muito mais dados do que o *estado das almas* que então povoavam a pacata aldeia trasmontana.

A sua organização por ruas, traça-nos os contornos do espaço social aldeão; as linhas que separam as casas, evidenciam configurações familiares; a idade e o estado civil dos seus habitantes permitem-nos esboçar o perfil demográfico de então; as profissões que lista dão-nos os dados para organizar a sua estrutura ocupacional. Das entrelinhas podemos, ainda, extrair algumas informações importantes, nomeadamente sobre o número aproximado de ausentes da freguesia, número este muito difícil de apreender através das estatísticas oficiais, em virtude do importante

¹⁰As diversas tentativas empreendidas para localizar mais algum documento desta natureza, no Arquivo Distrital de Bragança, foram infrutíferas, tendo sido confrontada com o deplorável estado em que tais documentos se encontram, amontoados sem qualquer ordenação que permita o seu manuseamento para consulta, numa poeirenta divisão de um velho anexo do Paço Episcopal desta cidade.

peso da emigração clandestina que tanto tem caracterizado a forma como muitos emigrantes deixaram várias regiões do nosso país.

Com base nesta fonte, foi possível obter uma parte importante dos dados utilizados para caracterizar a aldeia de há 50 anos, tendo-se procedido à sua validação com o auxílio de alguns informantes, sobretudo idosos, que completaram e esclareceram algumas lacunas existentes, permitindo uma aproximação à aldeia de um passado relativamente recente, o que viabilizou a sua comparação com a vila actual.

Esta *fotografia* social da aldeia, registada cinquenta anos atrás, reportava-se a uma fase da história local que antecedeu os subsequentes períodos de turbulência social, pelo que se configurava como um bom ponto de partida. Além disso, a época da sua compilação estava ainda presente na memória de muitos sendineses, com quem procurei contextualizar os dados nele contidos.

No Arquivo Paroquial efectuei, ainda, uma recolha dos *Assentos de Casamento*, desde 1910 até à actualidade, de onde retirei os dados sobre a idade dos cônjuges, a data do casamento e as respectivas profissão e naturalidade (doc.4, Anexo A), que me serviram de base para a análise dos processos associados ao *timing* de fraccionamento do grupo doméstico, e da dinâmica das configurações do espaço de inter-conhecimento - dois tópicos que desenvolvo num dos capítulos da tese.

A minha abordagem situa-se, assim, no confronto entre o presente e um passado recente que se manifesta ao longo da pesquisa por um esforço de comparação. Em consequência desta preocupação central, cruzam-se também diferentes métodos de abordagem, qualitativos e quantitativos, bem como fontes diversas. No entanto, em virtude da minha formação de base, foi a voz dos sendineses que quis fazer ouvir, preferencialmente.

Como antropóloga, privilegiei o lado de dentro de *Sendim*, a freguesia onde teve lugar esta pesquisa, numa abordagem *emic* através da qual foi possível dar visibilidade à dinâmica que envolveu pessoas e instituições, trajectos de vidas e de objectos, construções e demolições de casas, formas de estar e de recordar. Como

aprendiz de ciência contei, medi e transcrevi tudo o que pudesse exemplificar as minhas suposições e as palavras dos meus informantes. (Esta é, no entanto, a *minha versão* de Sendim. Por ela só eu sou responsável...).

NOTA À MARGEM - A EXPERIÊNCIA DE UM TERRENO *FAMILIAR*

Além do que vou dizer sobre Sendim, *Sendim* é a terra dos meus pais, dos meus avós, dos meus bisavós, dos meus tetravós... uma genealogia que as restrições de tempo desta pesquisa não me deixaram concluir. Apesar de ter nascido e crescido em Lisboa, tratava-se de um terreno *familiar*, onde não só tinha raízes, como também um acumular de memórias desde os quentes Verões da minha infância quando, ano após ano, visitava os meus avós.

Memórias de longas e intermináveis viagens, quase sem tréguas, pelo Portugal das estradas más e serpenteantes, atravessando, indiferentemente, uma profusão de paisagens e lugares, com um só rumo no horizonte: Sendim.

...As horas a que deixáramos Lisboa já iam longe, Coimbra, Carregal do Sal e Viseu já se haviam passado. Em Celorico da Beira o melhor era dormir porque apesar de metade dos quilómetros percorridos, faltava ainda o dobro do tempo para chegar...Entrávamos em Marialva e o carro tomava fôlego, mas eram rectas de pouca dura que prenunciavam as apertadas curvas do Pocinho. Aí não havia como deixar o olhar resvalar pelas íngremes ribanceiras e desfrutar o Douro, esperando estoicamente que a tormenta passasse. Em Moncorvo uma pequena paragem saciava a sede e, dali a Mogadouro era um saltinho de uma hora...Mas quando esta serra se passava e entrávamos no extenso planalto, então é que o carro voava e sem um ai, cortava estrada fora, como que acometido por violenta fera.

Já os ossos rangiam dos maus tratos e sucumbíramos a uma embriagante sonolência, quando, de súbito, sem reparar que passávamos Urrós¹², uma exclamação, saída bem do fundo do coração, nos despertava em sobressalto: Sendim à vista!...(era o meu pai ao volante)¹³.

Neste terreno, afinal tão próximo, de que aprendi a gostar desde a infância, se desenrolou esta pesquisa. Para contornar esta proximidade sem, contudo, a

¹²A aldeia que precede Sendim para quem viaja pela EN n°221.

¹³Recordações de infância, anotadas no diário de campo.

desaproveitar, as minhas estratégias em campo centraram-se num criterioso estabelecimento de rotinas diárias em torno das quais se organizaram as diferentes tarefas de recolha - das entrevistas exploratórias, ao levantamento extensivo dos grupos domésticos, passando pela consulta dos arquivos, participação em diversas actividades junto dos informantes e recolha de relatos biográficos. O tratamento analítico dos dados intercalou a sua colecta, optando por distanciar-me fisicamente da aldeia e consolidar as minhas reflexões, já em Lisboa.

Durante o trabalho de campo, a casa onde ficava foi a casa onde sempre fiquei quando visitava a aldeia - a residência de férias da minha família. Qualquer outra solução teria tornado a minha presença na aldeia algo estranha pelo que nem sequer a considerei. No entanto, para ter um certo recolhimento quando fazia o silencioso registo das minhas reflexões e observações, resolvi fazer um corte simbólico com esta casa e passei a escrever o diário de campo na antiga morada dos meus avós (actualmente desocupada) e onde não tinha voltado a entrar desde há dez anos, quando morreu a minha avó paterna.

Instalei-me com a *papelada* e o meu inseparável computador portátil numa divisão muito peculiar desta casa: a sua *varanda* envidraçada - a que eu e as minhas irmãs chamávamos *auto-motora*, porque quando a nossa avó costurava na sua ferrugenta *Singer* o barulho dos pedais assemelhava-se a uma locomotiva...

Agora que racionalizo sobre este problema do distanciamento, a minha presença nesta *varanda-locomotiva* sintetiza a ambiguidade que envolveu este difícil trabalho de campo¹³ - à primeira vista a *varanda* parece sugerir um distanciamento estratégico, um ponto de observação muito usado pelos primeiros antropólogos; mas, ao mesmo tempo, foi naquela varanda que passei a maior parte das férias de Verão da minha infância, quando o meu avô paterno me lia com prazer a *História de João Solnado* (uma história que sempre me intrigou...¹⁴)

¹³Corroboro a afirmação de James Spradley «[...] the more you know about a situation as an ordinary participant, the more difficult it is to study it as an ethnographer» (1980: 61) .

¹⁴Não pelo seu conteúdo, propriamente dito, mas pelo facto de o meu avô ma ler sem ter frequentado a escola.

A esta divisão interior, sentida durante diversos momentos do trabalho de campo, sobrepunha-se ainda a forma ambígua com que a minha presença era vista aos olhos da comunidade: *Vem cobrar a água?* ou então: *Oh! Mas não me diga que é Catrina?*¹⁵ foram duas frases que sempre me acompanharam quando, porta a porta, recenseava os sendineses - completamente de fora / completamente de dentro é o que me sugerem estas duas frases, agora que me distancio delas.

Este terreno *familiar* foi, assim, fácil e difícil, permitiu grandes aproximações e dificultou distanciamentos, proporcionou bons e maus momentos mas, sobretudo (e quase sempre) constituiu uma grande fonte de inspiração e motivação.

UM PRIMEIRO OLHAR SOBRE *SENDIM*

Sendim é uma vila trasmontana localizada numa pequena região fronteiriça do distrito de Bragança, conhecida entre os seus por *Terras de Miranda* que conserva um nome antigo de séculos. A nível administrativo, coincide com a sede de freguesia que toma a mesma designação e está integrada no concelho de Miranda do Douro.

Tanto quanto os estudos de toponímia nos podem esclarecer acerca da origem dos lugares, sabe-se que o termo Sendim provém do latim tardio, o que atesta a sua existência desde tempos remotos, antes mesmo da formação do reino de Portugal - *o nome de certas aldeias, como Sendim, por exemplo, indica que já existiam no tempo dos reis asturo leoneses* (Lautensach, 1987: 836).¹⁶

Seguindo pela estrada nacional n.º 221, que liga as cidades de Mogadouro e Miranda do Douro, sensivelmente a meio do percurso, uma tímida placa saúda o viajante desprevenido, proclamando com hospitalidade: *Bem-vindo à vila de Sendim*. Esta placa existe desde 1990, uma data que ficou na memória de todos os sendineses que assistiram à elevação da sua aldeia a vila.

¹⁵Esta é a *nomeada* - nome pelo qual os sendineses designam as alcunhas - que chega a mim por via dos meus avós paternos. É o único nome real que utilizei neste trabalho. Todos os outros foram inventados para respeitar a integridade das palavras dos meus informantes.

¹⁶Também Leite de Vasconcelos se refere à origem do termo, derivado de *Sindinus* (ou *Sendinus*), de *sinds*, significando “viagem” ou “expedição”(1901: 99-100).

Num concelho onde só há aldeias e a pequena cidade histórica de Miranda do Douro, foi com grande orgulho e emoção que os sendineses receberam este reconhecimento público do seu lugar preeminente em relação às outras aldeias, várias vezes aludido na imprensa local¹⁷ e reafirmado no dia da cerimónia de outorga do título através de um discurso lido no dialecto local pelo ilustre filho da terra, António Maria Mourinho.

Os escassos dezoito quilómetros que separam Sendim da minúscula cidade de Miranda do Douro, onde se concentram todos os serviços administrativos municipais são, contudo, penosamente percorridos pelos sendineses quando é preciso recorrer ao tribunal, pagar multas e contribuições, fazer análises clínicas, pedir uma licença camarária ou tirar uma certidão de nascimento:

Toda a vida houve uma grande rivalidade entre Sendim e Miranda, que sempre foi vista como uma terra de ir lá pagar impostos e tratar de papéis...

(entrev. 26)

A gente tinha que sair daqui, de burro, para ir pagar «a décima» ou resolver um problema administrativo. Ao fim e ao cabo, Sendim era uma terra mais rica do que Miranda e estarmos subordinados a eles era um choque, quase uma humilhação. Miranda tinha uma função fiscal muito desagradável e custava-nos ir lá...

(entrev.35)

A entrada em Sendim faz-se através de uma larga avenida alcatroada, ladeada de passeios empedrados e candeeiros de dois em dois metros que lhe dá um ar semi-urbano e faz esmorecer, por breves instantes, os mais arreigados estereótipos sobre o atraso do Nordeste trasmontano.

Subindo esta avenida e voltando as costas aos contentores gigantesco da *Adega Cooperativa de Riba Douro*, é a aldeia que se desvenda, pelas casas de estilos e dimensões que exhibe, tão diversificados quanto as maneiras de trajar das suas gentes. Entaladas entre construções novas, onde reluzem alumínio e azulejos

¹⁷Adjectivos como *próspera, dinâmica, populosa*, aparecem frequentemente no *Mensageiro de Bragança*, para referenciar a aldeia de Sendim.

multicores, morrem de pé e quase abandonadas as exíguas casas de pedra tradicionais que estão para venda ou servem de arrumos.

De alguns bancos de pedra, últimos sobreviventes da *fúria* construtiva dos anos recentes, ecoa um linguajar inusitado, saído da boca de rostos envelhecidos e sulcados pelo tempo, a que Leite de Vasconcelos (1901) *chamou sub dialecto sendinês ou uma variação co-dialectal do português*¹⁸.

Noutros, sobressaem brancas as rendas com que as mulheres, de várias idades, entretecem o tempo em andadas de agulhas de croché - as mesmas que as suas avós usavam para fazer as meias que haviam de aquecer o rigoroso Inverno.

Qualquer rua que se percorra conduz, invariavelmente, à praça, o espaço público por excelência, onde se encontra a Igreja Matriz e um outro lugar de “culto”, não menos frequentado, mas desta vez por razões gastronómicas, atraindo *gourmets*, de vários pontos do país, para saborearem a já célebre *posta à Gabriela* - uma versão local da tradicional *posta mirandesa*¹⁹ - começada a cozinhar, há já várias gerações, por uma mulher de língua viva e rosto masculino que além do segredo culinário, transmitido de geração em geração, lhe deixou também o nome.

Da igreja matriz partem as ruas principais, serpenteando até aos campos de cultivo formando um tecido muito compacto²⁰, e cuja toponímia permite guiar os nossos passos: pela Rua de *Caminho de Prado* se chega ao que resta do vasto prado comunal de outrora; pela Rua de *Caminho das Vinhas* se faz o acesso aos densos vinhedos das encostas mais ensolaradas; a Rua da *Ermida* leva-nos até uma pequena

¹⁸Reportando-se à sua segunda viagem a *Terras de Miranda*, efectuada no Verão de 1884, diz Leite de Vasconcelos: *De Duas Igrejas continuei o meu caminho, passando por Sendim e Mogadouro, até tomar outra vez o comboio do Doiro. Nas aldeias de Rio d'Onor e Guadramil descobri dois idiomas ou co-dialectos raianos, que chamei riodonorês e guadramilês; em Sendim descobri o sendinês, subdialecto do mirandês* (1900: 19). Especificamente sobre o subdialecto sendinês: *idem*, pp.34-42 e sobre as dúvidas em relação à sua classificação como subdialecto ou como idioma popular especial, a par do riodonorês, guadramilês e mirandês, *ibidem*, pp. 337-340.

¹⁹Este prato tradicional consiste num *naco* de carne de vitela assada na brasa, servido com um molho especial, sendo muito frequente o seu consumo nas principais feiras e romarias da região.

²⁰Este povoamento de tipo *aglomerado* constitui a configuração típica das aldeias trasmontanas (Ribeiro, 1938).

ermida junto ao cemitério da vila; subindo a Rua de *Santo Cristo* se esbarra, de novo, na igreja (Figura 11).

Tomando uma destas ruas, as casas sucedem-se, coladas umas às outras, numa fileira contínua que ora vai a direito, ora se desvia a abraçar um pequeno beco, ou *curral* que mais parece uma colmeia, tal é a densidade das casas que aglomera, lembrando como Sendim já foi comunitário.²¹

Ao domingo, quando grupos de homens se apinham na praça e nos cafés circundantes, em amena cavaqueira ou jogatana de cartas, somos levados a pensar que esta é uma vila *sem mulheres*... De Inverno, quando mal se cruza vivalma nesta mesma praça, somos levados a pensar que esta é uma vila *sem gente*...

Diferente ao longo de várias fases do ciclo anual, Sendim vive dos seus contrastes: no Inverno recolhida e pacata, no Verão repleta de gente e bulício, chega a tornar-se resplandecente. Dos sendineses diz-se que é gente que trabalha e que poupa: *gente de genica, com garra para a vida e de um labor invulgar* são algumas das virtudes que os singularizam e que não escapam ao sarcasmo popular:

*sendinês mala rez
de uma agulha faz três
de um sapato faz quatro
e arregunha como um gato.*

Foi nesta pequena povoação trasmontana que teve lugar esta pesquisa, desenrolando-se num diálogo constante entre os documentos que nos desvendam parte do seu passado e as pessoas que nela vivem, procurando através da memória dos outros tempos vividos, acompanhar o processo que levou à transformação da aldeia de há cinquenta anos na vila de hoje.

²¹Sobre estes pequenos nichos sociais dizia um informante: *Havia umas relações de vizinhança muito fortes - isso via-se especialmente nos currais: o curral era uma comunidade muito especial, uma espécie de conchas onde os vizinhos se juntavam em diversas ocasiões. Quando havia um lavorador que tinha excedentes de produção, todos os habitantes do curral iam lá comer, comiam na rua, do mesmo prato; e depois, à noite, um velho pegava e tocava realejo e toda a gente dançava, fazia-se festa. Havia uma vida muito intensa no curral (entrev. 35).*

ORGANIZAÇÃO DA APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

A ordem de apresentação deste estudo empírico segue, por vezes, uma sequência que só é cronológica por opção estilística pois, na prática, o processo de pesquisa seguiu um percurso inverso, apenas evocando o passado para melhor compreender como o presente se transformou.

No primeiro capítulo a contextualização do sítio onde decorreu esta investigação monográfica procura evidenciar as características genéricas da província de Trás-os-Montes a que pertence, até chegar à micro-região de *Terras de Miranda* que melhor a enquadra. Saliento a importância da fronteira como um traço indissociável da vida social das aldeias da raia luso-espanhola, descrevo os principais elementos da paisagem agrária e, por fim, refiro os aspectos mais relevantes da evolução populacional e da variação do número de fogos das várias freguesias do concelho.

No capítulo seguinte, são analisados os factores demográficos e sociológicos que perspectivam as interrogações de partida. Começo por apresentar o crescimento demográfico e as diferentes situações de presença na vila. Em seguida, através de breves flashes contrastantes (1944 / 1994), comparo as principais actividades dos sendineses, o seu nível de instrução e a estrutura etária da população procurando articular a variação destes indicadores com os acontecimentos mais importantes da história local - a construção das barragens hidroeléctricas do Douro e o forte surto migratório, com os seus fluxos e refluxos.

No terceiro capítulo, o foco de análise incide sobre o grupo doméstico, unidade particularmente expressiva para estudar a mudança social. Em primeiro lugar comparo a morfologia e dimensão do grupo doméstico entre os dois períodos considerados e, numa segunda parte, privilegio a evolução do seu *timing* de fraccionamento a partir da análise estatística das variáveis “idade” e “naturalidade dos cônjuges” à data do primeiro casamento.

No quarto capítulo debruço-me sobre os grupos sociais evidenciáveis através da análise das designações de profissão do *Status Animarum*, e apresento quatro relatos biográficos, a partir dos quais procuro contextualizar as principais tendências

da dinâmica social e a estreita imbricação entre a actividade agrícola e a organização social e familiar. Refiro-me às rupturas e continuidades com o passado e procuro ilustrar, com fotografias²² e desenhos etnográficos²³, alguns aspectos das suas vidas de trabalho e de sociabilidade. Esta abordagem teve como objectivo clarificar algumas mudanças obscurecidas pelo formalismo da análise desenvolvida no capítulo anterior.

No quinto capítulo, procuro fazer uma desmontagem dos grupos sociais da freguesia, substantivando-a com uma leitura descritiva dos principais tipos de casas que nela se podem evidenciar. É uma abordagem muito subjectiva que nasce de uma interrogação deixada em aberto no capítulo anterior: nesta comunidade em que a agricultura está em decadência, será a *terra* o factor preponderante de diferenciação social?

Com o sexto capítulo, fecho o ciclo das minhas observações e reflexões, olhando a freguesia através de uma janela de observação privilegiada: as celebrações da colectividade. Começo por salientar a segregação entre o tempo de trabalho e de festa, como um dos aspectos particularmente visíveis da transformação desta comunidade de pequenos agricultores. A persistência de algumas romarias, como a da *Trindade*, levou-me a perspectivar as relações inter-aldeãs e as tendências dos actuais modos de festejar. Através da análise da evolução da principal festa da vila - a festa de *Santa Bárbara* - procuro acompanhar os efeitos mais significativos da transformação da tecitura social, tal como se reflectem na emergência dos grupos que se reclamam, actualmente, *responsáveis* pela continuidade dos festejos. E termino este capítulo salientando a importância da ligação à *terra natal* como um factor indissociável da dinâmica local.

Por último, faço o balanço da pesquisa num capítulo conclusivo, no qual procuro salientar os principais vectores, marcos temporais e valores da mudança, deixando em aberto algumas pistas para uma investigação futura.

²²Recolhidas no decurso do trabalho de campo.

²³Da autoria de Manuel João Ramos.

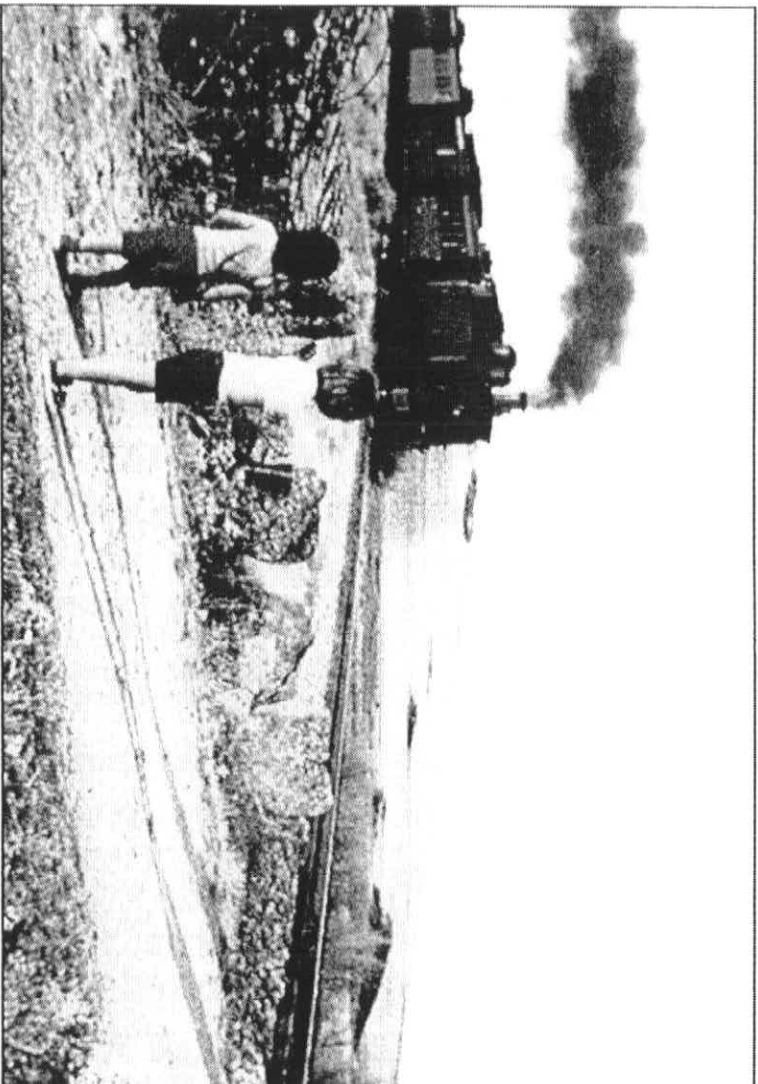


Foto 1 - Chegada do comboio à aldeia (anos 60)



Foto 2 - Vista geral sobre a vila

I. Contexto Regional

Neste capítulo procede-se à caracterização do contexto regional em que a vila se insere, através da apresentação das particularidades dos vários níveis de inclusão, definindo, em primeiro lugar, os contornos espaciais da província até chegar aos limites da freguesia que constitui a unidade de análise privilegiada desta pesquisa.

A contextualização da freguesia é feita de forma dinâmica, procurando perspectivar, ao longo do tempo, as principais vertentes da mudança, privilegiando a articulação de dois domínios de análise: o espaço e a população.

1. *TERRAS DE MIRANDA* EM TRÁS-OS-MONTES

De forma consensual entre os geógrafos que se têm debruçado sobre a divisão regional do território português, a província de Trás-os-Montes é referenciada por um isolamento físico e social que deixa os seus habitantes de costas voltadas para os principais centros urbanos do país, a sul e a ocidente, cercados por acidentes geográficos que a natureza foi sublevando ao longo do tempo (Ribeiro, 1947; Lema, 1980). Dir-se-ia que os contornos administrativos desta província se foram consolidando a pouco e pouco, com algumas modificações sobretudo a ocidente²⁴,

²⁴*Trás-os-Montes oferece desde cedo uma fisionomia peculiar que o distingue das outras regiões de Portugal. Os seus limites variaram um pouco (...), a poente a divisória Entre Douro e Minho oscilou bastante até fixar-se definitivamente. Uma vez o território trasmontano alarga-se à custa da província vizinha, outras é esta que se estende muito para nascente. (...) Esta imprecisão*

até coincidirem com os acidentes geográficos mais relevantes, deixando este recanto longínquo do território do país verdadeiramente confinado *atrás dos montes* (Daveau, 1991). Como tão bem referiu Orlando Ribeiro:

«[...]as terras *trasmontanas*, subtraídas à influência do mar, têm uma originalidade que permite contrapô-las a todo o Noroeste atlântico: o seu clima contrastado, planaltos por onde os rios correm fundos e apertados, o arcaísmo da população, a coesão das aldeias encerradas nas suas tradições comunitárias de agricultura e pastoreio».

(Ribeiro, 1955)²⁵

A norte e a leste, a fronteira manteve-se sensivelmente a mesma desde o início da nacionalidade; a sul o rio Douro separa-a inequivocamente da Beira; a oeste, uma alta barreira montanhosa, da qual fazem parte o Gerês, a Cabreira, o Alvão e o Marão, interpõe-se entre as terras *trasmontanas* e a região litoral, erguendo-se por vezes a 1200 e 1500 metros de altitude, e formam uma linha de condensação que explica o contraste climático entre as duas regiões que separa, impedindo a passagem dos ventos húmidos do Atlântico para o interior.

Esta unidade histórica e administrativa abarca, contudo, diversidades intra-regionais importantes, tanto no que diz respeito aos aspectos geográficos, como aos aspectos sociais e culturais. No sentido de definir melhor os contornos da região onde Sendim se situa, procurou-se sistematizar as principais propostas de divisão regional, a diversos níveis empreendidas, que apontam para uma convergência de factores (geográficos, históricos, sociais, culturais, linguísticos) e levam à delimitação de algumas micro-regiões *trasmontanas*, cuja especificidade dá expressão às diferenças internas da província.

Vergílio Taborda, num ensaio geográfico dos anos 30, evidenciou em *Trás-os-Montes* duas regiões distintas: *Alto Trás-os-Montes* e *Sul Duriense*:

«Se se descer a uma *análise* mais delicada dos factos geográficos, desde logo se distinguem duas regiões, cada uma das quais constitui uma unidade que, se por um lado resulta das condições de solo e clima, é

termina somente no séc. XVIII, ajustando-se então os limites ao que são actualmente (Taborda, [1932] 1987: 19-20).

²⁵Reeditado em Suzanne Daveau (1991: 1264)

principalmente função das energias humanas e do modo como se manifestam [...]»

[1932](1987: 20)

Como refere este autor, à primeira região, *Alto Trás-os-Montes*, correspondem as terras mais altas - montanhas e planaltos elevados - um clima rigoroso de Invernos frios e Verões quentes; a segunda, *Sul Duriense*, abrange o vale do Douro, da fronteira até Barqueiros e os vales terminais dos afluentes, com uma economia rural assente no cultivo da vinha. A expressão *Alto Trás-os-Montes*, que constitui o título do seu ensaio, designa, deste modo, além de uma diferença de latitude, também uma diferença de altitude.

A oposição *terra-fria / terra-quente* - usada localmente para descrever as principais características geográficas da província - traduz um contraste entre dois tipos distintos de paisagem, que não se sobrepõem, contudo, às duas grandes regiões definidas por Vergílio Tabora. Como o próprio autor afirma, referindo-se ao *Alto Trás-os-Montes*: *A designação de «terra fria», usada principalmente pelos agrónomos, não se poderia aplicar com propriedade ao conjunto da região, a qual engloba, a sul, alguns territórios considerados comumente como «terra quente»...*(*op. cit.*: 21).

Privilegiando a terminologia local para descrever estes tipos contrastantes da paisagem trasmontana, Orlando Ribeiro caracteriza a Terra Fria como sendo constituída *por um planalto de altitude média (700-800m), dominado por algumas serras pouco altas e entalhado por vales profundos e estreitos e a Terra Quente formada pelos vales que afluem ao Douro, providos às vezes de largas bacias, encaixadas alguns centos de metros no planalto* (1955: 240)²⁶.

Ainda que inspirada num contraste climático esta oposição traduz mais do que simples diferenças de temperatura e diversos factores reforçam a existência de dois tipos distintos de paisagem, destacando-se, além do clima, também a vegetação e o sistema de cultura.

²⁶*idem* nota 25, Suzanne Daveau (1991: 1248,1249).

Assim, se na *Terra Fria*, o clima é rude e contrastado, com um Inverno frio seguido de um Verão muito quente, e o carvalho negral, o castanheiro, o freixo e o negrilho constituem as suas espécies arbóreas dominantes, com um sistema de cultura caracterizado pelo cultivo de cereais²⁷; já na *Terra Quente*, de clima mais ameno, com um Inverno moderado e Verão quente, o manto vegetal apresenta uma feição mais mediterrânica, com os sobreiros, olivais, figueiras, amendoeiras, laranjeiras, e a vinha em socalcos, que tão bem a singulariza (Ribeiro, 1955: 241).

Com efeito, ao nível da província, que se caracteriza *pela serra que a isola*²⁸ (Daveau 1991: 1270) não existem grandes dúvidas quanto aos seus contornos físicos, o que, aliado à deficiente rede de vias de comunicação, tem contribuído para reforçar a sua situação periférica em relação aos centros da administração central.

Se descermos a uma escala mais pormenorizada, as subdivisões são menos coincidentes, os contornos mais frouxos e os critérios múltiplos²⁹. Em relação a *Terras de Miranda* - micro-região onde se situa Sendim, a vila analisada (Figura 1) - parece haver, no entanto, alguma consonância. A expressão *Terras de Miranda* é usada para denominar uma unidade espacial de contornos relativamente definidos, com características próprias, resultantes da convergência de um conjunto de factores físicos e humanos que lhe dão singularidade.

²⁷Sobretudo o centeio, mas mais recentemente também o trigo, em afolhamento bienal, a par da batata regada e dos *lameiros* (ou prados naturais), onde se cria gado bovino e ovino.

²⁸Trata-se aqui de um isolamento geográfico ao qual não corresponde, de modo algum, um ostracismo dos núcleos periféricos que compõem o tecido social, corroborando, aliás, um aspecto devidamente salientado por Joaquim Pais de Brito: *As aldeias tendem a manter relações e contactos mais próximos entre si (...) como resultado, também, das deslocações que os habitantes fazem até à cidade (...), o que faz, por exemplo, que sejam as aldeias mais distantes, que melhor conhecem e mais contactos mantêm com as outras. Este efeito, apenas aparentemente paradoxal, contraria o que, em geral, se supõe estar contido num conceito como isolamento* (1996: 61).

²⁹Como salienta Suzanne Daveau: *Desde 1933 que A. DE AMORIM GIRÃO tinha chamado acertadamente a atenção para a «oposição» fundamental existente «entre as duas categorias de divisão territorial»: a divisão administrativa, que «é por sua natureza heterogénea, mostrando sempre tendência para associar, tanto quanto possível, parcelas de regiões naturais», enquanto estas últimas têm como base a homogeneidade de características geográficas». Esta distinção fundamental nem sempre ficou muito clara na mente dos estudiosos e dos utentes da divisão regional, o que levou, às vezes, a não pequena confusão* (1991: 1269).

Em 1883 e 1884, Leite de Vasconcelos fez uma série de viagens exploratórias à província, com o intuito de efectuar recolhas sobre o dialecto mirandês, domínio este que iria ter um lugar central nas suas pesquisas. Preocupações com a origem deste dialecto, levaram-no a delimitar uma sub-região na província de Trás-os-Montes, cujos contornos foram traçados de acordo com a incidência desta particularidade linguística³⁰:

«Encravada, por um lado, no território leonês, limitada d'outro por um rio importante como o Douro, a Terra-de-Miranda, como em geral toda aquela zona da província trasmontana, estava em bellas condições para que ali se criasse uma falla especial [...]».

(Leite Vasconcelos [1901] 1993: 11)

Grosso modo, esta micro-região, abarca o conjunto das aldeias que pertencem actualmente ao concelho de Miranda do Douro. Contudo, outrora, algumas aldeias do vizinho concelho de Vimioso, a oeste, e do de Mogadouro, a sul, também faziam parte desta divisão administrativa.

Por seu turno, Lautensach (1937), na sua proposta de divisão regional, ao privilegiar as características de relevo que caracterizavam a diversidade intra-regional³¹, considerava, igualmente, *Terras de Miranda* como uma das oito unidades geográficas de Trás-os-Montes³².

Considerando a actual nomenclatura de divisão regional (D.R., 1989), *Terras de Miranda* é integrada na zona agrária do *Planalto Mirandês*³³. Com sede em Mogadouro, a zona agrária do *Planalto Mirandês* reúne três municípios -

³⁰Ver Fig. III, Anexo C.

³¹Em relação aos princípios da sua proposta de divisão regional, refere Lautensach: *A divisão de primeira ordem baseia-se na modificação «planetária» das paisagens geográficas, a de segunda ordem na modificação centro-periférica e a de terceira ordem nas características do relevo que têm influência nos outros aspectos geográficos* (in Daveau, 1991: 1236)

³²Além de *Terras de Miranda*, Lautensach considera em Trás-os-Montes as seguintes unidades geográficas: *Barroso, Serra do Marão, Alvão, Vale estrutural de Régua-Verin, Serra da Padrela, Terras de Bragança, Sueste* (fig. III, Anexo C).

³³Que constitui uma das 6 zonas agrárias do Alto Trás-os-Montes - *Nut III* da região agrária de Trás-os-Montes - segundo a última *Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos (NUTS)*, constituída por três níveis de agregação para unidades territoriais (níveis I, II e III). *As unidades de nível III da NUTS corresponderão à agregação de zonas agrárias ou a zonas agrárias estabelecidas* (Diário da República, decreto lei nº 46/89 de 15 de Fevereiro de 1989).

Mogadouro, Vimioso e Miranda do Douro - o que representa uma área um pouco mais vasta do que a que é habitualmente denominada por *Terras de Miranda*.³⁴

Em síntese, tendo em conta as principais diferenças internas da província de Trás-os-Montes, pode dizer-se que Sendim é uma vila do *Alto Trás-os-Montes*, integrada na zona agrária do *Planalto mirandês*, situando-se na parte sul de *Terras de Miranda*, cujo núcleo corresponde, com alguma aproximação, ao actual concelho de Miranda do Douro. Os limites desta pequena região coincidem com a área geográfica onde era falado o dialecto mirandês, o que tem contribuído, igualmente, para a sua definição como uma unidade sociolinguística particular.

Terras de Miranda é, ainda hoje, o nome mais adequado para identificar estas pequenas aldeias do recanto mais oriental do Norte de Portugal, sendo também uma denominação popular com a qual os seus habitantes se identificam a si próprios. Confina a poente com o concelho de Vimioso, a sul com o concelho de Mogadouro, e a Norte e Leste com Espanha, encontrando-se abruptamente separado do país vizinho pelas ravinas do Douro - um obstáculo geográfico que deste que há memória tem sido transposto com a imaginação dos homens de ambos os lados do rio, como adiante se referirá.

2. AS ARRIBAS DO DOURO E ESPANHA MESMO AO LADO

Confinadas à extrema do nordeste do país, um grande número de aldeias de *Terras de Miranda* alinham-se ao longo da linha de fronteira, sugerindo a poderosa força atractiva dos limites político-administrativos na fixação destas povoações. Com efeito, pode dizer-se que a proximidade geográfica é reforçada por uma estreita interacção entre as povoações vizinhas dos dois países, sendo as relações de fronteira

³⁴Conforme foi referido anteriormente, algumas povoações que faziam parte destes dois últimos concelhos vizinhos, pertenceram em tempos recuados ao *termo* das *Terras de Miranda*. Não nos surpreende, portanto, que a nova nomenclatura das unidades territoriais, as considere na mesma zona agrária, do *Planalto*, distinguindo-se de outras zonas agrárias do Alto Trás-os-Montes, particularmente *Terra-Fria*, *Terra-Quente*, *Barroso*, *Alto Tâmega*, *Alvão Padrela* (D.R., 1989: 50, 51) onde a agricultura apresenta formas e sistemas de cultivo efectivamente diferentes.

um traço indissociável das aldeias da raia luso-espanhola, como, aliás, tem sido salientado por diversos autores (Lema, 1978; Brito, 1988; Cavaco, 1995).

Alguns documentos históricos testemunham a intensidade das relações de Miranda com as vizinhas terras de Leão, desde os tempos mais remotos. O ditado popular *de Espanha, nem bom vento nem bom casamento*, não parece ser feito para esta região como pode depreender-se de um privilégio concedido por D. João III em 1534 aos habitantes desta cidade, onde se diz que *a dita villa e sua terra partia com castella e que de hua parte e da outra cassavão seus filhos hus com os outros*³⁵.

O estreito contacto entre os povos da raia luso-espanhola reflecte-se também a nível linguístico, pela notória existência de diversos vocábulos de origem castelhana no dialecto mirandês, como é referido por Leite de Vasconcelos (1901)³⁶.

Em relação a Sendim, três sinuosos quilómetros afastam o núcleo habitacional da margem direita do rio Douro, junto a Espanha. Quem se aproxima do rio, avista ao longe dois pequenos povoados da vizinha *Castilla y León - Fermoselle*, a sudeste; *Pinilla* a nordeste. Pelo meio, separando os dois países, a apertada garganta do rio corre entre abruptos rochedos de granitos e xistos.

As trocas de mercadorias entre as duas margens do rio, embora limitadas a uma actividade clandestina de pequena escala, são muito referenciadas pelos aldeãos. Na ausência de ligações terrestres recorria-se às mais diversas alternativas para circular entre uma e outra margem - pessoas que passavam a nado, como acima descrito, ou sofisticados sistemas de roldana que atravessavam o rio, quando as margens mais se aproximam, são os sistemas mais lembrados:

Bom, na nossa lembrança passava-se o rio Douro a nado. Era nuns bidões de petróleo, das candeias, que faziam à volta de uns 20 ou 30 litros - assim como um cubo. Essas latas grandes estavam vazias e apertava-se bem a rolha para não entrar água nem ar. Depois, a gente agarrava-se a uma lata dessas e deitava-se ao rio

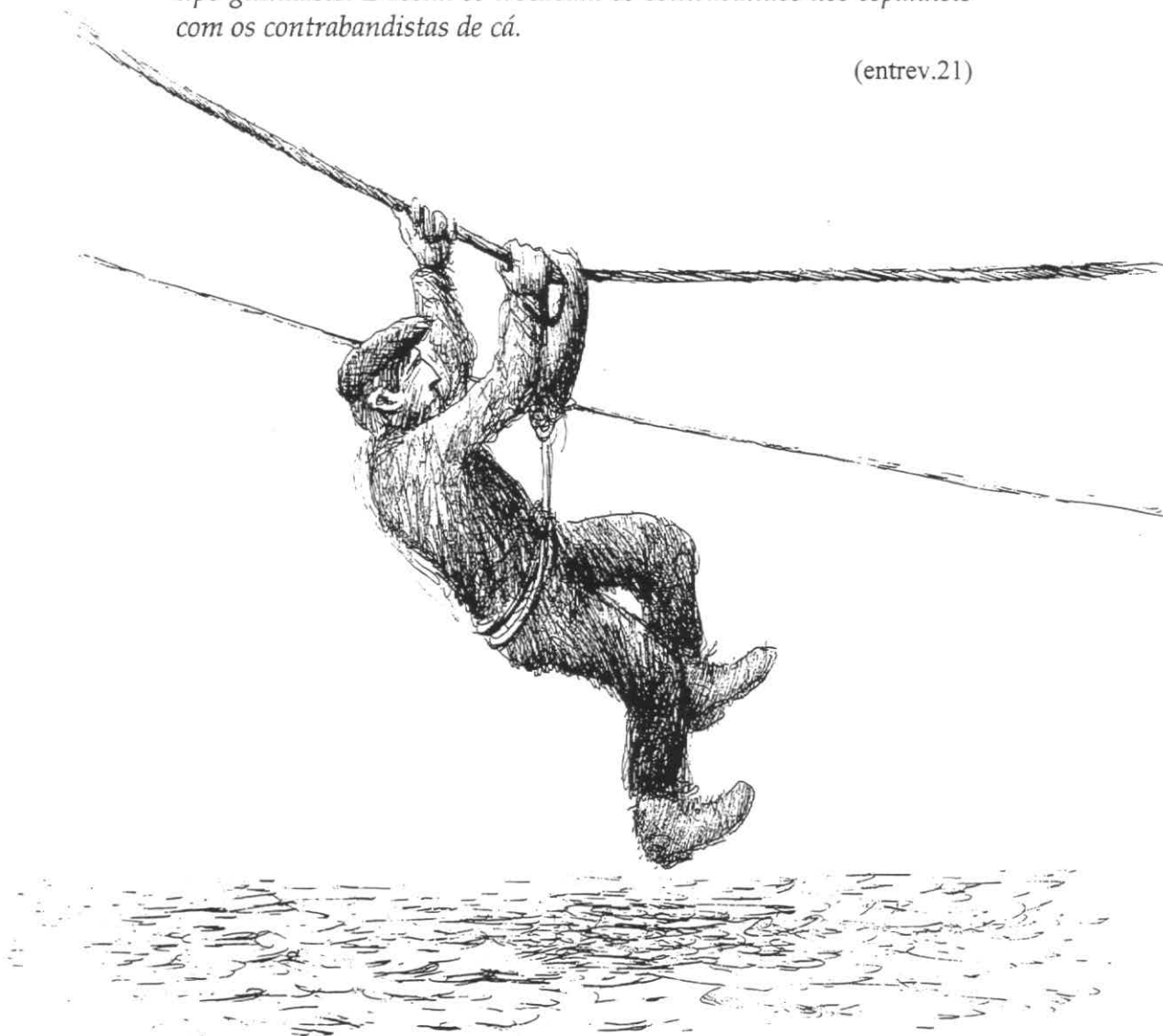
(entrev. 12).

³⁵Excerto de um documento publicado pelo Abade de Baçal (Alves, 1918, vol. IV: 124).

³⁶Sobre influência espanhola no léxico do dialecto mirandês, ver *op. cit.*, pp. 15-25.

Ainda me lembro da Penha da Guinda, que está agora debaixo de água. Era uma rocha que entrava para o meio do rio, num dos sítios mais estreitos. Ali era de onde se podiam passar melhor as cordas. Formava-se uma corda de um lado ao outro, e depois guindavam-na. Por isso lhe chamavam a Penha da Guinda, pois ao puxar, era tipo guindaste. E assim se trocavam os contrabandos dos espanhóis com os contrabandistas de cá.

(entrev.21)



Gravura 1- Atravessando o rio com as cordas

De Portugal para Espanha levava-se sobretudo café, sabão, cordas e, por vezes, até mesmo cabeças de gado. De Espanha vinha trigo, em épocas de crise, alguns tecidos (como a *pana*, muito usada no vestuário masculino), as *alpergatas*, os rebuçados e caramelos que faziam a alegria da pequenada e os pêssegos enlatados que começaram a entrar na ementa dos dias de festa, numa região onde a fruta pouco abundava.

Tratava-se de um pequeno comércio fronteiriço, podendo os riscos do empreendimento assumir proporções elevadas³⁷. Um dos informantes relatou mesmo a história de um homem *que ficou a pedir* com o contrabando:

O tio Manuel fazia contrabando de vacas. Comprava manadas de vacas aqui e passava-as para lá, mas os espanhóis, depois de as apanharem do lado de lá, punham-se a andar com elas...E o pobre do homem lá tinha que ir a saber de outras. Não vi ninguém enriquecer à custa do contrabando aqui em Sendim. Era, apenas, uma maneira de sobrevivência.

(entrev.21)

Apesar de Taborda se referir *ao facto significativo, que só por si resume e sintetiza o isolamento (entre os povos de uma e outra banda do rio): em todo o curso internacional do Douro não há uma barca de passagem (op. cit: 27)*, alguns artesãos especializados, estabeleceram-se na aldeia, vindos de Espanha, como foi o caso de um ferreiro espanhol que fez grande fortuna em Sendim, sendo a sua história contada por vários sendineses e lembrada a sua passagem através de uma barca que existia entre Fermoselle e Urrós³⁸. Esta barca funcionava como uma espécie de passe legalizado e do lado português havia uma *caseta* que controlava esse passe.

Através do rio se trocavam, deste modo, ideias e tecnologias, objectos e mercadorias, momentos de trabalho e de festa:

Quando eu era moço, íamos às festas a Espanha. Eram só os rapazes, chegávamos a ir aos vinte e aos trinta, solteiros e casados. Passávamos a nadar. Quem sabia nadava, quem não sabia nós passávamos. Íamos a Pinilla, à festa da "manzana" - era no tempo em que havia muita maçã, depois de Setembro. E estava-se lá até às tantas da madrugada. A Fermoselle íamos à tourada. Ia muita

³⁷Num jornal local da época, pode ler-se a seguinte notícia sobre contrabando efectuado em Miranda do Douro: *Pelas praças da Guarda Fiscal do posto desta cidade foram apreendidas 20 caixas de sabão que levavam destino ilegal. Bem hajam as diligentes praças que fizeram o serviço, pois é uma vergonha o que se está passando. O povo vê-se e deseja-se para conseguir o sabão necessário para uso doméstico e não consegue o estritamente necessário; quando é certo que, todos os dias, pessoas sem a mínima noção dos deveres que a hora presente a todos impõe, passam sabão em grandes quantidades para o país vizinho. O contrabando nesta região atinge proporções alarmantes: é sabão, são fazendas brancas, sola, etc. A guarda fiscal tem sido incansável na sua repressão, mas a secção, ao que parece, precisava de ser reforçada com mais soldados. (M.B., 1 Fevereiro de 1943).*

³⁸Povoação do concelho de Mogadouro que confina a Sul com Sendim.

mocidade. Íamos por aquelas arribas e depois chegávamos ao rio e passávamos por trás da caseta e os guardas não davam de conta. Tínhamos muitos amigos para lá e juntávamo-nos todos e eles também vinham cá às festas.

(entrev. 36)

A Espanha ia-se também *ganhar a jeira*, quando havia trabalho. Na altura das colheitas, por exemplo, muitos sendineses (e de outras povoações da raia), predispunham-se aos mais variados estratagemas para passar o rio, a troco de umas míseras pesetas e um pouco de aventura. Deslocavam-se, sobretudo, na altura das vindimas e da ceifa, quando estas tarefas eram ainda inteiramente efectuadas à mão.

Era na Universidade de Salamanca, a cerca de uma centena de quilómetros da fronteira, que alguns dos filhos de antigos lavradores abastados prosseguiam a sua formação escolar, quando a instrução era apenas acessível a uma minoria. Mais perto de Espanha do que dos centros urbanos do seu próprio país, a opção parece aqui, claramente, a das distâncias, aliada ao facto da diferença de língua não constituir qualquer obstáculo. Efectivamente, muitas destas povoações da raia eram *bilingues* ou mesmo *trilingues*, como foi referenciado por Leite de Vasconcelos (1900).

Na década de 50, com a construção das barragens hidroeléctricas no troço internacional do rio Douro, a passagem para Espanha passa a fazer-se através das duas pontes que ligaram Miranda do Douro e Bemposta ao país vizinho, constituindo corredores de trânsito por onde passavam clandestinamente pessoas e mercadorias³⁹.

Com a adesão de Portugal à C.E.E., e a subsequente abolição das barreiras alfandegárias, os contactos com a vizinha Espanha liberalizam-se⁴⁰. A pequena cidade de Miranda do Douro conhecerá, nestes anos 80, um grande desenvolvimento comercial, transformando as suas fachadas medievais em montras improvisadas onde são exibidos os produtos mais procurados pelos espanhóis. Os restaurantes e cafés

³⁹Estes dois postos fronteiriços eram abertos oficialmente apenas em pequenos períodos pontuais ao longo do ano.

⁴⁰Apesar da forte desvalorização do escudo, há ainda inúmeros produtos que vale a pena comprar em Espanha e que têm a procura dos mirandeses em geral. Refira-se, por exemplo, uma grande parte de artigos de mercearia, peixe congelado, fruta, enlatados diversos, electrodomésticos, etc. O trigo para semente é muitas vezes adquirido do outro lado da fronteira, em virtude do seu baixo custo em relação ao preço nacional.

animam-se e trazem um sopro de vida ao pequeno burgo, cuja rua principal está, hoje, inteiramente voltada para o comércio⁴¹.

Actualmente, situações laborais ou circunstâncias de lazer continuam a ser motivo para passar a fronteira. A diferença do nível de vida em Espanha, com salários bastante acima da média do nosso país, constitui um factor de atracção para muitos jovens, que se dispõem a trabalhar em precárias condições num raio fronteiriço próximo, geralmente na construção civil ou em colheitas sazonais.

Durante o fim-de-semana ou em dias de comemorações especiais, os mesmos jovens são frequentadores assíduos das modernas discotecas das cidades espanholas vizinhas, como Zamora e Salamanca, atraídos pela animação nocturna urbana mais animada do que a que se vive nas imediações de Sendim.

Paradoxalmente, a abertura das fronteiras terrestres e a recente abolição das barreiras alfandegárias fez abrir no rio um fosso maior do que nunca entre as povoações que separa. Disputando águas e zonas de vazagem de resíduos tóxicos, cobiçado o seu valor paisagístico em torno de projectos de parques naturais, como o *Parque das Arribas*, portugueses e espanhóis parecem estar, actualmente, mais voltados de costas do que quando era preciso passar o rio a nado.

⁴¹Também em Sendim, aparecem muitas vezes compradores de azeite, espanhóis, dirigindo-se directamente aos agricultores em busca de um produto de qualidade, seja para consumo próprio, ou para revenda.

3. O ESPAÇO DA FREGUESIA

3.1. Paisagem agrária

O espaço rural é um complexo de interações de elementos vários e diversificados, cristalizando épocas, culturas, técnicas, em diálogo permanente com os homens que nele (e dele) vivem. Os campos que circundam a aldeia mostram na sua nudez ou florescimento alguns sinais dessa história interactiva.

Sendim estende-se por uma superfície de 3831 hectares, situando-se na parte Sul do planalto mirandês com altitudes que variam entre os 550 e os 750 metros. Trata-se da freguesia mais a sul do Concelho de Miranda do Douro, confinando com as terras de *Urrós* - uma aldeia já do concelho de Mogadouro. A ribeira de *Pisões* estabelece o limite entre as duas povoações (Figura 1).

O relevo do concelho de Miranda do Douro é relativamente uniforme, constituído por uma superfície aplanada, encravada entre dois vales: o do rio Douro (bastante profundo) e o do rio Angueira, seu afluente. Vergílio Tabora descreve nestes termos a orografia desta pequena região:

Subindo da garganta profunda por onde corre o rio Douro, na fronteira, para Miranda, depara-se com uma vasta superfície, levemente acidentada, através da qual a vista se espraia até longe. Colinas, lombas, vales superficiais, secos durante a maior parte do ano, não conseguem desfazer a regularidade desta chã monótona que se estende em todas as direcções. A impressão é a de quase completo nivelamento.

(Tabora, [1932] 1987: 40)

Tal como a quase totalidade de Trás-os-Montes⁴², esta área encontra-se integrada na bacia hidrográfica do Douro, sendo o rio Douro⁴³ e o rio Angueira os

⁴²Excluindo, apenas, uma parte do maciço do Barroso (Tabora, [1932] 1987: 45).

⁴³Como refere Tabora em relação ao percurso do rio Douro: *O grande rio peninsular, depois de ter corrido num vale largo, através da bacia terciária da Castela-a-Velha, começa a encaixar-se a jusante de Zamora nos terrenos antigos do maciço galaico-duriense (op. cit.: 45).*

principais cursos de água que concentram as chuvas. No entanto, apesar do concelho ser atravessado por uma densa rede de linhas de água (Fig. I, Anexo C) o seu encaixe é de tal forma vigoroso no Maciço Antigo que constitui, segundo Orlando Ribeiro, *uma séria restrição ao regadio; porque não só a estiagem interrompe os ribeiros, como é impossível trazer, à superfície cultivada dos planaltos, a água que corre pelos vales profundos* (1955).⁴⁴

Em relação à natureza do solo, ele é geralmente delgado, pouco profundo e com pouca capacidade de armazenamento de água, condicionando o rendimento agrícola, pois não é propício a culturas de elevada rentabilidade. É composto de xistos argilosos e afloramentos graníticos, dos quais resulta um húmus pouco rico. Na sua composição, a ausência de cal e ácido fosfórico - dois elementos fundamentais dos solos mais férteis - aliado à introdução tardia de adubos químicos e fertilizantes - constitui um factor adicional de empobrecimento, restringindo, de certa forma, o tipo de agricultura e a variedade de plantas de cultivo.

As características geralmente atribuídas a Trás-os-Montes, apenas aproximativamente incluem as idiossincrasias duma sub-região que, analisada à pequena escala do concelho, apresenta diferenças locais evidenciáveis, bem como desvios importantes em relação a esse padrão geral. Com efeito, o município de Miranda do Douro é dificilmente caracterizado pelos traços genéricos quer da *Terra Fria* quer da *Terra Quente* - uma oposição frequentemente utilizada para ilustrar a diversidade regional da paisagem trasmontana, como já foi referido anteriormente.

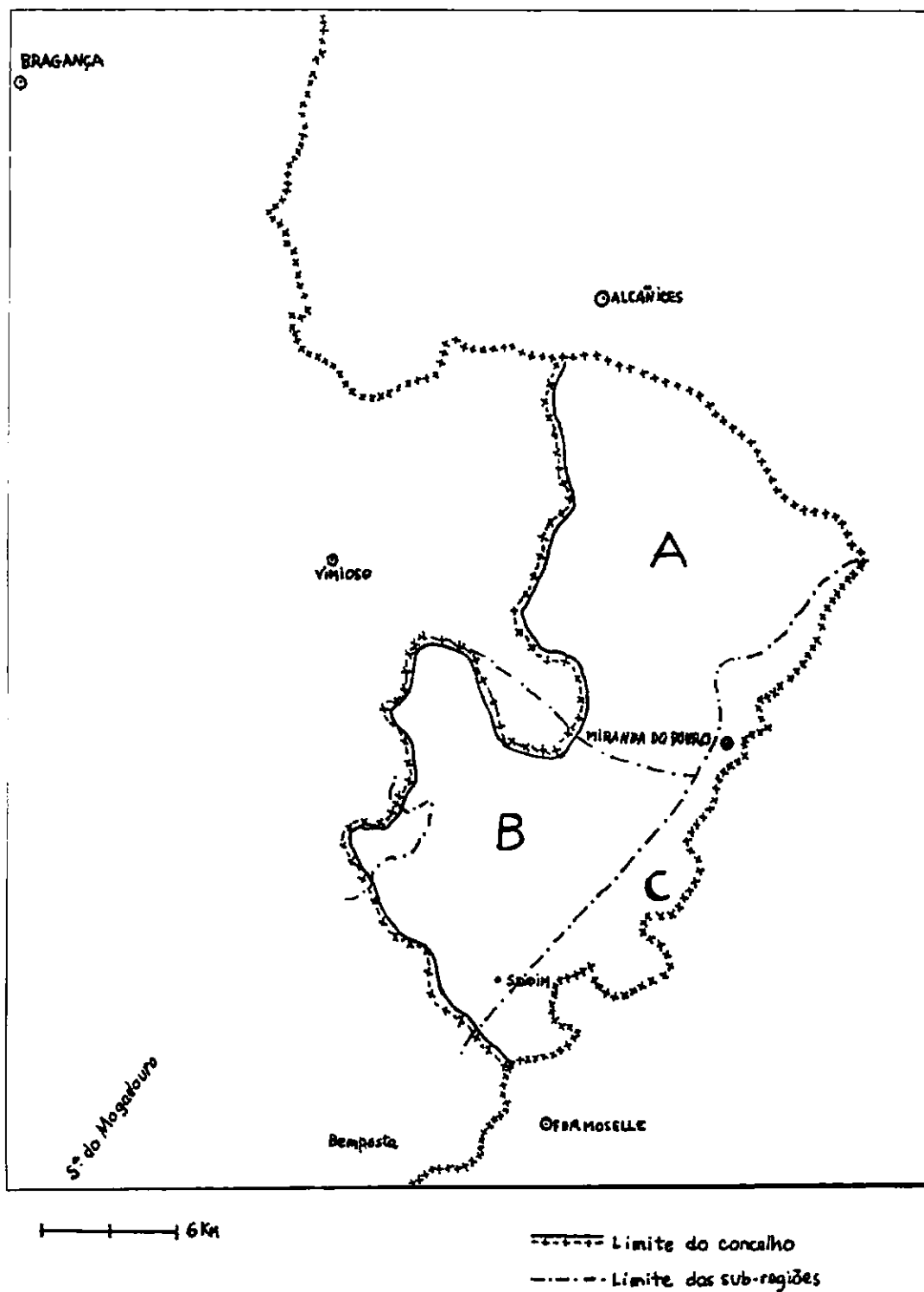
Pode dizer-se que constitui uma área de transição, na medida em que sofre influência das duas, além da influência continental castelhana, o que se reflecte na diversidade da sua paisagem e na diferenciação dos seus sistemas de cultivo⁴⁵, sendo atravessada pelos limites geralmente utilizados para circunscrever regiões climáticas, definir estratos ecológicos e estabelecer linhas de separação entre o florescimento de certas espécies vegetais (Ribeiro, 1947; Guerreiro, 1986). O estudo pormenorizado

⁴⁴*idem* nota 25, (Daveau, 1991: 996)

⁴⁵João Guerreiro ilustra esta diversidade referindo-se ao facto das vindimas se efectuarem com o intervalo de um mês na parte Norte e na parte Sul do planalto (1986:54).

de João Guerreiro que se debruça sobre as perspectivas de ordenamento rural no concelho de Miranda do Douro, identifica três sub-regiões (*op. cit.:* 51) Figura 3.

Figura 3
Divisão regional de Miranda do Douro



Fonte: João Guerreiro (1986)

A sub-região “A”, corresponde à parte Norte do planalto e, pelas suas características bióticas, é a sub-região do concelho que mais se aproxima das feições genéricas atribuídas à *Terra Fria*, em continuidade com as regiões montanhosas do Norte da província.

As cotas de altitude ultrapassam os 700 metros, atingindo 900 metros em certas localidades, nomeadamente na serra de Cicouro, junto a Espanha. A precipitação anual é superior a 700 mm e os Invernos são bastante frios. Como vegetação predomina o carvalho negral⁴⁶ (*Quercus pyrenaica*) e o castanheiro (*Castanea sativa*). Em menor número, existe também a azinheira (*Quercus rotundifolia*) e o pinheiro (*Pinus pinaster*), este último introduzido mediante pequenas replantações florestais.

A sub-região “B”, delimita a parte sul do planalto, onde as cotas de altitude são um pouco mais baixas, situando-se entre os 550 e os 750 metros. Apesar dos Invernos poderem continuar a considerar-se rigorosos, são-no um pouco menos do que na metade Norte. A pluviosidade é também inferior, raramente atingindo os 700 mm de precipitação anual. A vegetação tradicional tinha como espécie florestal predominante o carvalho cerquinho (*Quercus faginea*). Contudo, devido à forte intervenção humana, ele aparece actualmente em menor número, a par da azinheira e do sobreiro (*Quercus suber*) - estas últimas consideradas como espécies mediterrânicas, predominando no manto vegetal de zonas mais quentes.

A terceira sub-região, “C”, corresponde à estreita faixa que acompanha o vale do Douro, ao longo da fronteira oriental. A altitude é, aqui, inferior a 650 metros, nunca descendo abaixo dos 400 metros no município de Miranda do Douro. A precipitação anual média é menor do que nas sub-regiões “A” e “B”, com valores da ordem dos 500 mm, sendo os Invernos menos frios do que nas duas sub-regiões anteriormente referidas. A vegetação dominante é, neste caso, a azinheira (*Quercus rotundifolia*) e o zimbro (*Juniperus oxycedrus*).

⁴⁶Também designado *carvalho da Beira*.

De acordo com esta divisão regional, a freguesia de Sendim encontra-se precisamente na confluência destas duas últimas sub-regiões - B e C - apresentando uma certa diversidade no que respeita à paisagem envolvente, com um contraste notório entre as terras características da parte Sul do planalto e as da franja longitudinal do vale do Douro.

Desde tempos remotos que o sistema agrícola da região assenta na criação de gado e cultura cerealífera - centeio, trigo e cevada - (Taborda, *op. cit.*: 79), com predominância do centeio, no passado, e do trigo, actualmente. Na paisagem sobressaem, assim, dois tipos dominantes de terrenos agrícolas associados a este sistema misto: os extensos campos abertos tão característicos do Norte interior (Ribeiro, 1979b: 62), evocando antigas formas de explorar em comum⁴⁷ e os *lameiros*, ou *prados*.

Estes campos, designados localmente como *lameiros de secadal* por se encontrarem periodicamente secos, são compartimentados com muros de pedra solta ladeados de espécies arbóreas como o freixo, têm uma localização restrita às zonas mais baixas e húmidas dos vales e quebram a monotonia das searas com as ervagens viçosas que produzem, de forma espontânea - alimento ideal para o gado - durante uma parte do ano.

São minúsculos oásis que não abundam em *Terras de Miranda*⁴⁸, onde o solo é, de uma maneira geral, magro, seco e conseqüentemente pouco fértil, obrigando a que dele seja feito um uso racional e comedido. O sistema de cultura caracteriza-se pelo afolhamento bienal com um ano de pousio, sendo o terreno dividido em duas parcelas (ou *folhas*) que se cultivam em anos alternados - um sistema que, no seu *estado puro*, tem a grande vantagem de permitir que o gado paste livremente na *folha* devoluta, sem os obstáculos de muros ou sebes, ao mesmo tempo que a vai

⁴⁷O que não é sinónimo de igualitarismo, conforme argumentado por Brian O'Neill (1984).

⁴⁸Em *Terras de Miranda*, , apesar deste tipo de prados naturais existir um pouco por toda a região, eles não são tão abundantes nem tão férteis como os do Norte da província, nos concelhos de Bragança, Vinhais e parte do de Macedo de Cavaleiros, *onde há mais humidade no ar, o terreno é mais acidentado, o solo mais impermeável* (Taborda, *op. cit.*: 92).

estrumando⁴⁹ (Ribeiro, *op. cit.*) - agricultura e criação de gado completam-se, deste modo, numa engenhosa associação.

Nos solos mais ricos, o trigo pode alternar com um pousio cultivado - antigamente era frequente o cultivo de lentilhas (designadas localmente por *gametas*, utilizadas na alimentação do gado muar) - mas, na actualidade, é a batata que entra na rotação, tendo sido introduzida no planalto em finais do séc. XVIII (Ribeiro, *op. cit.*).

Além dos campos de cereais e dos lameiros, a vinha e a oliveira⁵⁰ têm especial importância no contexto de uma região isolada, que semeia e planta para se alimentar, constituindo estas três culturas principais a célebre *trilogia mediterrânica* (Ribeiro, 1947). Na região, Sendim tem uma localização privilegiada e, nas encostas viradas a sul, ou refugiando-se perto do Douro, deu-se preferência ao cultivo da vinha, como já havia sido referido por Vergílio Tabora nos anos 30: *Em Miranda a vinha acantona-se nas povoações vizinhas do Douro - Sendim, principalmente. Ao contrário do mirandês das restantes aldeias, antes de mais criador de gado e produtor de centeio, o sendinês é sobretudo vinhateiro* (Tabora, *op. cit.*: 86).

A pequena propriedade domina, com a maioria das parcelas a rondarem os dois hectares, sendo desde há muito de posse individual⁵¹. Além de pequenas, as propriedades encontram-se disseminadas por toda a extensão agrícola, podendo cada agricultor possuir uma série de pequenos terrenos sem qualquer continuidade, fruto das sucessivas partilhas que o sistema de herança igualitária veio provocar e também da diversidade de culturas inerente a um sistema de produção muito direccionado

⁴⁹Orlando Ribeiro refere-se dissolução do *openfield* no Nordeste de Portugal, nestes termos: *Batido pelo individualismo agrário dos nossos dias; o sistema comunitário dos campos abertos está em dissolução, conservado na sua pureza, em lugares isolados da raia (cf. Rio de Onor) e na montanha (acima dos 700-800 m)* (Ribeiro, 1979: 62, 63).

⁵⁰A referência à *oliveira* (em vez de *olival*) é aqui intencional e deriva do facto de ela ser frequentemente considerada um bem económico independente, como é salientado por E. Basto e H. Barros: «A propriedade das oliveiras - quer das dispersas quer das regularmente plantadas - encontra-se muito fraccionada, sendo vulgares os factos não só de pertencerem o terreno a um indivíduo e as árvores a outro, mas ainda de terem os pés dum mesmo olival vários donos e até de ser uma só oliveira propriedade de diversas pessoas» (1943: 283).

⁵¹*No extremo leste de Trás-os-Montes a divisão dos baldios fez-se já completamente ou quase. Em Mogadouro data de há 50 anos e pouco resta aí hoje que recorde essa forma de ocupação do solo. No planalto mirandês vai quase totalmente desaparecida* (Tabora, *op. cit.* 1932, 1987: 104).

para o consumo familiar e local - uma horta aqui, uma vinha mais acolá, oliveiras onde é possível e *terras de sementeira* mais longe.

Segundo os dados fornecidos pela Direcção Regional de Agricultura de Trás-os-Montes (MAP, 1989), foram recenseadas 280 explorações agrícolas na freguesia de Sendim, englobando 3134 blocos - um valor bastante significativo que traduz o elevado grau de fragmentação da propriedade.

Em relação à aldeia, o espaço agrícola estrutura-se, envolvendo-a num *puzzle* de minúsculos retalhos, onde grande parte da agricultura se destina, tal como no passado, ao consumo local. Nos terrenos mais próximos do aglomerado de casas situa-se uma densa cintura de culturas regadas⁵² que engloba três tipos de terrenos: as *hortas*, as *cortinhas* e as *tapadas*; nos terrenos mais afastados localizam-se os campos de cereais; enquanto as encostas voltadas a sul são destinadas ao cultivo da vinha⁵³.

As *hortas*, pequenos terrenos de policultura, cuja produção se destina, essencialmente, ao consumo familiar, encontram-se divididas por marcos de pedra, quase imperceptíveis para um observador exterior, mas inequivocamente distintivos para os seus possuidores. Além de legumes e algumas árvores de fruto, plantavam-se, em tempos passados, algumas leiras com linho que depois das várias operações inerentes ao seu ciclo produtivo⁵⁴ servia para a confecção de peças de vestuário, roupa de cama e sacos de cereal. A pulverização destas minúsculas parcelas, preparadas tanto por agricultores a tempo inteiro como por agricultores pluriactivos, é um sinal da elevada densidade populacional de Sendim, quando a comparamos com outras aldeias do concelho. (Quadro III, Anexo B)

⁵²Antigamente a água era extraída de poços através de *cegonhas* ou *picotas*. Actualmente, apesar de subsistirem alguns destes sistemas tradicionais, o uso de motores de rega constitui uma prática generalizada.

⁵³A organização do espaço agrícola está em consonância com o esquema tradicional das aldeias do tipo *trasmontano* (Ribeiro, 1979b: 86), embora com variações locais no que diz respeito à extensão de cada um dos anéis de cultura que envolvem as casas - horta, vinha, campo de cereal e *monte*.

⁵⁴Sobre o ciclo do linho veja-se Leite de Vasconcelos (1942, vol. VI) e Ernesto Veiga de Oliveira *et alli*. (1978)

As *cortinhas* são terrenos fechados com muros de pedra solta, onde se semeia trigo em alternância com a batata ou leguminosas. Tratam-se de terrenos de boa qualidade por se encontrarem em pequenos vales de onde é possível extrair água. Quando a sua extensão ultrapassava cerca de 2 hectares, recebiam a designação local de *tapadas*⁵⁵. Nas *tapadas* cultivava-se um pouco de tudo: uma parcela era destinada ao cultivo de trigo em alternância com a batata, outra servia de *lameiro* e uma terceira encontrava-se arborizada com carvalhos, freixos e castanheiros. Constituíam as melhores propriedades de outros tempos - não só pela sua extensão, mas também pela qualidade do solo e pela sua proximidade em relação ao núcleo urbano - que estavam na posse dos lavradores mais abastados, representando um evidente sinal da sua riqueza.

Vêm depois os campos de cereais, ou as *terras de sementeira*, segundo a designação local, que representam os terrenos menos exigentes no que diz respeito à frequência de tarefas agrícolas e que são, talvez por isso mesmo, os mais afastados do núcleo da aldeia (Lema, 1972). Nas *terras de sementeira*, onde o centeio constituía, até há algumas décadas, o cereal dominante - característico dos terrenos pouco produtivos e de cultivo generalizado em toda a província (Ribeiro, 1947) - semeia-se actualmente trigo ou culturas forrageiras.

O centeio é hoje lembrado como o *pão dos pobres* - uma designação bastante sugestiva que o distingue do pão de trigo: o *pão-branco* ou o *pão-dos-ricos* - e que evoca, além da pobreza do solo que lhe está associada, o acentuado distanciamento social, marcado pelo consumo de pão feito de um ou outro cereal, na época em que o centeio constituía a cultura dominante e um elemento básico na dieta alimentar. Efectivamente, antes da introdução de fertilizantes, apenas se produzia trigo nos terrenos de melhor qualidade, que estavam na posse de uma minoria de lavradores abastados.

A nível nacional, a substituição progressiva do centeio pelo trigo começa a fazer-se a partir dos anos 30, reflectindo os efeitos da aplicação de uma das linhas de

⁵⁵Hoje em dia, fruto de sucessivas partilhas, já não existe este tipo de propriedades.

acção do célebre *Plano de Fomento Agrário*, concebido pelo Estado Novo para modernizar o sector agrícola (Rosas, 1990). No seguimento da *Campanha do Trigo* - nome pelo qual ficou conhecida esta linha de acção do PFA - a introdução de herbicidas e fertilizantes a par da disseminação de silos de recolha, instalados pela Federação Nacional dos Produtores de Trigo (F.N.T.P.), constituíram alguns dos principais incentivos que levaram à expansão da área de produção de trigo a terrenos por vezes pouco propícios ao seu cultivo.

No caso de Sendim, como foi referido por diversos informantes, em meados do século a percentagem de um e outro cereal era, ainda, de, aproximadamente, 70% de centeio e 30% de trigo. Actualmente, a relação encontra-se praticamente invertida, destinando-se o centeio exclusivamente à alimentação dos animais.

Além dos cereais, a vinha tem ocupado um papel de relevo no contexto da produção agrícola da vila⁵⁶, que usufrui de uma situação geográfica propícia ao seu cultivo, perto das margens do rio Douro. Mediante um trabalho árduo, outrora inteiramente manual, os sendineses converteram os terrenos de elevado declive, muitas vezes dificilmente aráveis, em imensos vinhedos, tentando minorar o magro rendimento do cereal⁵⁷.

Durante muito tempo, através de intermediários que vinham sobretudo de Vimioso - os *taberneiros*, como então se apelidavam - eram os sendineses que abasteciam de vinho as terras mais frias do planalto, menos propícias à cultura da vinha. Em finais da década de 60 foi construída a Adega Cooperativa que passou a

⁵⁶No decorrer do trabalho de campo pode constatar-se que a adega cooperativa enfrentava uma grave crise, na sequência da má gestão da administração em activo e de dívidas não auferidas. Apesar desta situação, a importância da vinha parecia inquestionável e os agricultores estavam convictos de que esta seria apenas uma crise temporária.

⁵⁷A importância desta cultura teve o seu reflexo na própria evolução das técnicas agrícolas levando, inclusivamente, à progressiva substituição dos tradicionais carros de bois, por carros com rodas de raios puxados por juntas de mulas, mais adequados aos terrenos de encosta replantados de vinha. O acentuado decréscimo de gado bovino registado na freguesia entre 1934 e 1955, tendo passado de 154 cabeças para 81 (Tierno, 1904), parece ser a consequência directa desta progressiva substituição, indiciando, também, um forte incremento daquela cultura. Em nenhuma outra aldeia do concelho se verificou esta situação, tendo-se mantido o tradicional sistema agrícola que associa a criação de gado à produção cerealífera e que ainda hoje perdura, com maior ou menor vigor.

efectuar a distribuição do vinho, dando escoamento assegurado às colheitas dos agricultores locais.

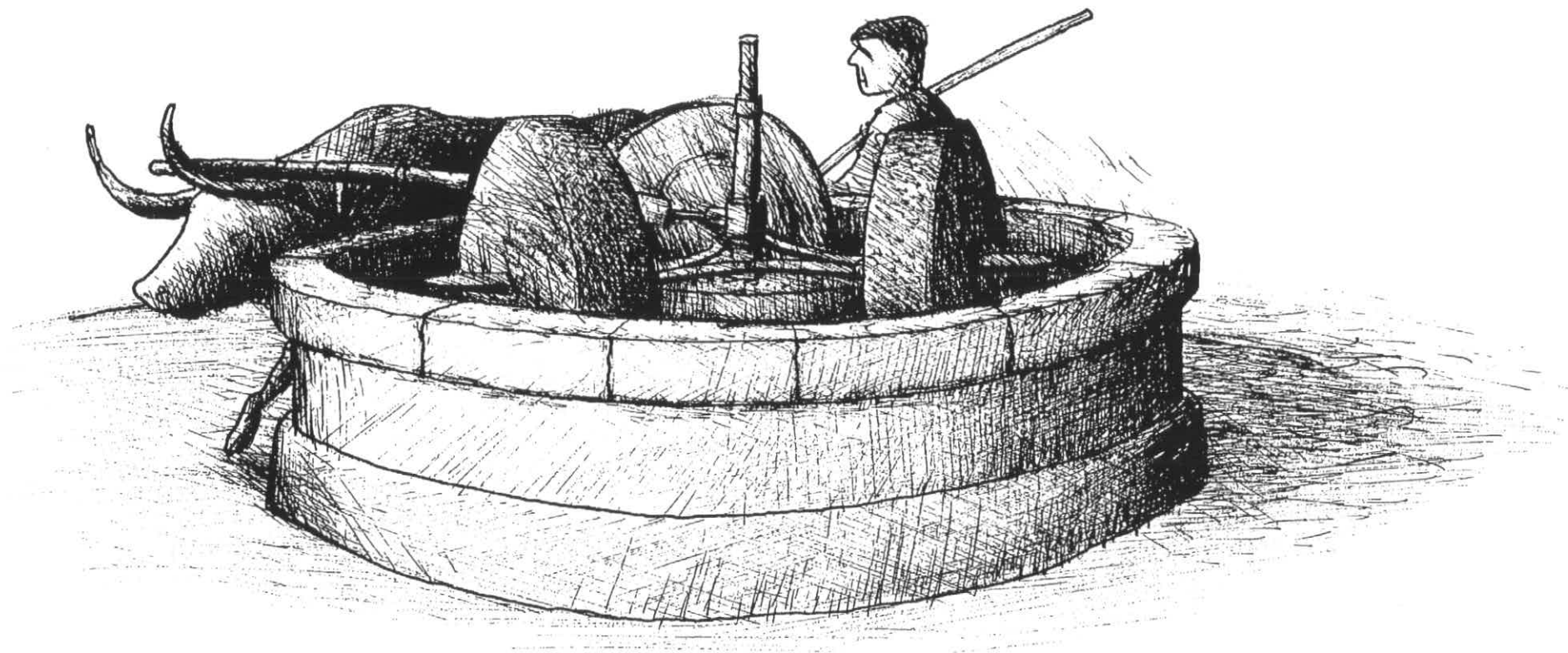
Até à entrada em funcionamento desta cooperativa, o vinho era exclusivamente produzido por processos artesanais, sendo o lagar de vinho e a adega divisões indissociáveis da maioria das casas agrícolas tradicionais. Apesar dos agricultores venderem actualmente a maior parte da sua colheita, é costume reservarem algumas uvas para o fabrico do seu próprio vinho em lagares particulares, onde foram efectuadas pequenas modificações, modernizando as fases mais trabalhosas do ciclo do vinho, enquanto outras permaneceram exactamente como há 50 anos. Segundo foi relatado, este sistema tem a vantagem de produzir um vinho *mais puro* e evitar despesas na compra do vinho produzido pela adega.

Frequentemente associada à vinha, aparece a oliveira, quebrando aqui e ali a monotonia dos vinhedos rasteiros. Noutros casos surge isolada, alcandorando-se em inacessíveis arribas onde mal se lhe conseguem extrair os frutos. Constituindo um elemento fundamental na produção tradicional, a oliveira conheceu um importante incremento, tendo sido a sua replantação recente subsidiada pelo Estado. Desde finais da década de 70 existe na vila um lagar colectivo com uma prensa eléctrica, enquanto antes se procedia ao fabrico de azeite em lagares tradicionais, através de sistemas mecânicos de prensagem, hoje completamente desactivados⁵⁸.

Por último, o *monte* ou matagal (que podia ser propriedade individual ou de usufruto colectivo) constituía um tipo de terreno de onde se extraía lenha - uma colheita indispensável para o aquecimento doméstico durante o rigoroso Inverno, e também usada, outrora, na confecção dos alimentos⁵⁹.

⁵⁸Em meados do século, existiam na aldeia quatro lagares de azeite que eram propriedade de lavradores abastados. A população recorria a estes lagares para proceder à transformação da sua colheita de azeitona em azeite, pagando à *maquia* ao dono do lagar. A *maquia* era uma percentagem relativa à totalidade dos quilogramas de azeitona prensados.

⁵⁹Actualmente, é generalizado o recurso à botija de gaz para cozinhar e apenas uma minoria continua a fazer uso destes terrenos, destinando-se a lenha apanhada, apenas, às lareiras.



Gravura 2 - Sistema mecânico de prensagem da azeitona (em actividade até aos anos 60)

3.2. Uma inovação controversa - vacas *turinas*

Acompanhar ao longo do tempo a forma como o terreno cultivado se vai transformando, pode ser uma boa maneira de acompanhar também, um pouco da história dos homens e das mulheres que nele trabalham. É uma vertente da dinâmica local que foi possível perspectivar com o testemunho dos informantes mais idosos e que assenta, em grande medida, no minucioso estudo de João Guerreiro (*op. cit.*),⁶⁰ que permitiu contornar a escassez de dados estatísticos publicados, ao nível da freguesia, e caracterizar o espaço agrícola de forma dinâmica.

Em linhas gerais, pode dizer-se que a vida social do agricultor de *Terras de Miranda* se centrava no gado⁶¹ (gado bovino, sobretudo, mas também ovino). O tipo de culturas estava, assim, directamente relacionado com as necessidades de consumo dos animais, num harmonioso sistema onde confluíam diversos factores - forma de exploração do solo, selecção de plantas, ritmos e instrumentos de trabalho.

Região isolada e auto-suficiente, avara em condições naturais propícias a grandes explorações, tinha de bastar-se a si própria com os parques meios disponíveis. Homens e animais adaptaram-se a este rude meio, vivendo em estreita simbiose.

Por um lado, a alimentação do gado assentava exclusivamente nos recursos energéticos locais, aproveitando na íntegra as forragens disponíveis - centeio em grão, erva dos lameiros, folhas das árvores (negrilho e freixo) - bem como alguns excedentes hortícolas - nabos, grelos, lentilhas - o que constituía, assim, um factor importante na selecção das plantas de cultivo.

Por outro lado, o gado bovino era um precioso auxiliar de trabalho e transporte, puxando o arado e transportando pessoas e colheitas⁶². Além de produzir trabalho,

⁶⁰Neste trabalho, João Guerreiro inclui uma análise aproximada das principais formas de ocupação do solo em Sendim (uma das regiões-teste por ele estudadas), com base na foto interpretação de uma sequência de fotografias aéreas, recobrando 4 períodos: 1947, 1958, 1968 e 1978 (fig. V, Anexo C).

⁶¹É esta região o solar de uma *raça autóctone* - a *raça mirandesa* (Tierno, 1904).

⁶²Até à sua progressiva substituição pelo gado muar, que começa a verificar-se a partir dos anos 50.

fertilizava as parcelas agrícolas, fornecia um alimento apreciado e possibilitava que o agricultor obtivesse algum dinheiro (escasso no quadro de produção familiar em que se vivia) com a comercialização dos vitelos.

O isolamento geográfico aliado à insuficiência da rede viária, terá contribuído para a persistência de um regime de semi-autarcia, extremamente equilibrado do ponto de vista ecológico (Guerreiro, 1986) e, nesta pequena região, apenas eram comercializados os vitelos (produzidos pelas vacas de trabalho), o vinho (em alguns casos privilegiados como Sendim) e, de modo irregular, a batata e o azeite,

À medida que as ligações com o exterior se vão intensificando e que o fenómeno emigratório começa a configurar-se como realidade social de dimensão preocupante, os sistemas de cultivo tradicionais vão sofrendo inevitáveis erosões, tornando-se, por vezes, inviáveis, para fazer face à escassez de mão-de-obra que começa a afectar o sector agrícola.

Com os fluxos e refluxos populacionais ocorridos a partir da década de 60⁶³ a par da intervenção estatal visando o desenvolvimento do sector agrícola, a modernização da agricultura vai-se fazendo lentamente sem grandes turbulências, manifestando-se, sobretudo, num uso quase generalizado de tractores que virão substituir a tracção animal no cultivo dos campos.

Em finais dos anos 70, o fomento da produção de leite constituiu uma das orientações principais estimuladas pelo governo e o incentivo para a instalação de ordenhas mecânicas canalizado através do poder local, aliado a um circuito de recolha garantido e fortemente intervencionado, traduzem algumas estratégias para o seu incremento. De novo, se verificou uma grande receptividade a este tipo de medidas e, um pouco por toda a região, os agricultores vão progressivamente substituindo as vacas de raça *mirandesa* pelas turinas (*frisias*), mais vocacionadas para a produção leiteira.

Apesar de Sendim não constituir uma aldeia especialmente virada para a produção pecuária, contrariamente às outras aldeias de *Terras de Miranda*, tendo

⁶³No próximo capítulo será retomada esta questão em maior profundidade.

sido a aldeia do planalto que mais cedo e de forma mais generalizada substituiu o tradicional gado de trabalho por gado muar, a estratégia da diversidade de culturas a que sempre aderiu, suprimindo umas o mau ano agrícola das outras, levou também alguns agricultores a dedicarem-se à produção leiteira⁶⁴.

Esta inovação no sistema de culturas teve efeitos imediatos na estrutura produtiva do concelho de Miranda do Douro, conduzindo a um evidente recuo do gado de raça mirandesa, que foi considerado como *um caso típico de prejuízo, sem garantias de estabilidade, da economia tradicional, transformando um sistema outrora extremamente equilibrado do ponto de vista ecológico, num sistema fortemente vulnerável e dependente do exterior* (Guerreiro, 1986: 73).

Com a substituição do gado autóctone, muito adaptado aos recursos existentes e à sua variedade ao longo do ano, a agricultura local vai ter que ser reorientada de acordo com as exigências do *novo* gado. Ao mesmo tempo, sobem consideravelmente as despesas do agricultor, uma vez que, apesar do escoamento assegurado do leite produzido, as vacas *turinas* obrigam a gastos elevados, tanto em rações (uma vez que desaproveitam grande parte dos produtos locais), como em despesas de veterinário (pois são muito menos resistentes que as vacas *mirandesas*).

As alterações no sistema de culturas, entre as quais a reconversão do gado bovino surge como uma das mais evidentes, manifestam-se, assim, na própria paisagem rural e, em vez das manchas castanho dourado que outrora se dispersavam pelos campos, ruminando tudo o que a terra dava; sobressaem, actualmente, de madrugada e ao entardecer, as manchas a preto e branco das vacas *turinas*, deixando os estábulos, atulhados de palha e rações, para se dirigirem em fileiras para a *sala de ordenha*.

3.3. Os campos e as casas - dinâmicas divergentes

Vejamos como se articulam as várias mudanças no sistema de culturas com a dinâmica da transformação do espaço rural, através da análise das áreas de

⁶⁴Uma situação que os tornou mais dependentes do mercado nacional, pois só a forte intervenção estatal na rede de recolha tem assegurado um escoamento, até agora certo, do leite.

distribuição das principais culturas, numa sequência de registos, ao longo das últimas décadas (Quadro 1).⁶⁵

⁶⁵Em relação aos anos de 1947, 1958, 1968 e 1978, os dados sistematizados neste quadro derivam do tratamento da informação apresentada no estudo de João Guerreiro (*op.cit*), cuja metodologia adoptada permitiu contornar a ausência de estatísticas agrícolas ao nível da freguesia. É uma metodologia de grande utilidade que assenta na foto interpretação de uma sequência temporal de fotografias aéreas, a partir das quais o autor analisa, em pormenor, a transformação de uma área delimitada que designou por *região-teste*. No caso de Sendim, esta amostra teve a extensão de 751.8 hectares, o que corresponde a cerca de 20% da superfície total da freguesia (Fig.V, Anexo C).

Quadro 1
Evolução das áreas de ocupação do solo em Sendim (%), 1947-1989

tipo: / ano	1947	1958	1968	1978	1989	1947-1989
<i>Monte</i>	17%	17%	17%	15%	5%	- 12%
<i>Lameiro</i>	3%	2%	3%	1%	2%	- 1%
<i>Pasto de sequeiro</i>	6%	4%	4%	5%	1%	- 5%
<i>Campo de cereal</i>	54%	51%	44%	37%	35%	- 19%
<i>Vinha</i>	14%	17%	23%	28%	12%	ΛΛΛ
<i>Olival</i>	0%	0%	1%	2%	3%	+ 1%
<i>Horta</i>	1%	2%	2%	2%	1%	=
<i>Pomar</i>	0%	0%	0%	0%	1%	+ 1%
Total área agrícola	94%	94%	93%	91%	60%	- 34%
Área social	6%	6%	7%	9%	40%	+ 34%
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%	

Fonte: João Guerreiro (1986), para os anos de 1947, 1958, 1968 e 1978 e
 Recenseamento Geral Agrícola/89 (MAP, 1989)

Analisando a variação de cada uma destas culturas, pode dizer-se que as áreas associadas ao sistema de cultivo tradicional - *monte*, *pastos de sequeiro*, *lameiros* e *campos de cereal* - apresentam uma relativa estabilidade até aos anos 60, acentuando-se o seu decréscimo a partir de então. Esta tendência surge com particular destaque na superfície destinada ao cereal, que desce 19% entre 1947 e 1989, bem como na superfície do *monte*, que desce 12% no mesmo intervalo de tempo.

São aspectos da dinâmica do espaço cultivado que sugerem mudanças significativas no sistema de culturas tradicional, relacionadas com duas ordens de

factores. No caso do monte, a introdução de fertilizantes químicos, aliada à generalização do uso de gaz na confecção dos alimentos, parecem indissociáveis da sua retracção. No que diz respeito ao cereal, tratando-se de uma das principais produções da aldeia nos anos 40, a sua quebra progressiva nas décadas subsequentes não deixa de reflectir um certo abandono da actividade agrícola ou, o que seria uma hipótese adicional, a sua substituição por novas culturas, já existentes ou introduzidas recentemente.

Neste último caso, apenas há a registar a reconversão de uma percentagem reduzida (1%) do espaço global da freguesia para a plantação de árvores de fruto - o pomar. Já no âmbito do incremento de novas culturas verificou-se uma subida ligeira e progressiva (1%) do olival ao longo das últimas décadas⁶⁶, e uma variação francamente positiva da vinha até finais da década de 70, a partir da qual entra em queda abrupta, descendo de 28%, em 1978, para 12%, em 1989.

Esta variação da extensão reservada ao cultivo da vinha requer um tratamento mais pormenorizado, em virtude da importância desta cultura no sistema produtivo da aldeia e na sua dinâmica. Com efeito, é possível entrever que o peso da vinha, no contexto global, tinha já expressão nos anos 40 (14%), tendendo a expandir-se progressivamente. Entre a década de 50 e finais da década de 70 conhece o seu maior impulso, registando-se uma variação de 11% durante este período, naturalmente relacionada com a implantação da adega cooperativa que contribuiu decisivamente para a expansão da superfície dedicada a esta cultura, assegurando o escoamento da totalidade das colheitas. A queda abrupta que se verificou entre 1978 e 1989, tendo a extensão da área de vinha decrescido de 28% para 12%, parece indiciar a repercussão, a nível local, de um conjunto de factores interligados.

Por um lado, uma sequência de intempéries naturais, a par de problemas financeiros da adega, que se foram avolumando ao longo da última década, deixaram os agricultores numa posição francamente desfavorável e pouco motivados para continuar a produzir vinho. Por outro lado, com a integração de Portugal na *C.E.E.*,

⁶⁶Acusando os efeitos dos incentivos estatais em relação a esta cultura, particularmente sob a forma de concessão de subsídios destinados à replantação de oliveiras.

algumas medidas governamentais tomadas, ao abrigo da *Política Agrícola Comum* - particularmente a concessão de subsídios para a reconversão de culturas⁶⁷ - levaram muitos sendineses a considerar o arranque da vinha como opção a seguir, face ao actual panorama da produção local.

Quanto à superfície dedicada à horta pode observar-se que se mantém com grande estabilidade ao longo de todas as décadas, o que indicia uma relativa estabilidade do número de famílias que residem de forma permanente na aldeia, uma vez que produção destes pequenos terrenos de policultura se destina, tal como no passado, ao consumo familiar.

A grande transformação que ressalta da análise deste quadro situa-se, no entanto, ao nível da variação da superfície agrícola total entre os anos 40 e os anos 80, quando contraposta à superfície ocupada pelo espaço social,⁶⁸ no mesmo intervalo de tempo.

A proporção de cada uma destas áreas permanece muito estável até à década de 70, caracterizando-se pela reduzida representação do espaço social (cerca de 7%) quando comparada com a superfície ocupada pelos terrenos de cultivo (ultrapassando sempre 90%). Os anos 80 revelam uma mudança radical na proporcionalidade entre estes dois espaços - espaço agrícola (60%) e espaço social, ou urbanizado (40%)⁶⁹ - sugerindo profundas alterações na organização espacial da freguesia.

Como poderão ser articuladas as mudanças, espacialmente observáveis, com os traços mais relevantes do perfil demográfico da freguesia?

⁶⁷No caso da vinha, refira-se a concessão de fundos comunitários para o seu *arranque*, em determinadas regiões consideradas *inviáveis*, em termos estritamente económicos.

⁶⁸A *área social* inclui o núcleo habitacional, propriamente dito, as áreas utilizadas pela rede viária e as *eiras*.

⁶⁹É um aspecto da dinâmica do espaço habitacional, também corroborado pelo elevado número de pedidos de licenciamento de obras, para novas construções, que deram entrada na Câmara Municipal de Miranda do Douro, a partir de meados dos anos 70 (Quadro IV, ANEXO B).

4. FOGOS E HABITANTES (1864-1991)

Com base nos *Recenseamentos Gerais de População*, procurou-se perspectivar as tendências globais da evolução populacional e do número de fogos do concelho de Miranda do Douro, no qual se insere a freguesia de Sendim.

Em primeiro lugar, procedeu-se à análise da variação populacional das freguesias do concelho, desde finais do século passado até à actualidade. Numa segunda fase, o nosso foco incidiu sobre a variação do número de fogos, tendo como objectivo a análise comparativa dos dados do *Recenseamento Geral de População* de 1940 - coincidindo, *grosso modo*, com a década mais próxima da altura em que foi compilado o *Status Animarum* de 1940-44 - com os do último *Recenseamento Geral de População* (INE, 1991).

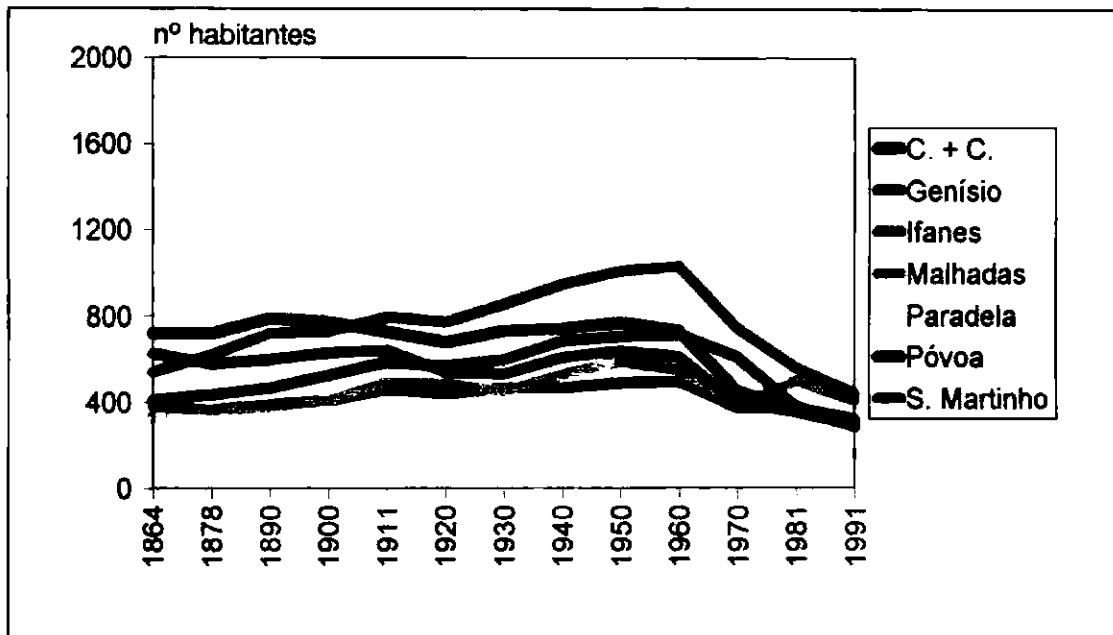
Foi considerada, igualmente, a evolução conjugada destes dois factores - total populacional e número de fogos - desde 1864 a 1991, com base na mesma fonte, tendo-se procedido à sua apresentação por freguesia. Esta abordagem teve o duplo objectivo de sistematizar os dados de base que permitiram dimensionar a freguesia em foco, num eixo temporal e, por outro lado, contextualizá-la em relação às outras freguesias do concelho de Miranda do Douro.

Para a análise da evolução populacional foram considerados dois blocos de freguesias - *Terras de Cima* e *Terras de Baixo*⁷⁰ - seguindo a subdivisão regional corrente consagrada na terminologia local (Vasconcelos, 1942). A designação *Terras de Cima*, abarca o conjunto das freguesias situadas a norte do concelho, nomeadamente: S. Martinho de Angueira, Ifanes, Cicouro, Malhadas, Constantim, Póvoa, Paradela, Genísio e Miranda do Douro⁷¹; enquanto a designação *Terras de Baixo* abarca as freguesias situadas a sul do mesmo, isto é: Duas Igrejas, S. Pedro da Silva, Atenor, Palaçoulo, Sendim, Picote e Vila Chã da Braciosa (Figura 4 e Figura 5).

⁷⁰Ver Fig. IV, Anexo C.

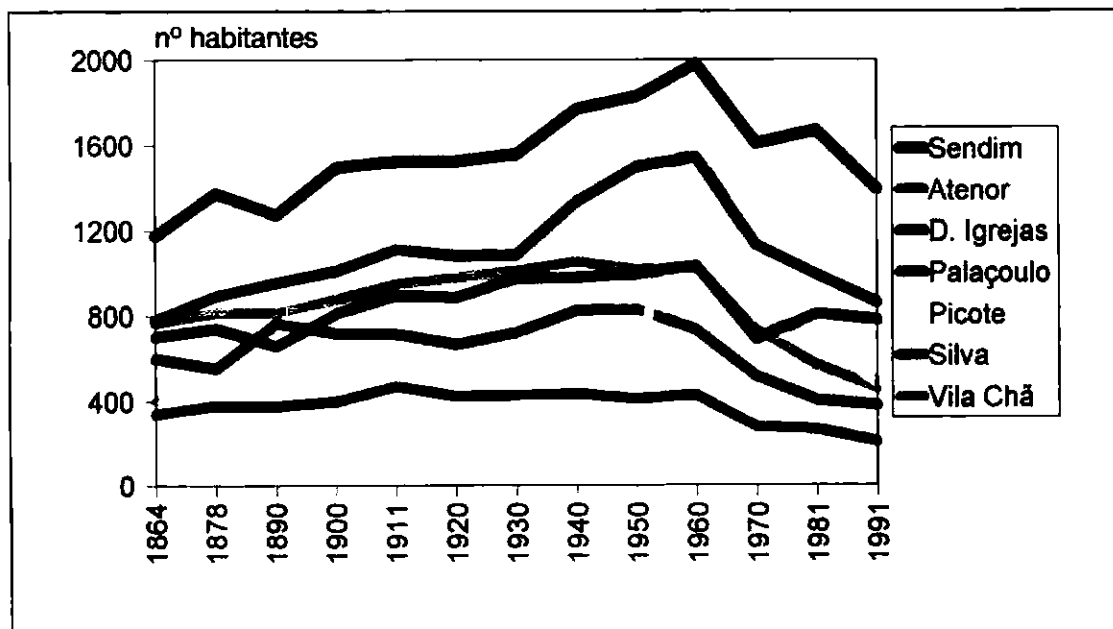
⁷¹A cidade de Miranda do Douro, em virtude do seu estatuto administrativo particular, será tratada independentemente.

Figura 4

Evolução Populacional das freguesias de *Terras de Cima* (1864-1991)

Fonte: INE, *Recenseamentos Gerais da População, 1864-1991.*

Figura 5

Evolução Populacional das freguesias de *Terras de Baixo* (1864-1991)

Fonte: INE, *Recenseamentos Gerais da População, 1864-1991.*

A análise deste gráfico permite evidenciar uma notória assimetria Norte/Sul, tanto no que diz respeito à dimensão das freguesias de cada uma das sub-regiões, como no que se refere ao seu perfil evolutivo.

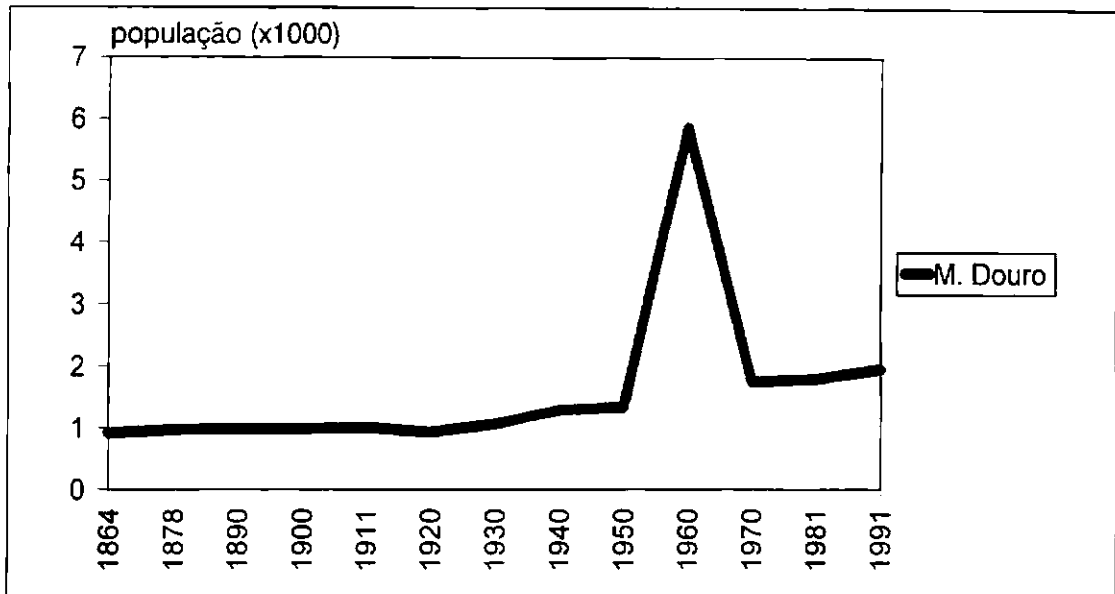
Com efeito, na sub-região de *Terras de Cima*, o número total de habitantes das diversas freguesias é, em termos globais, bastante menor do que na sub-região de *Terras de Baixo*, rondando os 400 habitantes e, em nenhum caso, excede 600 indivíduos, à data do último *Recenseamento Geral da População* (INE, 1991).

Na sub-região de *Terras de Baixo* concentram-se os lugares de maior peso demográfico e a maioria das freguesias tem um número total de habitantes que ultrapassa os 500 indivíduos, à data do último *Recenseamento Geral da População* (INE, 1991). Deste cômputo destaca-se, em particular, Sendim, cujo total populacional é consideravelmente superior ao das restantes freguesias, cifrando-se em 1983 indivíduos, na mesma data.

No que diz respeito à variação populacional, a globalidade das freguesias apresenta um crescimento bastante lento a partir do início do século, com pequenas oscilações acusando algumas quebras, atribuíveis a períodos de emigração ou de elevada mortalidade, nem sempre possíveis de documentar.

No entanto, em termos comparativos, as *Terras de Baixo* apresentam oscilações um pouco mais pronunciadas em quase todas as freguesias, acusando os efeitos dos sucessivos fluxos e refluxos de população que nelas se produziram. Em algumas freguesias desta sub-região, como Picote (Figura 5) e, de igual modo, na cidade de Miranda do Douro (Figura 6), é de evidenciar o acentuado aumento populacional ocorrido entre a década de 50 e a década de 60, em consequência do afluxo de uma população flutuante que trabalhava nas obras de construção das barragens do rio Douro, aquando da aplicação do plano nacional de aproveitamento hidroelétrico, levada a cabo neste período (Lema, 1972).

Figura 6
Evolução populacional da cidade de Miranda do Douro (1864-1991)



Fonte: INE, *Recenseamentos Gerais da População, 1864-1991*.

Apesar dos efeitos das obras de construção das barragens se repercutirem, de forma particularmente evidente, nos efectivos populacionais das povoações onde elas tiveram lugar, a influência do empreendimento ultrapassou, em grande medida, a circunscrição destas povoações, afectando, igualmente, algumas aldeias situadas num perímetro próximo, como pode observar-se pelo crescimento populacional verificado durante esta década em algumas freguesias de *Terras de Baixo* (Figura 5).

Este pico populacional é seguido de uma queda abrupta na década seguinte, revelando não só o refluxo da população flutuante com o terminar das referidas obras, como também o subsequente êxodo maciço ocorrido durante a década de 60 que irá afectar, de forma generalizada, todo o concelho.

Com efeito, através destes dois gráficos, pode observar-se que após o máximo populacional, atingido por todas as freguesias no início dos anos 60, se verifica um progressivo declínio, coincidindo com o momento em que, à semelhança do que sucedeu noutras regiões da província e do país, se acentua o forte surto migratório para os países da Europa industrializada. O êxodo é uma constante na região, sendo possível detectar-se uma ligeira recuperação em algumas freguesias, entre a década

de 70 e a década de 80, atribuível ao movimento de retorno de uma parte dos emigrantes, incluindo-se, nesse número, os regressados das ex-colónias portuguesas.

Quanto à cidade de Miranda do Douro (Figura 6) ressalta a sua reduzida dimensão para um tecido urbano, constituindo um bom exemplo da relativização do critério populacional na definição de cidade, sobrepondo-se, neste caso, razões de índole histórica aos factores demográficos frequentemente evocados (Ribeiro, 1969).

No quadro seguinte, apresenta-se a variação do número de fogos entre 1940 e 1991, de acordo com os dados dos respectivos *Recenseamentos Populacionais* (INE, 1940, 1991), procurando evidenciar, em relação a todas as freguesias do concelho, as suas principais tendências evolutivas.

Quadro 2
Variação do nº de fogos entre 1940 e 1991, por freguesia

Freguesia	1940	1991	Var. (%)
Atenor	135	110	-19%
Cicouro⁷³	102	83	-19%
Constantim	136	146	+7%
Duas Igrejas	332	464	+28%
Genísio	170	208	+18%
Iñanes	170	227	+22%
Malhadas	120	188	+36%
M. Douro	340	1007	+66%
Palaçoulo	249	336	+26%
Paradela	111	109	-2%
Picote	196	195	-0.5%
Póvoa	121	137	+12%
S. Mart. A.	210	359	+41%
Sendim	460	825	+44%
Silva	224	223	-0.4%
V. Chã Brac.	284	213	-25%

Fonte: INE, Recenseamentos Gerais da População 1940, 1991

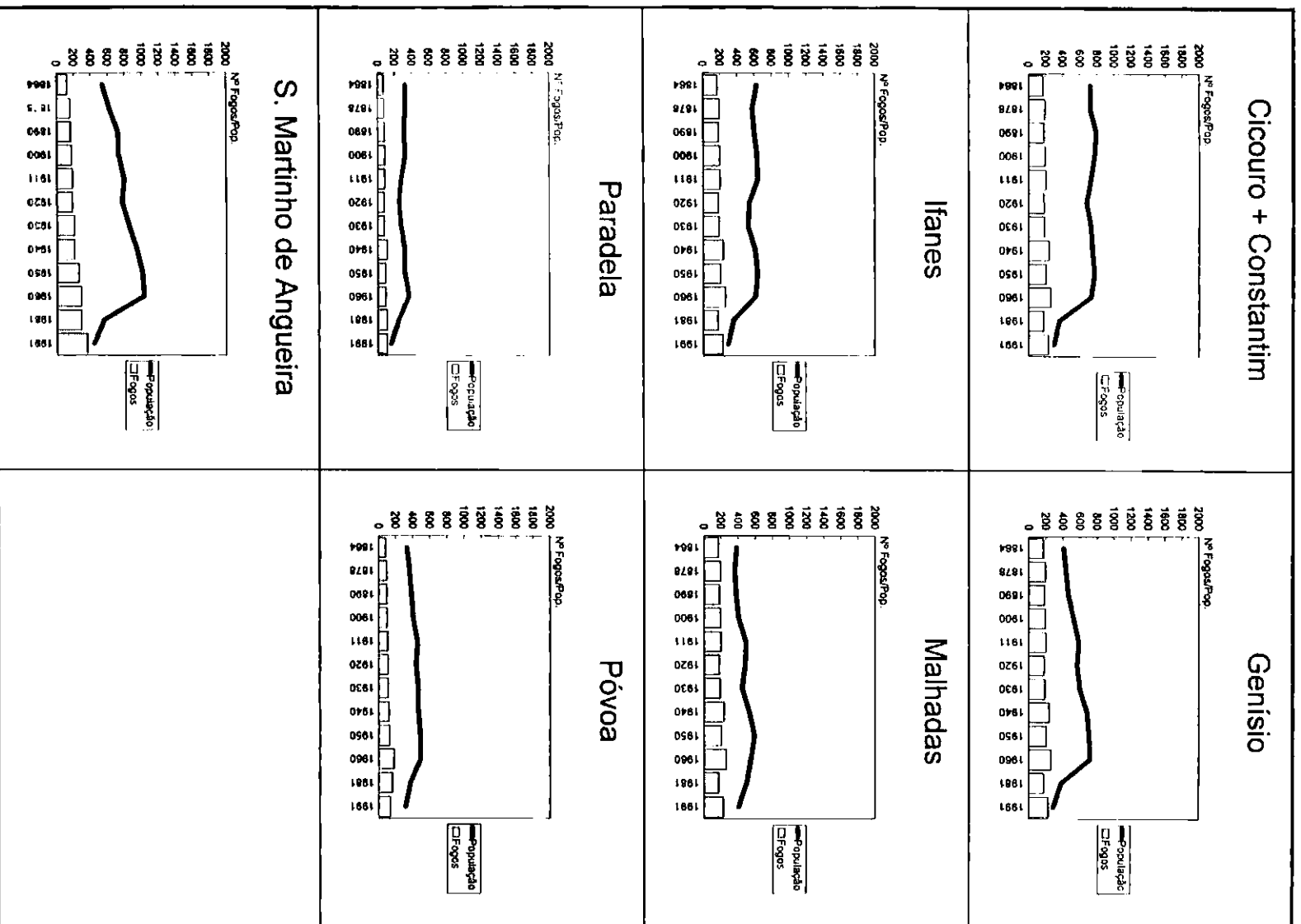
⁷³Nos anos de 1864 a 1930, Cicouro tinha anexada a freguesia de Constantim. Desde 1936 passaram a ser freguesias autónomas (INE, *Recenseamentos Gerais da População*).

Os dados apresentados apontam discrepâncias acentuadas na variação do número de fogos das várias freguesias do concelho, durante o período que decorreu entre os dois recenseamentos. Em cerca de 50% dos casos, verifica-se uma tendência decrescente deste indicador; enquanto nos restantes, se evidencia um aumento de dimensão muito variável, oscilando entre os 7% e os 66%, o que nos leva a perspectivar a sua dinâmica caso a caso.

Sendim constitui uma das freguesias de maior variação positiva, registando, em 1991, um aumento de 44% em relação à década de 40, apenas excedido pela cidade de Miranda do Douro.

Na Figura 7, compara-se a evolução da população com o crescimento do número total de fogos, ao longo das várias décadas consideradas, para todas as freguesias do concelho:

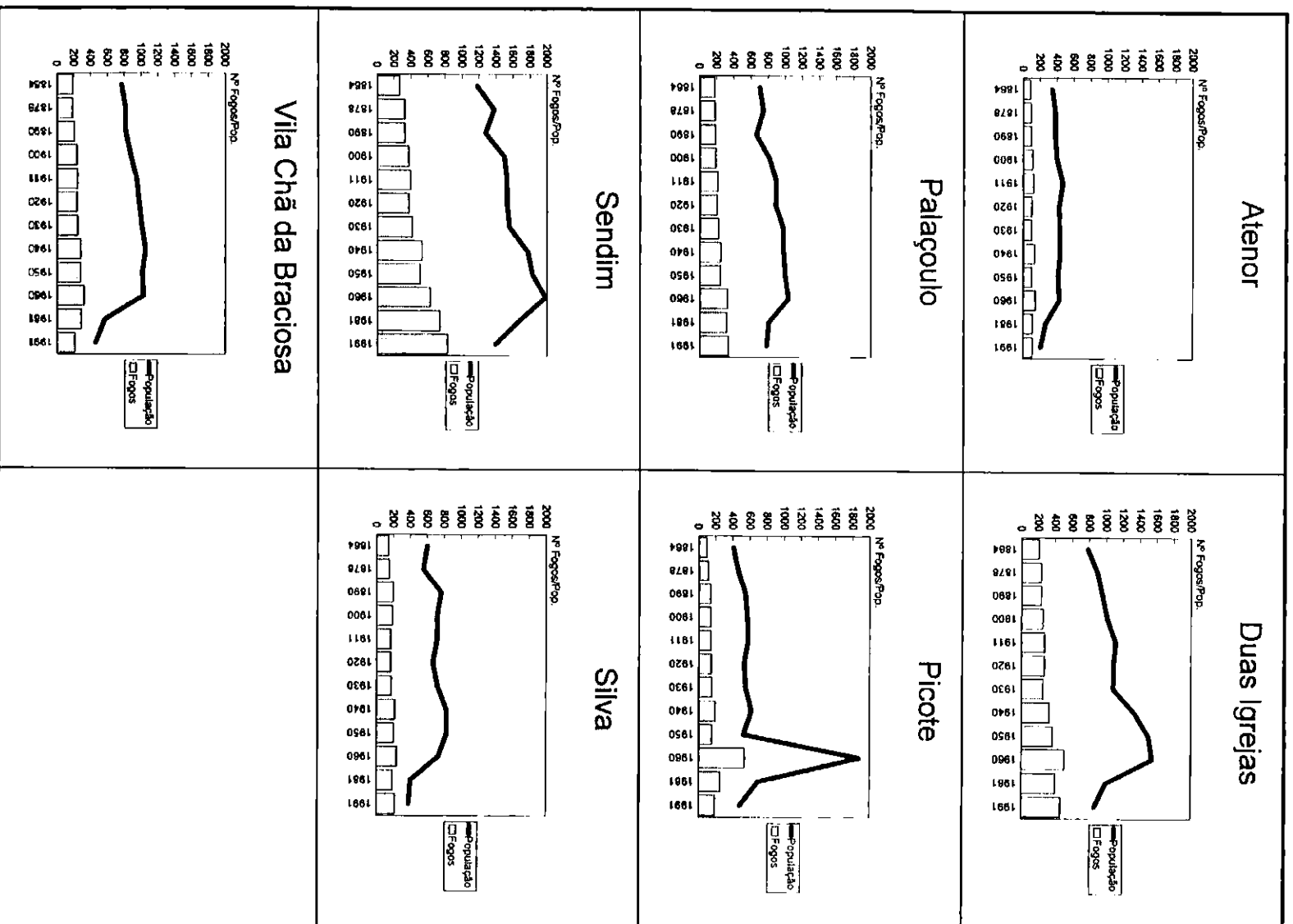
Figura 7
População e n° de fogos, por freguesia (1864-1991), Terras de Cima



Fonte: INE, Recenseamentos Gerais da População, 1864-1991.

Figura 8

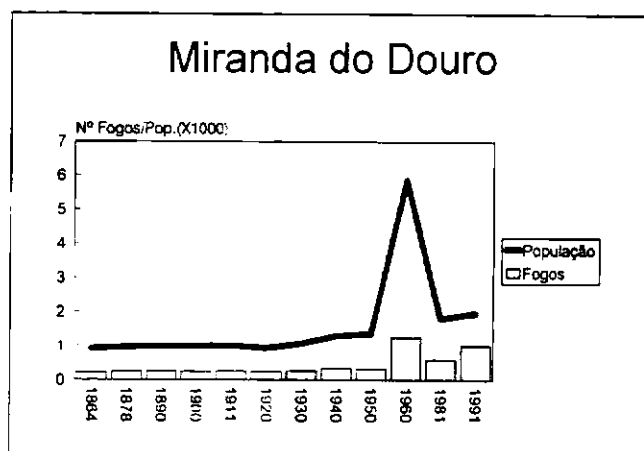
População e n.º de fogos, por freguesia (1864-1991), Terras de Baixo



Fonte: INE, Recenseamentos Gerais da População, 1864-1991.

Figura 9

População e nº de fogos de Miranda do Douro (1864-1991)



Fonte: INE, *Recenseamentos Gerais da População, 1864-1991*.

Como pode observar-se através da leitura da Figura 8, o crescimento do número de fogos não acompanha a evolução do número total de habitantes, apresentando esta uma tendência acentuadamente decrescente na generalidade das freguesias do concelho, ao longo das últimas décadas (à excepção da cidade de Miranda do Douro que, nas últimas 4 décadas, acusa um ligeiro acréscimo populacional).

Não reflectindo um crescimento efectivo das populações em causa, que revelam uma tendência decrescente acentuada, a variação do número de fogos parece, assim, indiciar um dinamismo paradoxal do concelho. Este fenómeno surge com particular expressividade na freguesia de Sendim e constituiu uma pista fundamental a desbravar...

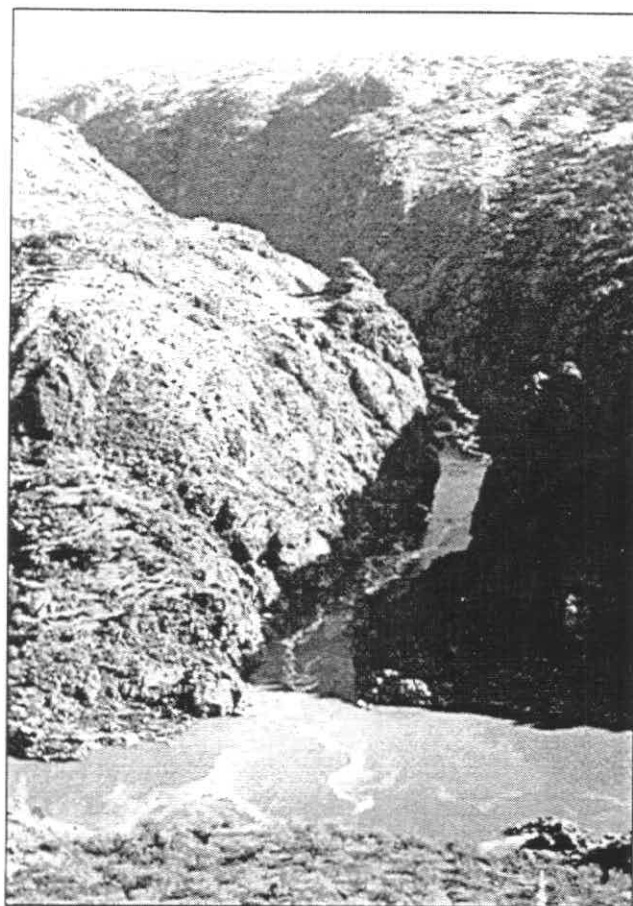


Foto 3 - Onde as margens do rio se aproximam

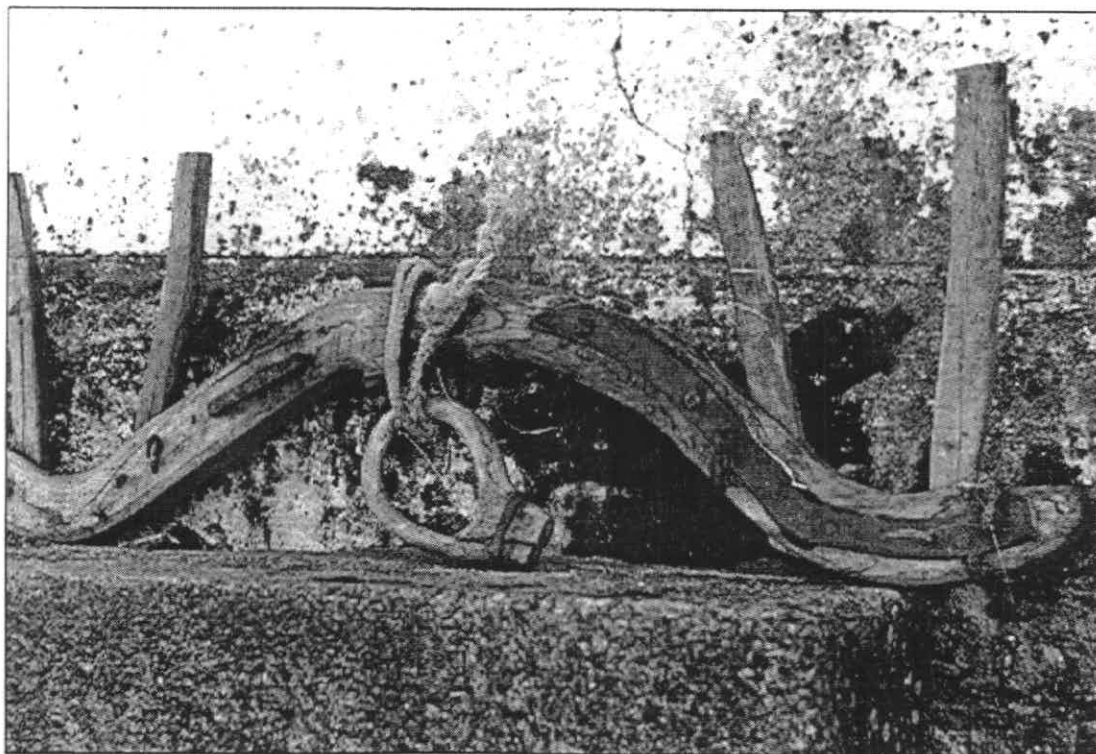


Foto 4 - «Trasga» do arado para deslizar sobre as cordas que atravessavam o rio



Foto 5 - Aspecto da fragmentação da propriedade



Foto 6 - Os vinhedos rasteiros



Foto 7 - Exploração mista de oliveira e vinha



Foto 8 - Novos elementos na paisagem agrária

II. De aldeia a vila (1944/1994)

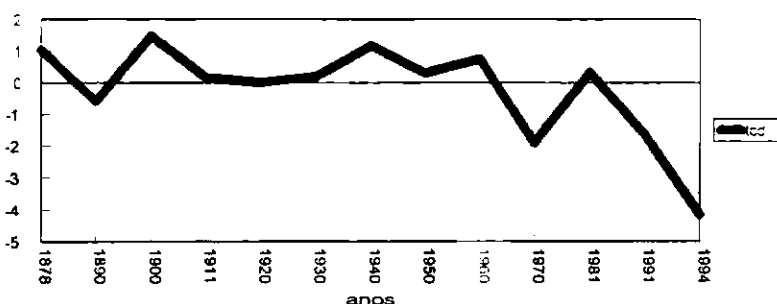
Os dados anteriormente apresentados, permitiram enquadrar a freguesia de Sendim no concelho de Miranda do Douro a que pertence, relacionando os dois indicadores - população total e número de fogos - que melhor ilustram a sua dinâmica, especialmente nos últimos 50 anos.

Esta caracterização global, empreendida com base nas estatísticas oficiais publicadas, permitiu destacar os aspectos relevantes do perfil demográfico das várias freguesias do concelho e articulá-los com os acontecimentos recentes, delineando possíveis pistas a aprofundar à escala local.

1. PESSOAS E CASAS

Em relação a Sendim, tal como foi referido anteriormente, sobressai o incremento significativo do número de fogos, com particular expressão a partir da década de 60, que é acompanhado pelo acentuado decréscimo do número total de habitantes. Com efeito, tomando como marcos temporais de referência a aldeia dos anos 40 e a vila de hoje, pode dizer-se que o número de fogos, então existente, aumentou de forma significativa, cifrando-se, actualmente, no dobro; enquanto o crescimento demográfico (Figura 10) seguiu um rumo oposto, verificando-se um decréscimo progressivo ao longo do mesmo período.

Figura 10
Taxa de crescimento demográfico, Sendim (1878 - 1994)



Fonte: *Recenseamentos Populacionais*, INE (1978-1991) e Censo94

Face a esta situação, tornava-se indispensável proceder ao levantamento do tipo de ocupação dos fogos da vila, no sentido de esclarecer a discrepância entre a evolução destes dois factores, que se recortava como um dos aspectos mais salientes da sua dinâmica recente. A este respeito, contudo, as estatísticas oficiais revelaram-se extremamente insuficientes, apenas fornecendo uma pálida ideia do movimento migratório e das distintas situações de presença na vila.

Considerando, a título de exemplo, os dados do último *Recenseamento Geral da População* (INE, 1991), a pequena diferença entre os totais de *População Residente* (1393 habitantes) e *População Presente* (1380 habitantes), levantou algumas dúvidas, sendo difícil interpretá-los de acordo com a imagem da vila que se havia constituído, com base no seu conhecimento empírico. Por outras palavras, se é legítimo deduzir o número de ausentes da freguesia em causa (emigrantes ou migrantes internos) a partir desta diferença, o resultado obtido, de 13 indivíduos, revela-se manifestamente subestimado face à dimensão local do fenómeno migratório, tal como se pode apreendê-lo através das sucessivas abordagens exploratórias previamente efectuadas.

Igual reserva mereceram os referidos valores, quando discriminados por sexo, constando como *População Residente* e *População Presente* à data do *Recenseamento Geral da População* de 1991, respectivamente, 679 homens e 714

mulheres, contra 646 homens e 734 mulheres, sendo impossível dar qualquer explicação para estes números, que traduza, de forma coerente, o seu real significado.

A razão do obscurecimento deste e de outros aspectos que transparecem de uma análise detalhada das estatísticas oficiais, parece residir mais na forma pouco isenta com que, habitualmente, se procede à colecta dos dados para a sua elaboração do que, propriamente, numa eventual incapacidade interpretativa. Com efeito, tal como foi corroborado por algumas entidades locais, os dados são recolhidos, frequentemente, por pessoas destacadas nas próprias freguesias, dando-se o caso de, por vezes, em defesa do estatuto da sua terra, não hesitarem em contabilizar como residentes, indivíduos que, de facto, não o são.

O confronto com esta imprecisão dos dados, dificilmente contornável, tornou, desde logo, imperiosa, a tarefa de efectuar, por mão própria, um levantamento dos grupos domésticos que permitisse obter um conhecimento fidedigno da população em estudo, em conformidade, aliás, com o procedimento utilizado na generalidade das pesquisas antropológicas.

Efectivamente, os antropólogos começam por efectuar o censo das populações que estudam, com o duplo objectivo de quantificar as diversas unidades constitutivas do tecido social e de se apresentarem, eles próprios, aos sujeitos da sua pesquisa. Esta abordagem inicial, próxima e personalizada, permite elaborar uma primeira triagem da comunidade, encetando, igualmente, todo um processo interactivo entre futuros contactos pontuais e de âmbito mais restrito, que vão sendo intensificados à medida que se vai desenrolando a pesquisa.

Apesar da morosa tarefa a realizar, tendo em conta a dimensão da vila, este levantamento revelou-se de grande utilidade, permitindo fazer uma caracterização muito precisa dos sendineses na actualidade. Porta a porta, durante dias a fio, assim se foi cartografando a realidade social que cada casa albergava, enquanto se ensaiavam, ainda, algumas estratégias de investigação que permitiriam construir,

passo a passo, um adequado distanciamento em relação a um terreno de pesquisa tão vasto e, ao mesmo tempo, tão dificilmente *familiar*⁷³.

O levantamento extensivo dos grupos domésticos da vila⁷⁴ foi precedido de uma cuidadosa preparação, com vista à organização dos aspectos práticos relacionados com a colecta dos dados e ao posterior tratamento da informação. Para o efeito, foram elaborados dois formulários - um referindo-se à *casa*, propriamente dita⁷⁵; o outro, incidindo no registo dos dados de índole biográfica dos respectivos ocupantes.

O primeiro formulário continha diversos itens considerados importantes para uma caracterização genérica da habitação, bem como alguns indicadores em relação ao património fundiário do grupo doméstico (doc.1, Anexo A). O segundo formulário, visava o registo individual das pessoas que integravam cada uma das casas, abarcando diversos itens de índole biográfica que permitiram uma caracterização genérica da população (doc.2, Anexo A).

Estes dois formulários foram preenchidos, casa a casa, ao longo de diversas estadias no terreno, tendo sido escolhidos os momentos mais livres do dia, geralmente a seguir ao almoço ou ao fim da tarde, para não perturbar o normal desenrolar das tarefas de rotina. O acolhimento foi, de uma maneira geral, bastante receptivo, não deixando de contribuir para o efeito, a familiaridade existente com uma grande parte das pessoas da vila, bem como o anúncio público efectuado pelo pároco da freguesia na missa dominical que antecedeu o início dos trabalhos.

⁷³Nesta fase crucial de recolha de informação, refira-se, por exemplo, a importância de um simples objecto que sempre me acompanhava: um saco de lona preto, atravessado de diversos fechos de correr, de onde poderiam sair, conforme as circunstâncias, diversas *ferramentas* de um antropólogo em acção - cadernos de notas, formulários, gravador portátil, máquina fotográfica,... - constituiu um precioso auxiliar na definição desta minha presença ambígua, passando a marcar uma inequívoca postura de trabalho, aos olhos da comunidade.

⁷⁴Algumas pessoas não se encontravam na sua residência, no decorrer dos sucessivos períodos em que foi tentada a sua abordagem; por outro lado, algumas casas isoladas e já quase fora do termo da vila, não foram recenseadas, em virtude da grande morosidade que tal exaustão acarretaria, sendo o seu número pouco significativo em relação à totalidade das casas recenseadas.

⁷⁵Esta designação tem, aqui, o duplo sentido de espaço físico de habitação e unidade de exploração familiar.

Com o auxílio dos informantes mais velhos, foi ainda possível ter uma ideia aproximada do crescimento da aldeia, contrastando o presente etnográfico com a época da compilação do *Status Animarum* (1940-44).

Antigamente, havia menos casas do que agora. Da casa do cura, para lá, não havia casas. Da casa do tio Amaro para lá, também já não havia casas... Agora está tudo cheio de casas. Naquele tempo só havia duas tabernas, nada dos cafés que há agora...e poucos comércios - aí uns três ou quatro. Lembro-me que era eu garoto e já estava a escola feita nas eiras. Dantes Sendim não era nada. Havia para aí menos de metade das casas. Se não fosse a França e a Alemanha e isso tudo, não havia nada disto. Há pessoas que não tinham nada e que agora têm casas que até uma pessoa se admira, com jardins e tudo...

(entrev. 46)



Figura 11

Planta parcial de Sendim (anos 40 / anos 90)

Na periferia do núcleo habitacional, situava-se a *eira* ou *prado* - designações locais para um extenso prado comunal onde se procedia à trilha do cereal, na altura das colheitas, e que servia, igualmente, como terreno de pastagem, nos restantes meses do ano. Quando o *Status Animarum* foi compilado, aí apenas estava implantada a Escola Primária e uma fábrica artesanal de moagem.

Por analogia com o termo *eira*, usado localmente para designar esse terreno de usufruto colectivo, um outro recinto, situado a nascente, também de uso colectivo, tomava o nome de *eira do sumagre*, onde se procedia à secagem e trilha dos ramos de *sumagre* ou *sumacre* - uma planta arbustiva da qual se extraía um pó que era utilizado na coloração de peles e tecidos, em especial o *burel* fabricado artesanalmente na região.⁷⁶

Uma viagem no tempo, mostraria ainda a precariedade das infraestruturas básicas de então, sendo notória a ausência de uma rede de distribuição domiciliária de electricidade, água canalizada ou saneamento básico. Quando o sol se punha, era à *luz da candeia*, alimentada de azeite, que a vida prosseguia⁷⁷; a água ia-se buscar, em cântaros, às fontes espalhadas pela aldeia⁷⁸; os *despejos* eram feitos para as *lojas* dos animais, ou directamente para a rua, sendo depois misturados em palha e transportados para o campo, para servirem de adubo. As ruas conheciam como único revestimento esta mistura fertilizante, exalando o cheiro característico das aldeias onde se vive para tudo aproveitar:

Aqui não havia luz, nem água em casa, estas ruas estavam cheias de estrume, de Inverno com poças de água, de Verão com moscas...

⁷⁶Esta pequena indústria artesanal esteve em actividade apenas até à década de 50. As diversas fases de fabrico foram apresentadas por um dos informantes: *As sumaqueiras eram apanhadas e colocadas na eira do sumagre para secarem. Depois de secas eram partidas com um machado e trilhadas para serem finalmente moídas na tafona, que era uma espécie de moinho puxado por mulas e burros. O pó que resultava desta operação era ensacado e vendido aos peleiros, sobretudo vindos de Argozelo, que o usavam para tingir as peles e alguns tecidos mais grossos.* Nessa época a procura destes arbustos era tal que muitos se dedicavam mesmo à sua plantação. Mais tarde começou o arranque para a plantação da vinha e hoje em dia não tem qualquer utilização, procedendo-se, inclusivamente, à sua destruição através de pesticidas.

⁷⁷A electrificação só efectuada em meados da década de 50, com a construção da barragem de Picote.

⁷⁸Uma situação que se mantém até 1971, ano em que começa a fazer-se a distribuição de água canalizada ao domicílio.

(entrev. 35)

A aldeia do pós-guerra, encontrava-se ainda bastante isolada em relação ao litoral do país e aos principais centros urbanos. A rede de estradas por onde se podia circular era, neste recanto do território português, de uma notória precariedade. As pequenas povoações de *Terras de Miranda* habituaram-se, assim, a sobreviver, arredadas dos grandes centros de circulação e decisão, produzindo e trocando o indispensável à vida - pão, vinho, batatas, azeite, carne e pouco mais - num estreito circuito inter-aldeias. O dinheiro escasseava e muitas aquisições eram feitas em géneros - as várias medidas de trigo, por exemplo, constituíam outras tantas unidades monetárias, sendo bastante frequentes as trocas comerciais desta natureza:

D'atrás, dinheiros onde os havia? Muitas coisas compravam-se com trigo ou outros produtos. Eu ainda me lembro de pagar ao ferreiro em trigo e por uma caixa de fósforos dava um ovo...

(entrev. 30)

Até aos anos 30 não existia uma única via alcatroada de acesso a Miranda do Douro. A este pequeno burgo trasmontano, chegava-se a cavalo ou de burro, ao fim de alguns dias de uma longa e atribulada viagem (Taborda, 1932). A linha férrea só foi concluída nos anos 30, com o prolongamento da linha do Tua, que termina a oito quilómetros da sede do Concelho.

No período em que o comboio chegava a Carviçais, entre Carviçais e Mogadouro não havia estrada. Muita gente ia daqui para comprar uma caixa de sardinhas e demoravam um dia para ir e outro para voltar.

(entrev. 35)

Uma viagem de Sendim a Lisboa, podia levar cerca de quarenta e oito horas, na melhor das hipóteses, e era necessário fazer vários transbordos. Em relação ao Porto, apesar da distância kilométrica ser menor, a deficiente rede de transportes implicava igual dispêndio de tempo.

Além de um táxi que existia na aldeia, pouco mais viaturas havia, deslocando-se a maioria das pessoas geralmente a pé, a cavalo, de burro ou, ainda, nos pachorrentos carros de bois. O isolamento geográfico era, deste modo, reforçado por uma insuficiente rede de vias de comunicação, tanto a nível do interior da província,

como entre a província e os principais centros urbanos do país. Aquando da visita de um ilustre ao distrito de Bragança, em 1945, era nestes termos que se referia ao problema de circulação viária da província:

«É notória a falta de estradas e caminhos de ferro, pois para ir de Lisboa a Bragança, há apenas um comboio que demora uma noite e um dia para lá chegar».

(MB, 1945, nº128)

Apesar do êxodo massivo da década de 60⁷⁹, a aldeia de 44 manteve ao longo dos últimos 50 anos o lugar preponderante que desde sempre havia tido no concelho. Os grupos domésticos saídos da economia tradicional, foram-se adaptando aos novos tempos e conseguiram arranjar estratégias de desenvolvimento local para fazer face aos períodos mais conturbados que tiveram que enfrentar. A pouco e pouco criaram-se infraestruturas aos mais diversos níveis: saneamento básico, lazer, instituições de ensino.

As ruas alongaram-se, novas casas foram construídas, outras remodeladas. Observando as tendências de expansão do tecido urbano parece inquestionável que a vila se dinamizou, modernizando-se em diversos aspectos. Hoje em dia, o saneamento básico encontra-se instalado em quase todas as casas, a electricidade e a água distribuídas ao domicílio existem já há algumas décadas.

Junto à Escola Primária, Sendim tem, actualmente, uma Escola C+S, construída no início da década de 70, que se foi expandindo e remodelando, acompanhando as exigências da vila e do município, onde apenas a cidade de Miranda do Douro dispõe de uma instituição de ensino que lecciona até ao 12ºano. Na década de 80, foi também inaugurado um Centro de Dia, que dá apoio aos mais idosos.

Da antiga *eira* perdurou a designação toponímica, e no vasto prado comunal foram implantadas estas e outras novas instituições, como a actual sede da Junta de Freguesia, o edifício dos bombeiros, o infantário, a Adega Cooperativa, traduzindo

⁷⁹Um aspecto que será abordado no cap. II.

nesta progressiva reconversão espacial as modernas necessidades de interesse colectivo.

Entretanto, os cafés multiplicaram-se, ultrapassando uma dezena e, em finais dos anos 80, dois novos espaços de lazer foram inaugurados: a discoteca e a piscina municipal. O comércio expandiu-se largamente, encontrando-se diversos estabelecimentos, dos mais diversos ramos, disseminados um pouco por todo o lado, com a maior concentração junto à praça que constitui o coração da vila.

Com os anos 90, a aldeia de meados do século, longínqua (em relação aos grandes centros urbanos) e auto-suficiente, virada essencialmente para o consumo local, que produzia e trocava o necessário à vida num pequeno círculo regional animado pelas feiras mensais, quase deixou de existir. Mantendo, apesar de tudo o seu anterior fâcies rural, diversificou os serviços, modernizou as casas, interior e exteriormente, desenvolveu vários ramos do comércio e *aproximou-se* dos grandes centros urbanos do país, em relação aos quais as distâncias cada vez se foram tornando mais pequenas. O ritmo mudou.

Hoje em dia é possível viajar de Sendim a Lisboa em cerca de seis horas e, para chegar ao Porto, bastam apenas três horas. Esta aproximação da região em relação aos principais centros urbanos do país, intensificou os contactos da vila com o exterior, possibilitando visitas mais frequentes do que anteriormente, e facilitou a concretização do projecto de saída da maioria dos jovens, para quem o êxodo tem constituído a opção generalizada face à impossibilidade de encontrarem um emprego compatível com as suas aspirações e de prosseguirem os estudos localmente, além do 12º ano de escolaridade.

A linha férrea foi-se degradando com o tempo e encontra-se, actualmente, votada a um completo abandono. Como meio de transporte alternativo, a região é agora atravessada por uma série de carreiras da *Rodoviária Nacional* que efectuem ligações diárias entre a maioria das aldeias e as principais cidades do país, levando e trazendo pessoas, ao ritmo das obrigações profissionais, da necessidade de recorrer a algum médico de especialidade, da resolução de algum problema burocrático ou, simplesmente, das saudades.

Vejamos o que se passa, então, dentro das casas.

2. A PRESENÇA NA VILA -

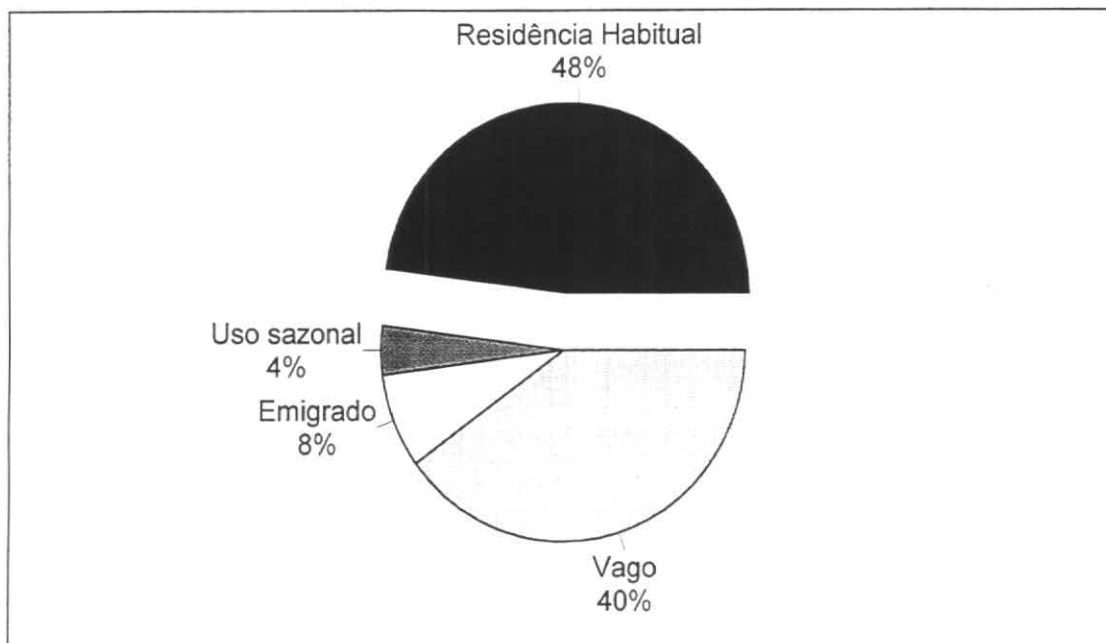
RESIDENTES *PERMANENTES* E *EPISÓDICOS*.

Para o tratamento da informação relacionada com a situação de presença das pessoas na vila, foram considerados duas unidades de análise, distintas e complementares: 1) a casa - procedendo-se ao cômputo das ocorrências em cada uma das categorias pré-estabelecidas (residência habitual, ocupante emigrado, uso sazonal, desocupada); 2) o indivíduo, procedendo-se a igual cômputo, com base nas seguintes categorias:

- *permanente* (indivíduos que nasceram em Sendim e nunca se ausentaram da aldeia, por períodos superiores a 5 anos)
- *sazonal* (migrantes internos, nascidos, igualmente em Sendim, afluindo à aldeia periodicamente. Nesta categoria, foram incluídos os estudantes que frequentam estabelecimentos de ensino fora da vila, onde passam todo o ano lectivo, estando em Sendim apenas em alguns fins-de-semana e períodos de férias)
- *venediço* (indivíduos originários de outras localidades que residem na vila há já algum tempo)
- *regressado* (ex-emigrantes que se restabeleceram na vila, após um período de emigração de duração variável)
- *emigrante* (indivíduos naturais de Sendim, onde têm casa própria, e que trabalham e residem no estrangeiro durante a maior parte do ano)

Considerando o tipo de ocupação das casas recenseadas (Figura 12), sobressai a elevada proporção de habitações desocupadas, encontrando-se, nestas circunstâncias, cerca de 40% que são utilizadas, na maioria dos casos, como armazéns de produtos hortícolas, alfaias agrícolas ou velharias.

Figura 12
Tipo de Ocupação das casas recenseadas

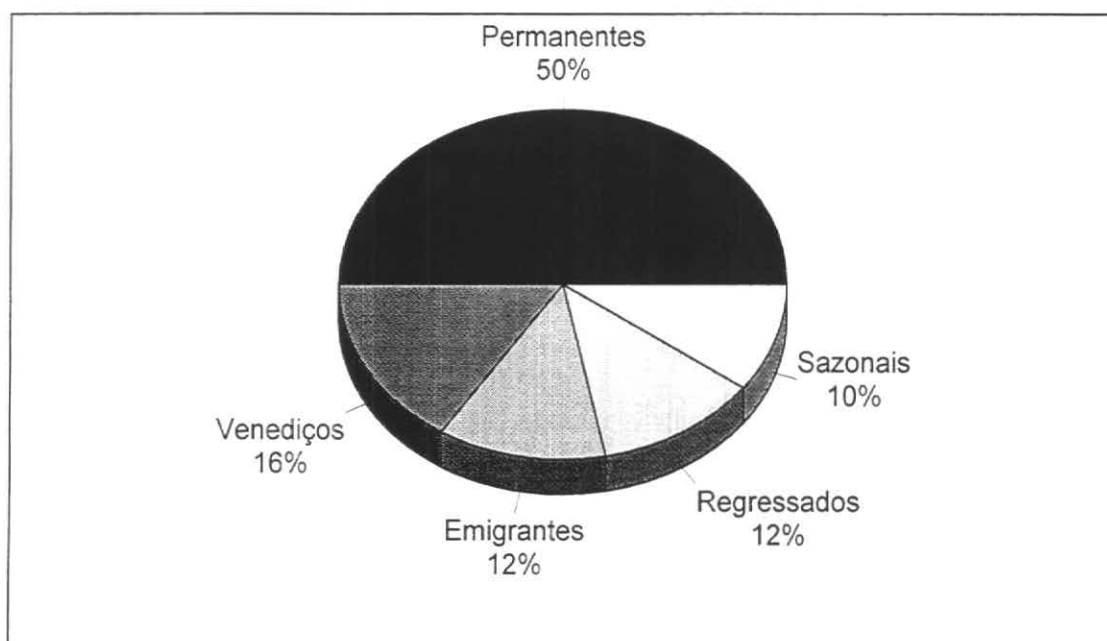


Fonte: *Censo94*

Das restantes habitações, 80% pertencem à categoria de *residência habitual*; em cerca de 14% o seu ocupante encontra-se emigrado, limitando-se a sua ocupação aos períodos de férias laborais (geralmente no mês de Agosto); enquanto 6% são de uso sazonal, isto é, constituem residências secundárias de indivíduos que vivem noutras localidades do país, sobretudo Lisboa ou Porto, e que visitam periodicamente a vila, na altura das férias, ocasiões festivas ou feriados mais prolongados.

O levantamento da situação de permanência das pessoas recenseadas (Figura 13), permite dar visibilidade a alguns aspectos obscurecidos nas estatísticas oficiais, aludidos anteriormente, e inventariar as diferentes categorias que podem ser estabelecidas, considerando em relação a cada elemento do grupo doméstico a sua ligação com a vila.

Figura 13
Situações de permanência na vila, 1994



Fonte: *Censo94*

Assim, de um total de 1513⁸⁰ pessoas recenseadas, apenas 1176 residem, habitualmente, na vila (78%), correspondendo ao somatório do número de *permanentes* (761), *venediços* (233) e *regressados* (182).

Quanto aos restantes, considerando-os numa categoria englobante de *ausente* - uma vez que, durante a maior parte do ano, residem, efectivamente, fora da freguesia - o seu cômputo cifra-se em 337 indivíduos (o que inclui 184 *emigrantes* e 153 *sazonais*) e constitui cerca de 22% do total dos indivíduos recenseados. A soma dos *ausentes* com os *regressados* (cujos períodos de ausência tiveram duração muito variável) permite, ainda, afirmar que cerca de um terço da população, optou pelo êxodo.

⁸⁰Este número é meramente indicativo, na medida em que não representa a totalidade dos habitantes, uma vez que por um lado, as casas não foram recenseadas na sua totalidade, e por outro lado, algumas pessoas não se encontravam na vila nos sucessivos períodos em que foi tentada a sua abordagem. Contudo, pode dizer-se, com alguma margem de segurança, que o número de grupos domésticos não recenseados é seguramente inferior a 10%.

Este valor percentual, embora aproximado, é bastante revelador da dimensão do fenómeno migratório à escala local, evidenciando, igualmente, a limitação do recurso às fontes oficiais, para a caracterização das reais situações de presença na vila.

Traçadas as linhas gerais da variação do número de pessoas e de casas no decorrer dos últimos 50 anos, são perspectivados, de forma dinâmica, os traços mais relevantes do perfil sociológico dos habitantes da freguesia. É uma abordagem comparativa da aldeia do passado com a vila de hoje, que é feita a partir de três fontes de informação privilegiadas: o *Status Animarum de 1940-44*, o *Censo94* e o testemunho dos informantes.

3. STATUS ANIMARUM (1944) E CENSO 94

3.1. Agricultura e diversificação de profissões

Dantes, havia dois ou três artistas pedreiros, não era trolha - o pedreiro aparelhava as pedras (as casas de 40-50 ainda eram feitas de pedra) e o trolha só trabalhava na massa: cimento, barro ou cal. Depois, havia os cesteiros (faziam os asnais para a vindima); existiam também os sapateiros, não era uma profissão valorizada, mas era um escape, mais de 30 empregados trabalhavam naquela oficina que havia em frente à Igreja, e havia ferradores, era também uma profissão bastante boa na altura, aqui há 40 anos, mas a arte mais prestigiada era a de carpinteiro, não sei porquê, era uma habilidade, era uma profissão que não era de pó, nem de poeira, nem de se sujar, eram considerados os verdadeiros artistas; havia também uma ou outra mulher a trabalhar de costureira, hoje já não há muitas. E havia uns poucos de alfaiates. Hoje não há nenhum. E porquê? É preciso ter uma certa habilidade, e depois o «pronto-a-vestir», com as coisas feitas, dá mais jeito.

(entrev.14)

Com a ajuda dos informantes, o *Status Animarum de 1940-44* permitiu fazer uma caracterização genérica das actividades da população, uma vez que nele se encontrava um dado fundamental em relação a cada um dos habitantes da freguesia: a sua profissão, à data da compilação do referido recenseamento paroquial.

As características particulares inerentes à compilação deste documento implicam, no entanto, que dele seja feita uma leitura cautelosa. Com efeito, não se pode ignorar que o registo sistemático dos dados foi efectuado pelo pároco da aldeia, reflectindo o subjectivismo da sua classificação e a mentalidade do seu tempo. Trata-se, deste modo, de um retrato subjectivo da comunidade que nos permite ter uma ideia aproximada da forma como se ocupavam os sendineses de há 50 anos a esta parte.

A análise das profissões, que tinha como duplo objectivo viabilizar o tratamento estatístico dos dados “em bruto” (não só do *Status Animarum*, como também, numa fase posterior, do *Censo94*) e permitir a comparação destas duas fontes de informação, não se fez sem problemas.

Apesar da convicção inicial de que seria possível recorrer a uma das classificações já consolidadas - em particular, a *Classificação Nacional das Profissões*, versão actualizada (*CNP-94*); ou a *CSP* (francesa⁸¹) - os esforços empreendidos revelaram-se infrutíferos, após algumas semanas de imersão nas tipologias referidas, nacionais e internacionais, com todos os seus pressupostos conceptuais e de alcance prático, aliados à minúcia e exaustão das diferentes categorias e subcategorias pré-estabelecidas.⁸²

Optou-se, então por uma classificação própria das diferentes profissões, agrupando-as de acordo com as designações mais frequentemente mencionadas, depois de se ter procedido ao seu depuramento, fundindo, numa designação única, as múltiplas designações que traduziam a mesma ocupação.

Em relação ao passado, quando surgiram dúvidas em relação à atribuição de uma categoria a um ou outro indivíduo, tentou-se esclarecê-las, fazendo apelo à memória dos informantes que pudessem recuar a este tempo, interrogando-os sobre o

⁸¹Sobre os pressupostos desta classificação, ver A.Desrosières e L.Thévenot (1988).

⁸²Sem menosprezar a utilidade das referidas tipologias como instrumento analítico - particularmente adequado quando a dispersão do universo em estudo é de tal maneira grande, que dificilmente se pode proceder à sua análise de outra forma -, no presente caso, a diversidade existente não justificava, de todo, uma classificação tão segmentada, correndo-se o risco de separar determinadas profissões, que, de forma alguma, traduziriam uma correcta diferença de estatuto sócio-económico.

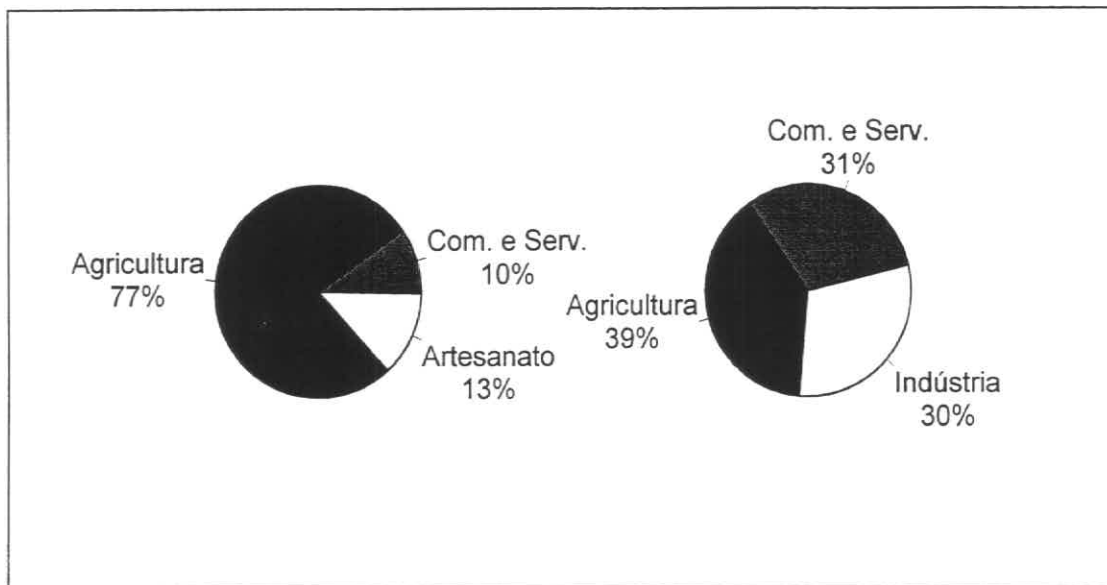
conteúdo de uma determinada designação de profissão, ou mesmo sobre pormenores da actividade de tal ou tal indivíduo que melhor permitissem caracterizá-la. Este procedimento, exaustivo e moroso, permitiu efectuar uma espécie de *historicização* do *Status Animarum*, privilegiando o testemunho dos aldeãos mais velhos.

Em relação ao presente, foi seguida a mesma metodologia, a partir da informação do *Censo94*, com o objectivo de comparar os dados das duas fontes.

Relativizados estes aspectos metodológicos, começou por fazer uma caracterização sectorial, cujo foco incidiu no âmbito geral da actividade de cada designação de profissão. Posteriormente, procedeu-se a uma análise mais particularizada das diversas ocorrências de profissão, com base nas principais categorias consideradas, desagregando-as por sexo e grupos de idade.

Figura 14

Sectograma de actividades: 1944/1994



Fonte: Status Animarum 1944-1994 e Censo94

A observação destes dois sectogramas mostra que nos anos 40, a principal actividade económica da aldeia continuava a ser a agricultura que, de forma significativa, constituía o âmbito geral da ocupação de mais de três quartos dos grupos domésticos de então. Este valor seria ainda mais elevado se nele se incluíssem os representantes do sexo feminino que aparecem com a designação de *doméstica* no

Status Animarum, pois, segundo o testemunho de alguns informantes, ficámos a saber que a grande maioria destas mulheres se dedicava, efectivamente, à actividade agrícola, encontrando-se subestimado, deste modo, o seu peso no contexto global das actividades produtivas da aldeia.



Foto 9 - «Profissões antigas antes de máquinas» (quadro talhado em madeira)

Além da actividade agrícola, tinham alguma representatividade as actividades *proto-industriais*, que englobavam um conjunto de artesão relacionados com as necessidades básicas do quotidiano (fabrico de pão, utensílios de uso doméstico, vestuário e calçado); com a construção e habitação, em geral; e com o fabrico de objectos ligados à actividade agrícola (albardeiro, ferrador, ferreiro).

O sector terciário era muito pouco representado e nele foram agrupadas, basicamente, as actividades relacionadas com o pequeno comércio, as forças de segurança (*guardas fiscais e republicanos*) e um grupo residual de serviços diversos de reduzida expressão (como um *pároco*, um *professor oficial*, um *empregado dos correios*, um *cantoneiro* e uma *lavadeira*).

Os anos 90 revelam uma organização sectorial completamente diferente, segundo a qual a população activa se distribui pelos três sectores, de forma muito equilibrada. A agricultura sofre uma retracção acentuada (cerca de 30%), que é acompanhada por uma expansão nos outros dois sectores.

Em relação ao secundário, que *sobe* de 13% para 30%, além de ampliado, trata-se de um sector *reconvertido*, onde as actividades artesanais deram lugar a novos ofícios, dentre os quais se destacam os relacionados com a Construção Civil, que constitui o principal ramo da *Indústria* com expressão local. O aumento do terciário, que acusa uma subida de 21%, deve-se sobretudo ao crescimento do comércio e à implantação de novos *Serviços* locais (como a Adegua Cooperativa, a Escola Secundária, o Centro de dia, o Infantário, o Banco, os Correios e vários serviços camarários).

O tratamento individualizado das profissões do *Status Animarum* e do *Censo*⁹⁴, permite completar esta caracterização, dando visibilidade a alguns aspectos que são deixados na sombra quando se tem em conta, exclusivamente, a distribuição sectorial. Com este objectivo, procedeu-se à análise da distribuição ocupacional da população, considerando as profissões mais frequentemente mencionadas, em ambos os sexos (Quadro 3).

Quadro 3
Principais profissões, por sexo (1944/1994)

Principais profissões	1944			1994			Var. H+M
	H	M	H+M	H	M	H+M	
Agricultores	9.5	0.3	9.8	12.8	6.6	19.4	9.6
Operários agrícolas	27.3	0.7	28.1	1.3	0.8	2.1	- 26
Artesãos	5.4	2.1	7.6	4.2	1.4	5.6	- 2
Comerc. / trab. do comér.	2.3	0.2	2.6	4	3.5	7.5	4.9
Const. civ. e pep. patrões	0.3	0	0.3	3.8	0	3.8	3.5
Forças de segurança	2.2	0	2.2	1.9	0	1.9	- 0.3
Mecânicos e oper.(tb.c.c.)	0.3	0	0.3	6.1	0.4	6.5	6.2
Funcionários diversos	0	0.1	0.1	2.4	2.7	5.2	5.1
Professores	0.4	0.2	0.6	0.6	1.9	2.4	1.8
Empregadas domésticas	0	0.9	0.9	0	0.2	0.2	- 0.7
Estudantes	1.3	0.3	1.6	10.2	9.5	19.7	18.1
Outras	0.4	0.1	0.5	1	0.3	1.3	0.8
SUB-TOTAL	49.6	5.0		48.3	27.2		
Domésticas	0	45.4		0	24.5		- 20.9
TOTAL	49.6	50.4	100	48.3	51.7	100	

Fonte: Status Animarum (1949-44) e Censo94.

Como pode observar-se através da análise deste quadro, regista-se uma quebra acentuada na percentagem de operários agrícolas que é acompanhada de uma proliferação de profissões relacionadas sobretudo com a construção civil e os serviços. Com efeito, o número de mecânicos, electricistas e operários da construção civil cresce significativamente, bem como o de funcionários diversos.

Em relação aos anos 40, a percentagem de comerciantes, construtores civis e pequenos patrões da indústria evidencia uma variação positiva igualmente importante, acusando a expansão de novos cafés, restaurantes e pequenas lojas do

ramo alimentar; e também o surgimento de pequenas empresas familiares, dos mais diversos ramos de actividade (como serralharias, uma fábrica de extracção de argila, várias carpintarias, duas fábricas de transformação de mármore e granito).

Comparando com a situação do passado, a análise da distribuição profissional permitiu, ainda, destacar um aumento significativo do número de estudantes, de ambos os sexos, sendo raros os jovens com menos de 20 anos que não se encontrem a estudar.

Considerando a representação de cada um dos sexos na estrutura ocupacional da vila é de salientar, em termos globais, a pequena representatividade numérica da metade feminina no mercado de trabalho *convencional* (ou seja, exercendo uma profissão socialmente reconhecida como *trabalho* e classificada de acordo com a terminologia corrente).

Apesar de poder observar-se um acréscimo da percentagem de mulheres, com profissões discriminadas, é bastante elevado o número de *domésticas* que aparece nas duas fontes. Trata-se, sobretudo, de um problema de classificação da ocupação das mulheres, que deixa na sombra a *face feminina* da vila quando se recorre aos dois levantamentos extensivos privilegiados para esta caracterização genérica - o *Status Animarum* e o *Censo94*.

No entanto, já uma abordagem mais qualitativa, baseada em observações e entrevistas informais, revelou o seu elevado protagonismo no contexto das actividades produtivas, destacando-se, em primeiro lugar, a presença significativa das gerações mais velhas no domínio da agricultura⁸³ e, em segundo lugar, a aderência das mulheres de todas as idades à crescente procura dos trabalhos manuais tipicamente femininos: das rendas aos bordados, da fiação à tecelagem.

Traduzindo, obviamente, uma *actividade*, produtiva e remunerada (directa ou indirectamente), sendo *doméstica*, porque pode ser feita em casa (ou na terra que se possui), a situação laboral destas mulheres, é vivida, no entanto, com uma certa

⁸³Das quais resulta um inquestionável contributo para o rendimento familiar, ainda que só se produza o que se consome.

ambiguidade e como uma espécie de *sub-emprego*, como se a sua ocupação se afastasse de um ideal ocupacional. Referindo-se ao seu trabalho *no campo*, uma das interlocutoras, cujo marido é funcionário administrativo na EDP de Bemposta, referia-se nestes termos à sua actividade:

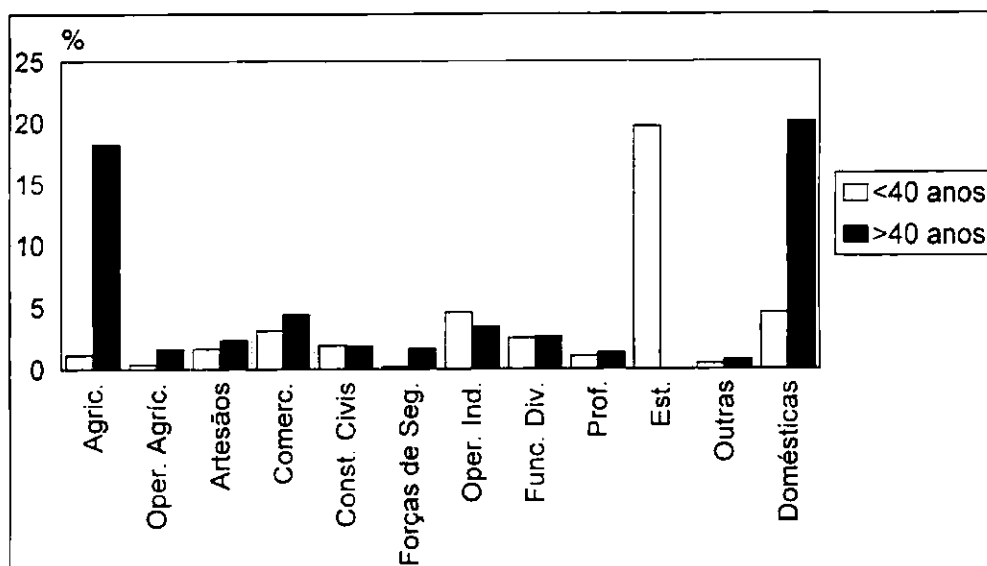
Eu e o meu homem ainda falámos para eu ir a trabalhar nalgum sítio, assim no princípio de casados. Se eu tivesse um emprego talvez estivéssemos melhor. Mas eu também faço por pão, faço por batatas, faço pelas vinhas, trato do meu porquinho e das minhas galinhas. Se fosse a pagar tudo também o gastava todo. E é claro, isto também é trabalho, ou por outra, lá está, é trabalho mas não é trabalho...

(entrev. 22)

Este depoimento é paradigmático da forma como é vivida a situação laboral de um grande número de mulheres de Sendim. De facto, se os homens têm encontrado alternativas de trabalho, particularmente na construção civil ou em actividades com ela relacionadas, passando a ocupar-se da agricultura nos períodos extra-laborais, já em relação às mulheres a vila revela-se pouco promissora. Os únicos grupos profissionais de excepção são os *comerciantes e funcionários diversos*, com uma distribuição equitativa entre os dois sexos; e os *professores* que se encontram maioritariamente representados pelo sexo feminino. À parte destes, a presença feminina é sempre consideravelmente inferior à presença masculina, continuando a maior parte das mulheres a considerar-se, resignadamente, *domésticas*.

Enquanto no passado a agricultura constituía a actividade dominante em todas as idades, quando se considera a distribuição ocupacional da população actual, por grupos etários, verifica-se que há um contraste geracional nítido no que diz respeito à incidência das principais profissões mencionadas, acima e abaixo dos 40 anos (Figura 15).

Figura 15
Profissões por grupos de idade (-40anos/+40anos)



Fonte: Censo 94

Este contraste é particularmente notório em relação à actividade agrícola, sendo evidente o afastamento das gerações mais novas em relação a este tipo de trabalho *sujo e pouco rentável*, como é, muitas vezes, considerado. Com efeito, o valor percentual de agricultores, com idades inferiores a 40 anos, é muito reduzido, adquirindo cada vez maior representatividade à medida que se avança nos grupos etários seguintes, concentrando-se acima dos 60 anos a maior parte dos representantes deste grupo profissional (Quadro XVI, Anexo B).

Em contrapartida, o trabalho assalariado na construção civil, nas diversas pequenas indústrias recém implantadas, no ramo comercial ou, ainda, no sector dos serviços, constituíram, até agora, algumas das principais vias alternativas de inserção laboral, exercidas, predominantemente, por indivíduos na faixa etária dos 20-39 anos.

Deste modo, a expansão do leque ocupacional (para a população activa masculina), o significativo distanciamento dos jovens em relação à actividade agrícola e o forte incremento do número de estudantes em ambos os sexos, constituíram os vectores mais salientes da dinâmica ocupacional da vila. Neste último caso, é de salientar, além da forte subida do número de estudantes, também

um progressivo prolongamento da escolaridade. Uma abordagem mais pormenorizada da instrução, permite perspectivar esta situação.

3.2. Já ninguém quer o campo, todo o mundo estuda...

Eu nasci em 1931. Com 10 anos andei à escola, ia de noite. No meu tempo não andavam todos à escola, só começaram a ir mais tarde, quando passou a ser de obriga. Ao princípio havia dois professores, depois já eram quatro. O meu irmão mais velho também andou à escola, mas pouco tempo. A minha irmã é que não. As mulheres iam menos.

Mas mesmo do meu tempo, há muitos homens que não sabem uma letra. E então mais novos que eu cinco anos, há muitos que não sabem ler. E de mais velhos para cima, então é que há mesmo muitos que não sabem ler. Agora já não, todo o mundo anda à escola, homens e mulheres...

(entrev. 37)

A análise da percentagem de analfabetos em relação à população total, ao longo de várias décadas, desde o início do século até ao presente etnográfico, constituiu um indicador que permitiu acompanhar, em termos genéricos, a variação da importância da instrução (Quadro 4).

Quadro 4

Analfabetos em relação à população total (por sexo)

Anos	% Analfabetismo		
	Total	H	M
1911	87.3	80.1	94.6
1920	90.4	84.5	96.5
1930	80.4	70.3	90.4
1940	76.0	65.5	86.8
1950	64.7	54.8	74.4
1994	21.6	14.7	28.3

Fonte: INE, *Recenseamentos Gerais da População, 1911-1950 e Censo94*

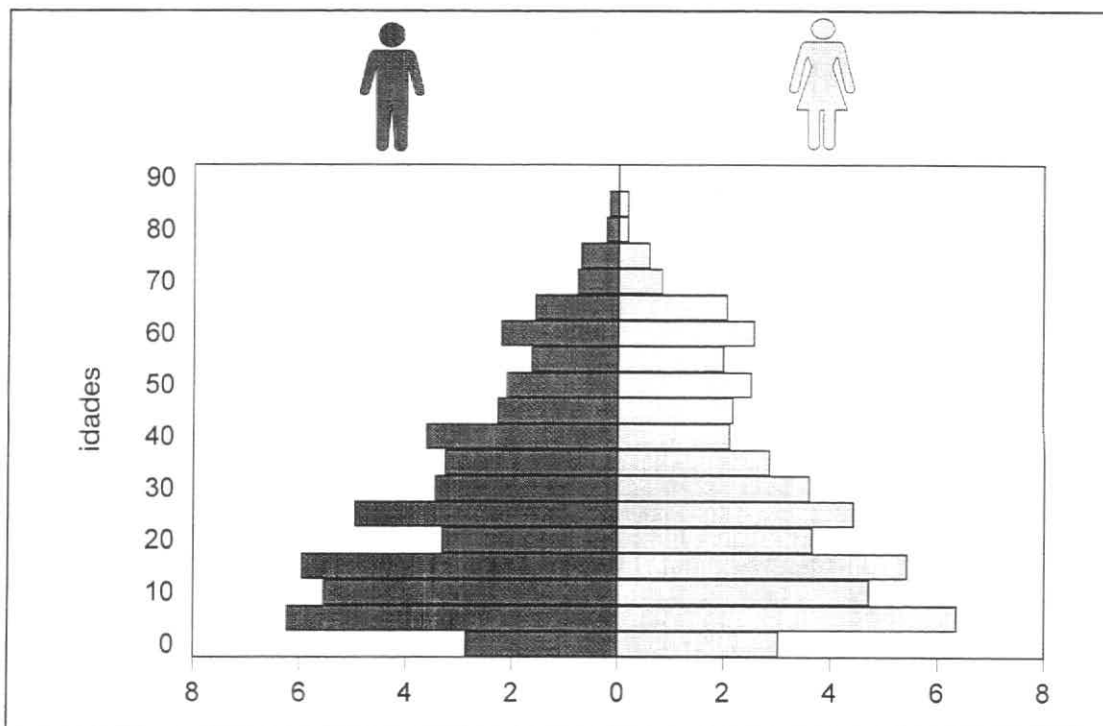
No que diz respeito à globalidade da população, verifica-se que, de 1991 a 1940, a percentagem de analfabetismo era muito elevada, situando-se sempre acima dos 80%, com um máximo observado na década de 20, quando atinge os 90.4%. Embora tenha ocorrido um ligeiro decréscimo (5 pontos percentuais) na década de 40, é a partir da década de 50 que ocorre uma acentuada redução na percentagem de analfabetismo, cifrando-se em cerca de 11.5%, em relação à década anterior. Em 1994 este valor percentual acusa uma quebra assinalável, rondando os 20%, o que, sendo ainda relativamente elevado para a média do país, repercute a elevada proporção de analfabetos entre as gerações mais velhas.

Se analisarmos este quadro em função do sexo, pode constatar-se que a percentagem de analfabetismo é sempre mais elevada nas mulheres do que nos homens, situando-se esta diferença em cerca de 13 pontos percentuais, nas décadas de 1911 e 1920, e em 20%, nas décadas de 1930 a 1950. No entanto, uma desagregação dos actuais valores pelos vários níveis de instrução global sugere que essa diferença tende a atenuar-se à medida que se avança nos diferentes graus de ensino (Básico, Secundário, Curso médio, Universitário), verificando-se mesmo a sua inversão no último escalão, onde as mulheres surgem maioritariamente representadas (ver Quadro 11, cap.III).

Até que ponto estas mudanças evidenciadas, tanto ao nível da dinâmica populacional e das suas actividades, como ao nível da instrução, se reflectem na estrutura etária dos sendineses?

A pirâmide de idades construída a partir dos dados do *Status Animarum* de 1940-44 (Figura 16) de base larga, estreitando à medida que se avança na idade, evidencia uma população jovem, em franco crescimento, com o primeiro grupo etário - dos 0 aos 4 anos - bastante desfalcado, em virtude da forte mortalidade infantil.

Figura 16
Estrutura etária da População, 1940-44

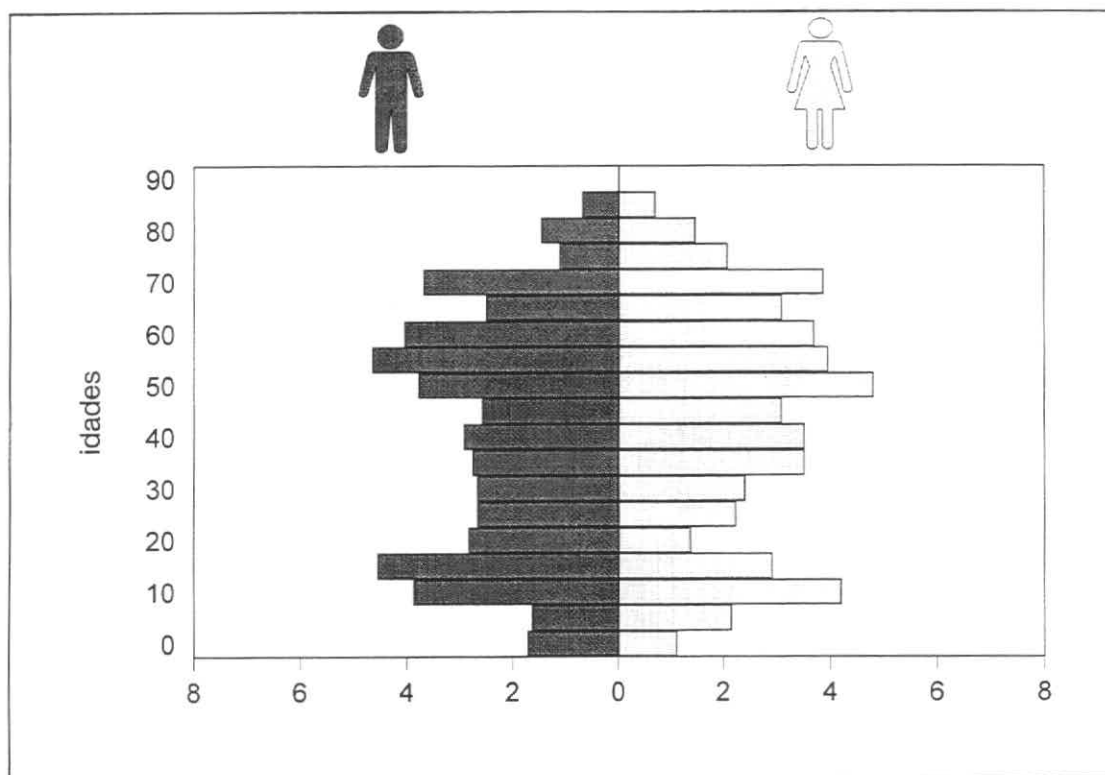


Fonte: Status Animarum (1940 - 44)

A classe etária dos 20 aos 24 anos indicia, também, algumas perdas em ambos os sexos, embora mais acentuadas no sexo masculino devido, seguramente, às características inerentes ao movimento migratório desta época, atrás referidas.

Já no caso da estrutura etária da população que reside actualmente na vila (Figura 17), a pirâmide de idades que se apresenta estreita no topo e na base, evidencia um forte envelhecimento populacional e ilustra, igualmente, a grande quebra na natalidade que, de forma generalizada no país, se tem verificado ao longo das últimas décadas (Nazareth, 1979).

Figura 17
Estrutura etária da população, 1994



Fonte: Censo94

A partir da análise da actual distribuição etária da população, pode afirmar-se que cerca de um terço dos residentes tem mais de 60 anos e as descontinuidades que a pirâmide evidencia, estreitando abruptamente, afectam aos grupos etários dos 20 aos 60 anos, reflectindo a importância da emigração e do êxodo rural durante o período activo.

Por outro lado, é visível uma ligeira assimetria entre os dois sexos nos grupos etários mais jovens, podendo observar-se que entre os 15 e os 25 anos a percentagem de mulheres é inferior à dos homens.

Considerando as diferentes situações de permanência na aldeia por grupos de idade (Quadro VII, Anexo B) verifica-se que cerca de 68% dos emigrantes e 73% dos sazonais, têm idades compreendidas entre os 20 e os 60 anos, apresentando, contudo uma desigual distribuição dentro deste intervalo.

Em relação aos emigrantes, 50% têm entre 40 e 60 anos, o que significa que se trata de indivíduos em plena idade activa. Quanto aos sazonais, o grupo etário dos 20 aos 29 anos, destaca-se dos restantes, englobando 52% do total dos migrantes internos. Tal como se pode apurar a partir dos dados do *Censo94*, trata-se de indivíduos muito jovens que se encontram em fase de prosseguimento dos estudos ou à procura de um primeiro emprego, fora da vila.

A comparação da distribuição da população em classes de idade, nos anos 40 e no presente etnográfico, ilustra de forma expressiva a repercussão do fluxo migratório e da valorização da instrução na estrutura etária da população. Por outro lado, as assimetrias entre os dois sexos observadas nos grupos mais jovens (15-25 anos), indicia que a vila tende a afastar mais as suas mulheres do que os seus homens.

4. FACTORES E PROTAGONISTAS DA MUDANÇA

Cerca de cinquenta anos decorreram, entre a vila de hoje e a aldeia de meados de 40, conforme foi possível reconstruí-la através das fontes eclesiásticas, das estatísticas demográficas, do *Censo94* e da memória dos seus habitantes. Durante este período, alguns acontecimentos importantes deram um rumo próprio à dinâmica desta aldeia de *Terras de Miranda*, outros seguiram o passo das tendências nacionais e conjunturais.

No sentido de perspectivar, no tempo, os principais momentos de mudança vividos neste recanto do país e de os relacionar com a evolução populacional anteriormente apresentada, não pode deixar de se fazer referência aos momentos mais marcantes do seu perfil evolutivo e ao impacto que irão ter na vida social e económica da aldeia: o período de construção das barragens do troço internacional do rio Douro e a emigração massiva dos anos 60.

Esta análise sumária, feita com base na informação das entrevistas e de algumas escassas publicações sobre a região, não visa, obviamente, fazer a reconstituição histórica de Sendim, pois tal empreendimento extravasaria o âmbito

deste trabalho. Procura, apenas, interpretar a dinâmica local de acordo com os acontecimentos mais referenciados pelos aldeãos, tendo como pano de fundo as próprias tendências globais do país e da região.

4.1. A construção das barragens e o seu impacto na aldeia

A influência da construção das barragens na variação da população, reflectiu-se, de forma particularmente notória, não só nas povoações onde ocorreram as obras, mas, também, de um modo geral, em toda a região, dando um novo ânimo à vida social e económica de algumas aldeias próximas. Sendim constitui um exemplo desse impacto positivo em termos de desenvolvimento socio-económico e o início dos trabalhos de exploração hidroeléctrica do rio Douro, é abundantemente referido em alguns jornais locais⁸⁴ e lembrado, pelos sendineses, como um importante marco na história local.

A construção das barragens, com todos os requisitos materiais e humanos que lhe estão associadas, implicou, por um lado, uma certa ruptura do isolamento, até então vivido, traduzindo-se, de forma imediata, no melhoramento da rede de estradas existente e na construção de novos eixos de circulação, trazendo novas gentes, novos costumes, novos falares. Um dos informantes dizia a este respeito:

As estradas eram más, estávamos aqui muito isolados. Só na altura da construção da barragem de Picote é que a estrada nacional, que passa em Sendim, foi alcatroada, para passar o camião gigante

(entrev.21)

⁸⁴No Mensageiro de Bragança de 9 de Dezembro de 1955, podia ler-se a seguinte notícia:

Na parte internacional do Douro e integrada no acordo luso-espanhol, está em intensa construção a barragem de Picote, primeiro aproveitamento hidroeléctrico dos escalões cuja concessão foi dada à hidroeléctrica do Douro. Trata-se da maior obra do género feita em Portugal, cujo início se verificou no ano de 1954 e que deve estar concluída em 1958. (...) Passo decisivo para o progresso do país, a barragem de Picote transformou por completo uma vasta zona da parte oriental de Trás-os-Montes, especialmente o concelho de Miranda do Douro, dando às regiões da sua instalação nova vida e nova paisagem, pois onde havia apenas fragas e vegetação silvestre, ergue-se hoje uma airosa povoação com suas estradas, casas, telefones, electricidade, transportada da distância de 27 Quilómetros. Trabalham presentemente nas obras de Picote, cerca de 2600 pessoas, entre engenheiros, operários e pessoal administrativo.... (in MB, 1955: 1)

Por outro lado, durante este período, a população que se fixou para participar nas obras da *Hidroeléctrica do Douro* contribuiu decisivamente para a intensificação da comercialização dos produtos agrícolas da região⁸⁵, permitindo o seu escoamento assegurado. Uma grande parte dos agricultores deslocava-se, de burro, até ao estaleiro da barragem de Picote - a primeira que foi construída - onde ia vender os excedentes da produção hortícola, algum vinho e azeite. Numa altura em que havia tão pouca circulação de moeda, esta constitui uma oportunidade de realizar alguns *tostões*, abrindo-se, deste modo, o estreito mercado local.

O tempo da construção deste empreendimento, está bem presente na memória dos que por lá passaram: ...começou a melhorar a vida aqui dos agricultores, porque já se produzia e íamos vender à barragem de Picote - uns nabos, umas batatas, o vinho. E levávamos aquilo na jumenta, na altura não havia carros...

(entrev.21)

...Às vezes, quando andavam na barragem de Picote, ainda fui lá com a burra umas quantas vezes - levava 4 arrobas de batatas, feijões, um garrafão de vinho, coisas que tinha em casa. Ainda era longe, íamos de noite, levantávamo-nos às quatro da manhã e chegávamos ao romper do dia. Íamos muitas, não era só eu. Naquele tempo para vender as coisas, não havia para onde, e quando foi da barragem, a gente lá ia.

(entrev.30)

Além disso, a construção desta barragem e das que se lhe seguiram, criaram alguns postos de trabalho para a população local, alguns dos quais ainda hoje se mantêm, relacionados com a manutenção das infraestruturas de aproveitamento hidroeléctrico. Conseguir um emprego na *Hidroeléctrica do Douro* era um privilégio a que nem todos tinham acesso, numa altura em que a maioria da população vivia do trabalho duro da agricultura. A diferença entre ter ou não ter um emprego era muito marcada e passou a constituir a grande aspiração de qualquer jovem filho de agricultores

...Os que trabalhavam na Hidouro eram os meninos bonitos, ainda me lembro de aparecerem as primeiras camisas de colarinho engomado nos tais senhores que trabalhavam na barragem, que

⁸⁵Sobre a localização das barragens, ver Fig.VI, Anexo C.

eram os que recebiam o ordenado todos os meses. Havia uma diferença entre nós e eles (...) até em casa se notava essa diferença, nós éramos a classe lavradora, e eles eram a classe chique...

(entrev.21)

Com a conclusão das obras dos três escalões sucessivos de Miranda do Douro, Picote e Bemposta, no início da década de sessenta verifica-se uma evidente melhoria das condições de vida na região resultantes da produção de energia eléctrica. A total electrificação do concelho (há muito reclamada pelos munícipes), terá lugar um pouco mais tarde, com a expansão das redes de distribuição a todas as aldeias.

A construção das barragens neste troço internacional do rio Douro, constituiu, deste modo, um marco da história local ao qual não pode deixar de se fazer referência, pela dimensão do seu impacto no desenvolvimento das pequenas povoações de *Terras de Miranda*. Mas, passado o período áureo de implantação deste empreendimento, a maior parte da população flutuante, que acompanhou as obras, regressa, e a situação dos agricultores locais entra em grave crise, com a perda da possibilidade de escoamento do excedente de produção a que se foram habituando.

A população local atinge o seu efectivo máximo, verificando-se uma forte pressão sobre a terra, cuja concentração nas mãos de uma minoria de lavradores abastados, pouco abertos ao seu arrendamento, inviabiliza a reprodução de diversas casas. Acentuando esta crise, uma sequência de maus anos agrícolas, verificada no início da década de 60, deixa alguns agricultores completamente depauperados e desalentados.

Em busca de um futuro melhor, muitos optam pelo êxodo - diversos destinos, diversos períodos, diversos padrões migratórios.

4.2. *A grande evasão* e o retorno

A mobilidade geográfica, com maior ou menor intensidade, tem sido uma constante ao longo do tempo, constituindo uma resposta estratégica de uma parte importante dos grupos domésticos face aos sucessivos períodos de crise que têm afectado as sociedades rurais, desde o início da industrialização.

A cronologia e expressividade destes movimentos apresenta, a nível regional, contornos muito heterogéneos, com repercussões diversificadas na sua dinâmica interna. Nalguns casos, estão associados ao colapso moribundo de povoações inteiras, cujas portas se vão sucessivamente fechando, à medida que os mais novos vão partindo e os mais velhos vão morrendo. Noutros casos, constituem sopros de vida, permitindo a reprodução e manutenção de certas casas que, de outro modo, sucumbiriam à precariedade de um modo de vida incerto e sem grandes alternativas locais.

Entre estes dois extremos, um conjunto de outras situações, vão convertendo os espaços rurais em espaços mais ou menos diversificados, mais ou menos prósperos, mais ou menos turísticos, mais ou menos vivíveis, fixando ou empurrando o seu mais precioso património - as suas gentes.

Em virtude do peso do fenómeno migratório no desenvolvimento regional - tanto a nível interno, como além fronteira -, é importante analisar as suas características específicas, bem como a dimensão do seu impacto na reestruturação da vida social da aldeia, ao longo dos últimos anos.

Em relação ao final do século passado, alguns trabalhos publicados sobre a emigração portuguesa (*e.g.* Carqueja, 1916; Godinho, 1978) referem a província de Trás-os-Montes como a região de onde partiu o maior contingente de emigrantes, com destino à América do Sul. Trata-se, no entanto, de um período que não é possível aprofundar localmente, com a informação oral recolhida junto dos informantes mais idosos, e que só pode ser caracterizado mediante as tendências globais do distrito.

Com efeito, à semelhança do que sucedeu noutras regiões do país, em particular no Norte de Portugal (Cepeda, 1988; Brettel, 1991; Brandão, 1994; Pais de Brito, 1996) os fluxos migratórios, resultantes da imbricação de factores exógenos e endógenos, entre os quais se destaca a oferta conjuntural de terra e trabalho, constituem, pelo menos desde meados do século passado, uma constante na história local, tendo-se prolongado e intensificado ao longo de todo o século XX (exceptuando-se os períodos referentes às duas Grandes Guerras), até culminar no forte surto migratório ocorrido na década de 60.

No que diz respeito a este século, as estatísticas oficiais dão-nos valores muito abaixo dos valores reais da emigração, em virtude do grande número de indivíduos que deixaram o país clandestinamente, escapando a este cômputo geral. Na ausência de dados estatísticos que nos revelem o peso efectivo dos movimentos migratórios a nível de freguesia, o nosso conhecimento assenta, largamente, na memória dos que a eles assistiram ou que os protagonizaram.

A reconstituição de alguns trajectos migratórios, tendo como ponto de partida diferentes momentos no tempo, permitiram evidenciar distintos padrões de migração e avaliar alguns efeitos mais preeminentes na organização social da aldeia. Para além disso, os dados recolhidos através do censo efectuado⁸⁶, apesar de não esgotarem a totalidade das situações de migração - objectivo impossível de alcançar devido à grande dispersão inerente ao próprio processo migratório - constituíram um ponto de partida para uma análise, necessariamente exploratória, da mobilidade geográfica dos sendineses, com especial incidência nas últimas décadas.

Em Sendim, a emigração não representa um fenómeno novo e podemos dizer que durante largos anos, constitui uma das condições de reprodução do sistema social, funcionando como uma válvula de escape para a pressão demográfica e escassez de recursos económicos. Entretanto, face ao rumo aparentemente irreversível e massivo que viria a tomar a partir dos anos 60, tem vindo a ser consciencializado como um verdadeiro problema social.

O período de 1940-44, durante o qual foi efectuado o levantamento dos fogos e residentes que consta do *Status Animarum* a que se teve acesso, constituiu um bom marco de referência temporal, na medida em que nos revela uma fotografia social da aldeia antes deste grande surto migratório, permitindo evidenciar, através da comparação com o presente etnográfico, os seus principais efeitos na (re)organização social da vila de hoje.

⁸⁶Uma vez que o mês de Agosto constitui um período de grande afluxo de emigrantes e migrantes internos à sua terra natal, grande parte da recolha de informação sobre as pessoas nestas duas situações, decorreu durante este mês, tendo sido efectuada em dois anos sucessivos (1994 e 1995).

Tendo em conta que os actores sociais que, mais tarde, irão protagonizar a grande reestruturação social são precisamente as crianças recenseadas pelo pároco da freguesia no início da década de 40, o seguimento de algumas trajectórias profissionais e migratórias ao longo do tempo, permite acompanhar um pouco a dinâmica inerente aos seus percursos de vida, a partir dos quais se tem construído, em última instância, uma grande parte da história recente da aldeia.

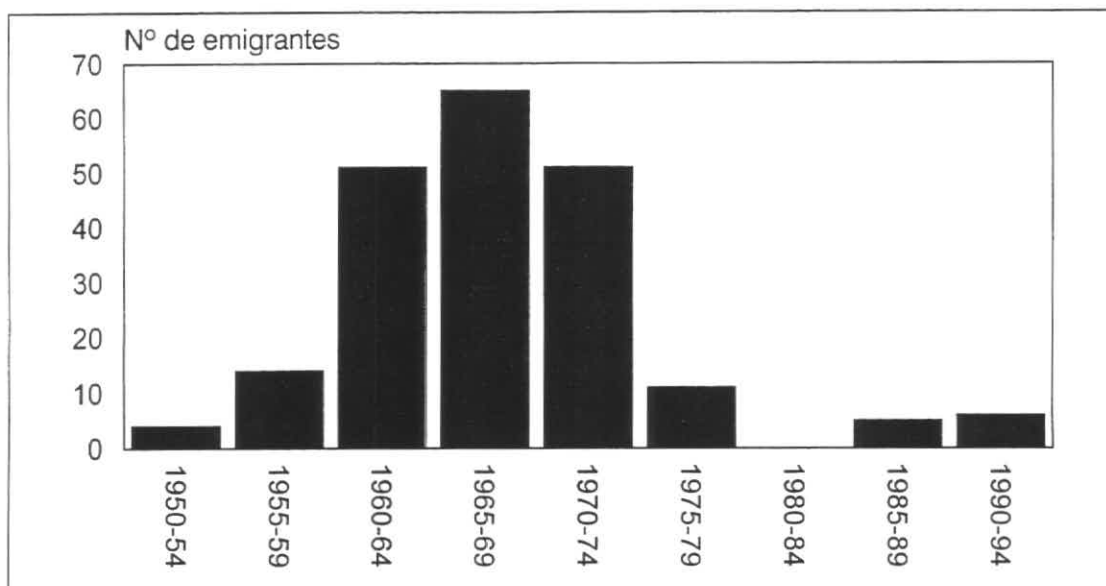
Em relação à actualidade, o *Censo94* constituiu a fonte de informação privilegiada, permitindo caracterizar este fluxo migratório, bem como avaliar a importância do retorno, tendo-se procedido ao levantamento das diversas situações de migração, através da inclusão de uma questão, visando recolher informações sobre as datas de partida e regresso (nos casos em que se verificava), bem como sobre o local de destino e periodicidade de afluência à vila.

No entanto, é necessário ressaltar que, apesar da forma sistemática como os dados foram recolhidos, eles não esgotam a totalidade dos grupos domésticos (ou dos indivíduos) *emigrantes*, viabilizando a construção de uma imagem meramente aproximada e parcelar da dimensão deste fenómeno. Com efeito, uma vez que o levantamento efectuado se circunscreveu ao espaço da freguesia - permitindo, apenas, recensear os indivíduos com residência habitual (ou os que a ela afluem, periodicamente) - escapam a este cômputo aqueles que, sendo (igualmente) *emigrantes*, raramente afluem à vila.

As lacunas resultantes desta abordagem quantitativa puderam ser relativizadas com o recurso a outro tipo de metodologia, de índole qualitativa, dando-se voz aos familiares (e/ou amigos) dos emigrantes definitivamente ausentes e àqueles com os quais foi possível estabelecer contactos na vila (especialmente, durante o mês de Agosto), tendo-se registado algumas trajectórias profissionais de emigrantes pertencentes a diferentes *cohortes* de nascimento.

Esta complementaridade, permitiu clarificar certos aspectos obscurecidos pelas limitações do *Censo 94*, já anteriormente referidas, bem como ilustrar alguns dos tópicos que melhor traduzem as características do fenómeno migratório, à escala local.

Figura 18
Movimento de partida dos emigrantes (1950-1994)



Fonte: *Censo94*

Como se pode observar na Figura 18, o surto migratório ocorrido durante os anos 60, à semelhança do que sucedeu noutras regiões do país, foi bastante intenso. Esta tendência vai manter-se acentuada até 1974, começando a abrandar após esta data, o que traduz uma certa fixação populacional, relacionada com o regresso de alguns dos anteriores emigrantes. A partir de meados dos anos 80, verifica-se, de novo, uma intensificação do fluxo migratório, embora de proporções menos massivas do que na década de 60, prolongando-se esta tendência até à actualidade.

Cinquenta anos é um período demasiado longo, durante o qual foi possível apreender diferentes padrões migratórios no que diz respeito aos países de eleição dos emigrantes, à forma de partida e ao movimento de retorno. Para este estudo sobre as características do processo migratório na sua incidência local podem considerar-se, grosso modo, três períodos - a) Pós IIª Guerra Mundial até à década de 60; b) Início da década de 60 até finais da década de 70 e c) Início dos anos 80 até ao presente etnográfico.

Em relação ao período pós IIª Grande Guerra, a memória dos informantes revela-se bastante esclarecedora, permitindo completar e clarificar algumas notas das entrelinhas do *Status Animarum* de 1940-44. De facto, nesta fonte, encontram-se

referências a “ausentes” da freguesia (embora de forma pouco sistematizada), sendo mencionado, em relação a alguns casos, o local de destino e, noutros, apenas a designação de *ausente*. No cômputo geral que o pároco apresenta no final da listagem dos vários fogos, surge a seguinte nota: *tem esta freguesia cerca de 300 ausentes...*

Três centenas de ausentes, numa população que rondava as 1700 almas, parece ser um número bastante significativo do peso que, já nesta altura, havia assumido o fenómeno migratório. Tal como sucedeu noutras aldeias do distrito (Pais de Brito, 1996; Portela, 1988; Cepeda, 1988), sabe-se que, deste número, grande parte havia partido rumo ao continente americano, especialmente o Brasil⁸⁷, outra parte escolhia, como destino, alguns países europeus, nomeadamente França e Espanha (neste último caso, destacando-se Sevilha).

A maioria destes emigrantes eram jovens solteiros, do sexo masculino, embora não exclusivamente, tendo sido mencionados diversos casos de mulheres que partiram nas mesmas circunstâncias⁸⁸, tratando-se, sobretudo, de filhos(as) de jornaleiros ou de artesãos, cuja actividade ficou seriamente comprometida com a progressiva decadência da manufactura. De um modo geral, pode dizer-se que pertenciam a famílias pobres, dificilmente conseguindo suportar uma prole numerosa. A sua ausência era muitas vezes definitiva, sendo difícil (para os que seguiram o rumo dos países sul americanos) custear uma viagem de tão longo curso. Referindo-se a este aspecto, relata um dos informantes:

Nessa altura, por volta dos anos 40-50, quando as pessoas iam para o Brasil, apanhavam o comboio aqui e, na despedida, parecia um funeral. Eram os familiares e amigos a chorar cá fora e a pessoa que partia a chorar lá dentro. E muitos desses nunca mais voltaram - uns morreram já, outros não têm posses para vir cá.

(entrev.28)

⁸⁷Além do Brasil, foram referidos como países de destino, do continente americano: Argentina, Peru, Cuba.

⁸⁸Foram muitos homens e mulheres para a Argentina, e depois para o Brasil também, até para Cuba. Uma cunhada minha foi para Buenos Aires, no tempo da guerra de 14, diz que demorou um mês no barco. Era solteira. Iam a ganhar a vida, aqui não tinham onde o ganhar - iam a dar uma jeira (entrev32).

Os poucos que regressaram, viram-se confrontados com uma situação de penúria idêntica à de partida, consistindo a fase de ausência temporária, apenas uma forma de aliviar os encargos de uma família numerosa com poucos meios de subsistência. Contudo, além de dois ou três casos excepcionais de indivíduos que conseguiram fazer grandes fortunas no Brasil e que visitam a aldeia regularmente, (contribuindo, simbólica e efectivamente para algumas obras de interesse colectivo⁸⁹), a grande maioria acaba por nunca regressar, limitando-se o contacto com os familiares a uma correspondência esporádica.

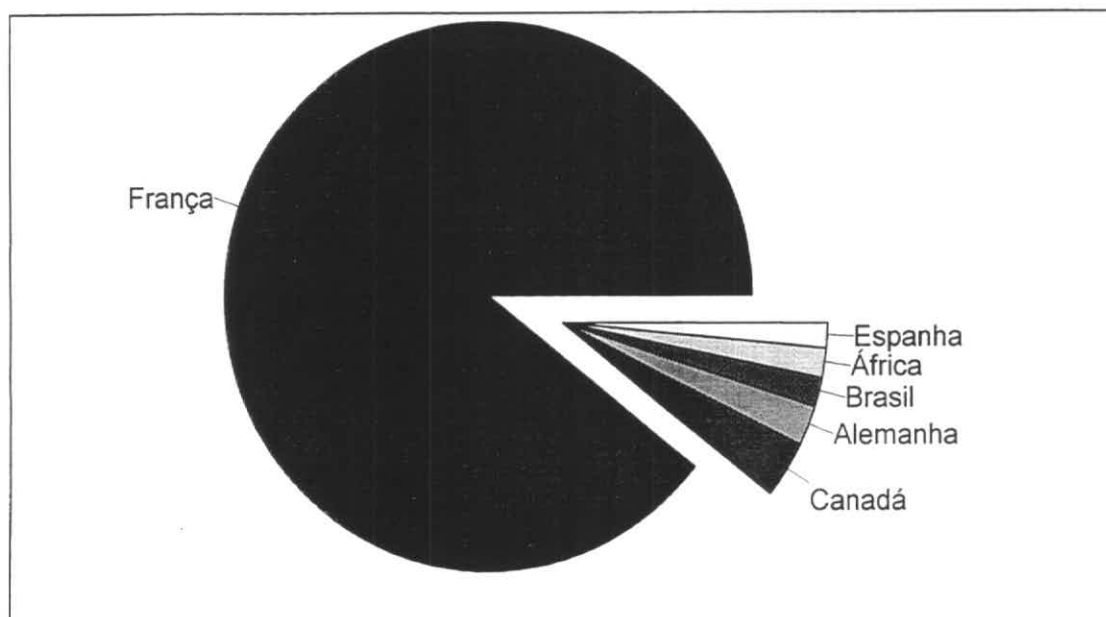
Esta direcção do fluxo migratório para o Brasil irá manter-se por mais algum tempo, muito embora comece a tomar novos rumos e a envolver, já não indivíduos isolados, como anteriormente, mas famílias inteiras:

Até à década de 50, houve uma grande saída para o Brasil, lembro-me de irmos ao comboio, à estação, e eram procissões de pessoas, quase todos os dias, a acompanhar os parentes que iam para o Brasil. Casais, filhos, primeiro costumava ir o cabeça de casal, passado um ano, lá ia tudo, e chegavam a arrancar famílias inteiras de uma só vez. Depois apareceu a França, e toca de ir gente para lá, clandestina.

(entrev.21)

⁸⁹No MB de 16 de Novembro de 1951, podia ler-se a seguinte notícia: «...14 horas: inauguração do muro de resguardo do parque de recreio das escolas primárias locais, mandado efectuar pelo sr. E.A.A., ilustre filho desta terra, que lá no Brasil, onde amealhou alguma fortuna, (...) não esqueceu o desconforto em que brincavam as crianças em redor do edificio escolar, sujeitas a serem molestadas pelo trânsito de animais e veículos (...). Sendim estava todo presente. E as criancinhas, mais de 200, vitoriam o ilustre visitante e a sua esposa» (MB, XII, nº382:3)

Figura 19
Principais países de destino dos emigrantes⁹⁰, 1950-1994



Fonte: *Censo94*

Na representação dos principais países de destino dos emigrantes (Figura 19), o Brasil é o destino mais subestimado pelo facto de haver uma fraca afluência à vila dos sendineses radicados neste país; no entanto, como já foi anteriormente referido, os relatos dos informantes falam em unísono do forte surto migratório que, no período do pós-guerra, está ainda muito direccionado para este país, intensificando-se e levando famílias inteiras, de uma só vez, ou a pouco e pouco recompostas, partindo primeiro o *cabeça-de-casal* e só depois os restantes membros da família.

A análise deste gráfico evidencia, ainda, uma diversificação dos locais de destino em relação ao início do século, surgindo novos países de eleição, como o Canadá e a França, encontrando-se este último bastante representado.

O fluxo migratório para França escapa a todos os procedimentos legais, geralmente exigidos em relação a outros países, tratando-se, na sua generalidade, de uma emigração clandestina, protagonizada, numa fase inicial, por jovens solteiros

⁹⁰Considerando os emigrantes que se encontravam temporariamente em Sendim quando se fazia o levantamento dos grupos domésticos da vila.

que, *a salto*, se lançam numa aventura tão desesperada quanto atribulada e nem sempre bem sucedida.

Apesar do contingente que partiu para França, durante este período do *pós-guerra*, não atingir proporções comparáveis às que se verificaram posteriormente, atingia já cifras preocupantes a nível do distrito de Bragança, como pode depreender-se da seguinte notícia, publicada num jornal local de 1948, fazendo um apelo aos párocos das freguesias do distrito, no sentido de desaconselharem tal aventura:

«Ao conhecimento das autoridades do distrito continua a chegar que é grande o número de emigrantes clandestinos que, acarretando as maiores dificuldades e perigos, atravessa a fronteira de Espanha procurando atingir a França. Bem raros são os que conseguem chegar àquele país, porque ao atravessarem a Espanha, indocumentados, são presos e por lá jazem, encarcerados largos meses, até serem entregues às autoridades portuguesas que por sua vez lhes aplicam todo o rigor da lei. A vida que os espera em França, aos poucos que ali conseguem entrar, não é de molde a arriscarem a vida e a saúde e talvez os poucos haveres, o que acontece a quantos, clandestinamente, se atrevem a tal empreendimento, pois naquele país, são-lhe destinados serviços degradantes e árduos, que os naturais não querem executar».

(MB, 1948, IX-245: 1)

A proximidade da fronteira constituiu uma poderosa força atractiva, levando muitos sendineses, através da *raia seca*, ou mesmo a nado, passando o rio *a salto*, como costumava dizer-se, para depois atravessarem Espanha, rumo a França. Nesta fase inicial, são poucos os que chegam ao seu destino, havendo diversos casos mal sucedidos que, autoados pela polícia espanhola, são reenviados para Portugal sob prisão.

A emigração desta época parece actuar como um simples mecanismo de regulação demográfica, forçando aqueles que não conseguiam formas alternativas de sobrevivência a procurar trabalho noutros locais. De certo modo, pode dizer-se que se tratava de uma opção à escala individual, assumindo proporções progressivamente maiores quando passou a envolver famílias inteiras.

O período que se inicia com a década de 60 e se prolonga até finais da década seguinte, marca, de forma inequívoca a fase da história local (e nacional) que conheceu o maior surto migratório, até então verificado. A partir de então, os países do Norte da Europa constituem o destino preferencial dos emigrantes, com especial

destaque para França que virá acolher a grande maioria dos sendineses, onde chegam, em vagas sucessivas, clandestinamente, em busca de qualquer trabalho.

Os homens encontram-no, sobretudo, na construção civil e as mulheres no serviço doméstico a particulares. À medida que vão consolidando a sua situação laboral, contagiam familiares e amigos, a quem enviam *carta de chamada* e dão apoio durante a fase de instalação. Através deste processo em cadeia, a pouco e pouco, a aldeia vai perdendo uma parte importante da sua população activa.

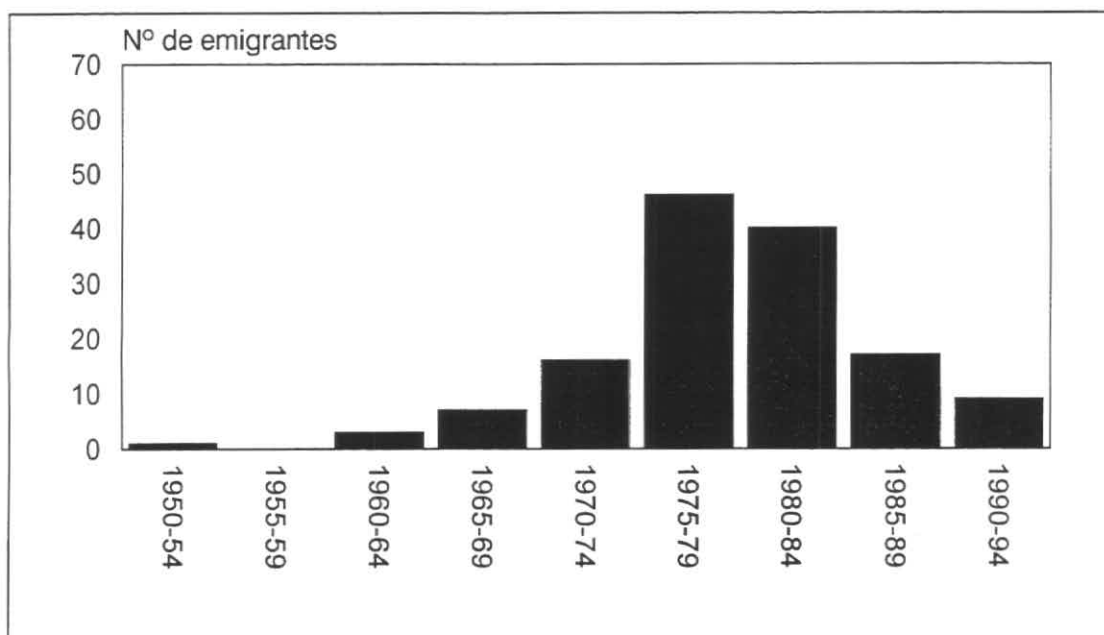
Habitualmente, o chefe-de-família é sempre o primeiro a partir, ficando a mulher na aldeia onde se ocupa dos trabalhos do campo. Na fase inicial da grande *evasão* dos anos 60, os casais que emigravam deixavam os filhos na aldeia, com os avós. Quando se encontravam em idade escolar, frequentavam escolas particulares em regime de internato, particularmente na cidade de Bragança.

A partir dos anos 70, a maioria dos casais emigrantes já não deixa os filhos em Portugal. A saída do chefe-de-família continua a verificar-se primeiro e, pouco tempo depois quando a situação laboral for favorável à recomposição familiar, partem os restantes membros do grupo doméstico ao seu encontro. Quanto aos casais sem filhos, a descendência acaba por nascer já nos países de destino, onde se integra no sistema escolar existente.

A relação com a terra natal mantém-se muito forte e os períodos de férias laborais são sempre passados em Sendim, reactivando, ano a ano, os canais de sociabilidade, apenas interrompidos por questões laborais. Após um período de ausência, de duração variável, cerca de metade desta grande *leva* de emigrantes regressou à aldeia, depois de ter amealhado o suficiente para construir uma casa e adquirir algumas terras. A outra metade tem continuado no estrangeiro, adiando *sine dia* o regresso, mas sem nunca abandonar a aldeia, onde construiu ou está a construir, uma casa que ocupa apenas no mês de Agosto, quando tem as suas férias.

Todo este movimento de partida intenso e contínuo, particularmente na década de 60, prolonga-se até meados da década de 70 - quando começa a evidenciar-se um certo refluxo populacional, manifestado no retorno de uma parte importante dos emigrantes (Figura 20).

Figura 20
Movimento de regresso dos emigrantes, 1950-1994



Fonte: Censo94

Com efeito, durante a década de 60 apenas um pequeno número de emigrantes começa a regressar, após um curto período migratório que em raros casos ultrapassou os 5 anos que na maioria dos casos resulta de dificuldades de adaptação. De 1974 até meados da década de 80 é bem visível a importância do movimento de retorno, sendo este período caracterizado pelo maior refluxo de sempre. Há uma minoria destes *regressados* que vem de África (tratando-se, portanto, de retornados das ex-colónias portuguesas); um ou outro caso esporádico vem do Brasil, do Canadá ou da Alemanha; e a grande maioria vem de França como, aliás, era de esperar, uma vez que foi este (e ainda continua a ser) o principal país de destino dos emigrantes.

A partir de meados da década de 80, verifica-se um afrouxamento do movimento de regresso, sendo progressivamente mais raros os casos de famílias que se encontram nesta situação. A sua permanência na vila reveste-se, no entanto, de uma particularidade que se traduz pela alternância de residência entre o país de emigração e a vila de origem, ao longo do ciclo anual.

Com efeito, na maioria dos casos, uma vez atingida a idade da reforma, com filhos que estão já integrados nos países de acolhimento - casados, em fase de

prosseção de estudos ou com uma situação laboral estável - vivem uma parte do ano (Primavera e Verão) em Sendim, enquanto nos restantes meses do ano residem no país os seus filhos estão enraizados.

Deste modo, à semelhança do que sucedeu noutras regiões do país (Bastos, 1993) e da Península Ibérica (Brandes, 1975; Douglass, 1978), pode dizer-se que a emigração constituiu o grande motor da transformação ocorrida na aldeia dos anos 40, que se modernizou e apresenta sinais de uma evidente prosperidade. Tentar-se-á aprofundar outros aspectos dessa mudança, articulando-os com os momentos mais marcantes que condicionaram o seu surgimento, num diálogo constante com os seus protagonistas, através das suas histórias vivenciais, dos seus trajectos profissionais dos seus modos de vida actuais e das suas formas de recordar.

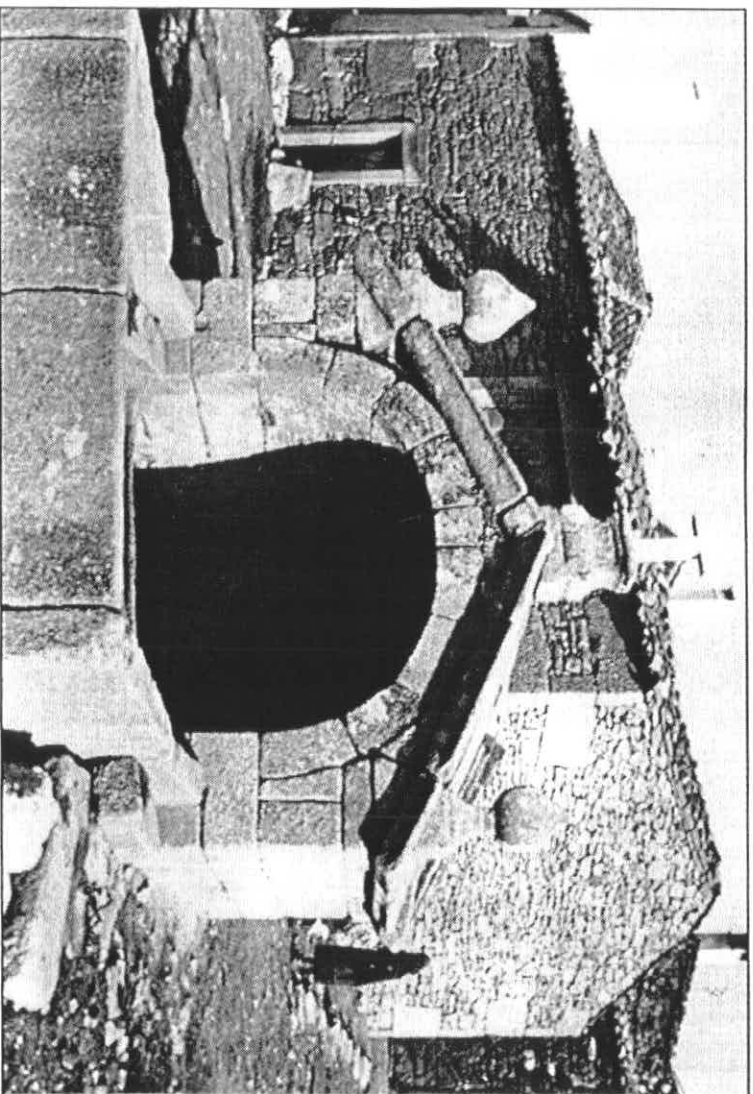


Foto 10 - Rua do centro da vila (anos 50)



Foto 11 - Mulheres apanhando estrume na rua (anos 60)

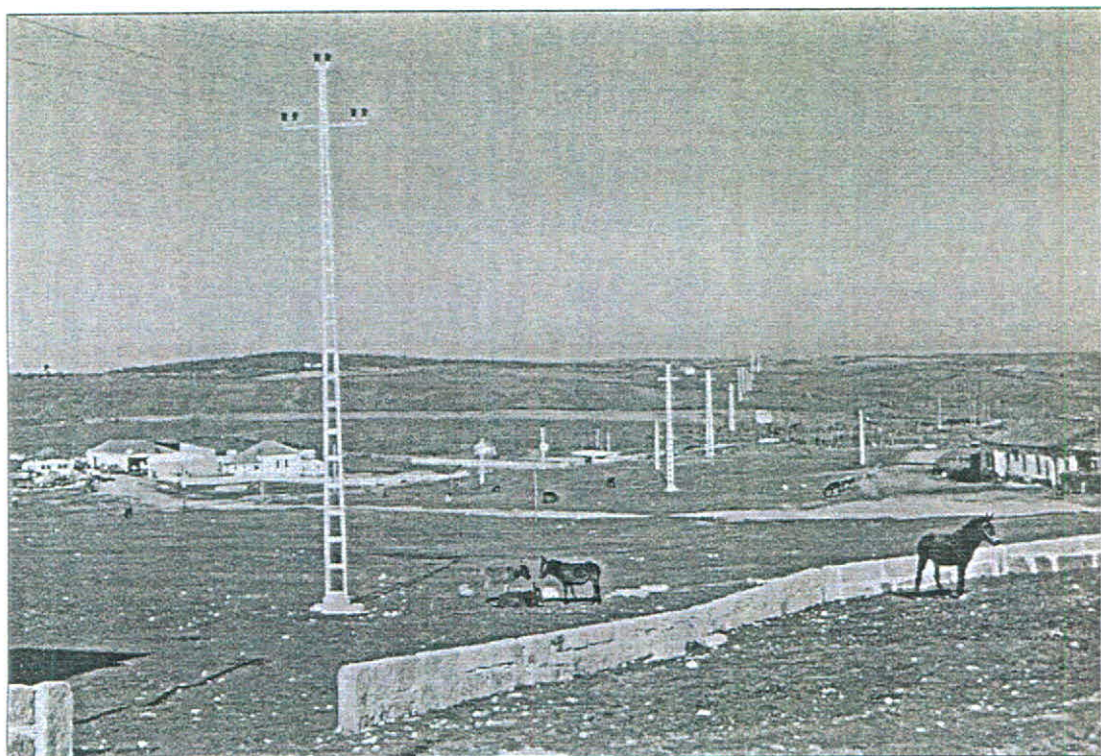


Foto 12 - Aspecto da «eira» ou «prado»



Foto 13 - O mesmo local nos anos 90



Foto 14 - Uma rua no centro da vila (anos 50)



Foto 15 - A mesma rua nos dias de hoje



Foto 16 - Rua dos Barreais (anos 60)



Foto 17 - Rua dos Barreais (anos 90)

III. Grupo doméstico: composição e fraccionamento

As duas fotografias da aldeia, distantes de cerca de 50 anos, serviram de pano de fundo para evidenciar os principais vectores da mudança social ocorrida durante este intervalo de tempo. Tratou-se, no entanto, de uma abordagem necessariamente genérica, que assentou na comparação de dois marcos de referência na história da aldeia: o início da década de 40 e o presente etnográfico.

Esta visão panorâmica, efectuada ao nível da comunidade, por si só não permite apreender a dinâmica subjacente aos processos inerentes às mudanças protagonizados pelos pequenos grupos que compõem o tecido social. E é necessário uma mudança de escala, menos abrangente e, por isso, mais microscópica, onde, com um certo relevo, se possam evidenciar estratégias, relações entre indivíduos, formas de viver e de transmitir, acompanhando, sempre que possível através do tempo, alguns dos percursos que melhor ilustrem essas transformações, tanto ao nível das práticas como ao nível das representações.

Neste sentido, o grupo doméstico, como *locus* de acção cultural, espacialmente circunscrito e gerando comportamentos relativamente observáveis, de onde emergem estratégias mais ou menos conscientes, sendo simultaneamente reflexo e reflector de valores culturais que reproduz ou subverte, constituiu a unidade de análise privilegiada desta pesquisa. Na elucidativa expressão de Hammel, o grupo doméstico *is the next bigger thing on the social map after an individual* (1984: 40-41).

O conceito de *grupo doméstico* pelo seu carácter polissémico e ambivalente, aliado aos problemas inerentes à sua definição, tem constituído um tema de aceso debate, desenvolvido por investigadores dos diferentes quadrantes das Ciências Sociais que têm procurado salientar a sua utilidade como noção operatória na interpretação e comparação das diversas sociedades e culturas.

Por se tratar de uma noção central, é explicitada a forma particular e os contornos específicos com que esta unidade operatória foi utilizada na presente pesquisa. Tal explicitação é, obviamente, o resultado da articulação dos aspectos mais relevantes do debate científico em torno do conceito de grupo doméstico, com as características peculiares de que ele se reveste no estudo empírico em causa.

É depois apresentada uma breve análise comparativa da morfologia dos grupos domésticos em relação aos dois períodos considerados: 1944/1994, procurando destacar a sua variabilidade tanto no eixo da sincronia (comparando em cada momento do tempo os grupos entre si), como no da diacronia (comparando os aspectos estruturais e funcionais inerentes a esses pequenos grupos nos dois momentos do tempo).

Por último, o nosso foco incide no *timing* de fraccionamento do grupo doméstico, procedendo-se a uma análise dos *Assentos de Casamento* desde 1910 até à actualidade, com o objectivo de interpretar as principais mudanças ocorridas em relação à formação do grupo doméstico que são, de certo modo, obscurecidas pela análise formal anteriormente efectuada.

A metodologia adoptada nesta fase da pesquisa visou proceder ao cruzamento de abordagens de índole quantitativa e qualitativa, procurando na vivacidade da palavra dos informantes o complemento para as rígidas percentagens numéricas a que se submeteu o quantificável e susceptível de submeter a tipologias classificatórias.

Para a análise da morfologia dos grupos domésticos recorreu-se ao tratamento da informação das duas fontes acima referidas - o *Status Animarum* de 1940-44 e o *Censo94* - tendo-se procedido à classificação dos grupos domésticos em cada uma das fontes, segundo a tipologia de Laslett (1972) que foi adaptada para contemplar as situações específicas deste estudo de caso. Importa salientar que o nosso

conhecimento sobre o critério de recolha do pároco que cumpria uma obrigação eclesiástica, é bastante incompleto, podendo apenas ser tiradas algumas ilações baseadas na forma repetitiva com que determinadas situações aparecem de forma recorrente neste recenseamento paroquial.

Para suprir algumas dificuldades relativas ao uso comparativo desta fonte, recorreu-se, sempre que possível, à memória dos informantes, tentando assim proceder a uma espécie de “validação” do *Status Animarum*. Atentando-se ao facto de não constituir a situação ideal, esta foi a alternativa possível, viabilizando o recurso a uma fonte que, apesar das suas limitações, contem informação extremamente rica em relação ao passado recente.

Sem querer entrar no detalhe da polémica que tem envolvido a definição do conceito de *household*⁹¹ e as limitações da utilização desta unidade operatória de contornos diversificados e controversos na comparação das sociedades num eixo espacial e/ou temporal, importa salientar o alcance particular com que ele foi utilizado na presente investigação, bem como os pressupostos fundamentais que estiveram na base da escolha desta unidade de análise.

Como refere Yanagisako (1979: 162), os termos *família* e *grupo doméstico*, embora raramente sujeitos a uma definição formal, expressam na maioria das vezes dois princípios organizacionais distintos: respectivamente, o primeiro ligado ao parentesco, o último à residência. Apesar desta aparente clarificação de princípios o simples critério de residência comum não basta para delimitar os contornos do grupo doméstico.

Chamando a atenção para o problema de definição de grupo doméstico na produção do discurso antropológico, a referida autora salienta um aspecto fundamental na definição do termo *household* que está ligado não apenas ao critério residencial mas também ao conjunto de actividades partilhadas num espaço comum:

⁹¹Sobre este assunto, Yanagisako (1979) no artigo intitulado «Family and Household: The Analysis of domestic groups», faz uma excelente análise do discurso antropológico produzido em torno dos conceitos, de *family* e *household*, utilizados, indiscriminadamente, por diversos autores que se têm debruçado sobre a temática familiar.

[...] *although the primary referent of the term household is spatial propinquity, in actual usage more is usually meant. Generally the term refers to a set of individuals who share not a living space but also some set of activities* (Yanagisako, 1979: 164).

As actividades de índole doméstica (relacionadas com a produção e consumo alimentar, reprodução sexual e os cuidados com os filhos) constituem assim a especificidade do grupo doméstico e permitem delimitar os contornos destas unidades primárias. Esta autora salienta a vantagem de começar por questionar quais as actividades domésticas centrais numa determinada sociedade e só depois compreender os laços (de residência ou de outro tipo) que ligam as pessoas entre si (Yanagisako, *op. cit.*).

O grupo doméstico constituiu uma unidade de descrição e análise privilegiada para, a um nível micro, apreender os principais vectores dessa mudança. Na realidade, parece incontestável que todos os indivíduos nascem e vivem nestes microcosmos de socialização e que seja a partir deles que se vão entretecendo as relações sociais mais abrangentes, accionando estratégias, transmitindo formas de pensar e de fazer.

Assim, os dois critérios fundamentais através dos quais se tem definido o grupo doméstico - *dormir sob o mesmo tecto, comer da mesma panela* (Mendras, 1976) - têm nesta pesquisa uma extensão particular:

O critério de co-residência não se limita a contemplar os indivíduos que de facto dormem sob o mesmo tecto, mas inclui também as pessoas temporariamente ausentes, que continuam ligadas a uma determinada casa, identificando-a como *a sua casa* quando vêm à aldeia. Nesta situação encontram-se, por exemplo, os filhos solteiros de um casal residente que estão a estudar ou a trabalhar fora da vila. Não se incluem os filhos casados em situação idêntica, pois eles próprios já constituíram um grupo doméstico autónomo e o seu contacto com a casa natal é meramente circunstancial - *estão de visita*.

Em situação idêntica aos primeiros, encontram-se também os cônjuges emigrados, que apesar de fisicamente ausentes, contribuem de forma significativa

para a manutenção do grupo doméstico, que atravessa uma fase pontual do seu ciclo de vida.

Quanto ao critério de comensalidade, também ele não pode ser tomado em sentido restrito, circunscrevendo o âmbito a que se aplica à presença física dos comensais. A sua importância como factor que permite traçar a fronteira entre o que é um grupo doméstico e o que não é, parece advir, essencialmente, da sua dimensão simbólica, evocando uma forte densidade corporativa e interactiva (Wilk e Netting, 1984) entre os elementos que constituem o grupo doméstico.⁹²

A este respeito, uma das pessoas em relação à qual se fazia o levantamento do grupo doméstico esclareceu de forma elucidativa algumas das dúvidas levantadas pela aplicação dos critérios acima referidos: *aqui vivo eu e o meu marido, tenho 3 filhos, dois estão casados e vivem em Coimbra, o mais novo, está a estudar, no Porto, esse ainda come da casa, como se costuma dizer.*

1. CASAR, APARTAR - A PREDOMINÂNCIA DA NEO-LOCALIDADE

Numa primeira análise dos grupos domésticos, recorreu-se à aplicação da *tipologia de Laslett* (Hammel e Laslett, 1974), tentando evidenciar a sua morfologia em 1944 e no presente etnográfico.

Em relação a cada um dos períodos, procurou-se interpretar as principais diferenças estruturais no eixo da sincronia, articulando-as com o contexto socio-económico particular do qual são indissociáveis. A comparação da morfologia dos grupos domésticos entre os dois períodos, constituiu o passo seguinte, no sentido de apreender os principais vectores de mudança evidenciáveis a partir desta abordagem da configuração dos grupos domésticos, numa perspectiva diacrónica.

⁹²Nesta medida um lar de terceira idade ou um grupo doméstico constituem unidades sociais inequivocamente distintas, que o critério de co-residência e de comensalidade, por si sós, não permitem destrinçar conceptualmente, apesar de, na prática, não haver qualquer problema com a sua identificação.

Assim, em relação a 1944, a constelação dos grupos domésticos apresentava a seguinte distribuição:

Quadro 5
Composição dos grupos domésticos, 1940-44 (em %)

Tipos de Grupo Doméstico	Nº de GD	%
1. Isolados	66	14,2
2. Solteiros co-residentes	2	0,4
3. GD de famílias nucleares	373	80,4
4. GD de famílias alargadas	13	2,7
5. GD de famílias múltiplas	10	2,2
Total de GD	464	100

Fonte: *Status Animarum* (1940-44)

Em termos globais, os dados sistematizados sustentam de forma inequívoca uma tendência dominante para a constituição de grupos domésticos de estrutura nuclear que concentram a maior parte (80%) do número total dos grupos domésticos listados no *Status Animarum* (1940-1944). Além desta categoria, encontram-se representados, por ordem decrescente de frequência, cerca de 14% de indivíduos vivendo sós; 5% de grupos domésticos compostos (englobando 13 famílias alargadas e 10 famílias múltiplas); e dois agregados não conjugais (0.4%), constituídos por *siblings* co-residentes.

Numa análise mais pormenorizada, desagregando estes valores globais a nível das subcategorias que constituem cada um dos tipos mais representados (Quadro XIX, AnexoB), os grupos domésticos *nucleares* são constituídos, sobretudo, por casais com filhos (72% do total de GD simples); seguidos de viúvos/as com filhos e casais sós, em número aproximado (respectivamente, 14% e 13% do total de GD nucleares).

A categoria de *isolados*, engloba 53 viúvos/as e 18 solteiros correspondendo, respectivamente, a 73% e 27% do total da categoria .

No que diz respeito aos grupos domésticos constituídos por famílias alargadas, verifica-se, sobretudo, uma extensão no sentido ascendente, pela inclusão de um dos progenitores do representante (ou cônjuge) no agregado familiar. Os poucos casos que surgem classificados na subcategoria de *extensão descendente*, referem-se à inclusão de neto(s) do casal representante que reside com a respectiva filha (casada, estando o marido ausente; ou na situação de *mãe solteira*). Ainda dentro da mesma categoria, encontramos um pequeno número de extensões no sentido lateral (por inclusão de um irmão ou cunhado do representante) e de combinações da extensão ascendente com a lateral.

Quanto aos casos que foram classificados como grupos domésticos de famílias múltiplas, resultantes da co-residência de um casal com um (ou mais) filho(s) casado(s) e/ou filho(s) solteiro(s), é necessário salientar que se optou, com bastantes reservas, por esta classificação, na medida em que a análise particular de cada um destes agregados levantou algumas dúvidas.

Com efeito, verificou-se que o pároco mencionava, por vezes, em relação a este tipo de casais, não só os filhos que com ele residiam, mas todos os filhos do casal, casados e solteiros, independentemente de co-residirem ou não. Muitos destes *filhos casados*, e registados como descendentes na sequência de um determinado casal, apareciam depois, de forma redundante, como representantes de um grupo doméstico autónomo, com os respectivos cônjuges (e filhos); noutros casos, segundo esclarecimentos de alguns informantes, tratar-se-ia de filhos casados que haviam emigrado.

Nesta medida, face ao reconhecimento de uma certa mistura do critério genealógico com o critério residencial na listagem do pároco, não é possível afirmar que os grupos assim classificados, corresponderem, de facto, a grupos domésticos de famílias múltiplas, com todas as implicações em relação às estratégias de transmissão e reprodução inerentes a este tipo de agregados, que surgem com uma

relevância estatística importante não só noutras aldeias trasmontanas (O'Neill: 1984), como também em certas regiões do país, particularmente no Noroeste⁹³.

Em resumo, os dados sobre a estrutura dos grupos domésticos do passado, elaborados com base na informação do *Status Animarum* recolhido entre 1940-1944 pelo pároco da freguesia - tomando em consideração os critérios de recolha que podem deduzir-se quer através dos pressupostos eclesiásticos que presidiam a este tipo de contagem, quer através da coerência interna da fonte (como no caso que se acabou de referir) - apresentam uma tendência acentuada para a constituição de grupos domésticos de família nuclear, evidenciando a preferência pela residência neo-local, após o casamento.



Foto 18 - Uma família de lavradores (anos 30)

⁹³Sobre a importância deste tipo de agregados múltiplos no Noroeste, vejam-se os trabalhos de Robert Rowland (1981), Caroline Bretell (1991), Feijó e Nunes (1986), Pina-Cabral (1989), Karin Wall (1992).

Esta situação, além da relevância estatística apresentada, corresponde ao ideal de neo-localidade, verbalizado pelos mais velhos através da expressão popular local: *casar, apartar*⁹⁴, que ilustra a importância do casamento como marco de um novo ciclo no processo de desenvolvimento do grupo doméstico. Retomar-se-á esta questão mais adiante, quando se proceder à análise da evolução do *timing* de fraccionamento do grupo doméstico.

Comparação da estrutura dos grupos domésticos (1944/1994)

Passados cerca de 50 anos, não é agora o pároco da freguesia que procede à morosa tarefa de contar, porta a porta, casa a casa, os habitantes da freguesia. Desta vez é o antropólogo, acompanhado das suas ferramentas - maços de fichas, uma caneta. A diversidade de situações que cada casa albergava dificultavam-lhe a tarefa. A segurança que julgava ter em relação à definição de grupo doméstico começa a diluir-se com o desenrolar desta incursão no terreno.

A pouco e pouco os contornos vão-se tornando mais claros e as dúvidas pontuais desvanecendo - uma definição de grupo doméstico foi emergindo deste contacto com a realidade empírica, à medida que determinadas situações que escapavam às definições do antropólogo iam sendo levantadas.

Como foi anteriormente referido, a co-residência permanente, ou temporária, aliada à comensalidade real, ou simbólica, constituíram os critérios básicos para a definição desta unidade descritiva e analítica. Por outro lado, a densidade da interacção funcional, intra grupo doméstico, permitiu dissolver algumas dúvidas pontuais quanto à inclusão ou exclusão de determinados elementos do grupo doméstico, tendo sido resolvidas, caso a caso, na altura em que se procedia ao levantamento dos elementos de cada um dos agregados familiares.

Seguindo o tratamento efectuado para a fonte usada em relação ao passado, procedeu-se à aplicação da tipologia de Laslett (*op. cit.*) aos grupos domésticos recenseados pela própria, no presente etnográfico (Quadro 6).

⁹⁴Denotando este termo, a separação em relação ao grupo doméstico de origem.

Quadro 6
Composição dos grupos domésticos, 1994 (em %)

Tipos de Grupo Doméstico	Nº de GD	%
1. Isolados	81	18
2. Solteiros co-residentes	2	0.4
3. GD de famílias simples	346	74
4. GD de famílias alargadas	30	7
5. GD de famílias múltiplas	2	0.4
Total de GD	461	100

Fonte: *Status Animarum de 1940/44*

À primeira vista, a análise deste quadro sugere uma grande estabilidade nos padrões de composição do grupo doméstico, verificando-se, tal como no passado, uma notória tendência de grupos domésticos de estrutura nuclear. O peso relativo de grupos domésticos compostos (constituídos por famílias alargadas ou múltiplas) continua a ter uma pequena representatividade no contexto geral, apesar de evidenciar um ligeiro aumento relativamente a 1944.

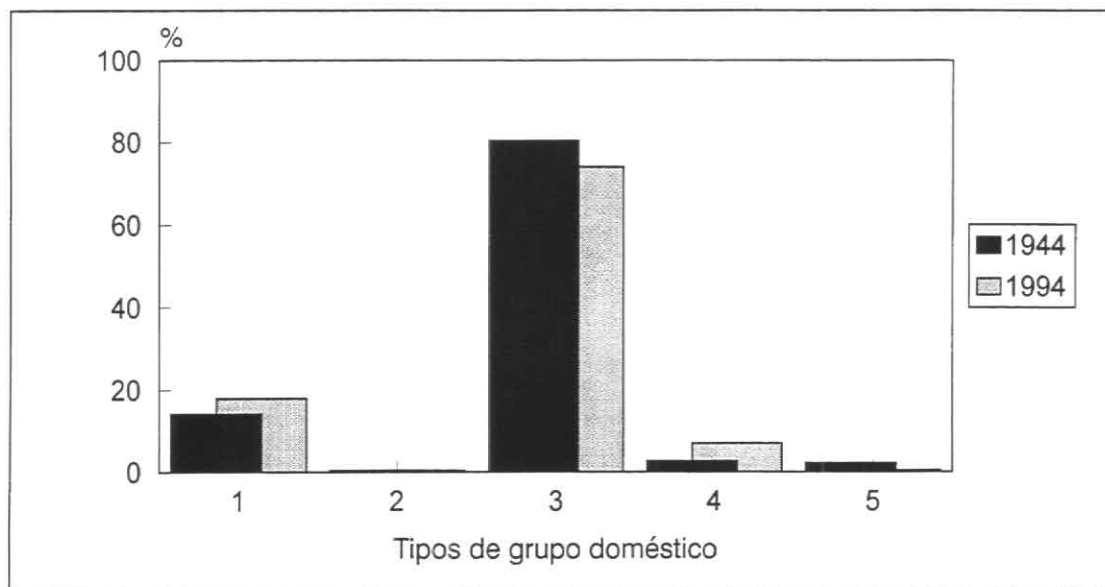
A comparação pormenorizada destas duas constelações estáticas, deixa entrever, contudo, algumas mudanças importantes em relação à composição dos grupos domésticos, que apesar da sua pequena representatividade estatística, não deixam de ser igualmente significativas.

Com base nos dados acima apresentados, foi construído o gráfico da Figura 21, que, independentemente das limitações inerentes à comparação de duas imagens cristalizadas no tempo, constituiu uma primeira abordagem que sugere algumas pistas interessantes a seguir, recorrendo a outro tipo de informação de índole qualitativa.

Figura 21

Composição dos grupos domésticos (1944-1994)

Tipos de grupo doméstico: 1 - isolados; 2 - solteiros co-residentes; 3 - famílias simples;
4 - famílias alargadas; 5 - famílias múltiplas



Fonte: *Status Animarum* de 1940-44 e *Censo94*

A comparação da composição dos grupos domésticos entre os dois períodos revela, deste modo, ligeiras variações em quase todas as categorias, sendo de salientar uma tendência que apesar da sua pequena expressividade numérica, aponta para um modelo evolutivo dissonante das teorias clássicas sobre a modernização da família (Parsons, 1955; Goode, 1963; Anderson, 1975), verificando-se, neste caso, um aumento dos grupos domésticos compostos (constituídos por famílias alargadas e múltiplas) que acompanha o recuo dos grupos domésticos de famílias nucleares.

Enquanto o número total de grupos domésticos residentes é muito aproximado nos dois períodos (464 em 1944 e 461 em 1994), já a população total residente diminuiu de 1711 para 1252 habitantes, o que por si só indicia uma nítida quebra na dimensão do grupo doméstico (Quadro 7).⁹⁵ Com efeito, a dimensão média dos

⁹⁵Este número total de habitantes, é ainda menor, se se descontarem os indivíduos que embora fazendo parte do grupo doméstico, pelas razões acima indicadas, se encontram temporariamente ausentes (tratando-se na maioria dos casos de indivíduos que se encontram a prosseguir os estudos fora da vila)

grupos domésticos decresceu de 3.7 para 2.6 elementos e a moda, que antes se situava nos agregados de quatro pessoas, passou a situar-se nos agregados de duas pessoas. Actualmente, apenas uma percentagem reduzida de grupos domésticos, (1.8%), têm mais de cinco elementos, quando em meados do século cerca de 16% dos grupos domésticos da aldeia ultrapassavam esse número.

Quadro 7
Dimensão dos grupos domésticos (1944-1994)

Nº de pessoas por GD	1944		1994	
	Nº	%	Nº	%
1 pessoa	64	13.8	81	17.5
2 pessoas	71	15.3	143	31
3 pessoas	96	20.7	86	18.6
4 pessoas	95	20.5	110	23.8
5 pessoas	62	13.4	33	7.2
6 pessoas	38	8.2	5	1.1
7 pessoas	22	4.7	3	0.7
8 pessoas	6	1.3	-	-
9 pessoas	6	1.3	-	-
10 pessoas	3	0.6	-	-
13 pessoas	1	0.2	-	-
Total	464	100	461	100
Média	3.7		2.6	
Moda	4		2	

Fonte: *Censo94*

Estas mudanças na estrutura do grupo doméstico, reflectindo-se principalmente na sua dimensão, e de forma menos acentuada no que diz respeito à sua composição,

devem ser interpretadas como a expressão a nível local dos contextos socio-económicos e demográficos mais gerais do país, inerentes a cada um destes períodos.

Pelos anos 40, Sendim fazia parte daquele *Portugal profundo das aldeias isoladas, sem estradas, sem água, sem luz sem esgotos, ainda por muitos anos* onde pequenos camponeses e camponeses pobres labutavam de sol a sol numa terra pouco produtiva, de onde retiravam a maior parte do seu sustento, trabalhando-a a poder de braços, tal como ela se lhes oferecia (Rosas, 1994: 33). Neste mesmo contexto, as taxas de natalidade e mortalidade do distrito de Bragança, no qual o concelho de Miranda do Douro se insere, acusavam uma transição demográfica ainda inexpressiva, mantendo-se os elevados índices que caracterizam as sociedades do Antigo Regime.

Apesar de não terem sido calculadas taxas de natalidade ou de mortalidade para a freguesia em causa, uma vez que tal minúcia demográfica ficava fora do âmbito deste trabalho, os dados estatísticos regionais e os testemunhos de alguns informantes, permitiram salientar como eram elevados os números de nascimentos e de mortes, em especial durante os primeiros anos de vida.

O antigo médico municipal, actualmente com 83 anos, residente na aldeia desde o início da década de 40, fala da sua experiência:

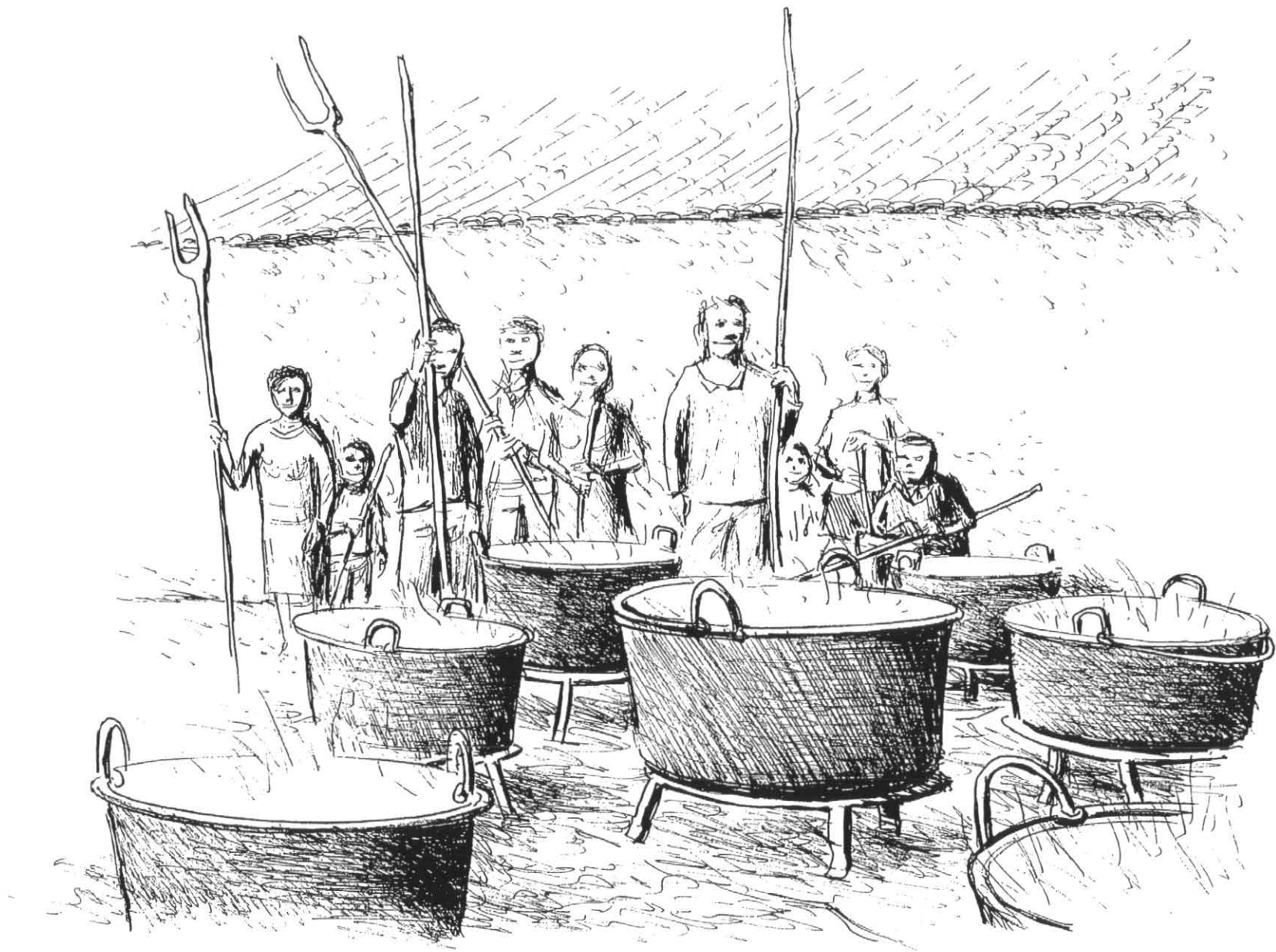
Houve uma queda bárbara da natalidade. As famílias eram numerosas: cinco, seis, sete filhos, era bastante frequente. Agora não, é um, dois (três já é um bocado raro). A mortalidade das crianças era tremenda - nasciam vinte e passavam aí uns sete ou oito. Chegava-se ao Verão, vinham essas gastroenterites, e iam-se mais de metade das crianças. Hoje, é raro uma criança morrer. Dos mais velhos, poucos passavam dos setenta, vinham as trombozes, que esta gente abusa muito da carne de porco....

As atitudes perante a morte reflectem, de certa forma, a conjuntura socio-económica e demográfica, da qual são indissociáveis, como pode apreender-se de uma curiosa observação deste mesmo octogenário:

Quando eu vim para cá, havia uma coisa que me irritava de sobremaneira. Se me aparecia um muito pequenino que estava gravemente doente, comentavam logo: - Oh! Eles fazem outro, senhor doutor. Se fosse um velho, o que diziam era: Paciência! Ele já cumpriu e nós temos que cumprir. Mas quando se tratava de uma criança aí com os seus cinco ou seis anos, era logo: Ai senhor doutor, a ver se a salva que nos faz tanta falta!

A situação actual nesta vila semi-rural, semi-urbana, onde melhoraram as condições higiénico sanitárias de forma significativa, onde a mecanização da agricultura se foi efectuando de forma progressiva, sendo notória a diversificação profissional e a penetração de outros modos de vida trazidos das cidades para onde se emigrou, já nada tem a ver com as descrições impressionistas do passado.

O grupo doméstico retrai-se e (re)organiza-se face a esta nova conjuntura e apesar das limitações decorrentes desta abordagem formal, há sinais significativos de mudança que constituem um bom ponto de partida para tentar compreender, a outros níveis e com base numa abordagem mais qualitativa, a estreita articulação que parece existir entre as mudanças socio-económicas gerais e a sua expressão ao nível destes micro-espacos.



Gravura 3 - Grupo de jovens preparando um «patente» (anos 60).

O patente era uma comemoração que tinha lugar na semana anterior ao casamento e na qual participava a aldeia em peso, a quem os pais da noiva serviam tremoços e vinho à descrição

2. O CASAMENTO, CONTROLO SOCIAL E MUDANÇA

Enquanto a análise comparativa da composição dos grupos domésticos nos dois períodos considerados (1944 / 1994), revelou uma grande uniformidade morfológica e a nuclearidade e neo-localidade constituíam o padrão generalizado de organização familiar durante os últimos 50 anos, diversos factores de índole social, demográfica e económica contribuíram para a modificação das relações familiares durante este intervalo de tempo, cuja visibilidade escapa a uma abordagem estrutural de duas imagens estáticas das configurações familiares.

O nosso foco incide agora sobre o casamento - um acontecimento particularmente importante no ciclo de vida familiar - considerado como *indicador-chave* para a compreensão dos processos de reprodução social: o *estudo das trocas matrimoniais confunde-se com o estudo da história económica e social das famílias*, diz Bourdieu (1972: 129).

Nesta medida, merecem particular atenção duas variáveis fundamentais inerentes ao processo de fraccionamento dos grupos domésticos: a idade ao casamento e a naturalidade dos cônjuges. Através delas procura-se perspectivar eventuais rupturas com o passado, articulando-as com os períodos mais marcantes da história local.

Os dados foram analisados com base numa análise estatística, que se estimou ser bastante adequada face ao seu volume e características. Quando se fala em análise estatística, pensa-se, normalmente, em estatística *paramétrica*. Contudo, um teste estatístico *paramétrico* obriga a certas condições sobre a distribuição da população a partir da qual as amostras foram retiradas e, considerando que essas condições nem sempre podem ser testadas, elas são, muitas vezes, assumidas como válidas. Assim, a validade dos resultados destes testes depende da validade desses pressupostos.

Por vezes, consegue-se testar se as condições para a elaboração de um determinado teste estão asseguradas mas, na maioria dos casos, apenas é possível *assumir* que estão asseguradas. Alguns dos testes mais utilizados em estatística

paramétrica, como o teste t e o teste F , têm uma série de pressupostos que condicionam o seu uso:

- as observações devem ser independentes.
- as observações devem ser retiradas de populações distribuídas normalmente.
- quando a análise se reporta a dois grupos, as populações devem ter a mesma variância.

A impossibilidade de testar essas condições, ou a certeza de uma delas não se verificar, deverá ser suficiente para o recurso a outro tipo de metodologia, que não tenha pressupostos tão numerosos e rigorosos sobre a população a partir da qual as amostras foram retiradas. Estas técnicas inserem-se na chamada estatística *não paramétrica*.

Os métodos utilizados na estatística não paramétrica são independentes de uma distribuição pré-determinada (por exemplo a distribuição normal), funcionando com uma elevada gama de distribuições diferentes. Chamam-se, precisamente, métodos *não paramétricos*, uma vez que a sua *hipótese nula*⁹⁶ não está relacionada com parâmetros específicos, (como é o caso da média na análise de variância), mas sim com a distribuição das variáveis (Sokal e Rohlf, 1981).

Nesta medida, tendo em conta a natureza específica dos dados em análise, privilegiaram-se os métodos não paramétricos para a comparação entre as sucessivas décadas da idade ao primeiro casamento, por sexo e por grupo socioprofissional.

Sempre que foram comparadas duas amostras (sexos, por exemplo), recorreu-se ao teste *Mann-Whitney U* - um dos testes não paramétricos mais utilizados e mais robustos, que constitui uma alternativa ao teste paramétrico t . Na comparação de mais do que duas amostras (nomeadamente, idade ao primeiro casamento nos

⁹⁶A *hipótese nula* diz que não há diferenças entre as populações a partir das quais as amostras foram retiradas, ou seja, assume que as populações são iguais até demonstração em contrário. Para a comparação das populações foi usado o valor de probabilidade de 5%, como critério para rejeitar uma hipótese. Isto significa que, se a probabilidade da observação for 5 ou menos, a hipótese nula é rejeitada; se for mais do que 5, a hipótese nula é aceite.

homens, nas diferentes décadas), o teste de *Kruskal-Wallis (KW)* foi o escolhido. O programa estatístico utilizado foi o *BIOMstat for Windows* (versão 3.0) (Rohlf e Slice, 1995).

2.1. A idade dos noivos: uma variável-chave

Segundo o modelo interpretativo de Hajnal, a idade ao casamento constitui uma das variáveis-chave para a compreensão dos padrões de formação do grupo doméstico. Assim, *nos grupos domésticos constituídos por famílias nucleares, a unidade conjugal tenderia a formar-se mais tarde do que nos grupos domésticos de famílias múltiplas, cuja idade ao casamento das unidades conjugais sucessivamente constituídas apresentaria valores médios menos elevados* (1965)⁹⁷.

A importância desta variável, salientado por diversos autores que em contextos geográficos e sociais distintos têm procurado testar o modelo proposto por Hajnal, levou a uma exploração dos dados referentes a Sendim, sob a mesma perspectiva .

Com base no levantamento dos *Assentos de Casamento do Registo Paroquial* da freguesia, desde 1910 até 1994 procedeu-se à análise da idade dos cônjuges à data do primeiro matrimónio, tendo sido excluídos os casamentos que envolviam um dos cônjuges viúvo(a), na medida em que a sua inclusão poderia provocar alguma distorção nos dados.

Ao comparar-se a idade ao 1º casamento, entre homens e mulheres e para cada uma das décadas em análise, através do teste *Mann-Whitney U*, obteve-se sempre uma probabilidade de semelhança inferior a 0.05⁹⁸ (Quadro 8), o que significa que a idade do 1º casamento nos homens é sempre diferente da das mulheres, em qualquer das décadas. Por esta razão, e no decorrer da análise, os sexos foram sempre considerados separadamente.

⁹⁷Tradução livre.

⁹⁸Nível mínimo de significância considerado para que a idade ao primeiro casamento, por década, fosse igual entre homens e mulheres.

Quadro 8

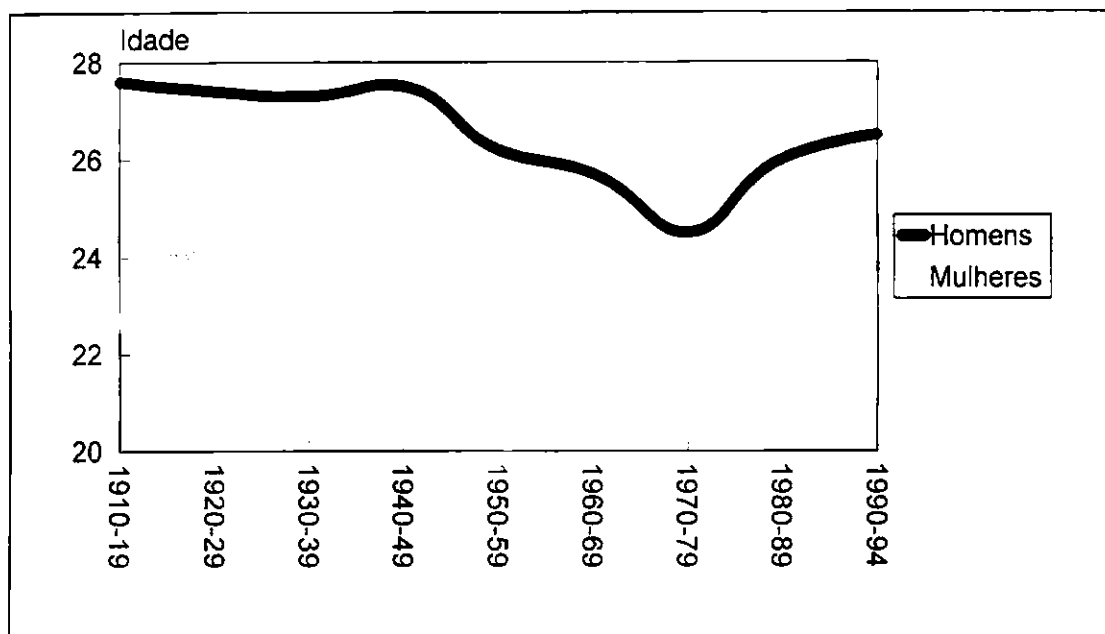
Comparação entre a idade do 1º casamento, por década, entre homens e mulheres

	Resultados do teste	Prob. de semelhança
Década de 10	U = 3263	P < 0.001
Década de 20	U = 10366	P < 0.001
Década de 30	U = 11886	P < 0.001
Década de 40	U = 13281	P < 0.001
Década de 50	U = 15764	P < 0.001
Década de 60	U = 11769	P < 0.001
Década de 70	U = 9242	P < 0.001
Década de 80	U = 5960	P < 0.001
Década de 90	U = 1081	P < 0.001

Fonte: Assentos de Casamento do Registo Paroquial de Sendim (1910-1994)

Em termos de tendências globais e tendo em vista a expressividade desta variável ao longo do tempo, apresenta-se, na Figura 22, a evolução do valor médio da idade do noivo e da noiva, em cada uma das décadas consideradas:

Figura 22
Idade média dos noivos ao 1º casamento, de 1910 - 1994



Fonte: Registo Paroquial, Assentos de Casamento da Freguesia de Sendim

Numa primeira análise deste gráfico, verifica-se que tanto a idade dos homens como a das mulheres, ao primeiro casamento, apesar das oscilações ao longo do tempo, apresenta valores considerados elevados, em conformidade com o modelo defendido por Hajnal para a Europa pré-industrial. Com efeito, segundo este autor, pode falar-se de casamento tardio quando *as idades médias ao primeiro casamento se situam acima dos 26 anos para os homens e à volta dos 23 anos para as mulheres* (Hajnal 1982: 450).

Este gráfico evidencia, ainda, uma evolução diferencial entre as idades ao casamento de cada um dos cônjuges, sugerindo que os efeitos das transformações socio-económicas locais e conjunturais no *timing* para o fraccionamento dos grupos domésticos (iniciado a partir da consumação do matrimónio) não se reflectem com igual expressividade em ambos os sexos.

No caso dos homens, até aos anos 40 (inclusive), a idade ao casamento é bastante semelhante, apresentando, a partir da década de 50, oscilações significativas que se traduzem por uma descida acentuada e contínua até à década de 70, e por uma nova subida a partir dos anos 80. No caso das mulheres, as oscilações são menos

bruscas, evidenciando uma tendência ligeiramente decrescente até à década de 70. A partir dos anos 80 e até à actualidade, verifica-se uma subida progressiva que acompanha a tendência evolutiva já evidenciada no caso dos homens.

Como poderá ser articulada a evolução das idades dos nubentes com as transformações socio-económicas, consideradas na sua incidência local? Complementando o valor médio de idades que evidencia as tendências crescentes e decrescentes deste indicador, têm particular importância as oscilações ao longo do tempo, contextualmente analisadas à luz dos acontecimentos mais marcantes da história local.

Para este efeito, a evolução da média das idades ao primeiro casamento, por si só, apenas permitiu caracterizar as tendências globais do *timing* de fraccionamento dos grupos domésticos, sendo os períodos significativos de mudança relativamente obscurecidos pelo recurso a uma medida estatística meramente descritiva, apesar de frequentemente utilizada em estudos desta natureza. Dizer, por exemplo, que a idade média ao casamento subiu numa década e desceu noutra, diz-nos muito pouco sobre a representatividade estatística dessas subidas e descidas. Por outro lado, é controverso tratar com a mesma fiabilidade o intervalo das idades médias entre as diversas décadas estudadas, quando as diferenças de década para década podem apresentar valores médios diferenciais que vão desde 0,1 a 1,5.

A idade ao 1º casamento, nos homens, nas diferentes décadas

Numa primeira fase, da aplicação do teste de *Kruskal-Wallis* à idade do primeiro casamento, ao conjunto das décadas de 1910-1990, foi obtido o valor $KW=55.38$ ($P<0.001$), o que significa que a idade ao primeiro casamento é estatisticamente diferente entre as décadas em comparação e para o nível de significância adoptado ($P>0.05$).

Numa segunda fase, foi preciso detectar quais as décadas que estariam a afectar o conjunto, para que o resultado tivesse sido estatisticamente diferente. Analisando o Quadro 9, pode observar-se que a década de 50 apresenta valores da idade ao 1º casamento estatisticamente diferentes das décadas anteriores e da década de 90 e que,

na década de 80, os valores da idade ao 1º casamento registados, são estatisticamente diferentes dos das décadas de 20, 30 e 40.

Quadro 9

Resultados do teste de comparação múltipla efectuada entre os valores da idade ao 1º casamento, nos homens e nas diferentes décadas.

(*) - diferença significativa para $P < 0.05^{99}$. Os valores acima da diagonal correspondem às diferenças críticas e os valores abaixo da diagonal representam as diferenças entre os rankings médios

	Déc 10	Déc. 20	Déc. 30	Déc. 40	Déc. 50	Déc. 60	Déc. 70	Déc. 80	Déc. 90
Déc. 10		136.0	138.7	136.6	141.3	146.8	227.9	141.3	135.6
Déc. 20	25.3		78.2	74.4	82.7	91.9	197.1	82.7	72.6
Déc. 30	4.5	20.8		79.1	87.0	95.8	198.9	87.0	77.5
Déc. 40	17.2	8.1	12.7		83.6	92.7	197.4	83.6	73.6
Déc. 50	146.6*	121.3*	142.1*	129.4*		99.5	200.7	91.1	82.0
Déc. 60	106.1	80.8	101.6*	88.9	40.5		204.7	99.5	91.3
Déc. 70	190.3	165.0	185.8	173.1	43.7	84.2		200.7	196.8
Déc. 80	114.5	89.2*	109.9*	97.3*	32.1	8.3	75.8		82.0
Déc. 90	38.5	13.2	34.0	21.3	108.1*	67.6	151.8	76.0	

Fonte: Assentos de Casamento do Registo Paroquial de Sendim (1910-1994)

⁹⁹Quando os valores das diferenças entre os *rankings* médios (abaixo da diagonal) são superiores aos das diferenças críticas (acima da diagonal), considera-se que há diferença significativa para o nível de significância considerado (0.05).

Idade ao 1º casamento, nas mulheres e nas diferentes décadas

Da aplicação do teste de *Kruskal-Wallis* à idade ao 1º casamento no conjunto das décadas de 1910-1990, foi obtido um valor de $KW = 33.9$ ($P < 0.001$), o que significa que a idade ao primeiro casamento é estatisticamente diferente entre as décadas em comparação e para o nível de significância adoptado ($P > 0.05$).

Quadro 10

Resultados do teste de comparação múltipla efectuada entre os valores da idade ao 1º casamento, nas mulheres e nas diferentes décadas

(*) - diferença significativa para $P < 0.05$. Os valores acima da diagonal correspondem às diferenças críticas e os valores abaixo da diagonal representam as diferenças entre os rankings médios

	Déc. 10	Déc. 20	Déc. 30	Déc. 40	Déc. 50	Déc. 60	Déc. 70	Déc. 80	Déc. 90
Déc. 10		136.0	138.7	136.6	141.3	146.8	227.9	141.3	135.6
Déc. 20	84.7		78.2	74.4	82.7	91.9	197.1	82.7	72.6
Déc. 30	69.1	15.6		79.1	87.0	95.8	198.9	87.0	77.5
Déc. 40	104.6	19.9	35.5		83.6	92.7	197.4	83.6	73.6
Déc. 50	173.8*	89.1*	104.7*	69.1		99.5	200.7	91.1	82.0
Déc. 60	157.2*	72.4	88.1	52.5	16.6		204.7	99.5	91.3
Déc. 70	137.0	52.3	68.0	32.4	36.7	20.1		200.7	196.8
Déc. 80	129.8	45.1	60.7	25.2	43.9	27.3	7.2		82.0
Déc. 90	2.6	87.3*	71.7	107.2*	176.4*	159.7*	139.6	132.4*	

Fonte: Assentos de Casamento do Registo Paroquial de Sendim (1910-1994)

Tal como se havia procedido em relação ao sexo masculino, foi igualmente necessário detectar qual a(s) década(s) que estaria a afectar o conjunto, para que o resultado tivesse sido estatisticamente diferente na globalidade das décadas em

análise. Observando o Quadro 10, pode verificar-se que, uma vez mais, é a década de 50 que apresenta valores da idade ao primeiro casamento estatisticamente diferentes das décadas anteriores, sendo ainda, de referir a década de 90, com valores significativamente diferentes das décadas de 20, 40, 50, 60 e 80.

2.2. Casamentos *arranjados* e casamentos próximos

À luz desta ferramenta estatística, pode substantivar-se a interpretação dos dados sobre a *idade dos noivos à data do primeiro casamento*, considerando além do valor médio, também a importância da diferença na distribuição das idades ao casamento de década para década, o que permitiu avaliar com particular detalhe e segurança sobre o significado estatisticamente diferente das oscilações ocorridas ao longo de todas as décadas consideradas.

Assim, não parece haver mudanças significativas em relação à idade com que ambos os cônjuges se casam durante as primeiras décadas apresentadas, verificando-se um padrão bastante homogêneo nas décadas de 1910, 1920, 1930, 1940 - período este caracterizado, como se referiu anteriormente, por um casamento tardio dos dois cônjuges. A partir da década de 50 as oscilações verificadas na distribuição de frequências da idade ao primeiro casamento, corroboram, com particular expressividade, os períodos mais *turbulentos* da história local.

Como foi referido no capítulo anterior, os anos 50 constituem um marco importante na história da aldeia (e da região) pela influência positiva que as obras de construção das três barragens de aproveitamento hidroelétrico do rio Douro, viriam a ter a nível de desenvolvimento local.

Pode dizer-se que esta década de quebra da idade ao casamento corresponde, em certa medida, ao início de um ciclo de ruptura com a sociedade tradicional, que tenderá a acentuar-se nos anos subsequentes. O comércio intensifica-se e o mercado de trabalho expande-se, criando alternativas de autonomia económica que viabilizam um fraccionamento dos grupos domésticos mais precoce e menos centrado na possibilidade de acesso à terra, controlada a nível social pelos mais ricos e, a nível familiar, pela geração mais velha.

No contexto de uma economia assente na terra, um dos principais critérios que afectavam as escolhas matrimoniais centrava-se, deste modo, na propriedade, sendo este aspecto repetidas vezes lembrado pelos mais velhos, cuja memória remonta ao tempo em que os casamentos eram manifestamente *arranjados* e criteriosamente controlados. Diz-nos a este respeito um agricultor de 50 anos, referindo-se ao tempo da sua infância: *olhava-se muito ao dinheiro na altura, aos poderes, aos teres, aos terrenos, à terra, o ter era a terra, porque dinheiros, naquela altura havia poucos. Fulana tem boas terras, tem tantas juntas de vacas, era a isso que se olhava.*

O controle da propriedade por parte das gerações mais velhas era, de certo modo, usada como força coerciva em relação aos descendentes, cuja sobrevivência dependia largamente do acesso à terra. Quando um filho se casava e constituía o seu próprio grupo doméstico, era frequente haver uma cedência de propriedade por parte do casal progenitor, que era compensada ao longo do tempo por uma estreita reciprocidade entre as casas. Esta situação permitia dar continuidade à execução das tarefas de rotina no mesmo quadro familiar, sobretudo nas fases que requeriam maior número de participantes e assegurar que os pais tivessem assistência na velhice quando impossibilitados de trabalhar.

Enquanto nas primeiras décadas estudadas, o controle da terra por parte da geração mais velha explica, até certo ponto, a persistência do casamento *tardio*, a partir dos anos 50 é o alargamento do mercado de trabalho que parece estar na base da tendência decrescente evidenciada na idade ao casamento, na medida em que criou alternativas de vida e de opções que viabilizaram uma autonomia efectiva mais precoce.

Este novo ciclo mantém-se relativamente estável até aos anos 80, quando se verifica uma notória perturbação na tendência evolutiva da idade ao casamento que se prolonga na década de 90 - por um lado, a idade média dos cônjuges acusa uma subida em ambos os sexos; por outro lado, a distribuição de frequências diz-nos que em relação às décadas precedentes, a idade com que os homens se casam nesta

década é estatisticamente diferente, o mesmo se verificando em relação às mulheres na década de 90.¹⁰⁰

Estas oscilações apreendidas a partir da análise da idade ao casamento, parecem indissociáveis dos efeitos nas novas gerações das transformações sociais e económicas produzidas pela mobilidade geográfica e social massiva a que se assistiu anteriormente, pelo que devem ser perspectivadas num contexto completamente diferente. À possibilidade de um trabalho externo, alia-se a tendência para a generalização da escolaridade que constitui, de forma preeminente, uma das manifestações mais visíveis dessa transformação.

Será interessante acompanhar a evolução deste indicador nas várias gerações, procurando evidenciar, em cada uma das *cohortes* consideradas, qual a sua incidência em ambos os sexos. (Quadro 11).

Quadro 11

Instrução, por sexo, comparando diferentes *cohortes*

Níveis de instrução: 1- não sabe ler nem escrever; 2- Primário (comp. e inc.); 3- Preparatório e Secundário; 4- 12º ano e quaisquer outros níveis superiores

	HOMENS				MULHERES			
	Nível de Instrução				Nível de Instrução			
	1	2	3	4	1	2	3	4
antes de 1945	31.9	58.5	7.4	2.2	62.5	34.4	1.9	1.2
1945 - 1969	11.0	40.1	33.0	15.9	6.0	40.7	27.5	25.8
1970 - 1994	1.9	5.8	70.2	22.1	1.4	5.7	54.3	38.6

Fonte: *Censo94*

Em contraste com o passado, verifica-se uma generalização da instrução, devendo-se em parte, às medidas legislativas que foram tomadas a nível nacional,

¹⁰⁰Refere-se apenas aos anos de 1990 a 1994.

conducentes ao sucessivo prolongamento da escolaridade obrigatória¹⁰¹, e ao *abrandamento de resistências que bloqueavam o alastramento do processo* (Ferreira de Almeida 1986: 267). Como tão bem refere este autor:

«[...] há uma ou duas gerações, com efeito, dificilmente os agricultores viam utilidade nos estudos dos filhos, e, como o esforço escolar entrava em contradição, por outro lado, com a disponibilidade de trabalho infantil, não admira que se verificassem, em diversas zonas do interior, baixos índices de frequência e elevadas taxas de abandono precoce da escolaridade obrigatória».

(*op. cit., idem*)

Assim, corroborando os aspectos salientados por J. F. de Almeida, em relação a Fonte de Arcada, a valorização da instrução como factor promocional modificou-se completamente nas últimas décadas, e, se a maior parte dos avós dos actuais estudantes raramente frequentavam a escola, porque os seus pais não viam nela qualquer utilidade, hoje em dia é com grande desgosto que os pais desses estudantes se confrontam com os casos de insucesso escolar, investindo, por vezes com grande sacrifício, na formação académica, tão prolongada quanto possível dos seus descendentes.

Em relação ao passado, a infância de Maria é particularmente ilustrativa da inutilidade associada à instrução:

A mim puzeram-me na escola durante uns dias, e depois, o meu pai dizia para a minha mãe: que diabo meteste a rapariga na escola e os vitelos aqui a roncar todo o dia? Se volta à escola, leva-me dois pontapés...Naquele tempo, não era de obriga, andava à escola quem queria. E logo lhe foi a dizer à professora que eu não voltava: - então quem me trata das vacas? Isto não dá pão. E assim foi a nossa escola.

(entrev.30)

A situação de completo descrédito em relação à instrução, contrasta com a actual sobrevalorização da mesma, verificando-se não só uma frequência generalizada do ensino até ao nível de escolaridade obrigatória, como também uma progressiva melhoria dos níveis de instrução globais. Esta tendência é

¹⁰¹Ver Maria Filomena Mónica (1978) e Teresa Ambrósio (1981).

particularmente visível em relação às mulheres das *cohortes* mais jovens que apresentam valores percentuais mais elevados que os homens no nível de instrução superior.

Considerando a heterogeneidade da organização social da aldeia até ao êxodo maciço verificado com particular intensidade nos anos 60, faz todo o sentido efectuar um cuidadoso escrutínio do indicador que temos vindo a analisar, tendo em conta as principais categorias socioprofissionais existentes até então.

Para tal, com base na informação obtida a partir dos Assentos de Casamento do Registo Paroquial, procedeu-se ao levantamento da profissão dos noivos, considerando , em relação a cada um dos principais grupos socioprofissionais, a respectiva idade média dos cônjuges.

Os dados sumariados na Quadro 12 são, contudo, meramente tendenciais, tendo em conta as inúmeras lacunas com que fomos confrontados, devido ao pároco ser frequentemente omissor em relação à designação das profissões nos *Assentos de Casamento*. Foi apenas considerado o período de 1910 a 1960, pois a partir de 1960 deixa de ser referida a situação profissional dos nubentes.

Quadro 12

Idade média dos noivos, segundo a profissão do noivo¹⁰², 1910-1960

Profissões	Homens	Mulheres	Nº Casam.
<i>Lavrador</i>	28.2	24.02	38
<i>Comerciante</i>	27.2	21.4	10
<i>Jornaleiro</i>	26.4	23	243
<i>Artesão</i>	23.9	20.8	46

Fonte: *Assentos de Casamento do Registo Paroquial de Sendim (1910-1994)*

A partir destes resultados, e com as devidas reservas face ao reduzido número de ocorrências em alguns dos subgrupos considerados, pode concluir-se que, de facto, existem diferenças significativas na idade média ao primeiro casamento entre os grupos socioprofissionais mais representados (proprietários e lavradores, jornaleiros, artesãos e comerciantes) que foram corroboradas, igualmente, pela análise da distribuição de frequências (Quadro XVIII, Anexo B).

Assim, em relação aos homens, verifica-se que os lavradores casam mais tarde do que todos os outros grupos, enquanto os artesãos são os que efectuam os casamentos mais precoces. Comerciantes e jornaleiros apresentam valores intermédios, encontrando-se estes últimos apenas ligeiramente acima do limite proposto por Hajnal (1965) entre casar cedo ou tarde.

No caso das mulheres, são também as noivas de lavradores que se casam mais tarde e as dos artesãos que se casam mais cedo. Quanto aos dois subgrupos restantes, a situação é um pouco diferente da dos homens, casando-se as noivas de jornaleiros um pouco mais cedo do que as dos lavradores enquanto as noivas dos comerciantes são as que apresentam um maior intervalo de idade em relação aos maridos do

¹⁰²Foram apenas consideradas as profissões com maior representatividade numérica.

respectivo subgrupo (casando-se mais cedo do que as noivas dos lavradores e jornaleiros, mas um pouco mais tarde do que as noivas dos artesãos).

Se tivermos em consideração a conjugação de idades dos dois cônjuges, de cada uma destes grupos profissionais, pode evidenciar-se uma tendência para o retardamento do casamento dos lavradores e jornaleiros (mais acentuada nos primeiros) que, apesar da diferença em termos socio-económicos, têm em comum o facto de ambos viverem *exclusivamente* do trabalho agrícola. Já o mesmo não se verifica em relação aos comerciantes e artesãos, cuja actividade principal é exterior à agricultura (apesar de a título complementar, nela puderem estar envolvidos).

Nesta medida, da análise da evolução da idade dos cônjuges ao longo do período analisado, tendo em conta os principais grupos socioprofissionais, podemos concluir que o retardamento da idade ao casamento constituiu uma estratégia associada ao conjunto dos agricultores, incidindo particularmente nos *lavradores*. Com efeito, se é possível interpretar o padrão de casamento tardio como uma forma de controle relacionado com a propriedade e as formas de a ela aceder, não nos espanta que os casamentos mais controlados sejam os que envolvem os filhos de lavradores.

Diversas pessoas se referiram às intervenções dos pais nas escolhas matrimoniais, em especial quando envolviam casamentos de lavradores, mencionando alguns casos de ruptura dos laços familiares quando a prática contrariava a conveniência paterna que podiam culminar com o desfavorecimento real de um herdeiro em relação a outros ou com a quebra da solidariedade esperada entre pais e filhos neste momento crucial do seu ciclo de vida. Duas pequenas histórias lembradas pelos seus protagonistas, ilustram algumas das tensões, conflitos e estratégias explícitas, inerentes ao desenrolar deste processo de decisão:

O meu casamento não foi nada bonito...O meu pai não queria que eu me casasse com ela, porque era pobre. Só tinha uma vinha e uma casinha pequenina [...]. Quando vim da tropa tinha-me arranjado uma moça, mas eu disse-lhe que não a queria - e o meu pai disse-me logo: «se te casas com essa não te ajudo nada». E assim fez, tive que me arranjar sozinho e com a ajuda dos meus sogros.

(filho de um lavrador, 79 anos)

Tinha 18 anos quando me casei. Casei nova. Casaram-me, que eu não me queria casar pois o homem levava-me 10 anos. Antes arranjavam os casamentos. O meu pai já ia muito velho e precisava de um homem para que fosse lavar, ir com as vacas e isso. Depois lá mo meteram. Havia um rapaz que era muito nosso amigo e andava por aí a comprar vacas. Quando aparecia por cá dizia para o meu pai: «Ah António, a ti fazia-te falta um genro, um rapaz, havias de casar a tua filha, a ti faz-te falta um homem». Quando me falaram nisto, eu não queria: - casar-me eu? Pois ainda sou uma menina e já me vou a casar? Mas eles foram andando e tanto me atiraram com aquilo que me fizeram o casamento. E lá me casei, a pouca sorte, que ele tinha pouca saúde.

(filha de um lavrador, 72 anos)

Alguns autores têm defendido que em relação à Europa rural pré-industrial, a variável que de forma mais significativa afecta tanto a idade ao casamento como a sua viabilidade seria a propriedade ou herança de terras (Habbakuk, 1955). Os estudos antropológicos que se têm debruçado sobre esta temática no nosso país corroboram algumas das associações defendidas por estes autores (Dias, 1953), outros questionam a existência de uma relação linear entre herança de terras e a decisão (ou possibilidade) de casar (Brettel, 1991: 125).

Como podem ser interpretadas estas diferenças em relação à idade do casamento entre os vários grupos socioprofissionais, numa aldeia como Sendim, onde prevalece a neo-localidade e a herança igualitária *post-mortem*?

O *timing* para o fraccionamento dos grupos domésticos, conforme atrás referido, articulava o ideal de nuclearidade com um sistema de herança igualitário que, na prática, combinava uma antecipação da herança sob a forma de empréstimo, na altura do casamento, com uma herança efectiva *post-mortem*. Com efeito, nesta fase específica do ciclo de vida e quando o património de cada casa o permitia, os pais cediam aos filhos pequenas parcelas de terreno, com o objectivo de viabilizar a sua sobrevivência e, simbolicamente, a sua autonomia: *uma terra para que tenham pão; uma vinha para que tenham vinho e uma horta para que tenham batatas*. Tratava-se de uma doação apenas temporária, à qual correspondia uma *autonomia* controlada, pois as parcelas eram exíguas, e as partilhas definitivas só seriam feitas

quando um dos membros do casal ascendente morresse¹⁰³. Para além disso, esta eventual cedência patrimonial só tinha lugar se a escolha matrimonial fosse do agrado dos pais, pois, no caso contrário, dificilmente chegava a efectivar-se, ficando cada um entregue à sua própria sorte.

É neste contexto que surgem os casamentos *arranjados*, tanto mais criteriosamente quanto mais se subia na hierarquia social, centrando-se as estratégias matrimoniais numa preocupação clara de garantir para os descendentes um estatuto social adquirido (ou melhorado) através de uma aliança que permitisse a manutenção ou, se possível, o *arredondamento* das propriedades. Deste ponto de vista, surge como particularmente vantajoso o casamento entre parentes próximos - uma situação que ocorria no passado com alguma frequência, não só entre o grupo dos lavradores (mais ou menos abastados), mas, de um modo geral, abrangendo o conjunto dos agricultores. (Quadro 13)

Quadro 13

Casamentos com dispensas por consanguinidade e afinidade, 1910-1970

	Consanguinidade			Afinidade		
	2º	3º	4º	1º	2º	3º
1910-19	2	5	4	1		
1920-29	2	8				
1930-39	2	7			1	
1940-49	1	1		1		
1950-59	3	5				
1960-69	3	3				

Fonte: Assentos de Casamento do Registo Paroquial de Sendim (1910-1970)

¹⁰³ Altura em que as parcelas ou casas anteriormente cedidas, serão *chamadas à colacção*, para entrarem no património global a ser partilhado, procedendo-se, nesta altura ao equilíbrio dos vários lotes a serem distribuídos por todos os filhos.

Independentemente do reduzido número de casamentos nesta situação, importa salientar que os casamentos consanguíneos mais frequentes envolviam um grau de parentesco bastante próximo, de consanguinidade em 3º grau, ou seja um casamento entre primos segundos. A partir dos anos 70 não foi registado nenhum *Assento* nestas circunstâncias, o que, de certo modo, nos leva a associar este tipo de uniões entre parentes próximos a uma estratégia do passado, quando *a terra* constituía, seguramente, o móbil de muitas acções.

3. GEOGRAFIA DAS DISTÂNCIAS MATRIMONIAIS (1910-1994)

Quem fora vai casar, ou vai enganado, ou quer enganar, era uma frase inúmeras vezes repetida, salientando como um dos aspectos mais condicionantes das escolhas matrimoniais o conhecimento *controlado* dos futuros cônjuges. Independentemente das mútuas atracções individuais, é o perímetro da aldeia que se recorta como espaço privilegiado de inter-relação e aliança, um lugar permeado pela densidade das relações face a face e onde se entretecem as redes de solidariedade mais efectivas que o casamento teria por função reforçar.

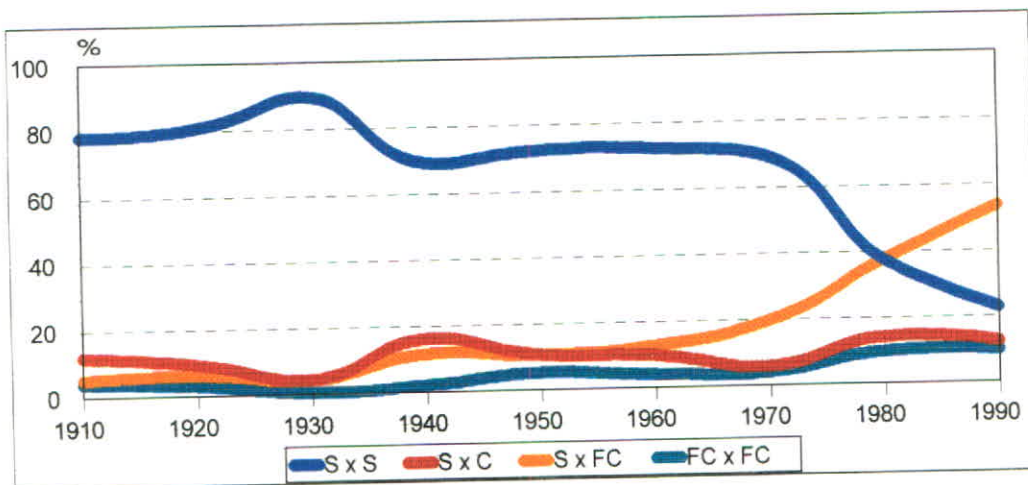
A análise da naturalidade dos cônjuges ao longo das últimas décadas permite, com alguma aproximação, esboçar o *perímetro* intersticial da aldeia - o casamento resulta de uma escolha (individual ou familiar) com base num conhecimento efectivo, circunscrevendo espaços de encontro. Deste modo, pode ser uma boa medida dos sítios que se pisam e se pisavam que mais não são (nem eram) do que o espaço relacional, um espaço de conhecimento.

Seguimos estes trilhos através de mais uma das tão úteis informações dos Assentos de Casamento: a naturalidade dos cônjuges, cujo levantamento exaustivo foi efectuado desde 1910 até 1994, tentando percorrer, ao longo do tempo, as distâncias geográficas das trocas matrimoniais. Uma reserva, no entanto, precisa de ser feita: este caminho conduz-nos, apenas, aos locais *captados* pelos registos, cujos casamentos foram realizados na freguesia. É, por este motivo, bastante mais

informativo em relação às mulheres, do que em relação aos homens, uma vez que o costume dita que os casamentos são efectuados na paróquia da noiva.¹⁰⁴

Na Figura 23 apresentam-se os resultados percentuais da contagem dos casamentos efectuados em Sendim, desde 1910 até 1994, agrupados em 4 tipos de proveniência geográfica dos cônjuges: 1) ambos os cônjuges naturais da freguesia (SxS); 2) um dos cônjuges natural de Sendim e o outro de uma freguesia do mesmo Concelho (SxC); 3) um dos cônjuges natural de Sendim e o outro proveniente de uma freguesia exterior ao Concelho de Miranda do Douro (SxFC); 4) ambos os cônjuges naturais de freguesias exteriores ao Concelho de Miranda do Douro (FCxFC).

Figura 23
Evolução da naturalidade dos cônjuges (1910-1994)



Fonte: Registo Paroquial, Assentos de Casamento da Freguesia de Sendim

Em termos globais, ressalta o perfil fortemente endogâmico¹⁰⁵ da freguesia até à década de 70, verificando-se, a partir de então, um nítido e acentuado afrouxamento da endogamia local.

¹⁰⁴Perdem-se, deste modo, os casamentos dos homens de Sendim que casaram com mulheres de outras povoações, bem como os casamentos das mulheres que sendo naturais de Sendim, optaram por se casar noutras paróquias, tratando-se, geralmente, dos respectivos locais de residência.

¹⁰⁵Este termo refere-se a uma endogamia de lugar, sendo usado por oposição aos casamentos extra-freguesia.

Quanto aos casamentos extra-freguesia, e até à década de 50, apresentam maior percentagem relativa os que envolvem trocas matrimoniais efectuadas dentro do concelho e nas povoações limítrofes, mostrando como as relações sociais inter-aldeãs eram efectivas

A partir dos anos 50, verifica-se uma subida progressiva dos casamentos cuja naturalidade de um dos cônjuges extravasa o perímetro concelhio, acusando de forma expressiva os efeitos do alargamento do espaço de conhecimento e do mercado de trabalho.

Nos anos 80, a percentagem de casamentos intra-freguesia e de casamentos que ligam Sendim a povoações exteriores ao concelho, encontram-se bastante próximas, em virtude do acentuado decréscimo das alianças matrimoniais entre Sendim e as aldeias mais próximas que acompanha a subida dos casamentos, em que um dos cônjuges é natural do concelho.

Na década de 90, são já muito mais frequentes estes casamentos de tipo exogâmico - (SxFC) - do que os circunscritos ao perímetro concelhio.

É curioso notar que esta retracção dos casamentos entre as várias aldeias do concelho e a sua expansão a regiões cada vez mais longínquas em relação à aldeia de origem, constituem duas vertentes paralelas da dinâmica das trocas matrimoniais que sugerem como consequência da crescente mobilidade geográfica um paradoxal *fechamento* das aldeias sobre si próprias.

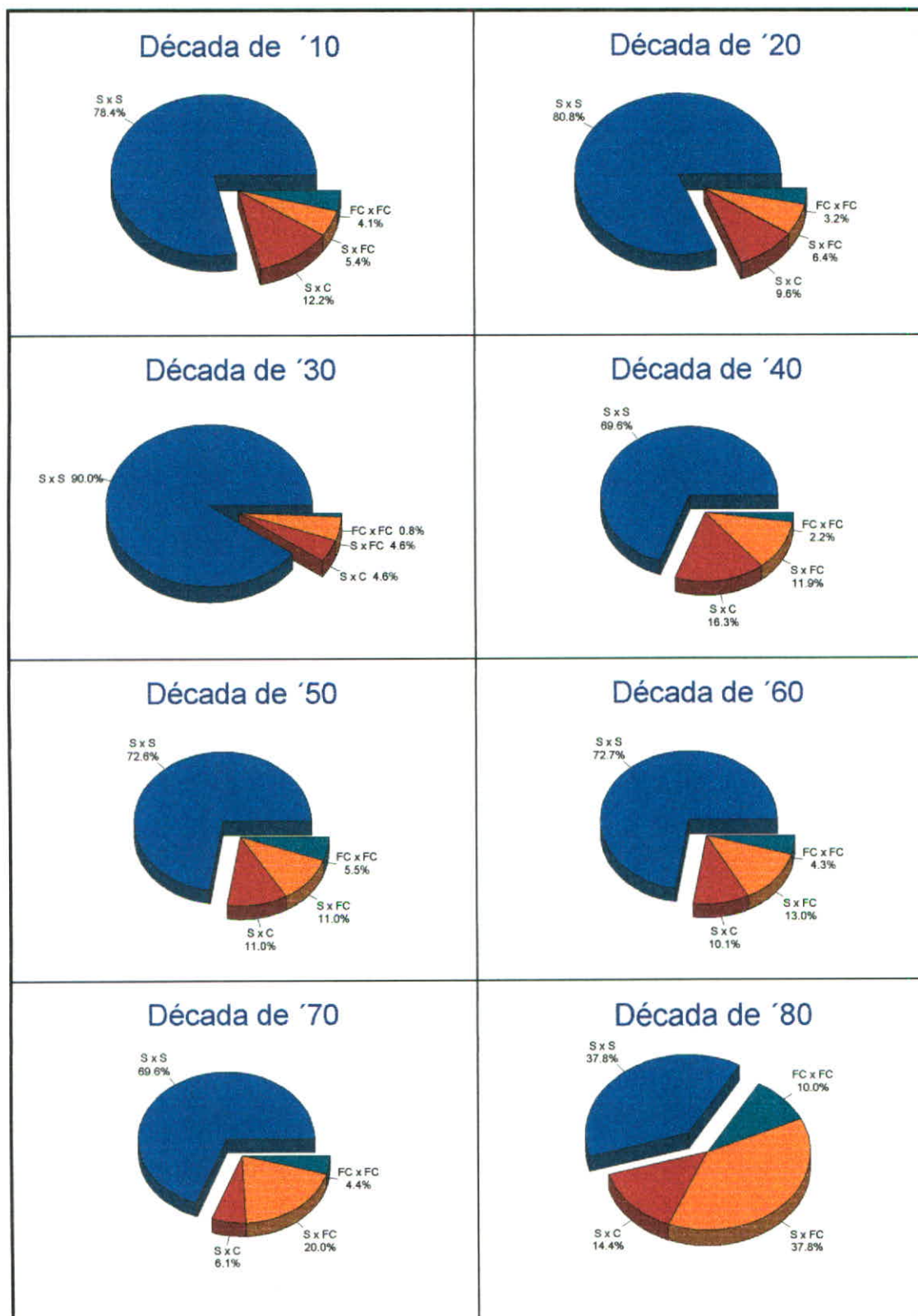
No caso dos casamentos que envolvem cônjuges, ambos naturais de freguesias que não pertencem ao concelho de Miranda do Douro (FCxFC), pode dizer-se que se mantêm com uma frequência reduzida ao longo de todas as décadas, com um ligeiro incremento a partir da década de 70, prolongando-se esta tendência crescente nas décadas seguintes. Uma parte destes casamentos (cerca de um terço) reportam-se a filhas de emigrantes ou ex-emigrantes, nascidas já nos países de acolhimento, mas cuja celebração continua a efectuar-se em Sendim, ilustrando a estreita relação mantida com a aldeia de origem, que é reforçada nestes momentos importantes do ciclo de vida familiar.

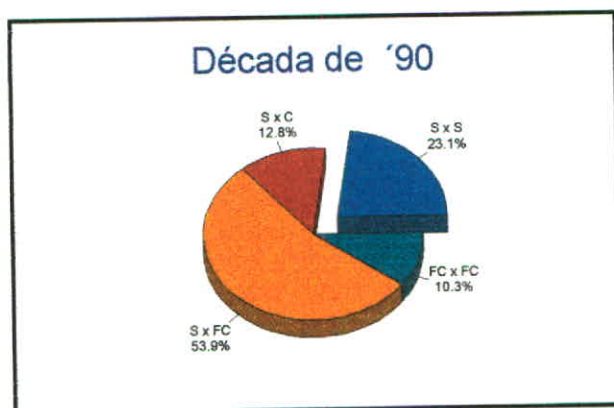
Considerando o espaço que as trocas matrimoniais extra-concelhias (SxFC e FCxFC) permitem configurar, verifica-se que até à década de 40, salvo raras exceções, se circunscrevem aos concelhos limítrofes; nas décadas de 50, 60 e 70, extravasam a província, dispersando-se por vários concelhos nortenhos e, nas décadas de 80 e 90, os cônjuges são já provenientes de várias localidades, de Norte a Sul do país, e também de França, Alemanha, ex-colónias portuguesas, tratando-se neste último caso de filhos de emigrantes (ou de antigos emigrantes).

Na Figura 24 pode acompanhar-se, de forma mais pormenorizada, a evolução deste indicador desde 1910 a 1994, descriminando-se em cada uma das décadas, o valor percentual dos quatro tipos de conjugação da proveniência geográfica de cada um dos cônjuges (S x S ; S x C; S x FC; FC x FC).

Figura 4

Casamento segundo a naturalidade dos cônjuges (1910- 1994)





Fonte: Assentos de Casamento do Registo Paroquial de Sendim (1910-1994)

A partir dos *Assentos de Casamento do Registo Paroquial* foi possível evidenciar os principais vectores da mudança ocorrida em termos do espaço de interconhecimento, tal como ele nos é revelado pela naturalidade dos cônjuges. No entanto, há que salvaguardar que casar na freguesia não é sinónimo de nela residir, sendo frequentes os casos, sobretudo durante as últimas décadas, em que estes dois dados - naturalidade e residência pós-matrimonial - não são coincidentes. Nesta medida, o recurso aos dados do *Censo94* permitiu completar a abordagem inicial da distância (geográfica) matrimonial, tendo em linha de conta a proveniência geográfica de cada um dos cônjuges dos casais residentes (Quadro 14).

Quadro 14

Naturalidade dos cônjuges - Sendim, 1994

	S	C	FC	Total (M)
S	198	22	31	251
C	13	-	-	13
FC	20		33	53
Total (H)	231	22	64	317

Fonte: Censo94

Como pode verificar-se a partir da análise deste quadro, a principal proveniência dos casais residentes, continua a ser, de forma significativa a aldeia natal, englobando cerca de 62% de casamentos intra-freguesia. Contudo, no que diz

respeito à permanência comparada de ambos os sexos, pode dizer-se que o número de mulheres provenientes de fora (considerando aqui, os dois níveis de exclusão: freguesia e concelho) é ligeiramente superior, o que sugere uma maior repulsão da vila em relação à população feminina.

4. SAZONALIDADE DOS CASAMENTOS

Alguns autores consideraram a importância da sazonalidade dos casamentos efectuados segundo o rito católico e analisados ao longo de uma sequência temporal alargada, na medida em que a sua concentração ou evitamento em determinados períodos do ano poderia constituir um indicador indirecto de outros domínios da vida social. Bell (1979), por exemplo, recorre a este indicador para avaliar o peso da religiosidade, tomando como medida o respeito ou indiferença pelos períodos interditos pela igreja para a celebração do matrimónio¹⁰⁶.

No caso de Brettel, as oscilações na sazonalidade dos casamentos ao longo de várias décadas, foram articuladas com os padrões migratórios da população da freguesia estudada:

«As provas etnográficas sugerem que as migrações sazonais para Espanha ocorriam fundamentalmente nos fins do Outono e nos meses de Inverno, em que o trabalho agrícola em Portugal era menos intenso. A ser verdade, isso poderia ter tido um efeito visível na sazonalidade dos casamentos e bem assim na das concepções, no caso de migrantes casados. [...] As proporções de casamentos por estação pode explicar períodos de migração mais ou menos difundidos entre a população jovem casada».

(Brettel, 1991:137)

Em relação a Sendim, a análise da dinâmica da sazonalidade dos casamentos no mesmo intervalo de tempo que foi considerado para a idade e naturalidade dos cônjuges (Quadro 15), confirmou as tendências evolutivas anteriormente salientadas, mostrando como os ciclos de mudança, tanto no *timing* de fraccionamento do grupo doméstico, como nas distâncias matrimoniais, podem, igualmente, ser corroboradas pela variação ocorrida na sazonalidade dos casamentos.

¹⁰⁶São períodos de interdição à celebração do rito matrimonial: a Quaresma (40 dias depois da Páscoa) e o Advento (25 dias antes do Natal).

Quadro 15
Sazonalidade dos casamentos segundo o mês e por década (1910 - 1994)¹⁰⁷

	Jan.	Fev.	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agos.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
1910-19	141	190	78	83	112	49	15	49	98	112	195	78
1920-29	139	186	17	87	159	58	38	93	78	67	194	84
1930-39	251	237	28	111	109	19	17	36	64	89	175	64
1940-49	62	113	8	143	121	73	62	105	89	140	223	62
1950-59	87	177	32	50	144	132	25	105	100	152	149	47
1960-69	125	138	50	138	26	52	60	68	209	83	209	42
1970-79	134	89	32	127	41	22	32	462	127	51	0	83
1980-89	53	45	12	70	53	53	53	516	176	25	0	143
1990-94	29	38	58	125	58	29	125	499	0	29	29	182

Fonte: Assentos de Casamento do Registo Paroquial de Sendim (1910-1994)

A informação sumariada neste quadro permite salientar que há, grosso modo, dois períodos de menor frequência de casamentos ao longo de todas as décadas: o primeiro em Março e, o segundo, em Junho/Julho. Nas décadas de 70 e 80, o mês de Novembro aparece também com uma percentagem nula de casamentos.

Quanto ao primeiro período, os baixos valores registados indiciam o seguimento das interdições canónicas, sendo evitado o período da Quaresma para a

¹⁰⁷Cálculo efectuado segundo o método dos *números proporcionais*: «Neste método dividem-se os casamentos mensais pelo número de dias do mês. Estes números médios de casamentos por dia são em seguida substituídos por números proporcionais de modo a que o seu total seja igual a 1200. Cada mês fica assim representado por um número, independente da duração do mês em dias e de forma a que o seu desvio (positivo ou negativo) em relação a 100 indique o carácter particular do mês. Se não houvesse diferença entre os meses, teríamos 100 em cada um dos meses.» (Nazareth, 1996: 158).

celebração do matrimónio. É uma tendência que se mantém ao longo de todas as décadas, notando-se, no entanto, uma ligeira subida nos anos 90 que poderá acusar um certo afrouxamento do peso da religiosidade. O segundo período - Junho/Julho - coincide com uma época particularmente intensa do ciclo agrícola que poderá justificar a quebra verificada nos casamentos, como, aliás, foi corroborado por alguns informantes: *no tempo da segada, tínhamos trabalho de manhã até à noite e casamentos já só se faziam quando houvesse mais vagar.*

O mesmo quadro revela a existência de dois conjuntos de décadas com características distintas quanto à concentração de casamentos ocorridos: as décadas de 10 a 60 e as décadas de 70 a 90. No primeiro caso verificam-se dois picos: os meses de Janeiro/Fevereiro e os meses de Outubro/Novembro. Estes dois picos correspondem, por um lado a uma fase do ciclo agrícola em que a intensidade dos trabalhos é menor e, por outro lado, precedem os dois períodos do calendário litúrgico em que existem restrições à celebração do *rito matrimonial*: o *Advento* e a *Quaresma*, respectivamente.

O segundo grupo de décadas é caracterizado por apresentar um único pico, com um número elevadíssimo de casamentos que se concentram durante o mês de Agosto. Este facto vem, uma vez mais, reforçar a importância da emigração na dinâmica social da aldeia que lhe imprime um ritmo peculiar, constituindo o mês de Agosto um período particularmente intenso na vida social.

Efectivamente, nesta altura do ano, afluí à vila um número bastante elevado de famílias dispersas por vários locais de trabalho, sendo escolhido o mês de Agosto para a celebração das festas familiares e sociais mais importantes do ciclo anual (ver cap. VI) e do ciclo de vida familiar. Deste modo, a maior parte dos baptizados e casamentos dos filhos dos emigrantes e migrantes internos continuam a ser efectuados na aldeia de origem, concentrando-se neste mês, em contraste com a sua quase total ausência nas décadas anteriores, quando a intensidade dos trabalhos agrícolas, deste período do ano, dificilmente dava lugar a este tipo de celebrações.

*

* *

Em síntese, no que diz respeito aos aspectos morfológicos, pode dizer-se que persistem os agregados de família nuclear, verificando-se, contudo, uma acentuada retracção na dimensão do grupo doméstico, entre os dois marcos temporais considerados (1944/1994).

A análise do casamento, ao longo de uma sequência temporal alargada (1910-1994), permitiu articular as mudanças evidenciadas na idade dos nubentes e respectiva naturalidade, com os momentos mais significativos da história local, como a construção das barragens hidroeléctricas do Douro, nos anos 50, o êxodo massivo, nos anos 60, e o regresso de um número substantivo de emigrantes, na década de 80.

No próximo capítulo, o foco de análise incide, ainda, sobre o grupo doméstico, mas privilegiando uma abordagem qualitativa, centrada nas principais actividades desenvolvidas no âmbito familiar.



Foto 19 e Foto 20 - Tarefas feitas a dois

IV. *Terra quanta vejas, casa onde caibas*

Retrato de um passado longínquo

As principais actividades dos habitantes de Sendim, em finais do séc. XVIII, encontram-se referidas no *Manuscrito* de Bento Pereira do Carmo (1796)¹⁰⁸, sendo apresentado para a *População da Cidade de Miranda e lugares do seu termo*, o número de fogos e de almas (discriminando homens e mulheres) e a distribuição da população de acordo com um conjunto de profissões. Em relação a Sendim, para um total de 244 fogos e 966 almas (490 homens e 476 mulheres) foram mencionadas as ocupações sistematizadas no Quadro 16.

A proximidade entre o número de profissões e o número de fogos - 215 profissões, 244 fogos - sugere que foi registada, apenas, a ocupação do chefe-de-família de cada fogo. Efectivamente, a listagem é quase toda feita no masculino, sendo referida como única ocupação feminina a de *creada*. Considerando que tanto as *creadas* como os *creados*, não constituiriam um fogo autónomo, haveria ainda que deduzir 19 ocupações ao total do número de fogos.

Independentemente das lacunas que este documento possa conter (que não cabe no âmbito deste trabalho avaliar ou aprofundar), a partir dele é-nos revelada a

¹⁰⁸citado em MENDES (1981).

ocupação dos sendineses num passado longínquo, bem como a importância relativa das principais profissões listadas.

Quadro 16
Actividades da população de Sendim, segundo um Manuscrito de 1796

<i>Eclesiásticos seculares</i>	4
<i>Cirurgioens</i>	1
<i>Lavradores</i>	50
<i>Jornaleiros</i>	74
<i>Alfaiates</i>	8
<i>Sapateiros</i>	14
<i>Carpinteiros</i>	6
<i>Pedreiros</i>	2
<i>Fabricantes de lãa</i>	11
<i>Ferreiros</i>	2
<i>Ferradores</i>	2
<i>Pastores</i>	8
<i>Creados</i>	9
<i>Creadas</i>	10
<i>Sem ocupação</i>	14
Total	215

Fonte: Carmo [1796]¹⁰⁹

Neste final do século XVIII, excluindo os quatro eclesiásticos, o cirurgião, os *sem ocupação* e as criadas, a população distribuía-se por dois grupos de actividades: a agricultura, que ocupava cerca de três quartos dos grupos domésticos “activos” (onde se incluíram os lavradores, os jornaleiros, os pastores e os criados); e a actividade artesanal, à qual se dedicava um quarto dos chefes-de-família .

Neste último caso, predominavam os artesãos do vestuário e do calçado (8 alfaiates, 14 sapateiros, 11 fabricantes de lã); seguidos pelos artesãos ligados à

¹⁰⁹Publicado em José Mendes, 1981 (Doc. 5, ANEXO A).

construção da habitação e ao fabrico de móveis (6 carpinteiros, 2 pedreiros) e pelos artesãos do ferro (2 ferreiros, 2 ferradores).

É uma aldeia essencialmente virada para a actividade agrícola e o pequeno artesanato, relacionado com as necessidades mais imediatas do quotidiano, que este documento vem ilustrar, sobressaindo o elevado número de *jornaleiros* quando contraposto ao de *lavradores* - setenta e quatro para cinquenta, respectivamente - que constitui um caso singular no contexto regional.

Com efeito, em qualquer dos outros lugares do *termo* de *Terras de Miranda* o número de *jornaleiros* era consideravelmente inferior ao número de *lavradores* e raramente ultrapassava metade destes (doc. 5, Anexo A). Será interessante analisar, em relação a Sendim, a presença relativa destes dois grupos sociais nas fontes mais recentes às quais se teve acesso, para tentar ver como as relações de dependência, tão acentuadas nas sociedades do Antigo Regime, se foram perpetuando ou reajustando.

1. UMA ALDEIA DE CAMPONESES

1.1. *Proprietários, lavradores e jornaleiros*

No capítulo II foi considerada a profissão dos registados no *Status Animarum*, para caracterizar, de forma panorâmica, as principais actividades da população em meados da década de 40. Tomando agora como unidade de análise o grupo doméstico, tentou proceder-se a uma abordagem das profissões do *Status Animarum de 1940-44*, com o objectivo de evidenciar os principais grupos que compunham o tecido social, partindo deste dado fundamental que classifica o seu *modus vivendi* (Quadro 17).

Quadro 17

Ocupação do representante do GD, por grupos socioprofissionais (1940-1944):

Grupo-profissional		%
<i>Jornaleiros</i>	209	54%
<i>Proprietários e lavradores</i>	87	23%
<i>Artesãos</i>	49	13%
<i>Comerciantes</i>	20	5%
<i>Forças segurança</i>	12	3%
<i>Outras</i>	8	2%
Total GD	385	100

Fonte: *Status Animarum* 1940-1944

Quando se procura analisar as diferentes designações de profissão do *Status Animarum* é difícil fugir à classificação do pároco que procedeu ao seu registo nos anos 40. Deste modo, foram consideradas os principais *grupos* socioprofissionais que podem ser estabelecidas a partir desta fonte, tendo como base a ocupação do chefe-de-família de cada casa listada¹¹⁰. O testemunho dos informantes mais idosos permitiu, uma vez mais, contextualizar o significado das várias designações de profissão mencionadas:

Eu andava a trabalhar no campo. Os meus pais lavradores não eram, andavam também a trabalhar no campo. Lavradores eram aqueles que tinham vacas e mulas para lavar. Naquele tempo era assim, quem tinha vacas, tinha mais, faziam a mesma lavoura e ao fim do ano tinham o seu vitelito, para fazer dinheiro. Mas o meu pai era jornaleiro, era uma pessoa que trabalhava no campo. Tinha umas terras, mas pouca coisa. Por exemplo, para semear pão tinha

¹¹⁰O número total de grupos domésticos era de 464 à data de compilação do *Status Animarum*. A diferença entre o total de profissões listadas e o total de grupos domésticos apresentado neste quadro deve-se à exclusão das *domésticas*, uma vez que este termo é muito pouco informativo e será objecto de um tratamento particular.

pouco, tinha vinha, umas poucas de oliveiras...Horta é que tinha bastante. E depois ia ao monte a buscar lenha...

(entrev. 37)

No caso dos *jornaleiros* e *lavradores*, o depoimento deste informante é suficientemente claro e elucidativo. No que diz respeito à designação de *proprietário*¹¹¹, podem considerar-se duas conotações diversas: numa primeira acepção, o termo era usado em relação a antigos agricultores que já não trabalhavam a terra, em virtude da sua idade avançada, sendo, no entanto, possuidores de terras que arrendavam, a troco de rendas pagas em géneros, o que lhes permitia viver de forma modesta, sem trabalharem. A idade média dos indivíduos que aparecem no *Status Animarum* com esta designação ronda os 60 anos (Quadro XV, Anexo B), o que corrobora o significado desta acepção genérica de *proprietário*.

Com uma conotação diversa, *proprietário*¹¹² poderia estar associado a prestígio e riqueza, sendo este termo utilizado em relação às pessoas que possuíam não só a maior extensão de terra, mas também as terras de melhor qualidade e, conseqüentemente de maior valor - fosse porque se tratasse dos terrenos mais férteis, fosse em virtude da sua proximidade em relação ao núcleo da aldeia:

Os ricos tinham as terras todas aqui à volta do lugar, mas nós, os pobres, só tínhamos lá para baixo, para o rio. O meu avô dizia que isto era assim porque os ricos, com os cavalos, chegaram primeiro e agarraram tudo o que havia aqui perto, enquanto os pobres, com os burros, só apanharam lá para longe. Mas isso já não é da nossa lembrança.

(entrev.1)

A observação deste quadro mostra, assim, a preponderância da actividade agrícola no contexto global, constituindo a orientação de mais de três quartos dos grupos domésticos. Mesmo no caso dos artesãos, pode dizer-se, a partir de outras

¹¹¹Quando procurei esclarecer o alcance deste termo junto de alguns informantes, recebi, algumas vezes, como resposta: *aqui não há proprietários, isso é lá para o Alentejo*.

¹¹²Tal como sublinhou O'Neill (1984), esta designação não tem, nestas duas aldeias trasmontanas, a mesma conotação de latifundiários absentistas que lhe atribui Cutileiro (1977) quando descreve os grupos sociais de Vila Velha, pois neste caso eles residiam na aldeia e a dimensão das suas propriedades em nada os aproximava dos grandes proprietários alentejanos.

vias de informação, que a sua actividade era complementada com a agricultura. O caso do ferreiro é paradigmático:

Eu trabalhava na forja e tinha poucas terras. Depois lá comprei uma burrita para ir à horta. Dedicava-me mais à arte. A lavoura só era durante o mês de Março e Abril, e depois mais tarde, durante o Verão, era a horta. Lavrava as terras, preparava as terras para semear, plantava as batatas, plantava os feijões, grão-de-bico. Em Março e Abril já eu não tinha tanto trabalho na forja, porque os lavradores andavam a trabalhar no campo e eu já tinha mais folga. Em Maio já tinha outra vez trabalho na forja...

(entrev.29)

Quanto aos *comerciantes*, tratava-se de pequenos retalhistas do ramo alimentar - como *taberneiros*, *talhantes*, donos de pequenos cafés ou pensões, *sotos* (termo local para designar as minúsculas mercearias onde se vendia um pouco de tudo). E, tal como os artesãos, também no seu caso era frequente complementarem o *negócio* com a actividade agrícola:

O grupo que foi designado por *Forças de Segurança* era essencialmente constituído por *guardas-fiscais e republicanos* que representavam profissões muito valorizadas no contexto da época:

Naquele tempo, ir para guarda era uma profissão importante. Era para se livrarem do sacho, como se costuma dizer, mas também para se ser alguém. E depois as meninas mais bonitas de Sendim para quem eram? Para os guardas. Como dizia o meu pai, estas rapazas de agora, em vendo um mouro com um chapéu de guarda na cabeça, já se encantam com ele.

(entrev.14)

Centrando a análise apenas nos grupos socioprofissionais que sugerem um envolvimento directo com a actividade agrícola, verifica-se que as designações mais representadas - *proprietários, lavradores e jornaleiros* - são coincidentes com os termos usados por diversos autores (Dias, 1953; O'Neill, 1984; Nobre, 1987; Portela, 1988; Pais de Brito, 1996), para caracterizar a hierarquia social nas aldeias trasmontanas onde desenvolveram as suas pesquisas.

Proprietários (21), *lavradores* (43) e *jornaleiros* (256) esgotam, praticamente, o número total de indivíduos que exerciam actividades directamente relacionadas

com a agricultura, deixando de fora, apenas, um grupo “residual” com 23 *agricultores*, 2 *quinteiros* e 6 *pastores*.

A conotação desta designação genérica de *agricultor* no contexto da época, deixa-nos algumas dúvidas que não foi possível esclarecer devidamente - surge, com frequência, como profissão de indivíduos solteiros que constituíam um grupo doméstico autónomo, evocando um eventual distanciamento em relação ao grupo doméstico de origem. Noutros casos, parece traduzir as próprias dúvidas do pároco na classificação do lugar de uma ou outra pessoa na hierarquia social.

Considerando a extensão *emic* destas três designações, a definição de *lavrador* revela-se particularmente distintiva pela forma de trabalho que exclui (ou envolve). Assim, um *proprietário* raramente trabalhava nas terras que possuía e recorria à mão-de-obra de criados e jornaleiros; um *lavrador*, mais ou menos rico trabalhava nas suas próprias terras e podia igualmente recorrer à mão-de-obra de criados e/ou jornaleiros; um *jornaleiro*, trabalhava à *jorna* (ou à *jeira*)¹¹³ nas terras dos lavradores mais abastados ou dos proprietários, independentemente do seu pecúlio.

Apesar dos lavradores mais abastados poderem recorrer à mão-de-obra de criados permanentes e jornaleiros para conseguirem trabalhar todas as parcelas de terreno de que dispunham, a distância social que os separava era menor do que a que os separava dos proprietários, sendo o relacionamento entre lavradores e jornaleiros muito próximo e caracterizado por estreitos laços de interdependência .

Na maior parte dos casos, os jornaleiros possuíam pequenas parcelas de terreno, que obtinham de empréstimo ou parceria, mas que apenas lhes permitia produzir o estritamente necessário para o consumo doméstico, constituindo o trabalho para outrem a sua principal fonte de rendimentos.

A precariedade dos salários e a incerteza das jornas (oscilando entre alturas de intenso trabalho com outras em que nada há que fazer, ao sabor do calendário agrícola anual) fizeram com que, em muitos casos, levassem uma vida precária e, por

¹¹³Significando um dia de trabalho.

vezes, insustentável, para a qual não encontraram outra saída senão a emigração ou o êxodo.

O elevado número de jornaleiros¹¹⁴ quando relacionado com o número de proprietários e lavradores, continua a ser mais do que evidente neste período: 256 jornaleiros para 64 proprietários e lavradores são, por si sós, números bastante reveladores da forte desigualdade no acesso à terra, o principal recurso económico de então. E a posse da terra revela-se, deste modo, um critério fundamental de diferenciação social, que é reforçado por outros factores distintivos, como o trabalho para outrem, a qualidade da terra possuída ou os meios de produção utilizados.

Independentemente das disparidades internas de cada um destes grupos, dificilmente apreendidas com rigor a partir desta fonte, que nada nos diz sobre a natureza ou a dimensão das parcelas possuídas, o dado fundamental a reter neste contexto é o da grande concentração da propriedade nas mãos de muito poucos e o da estreita simbiose entre uma parte considerável da população e esse grupo minoritário.

1.2. *Domésticas e filhos de família*

Quando se consideram as várias profissões mencionadas, a nível individual, duas delas deixam como *não classificados* mais de metade dos registados no *Status Animarum*. Com efeito, as designações *filho(a) de família* e *doméstica* são usadas pelo pároco com bastante frequência, o que faz cair num grupo residual, quanto à ocupação, cerca de metade das pessoas listadas neste documento (Quadro 18).

¹¹⁴Que já se havia salientado no séc. XVIII, quando comparado com as outras aldeias da região.

Quadro 18
População não classificada em relação à população total, 1940-1944:
(+12 anos)

Designação da profissão	Homens	Mulheres	H + M
<i>filho de família</i>	199	161	27%
<i>doméstica</i>	-	438	33%
estudante (+12 anos)	11	2	1%
Total	210	601	61%

Fonte: Status Animarum 1940-1944

Quem eram estes *filhos(as) de família* e que conotações podem ser atribuídas a esta designação? Os outros dados do *Status Animarum* que acompanham a profissão dos indivíduos e as entrevistas efectuadas permitiram delinear algumas respostas possíveis. Em primeiro lugar, tratava-se de indivíduos solteiros, que viviam na casa paterna, e cujas idades se situavam, maioritariamente, abaixo dos 25 anos, embora houvesse vários casos (cerca de 16%) que ultrapassavam esta faixa etária.

Em segundo lugar, pela forma recorrente com que o pároco utilizava este termo verifica-se que o casamento tinha um papel importante na definição do estatuto profissional, uma vez que só em relação aos indivíduos casados constava, de modo sistemático, a menção de uma profissão específica. As várias situações de excepção que foram encontradas dão algum fundamento a esta suposição.

Os casos de indivíduos solteiros que *não* constavam com a designação de *filho de família*, eram, sobretudo, quatro tipos de solteiros:

- a) com profissões inequivocamente não ligadas à agricultura (pároco, professor, estudante, guarda-fiscal, soldado);
- b) artesãos com o mesmo ofício do pai, com quem coabitavam;
- c) *jornaleiros* vivendo com os pais (ou, apenas, com um dos progenitores viúvo);

d) *agricultor* ou *jornaleiro* registado num grupo doméstico autónomo.

Muitos dos solteiros que exerciam uma actividade agrícola mencionada, além destes quatro casos, eram, curiosamente, filhos de viúvas, levando-nos a pensar que na ausência de um representante masculino que definisse a orientação do grupo doméstico, eram os seus filhos, ou melhor dizendo, era o filho mais velho (uma vez que nas vários ocorrências desta situação, apenas o filho mais velho aparecia com a profissão discriminada e os outros continuavam a ser designados por *filho de família*) quem assumia a sua posição.

A expressão *filho de família* evoca, deste modo, a existência de uma forte relação de dependência inter-geracional no seio do grupo doméstico, sugerindo também, e no caso concreto dos *agricultores*, em sentido lato, a importância do casamento na outorga de um estatuto social capaz de definir o lugar de cada um na hierarquia ocupacional.

Uma vez que o acesso à terra se concretizava, na maior parte das situações, através da herança - igualitária e *post-mortem* -, enquanto um indivíduo residisse no grupo doméstico de origem, ele não possuía nenhum título de propriedade. Assim sendo, dificilmente lhe poderia ser atribuído um estatuto concomitante, pois esse estatuto dependia, em larga medida, do vínculo patrimonial. O facto de haver um certo número de *jornaleiros* solteiros a residirem na casa paterna não invalida esta hipótese pois, no seu caso, o trabalho para outrem permitia, por si só, estabelecer o lugar que ocupavam na hierarquia social.

Enquanto solteiro, cada elemento do grupo doméstico, independentemente da sua idade, trabalhava nas terras que pertenciam ao chefe de família, sem nada possuir - nem terras, nem estatuto social. A designação de *filho de família* a que o pároco recorre para traduzir esta situação, revela-se, deste modo, particularmente expressiva para traduzir o seu modo de vida: vivia *de* e trabalhava *para* os bens da *família*, tomada aqui em sentido estrito, como o casal estabelecido.

Se esta circunstância de “solteiro dependente” nos levou a retirar da análise quantitativa uma parte considerável da informação contida nesta fonte, privilegiando uma abordagem qualitativa do uso e extensão da classificação do pároco, também em

relação à informação sobre a ocupação da metade feminina da aldeia de 40, nos vimos confrontados com uma situação semelhante.

Efectivamente, a designação de *doméstica* que é frequentemente usada neste documento para classificar a profissão das mulheres, deixa na sombra a ocupação da maior parte da população feminina. A partir dos dados do *Status Animarum*¹¹⁵ a visibilidade do seu trabalho surge apenas particularizada em meia dúzia de profissões, tradicionalmente e inequivocamente desempenhadas por mulheres - como é o caso das *modistas* e *costureiras*, das *doceiras* e *padeiras*, das *criadas de servir* e *lavadeiras* - ou, numa quantidade ínfima de ocorrências, quando a actividade profissional as separa inequivocamente do lar - como sucede em relação a uma *regente*, uma *professora oficial* e uma *empregada de balcão*. Para além destas designações, aparecem referenciadas, três *proprietárias* (referindo-se a duas viúvas e a uma órfã) e oito *jornaleiras* (sendo estas, na maioria dos casos, mulheres de emigrantes).

Contudo, o nosso conhecimento da sua real situação laboral, obtido através de outras vias de informação, revela como a indefinição associada a esta designação genérica, que apenas a liga à domesticidade do quotidiano do lar, contradiz, de forma clara, o seu elevado protagonismo na maior parte das tarefas produtivas da aldeia.

Nos relatos biográficos de várias mulheres que viveram estes anos de meados do século, nos testemunhos dos informante que lembraram como era o dia a dia destas mulheres e através da observação de registos pictóricos que ilustram cenas do quotidiano da época, a mulher surge sempre, a *par do homem*, trabalhando com ele no campo em estreita solidariedade e complementaridade de tarefas.

Dantes não havia fogões, não havia nada. Andávamos com os burricos e as mulas a carregar lenha para fazer o lume. Era cada segundo dia, lenha para queimar. Água em casa também não havia e tínhamos que ir por ela à fonte, e trazê-la a cântaros.

¹¹⁵Ver Quadro VIII, Anexo B).

Para lavar a roupa, não havia nada destes «Omos», era tudo a poder de pulso. Íamos para o tanque lá para baixo, e lá se faziam aquelas barreias.

*Depois aos serões, fiávamos estopas, lana e linho, sempre a botar cuspinha. Ali estávamos toda a noite, à luz da candeia, a fiar ou a descascar chícharos, chamávamos-lhe os *veladeiros*¹¹⁶.*

Cada duas semanas havia que amassar o pão para cozer. Chegávamos a fazer às vinte fogaças de cada vez que as guardávamos numa arca de madeira para não se porem tão duras.

Depois íamos para o campo, ao par dos homens, a cavar e a semear ao sacho. Depois vinha o Verão e era segar e sacar o pão com uns burricos.

*Quando tinha a garota novica, íamos a escavar a vinha, eu e o meu homem e depois fazíamos um buraco com o sacho, a modo de um *tenedor*¹¹⁷. Entriçávamos a manta à roda e ali ficava a menina agarradica, para se entreter. Depois chegávamos ali escavando, onde a menina estava, levantávamo-la e fazíamos outro buraco mais adiante e tornávamos a metê-la lá.*

Era assim a vida dantes, dos homens e das mulheres...

(entrev.1 e 16)

A categoria de *doméstica* deve, assim, ser relativizada e entendida no contexto de uma ideologia dominante que subvalorizava a presença feminina no domínio da produção - fortemente masculinizado - privilegiando outras formas de falar e de lembrar que dêem visibilidade às práticas sociais que melhor ilustrem o trabalho das mulheres na aldeia.

Privilegiou-se esta abordagem recorrendo, sempre que necessário e possível, aos testemunhos vivos desse tempo, no sentido de completar e clarificar o que o pároco deixou menos visível. Esta parece ser uma das principais vantagens da abordagem antropológica, privilegiando a oralidade - ainda que para fazer um bom uso de documentos geralmente usados por historiadores.

¹¹⁶Tomavam o nome de *veladeiros* (ou *fiadeiros*) os grupos alargados de vizinhas que se juntavam na rua a fiar ou a fazer outros trabalhos manuais. Tinham lugar ao fim do dia e prolongavam-se pelo serão, continuando a trabalhar à luz da candeia. Daí o nome de *veladeiros* (de *velar*).

¹¹⁷*Tenedor* era uma espécie de pequeno parque para segurar as crianças, antes de começarem a andar.

2. VIDAS CRUZADAS NA HISTÓRIA DA ALDEIA: LAVRADORES E COMERCIANTE

2.1. A terra e o trabalho - apogeu e declínio dos agricultores

Manuel Ricardino e Isabel eram lavradores abastados. Como todos os lavradores, os seus passos guiavam-se por dois pilares fundamentais: a terra e o trabalho. «Tinham boas terras, as terras boas quem é que as tinha? Os ricos, todas! Olhe os Ricardinos, tinham terras só aqui à volta do lugar!»

Este casal vivia, assim, do trabalho que fazia nas terras que tinha, os bens mais preciosos que possuíam. Dois valores que se empenharam em deixar aos filhos: «olhe que o tio Manuel, aos filhos tinha-os a trabalhar, mesmo quando os rapazes andavam no seminário, vinham de férias e tinha-os a trilhar¹¹⁸». Nesses anos 40 havia poucos empregos, «começavam a sair os primeiros guardas, guarda era uma profissão muito valorizada porque, aqui, dinheiros não havia, olhe por exemplo os Ricardinos, que até eram ricos, qualquer Zé Ninguém hoje tem mais dinheiro do que eles tinham na altura...» Em relação a estes guardas, fiscais e republicanos, Manuel dizia uma frase muito peculiar: «arrenego¹¹⁹ de um homem que sabe o que ganha...». O trabalho era para ele um valor sem preço, um esforço sem limite, a medida de todas as coisas. E a terra era uma forma de mostrar o seu trabalho - era através destes dois valores que se afirmava na comunidade:

«A gente gostava quando o tio Ricardino tinha o filho que ia a ser padre e o fazia segar ao par dos obreiros. E os obreiros diziam-lhe: À tio Manuel, mas então agora o Senhor padre já vai ser padre e trá-lo aqui a segar ao par de nós, à gadanha...E ele respondia: é para que saiba como é o trabalho do lavrador, para que se agarre a estudar e aprenda a ser homem. E tinha-o a trabalhar, para que se visse a vida dele...»

¹¹⁸Tudo referido com o verbo *ter*.

¹¹⁹*Arrenegar* é um termo que significa em sendinês *desdenhar*.

Na data em que o Status Animarum foi compilado, Manuel fazia 48 anos. O seu registo de nascimento, de 1893, mostra que já era filho e neto de lavradores. O seu registo de casamento, confirma que casou com uma filha e neta de lavradores.

Os lavradores eram pequenos agricultores autónomos, mais ou menos abastados, consoante a terra (tipo e área) e os animais de trabalho que possuíam. Os lavradores ricos distinguíam-se dos outros lavradores, por isso mesmo: tinham vacas, mais terras e terras de melhor qualidade - dois factores interligados, uma vez que só podia ter vacas quem tinha bons lameiros¹²⁰.

Os lavradores menos abastados lavravam geralmente com mulas, um animal cuja alimentação lhes permitia contornar o facto de não disporem de lameiros, uma vez que podiam semear nas terras de pior qualidade o necessário para o sustento destes animais (ferrã de centeio, lentilhas, ...). Entre estes lavradores remediados, o facto de ter uma junta, ou um animal só, era também um indicador da sua riqueza, havendo lavradores remediados mais ricos que tinham uma junta de mulas, outros que lavravam com uma mula e uma burra e, por último, lavradores que só tinham uma mula que juntavam com a do vizinho para efectuar as tarefas mais exigentes do ciclo agrícola.

A principal diferença entre os lavradores mais abastados e os apenas remediados reside, assim, no facto de terem as melhores terras que lhes permite ter animais de trabalho mais robustos e realizar mais dinheiro com a venda das crias destes animais de trabalho. Esta situação, por sua vez, permite-lhes comprar mais terras, ter criados para ajudarem nas tarefas diárias e contratar jornaleiros nos períodos mais intensos do ciclo agrícola - eram assim, um grupo preponderante em termos de hierarquia social.

Os jornaleiros distinguíam-se dos lavradores porque as terras e os animais de trabalho que possuíam não lhes davam autonomia para sustentar a família e precisavam de recorrer ao trabalho «à jorna» nas terras dos lavradores.

¹²⁰Um aspecto já anteriormente referido e salientado por outros autores (O'Neill, 1984; Lema, 1972).

Podiam ter pequenas parcelas de terreno, que lavravam com burros, mas não eram suficientes para lhes dar autonomia e precisavam de trabalhar para quem tinha terras - andar à jeira era uma necessidade que os deixava na base da hierarquia social, distinguindo-os inequivocamente dos lavradores mais modestos.

«Proprietário» é um termo que o padre João de Morais usa e abusa para classificar pessoas com uma riqueza fundiária muito diversa que vão desde pequenas extensões de terra («oh, esse não tinha mais do que uns bocaditos...») até grandes tapadas («oh! O senhor Augustinho Africano tinha muita terra e gado e tinha muitos criados, não fazia mais do que estar de braços cruzados a mandar trabalhar. Não era como o tio Manuel, que trabalhava»).

Este Augustinho Africano era dos homens mais ricos de Sendim. Tinha muitas terras e gado e vivia numa casa recheada de infra-estruturas: tinha um lagar de azeite, um lagar de vinho, grandes cubas para o vinho e grandes tulhas para o cereal. A riqueza podia-se medir por isso mesmo, visto que gado, cereal e vinho eram os únicos produtos comercializados na região. Como ele havia poucos em Sendim e era um homem muito prestigiado que ainda hoje é lembrado como o Senhor Augustinho. Distintamente de Manuel Ricardino a quem se referem como o tio Ricardino.

Nessa época, além de haver muito poucos destes proprietários em Sendim, os poucos que havia não pertenciam verdadeiramente à comunidade, isto é, vinham de fora realmente, como o caso deste Augustinho africano que «veio rico de África», ou simbolicamente como o caso do «Senhor Abade», igualmente lembrado como um dos mais ricos de Sendim.

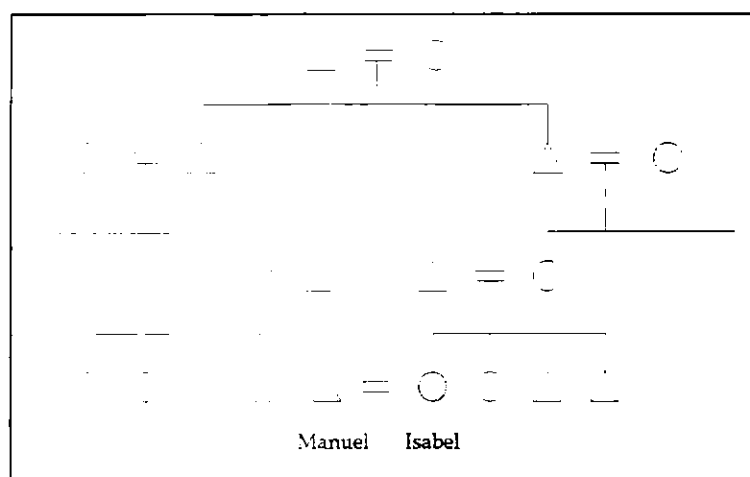
Lavradores e jornaleiros eram, portanto, dominantes na estrutura social da aldeia, quando Sendim era uma pequena comunidade de camponeses¹²¹, e a terra e o trabalho os dois objectivos fundamentais que orientavam a conduta destes pequenos agricultores, diferenciando o estatuto social de cada um. Constituíam valores fundamentais e, por isso mesmo, eram transmitidos de geração em geração.

¹²¹Ver quadro XI, Anexo B).

Manuel e Isabel casaram-se em 1922, quando ela tinha 19 anos e ele 29. Este casamento legitimou o nascimento de um filho nascido antes de consumado o matrimónio e necessitou de uma dispensa «do terceiro grau de consanguinidade», uma vez que se tratava de primos segundos (Figura 25).

Figura 25

Diagrama de parentesco do casamento dos *Ricardino*



Esta situação sintetiza algumas das estratégias inerentes à reprodução social deste grupo dominante. Em primeiro lugar liga duas famílias de lavradores abastados que, sendo possuidores de mais e melhores terras, estão em condição de proporcionar aos seus filhos um começo de vida mais vantajoso - o processo de acumulação de terras que domina o ciclo de expansão do grupo doméstico entra numa fase de retracção à medida que os filhos vão constituindo agregados autónomos, e é acompanhado da cedência de algumas parcelas de terreno que viabilizam a sua autonomia.

Trata-se de uma cedência que deve ser entendida nas suas várias vertentes: por um lado constitui uma forma de assegurar à descendência um princípio de vida privilegiado que tenderá a reproduzir esta vantagem inicial; por outro lado, relativiza a falta de mão-de-obra resultante do fraccionamento do grupo doméstico pelas saídas sucessivas dos filhos aquando do seu casamento; por último cimenta fortes laços de interdependência entre as duas gerações que se manifestam em trocas recíprocas ao

longo do tempo. Tudo parece centrar-se num estreito equilíbrio entre a viabilidade de uma exploração familiar e as diversas fases que atravessam o seu ciclo reprodutivo.

Em segundo lugar, este casamento, além de ligar famílias já de si com um estatuto social preponderante, acumula a vantagem da consanguinidade, unindo dois primos em segundo grau, o que, no mesmo contexto centrado na terra, irá permitir um arredondamento das propriedades herdadas, uma vez que concentra no mesmo núcleo familiar parcelas anteriormente fragmentadas.

É assim considerado um *bom* casamento. O nascimento de um filho antes da sua consumação é relatado como uma estratégia para não o deixar escapar e uma vez mais chama a atenção para o forte controlo paterno da mão de obra dos filhos, mantendo-os em casa durante um período estabelecido caso a caso de acordo com as estritas necessidades da exploração. No entanto, e apesar de ser considerado um bom casamento cuja oportunidade não se quis perder, afastando a mulher eleita do circuito matrimonial através de um filho que lhe é feito em solteira, Manuel terá de esperar o momento mais conveniente para deixar a casa paterna que não pode, ainda, dispensar a sua participação nos trabalhos agrícolas.

Casos como este, de filhos nascidos fora do matrimónio e posteriormente legitimados, aparecem com alguma frequência nos registos de baptismo consultados até à década de 40 e levam a retomar a questão da ilegitimidade que, para o Norte de Portugal é referida em valores altos, com alguma cautela.

Com efeito, em relação a Sendim, a questão da ilegitimidade parece-me estar mais relacionada com as estratégias de viabilidade de cada exploração familiar, seja ela ou não detentora de terras, do que, propriamente, com o *poder predominante do património* (O'Neill, 1984)¹²². Isto é, a necessidade de manutenção da mão-de-obra dos filhos, que leva (eventualmente) à restrição do casamento ou ao retardamento da

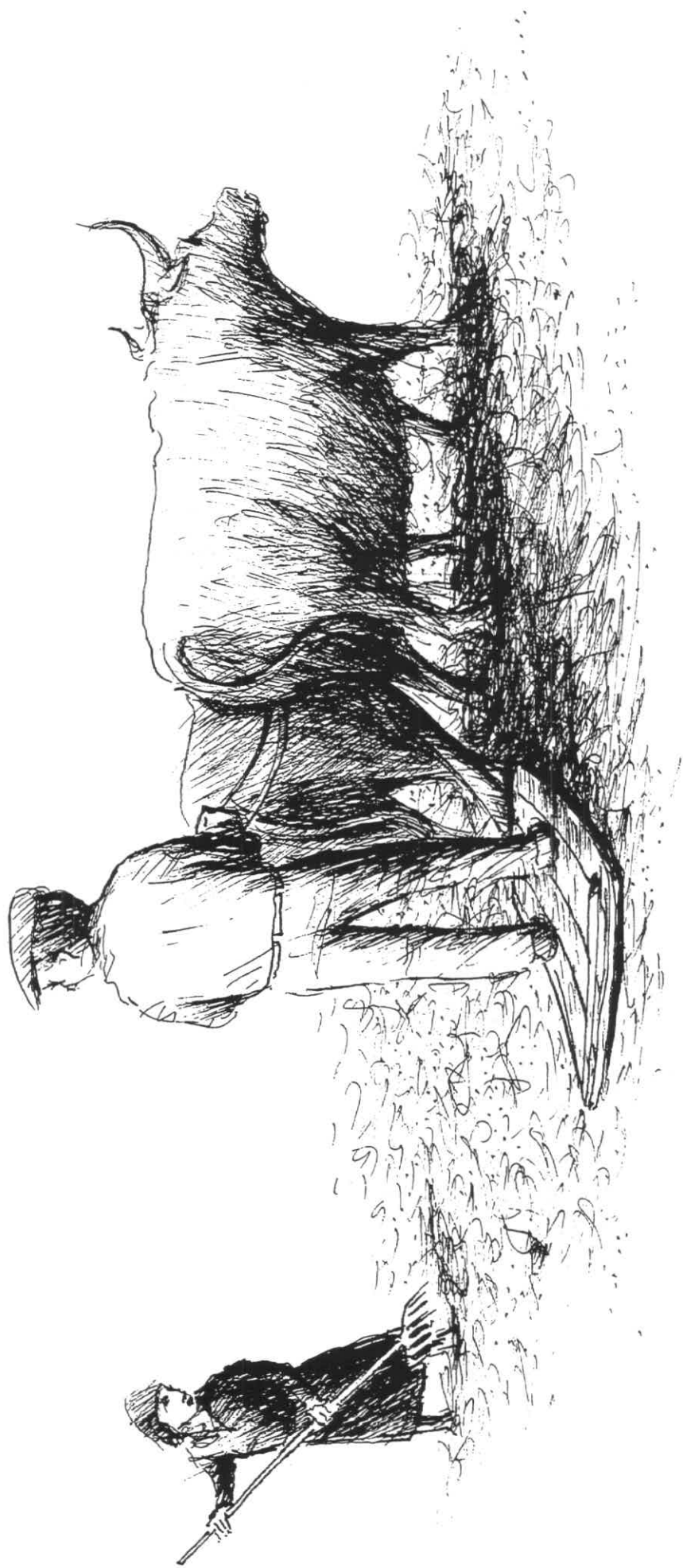
¹²²Se em Fontelas, por exemplo, o elevado número de ilegítimos, que se reporta, predominantemente, ao grupo de *jornaleiras*, pode ser entendido como o reflexo do «*poder predominante do património [que] dentro de uma agricultura rudimentar, impõe fortes restrições sobre o matrimónio*» (O'Neill, 1984: 376), não seria de esperar maior número de ilegítimos entre os grupos mais abastados do que entre os jornaleiros, visto que a eventual fragmentação da propriedade tenderia a fazê-los descer na hierarquia social?

idade para a sua efectivação, é uma constante no contexto de uma economia centrada na terra que tenderia a afectar tanto o grupo dos lavradores como o dos jornaleiros e que ilustra o poder da gerontocracia nas relações intergeracionais, reflectindo-se na apropriação da mão-de-obra dos filhos, no primeiro caso, ou do seu salário, no segundo caso.

De facto, o casamento destes dois lavradores - Manuel e Isabel, que são considerados abastados, parece ilustrar de forma significativa este aspecto.

Sendo um bom casamento, começou de forma promissora: dos pais de cada um, receberam uma vaca e algumas terras - uma vinha, uma horta e uma terra de sementeira - e também uma casita onde começaram a sua vida. Ter uma junta de vacas no início da vida de um casal era, de facto, um bom empurrão que levava a um fazer casa vantajoso em relação à maioria dos casais. Um factor que reforçava a preponderância deste grupo e a sua forma de reprodução, de geração em geração, capaz de assegurar um notório distanciamento em relação aos jornaleiros e aos lavradores menos abastados.

Este começo vantajoso não era, no entanto, sinónimo de um modo de vida diferente e o dia a dia de um casal de lavradores abastados era muito semelhante ao dos restantes agricultores. Rico ou pobre, cada grupo doméstico constituía uma unidade produtiva fundamental no contexto de uma agricultura de índole camponesa, sendo as principais diferenças evidenciadas, atribuíveis às diversas fases percorridas ao longo do ciclo de vida familiar.



Gravura 4 - A vida do dia a dia de um casal de lavradores assentava numa sólida cooperação da unidade conjugal

Começando com umas pequenas parcelas de terreno e uma junta de vacas, o trabalho assentava exclusivamente nos ombros do casal que lavrava as terras, semeava e colhia tudo por sua conta. Das colheitas retirava o estritamente necessário para a sua subsistência levando uma vida de trabalho de sol a sol durante as fases mais intensas do ano agrícola.

Apesar de disporem de um património exíguo nesta fase do seu ciclo de vida, o facto de possuírem uma junta de vacas permitia-lhes tomar de arrendamento algumas terras, incrementando, assim, os excedentes produtivos. Ao fim de um ano, a venda da cria possibilitava, por sua vez, a realização de algum dinheiro que seria aplicado na aquisição de mais terras.

Todo este processo acumulativo ao longo de vários anos permitia fazer casa, casa esta que ia incrementando o seu património, reforçado com a herança que não se fazia tardar¹²³ e, posteriormente, com a integração progressiva dos filhos na exploração familiar, cujo contributo em trabalho evitava o recurso à mão-de-obra exterior, em algumas das tarefas do ciclo agrícola.

Passados cerca de vinte anos do seu casamento, os pais de ambos haviam já falecido e é com uma prole de três filhos que aparecem registados no «Status Animarum» - reportando-se a uma fase do ciclo de desenvolvimento deste grupo doméstico em que havia já sido consolidado o seu domínio. Dispunham de um património fundiário considerável, tinham duas juntas de vacas e dois «criados de lavoura».

A intensidade dos trabalhos agrícolas era bastante variável ao longo do ano, como pode verificar-se pela distribuição das principais tarefas do ciclo agrícola, discriminadas de forma abreviada no quadro seguinte e considerando as duas principais produções: o cereal e o vinho:

¹²³Repare-se que Manuel casou com 29 anos e a esperança de vida dos seus pais rondava na época os 65 anos.

Quadro 19
Principais tarefas do ciclo agrícola

	Terras de sementeira	Vinha
Fevereiro / Março	<i>Decrua das terras em pousio Aricar as terras sementeiras (com as juntas ou mulas, arrancar as ervas dos sulcos sem aprofundar muito).</i>	<i>Poda 1ª lavra</i>
Abril / Maio	<i>Vima (2ª lavra) das terras em pousio</i>	<i>Escavar e estrumar, em anos alternados</i>
Junho / Julho	<i>Segada</i>	
Julho / Agosto	<i>Trilha</i>	
Setembro / Outubro	<i>Sementeiras</i>	<i>Vindima</i>
Novembro a Fevereiro	<i>Pausa</i>	<i>Pausa</i>

Veja-se como eram organizadas as tarefas produtivas desta família de lavradores, na época: *Manuel ia com as vacas e os criados de lavoura lavrar a terra - «naquela altura, era com o arado, e tudo a açadão...»*

Isabel tratava dos filhos, fazia a lida da casa, cuidava da horta e dos animais domésticos, costurava a maior parte das roupas de uso quotidiano, fiava o linho e a lã para tecer os lençóis e cobertores. Era uma mulher de sorte porque Manuel Ricardino tinha os ditos criados e ela era dispensada de trabalhar no campo nesta fase específica do seu ciclo de vida familiar, ao contrário do que acontecia com a maioria das mulheres do seu tempo.

No «*Status Animarum*», este casal aparece recenseado numa casa da Rua de Caminho de Prado, e nela se encontram registados os seus três filhos: Francisco com 19 anos, «seminarista», Inácia com 18 anos, «filha de família» e Tomás com 9 anos «estudante». Na mesma rua, sucedem-se outras casas onde o apelido de Ricardino se repete. Sugerem uma certa preponderância dos laços patrilineares no inter-relacionamento dos grupos domésticos de lavradores...Este beco onde se apinham casas e infra-estruturas agrícolas era conhecido pelo «curral dos

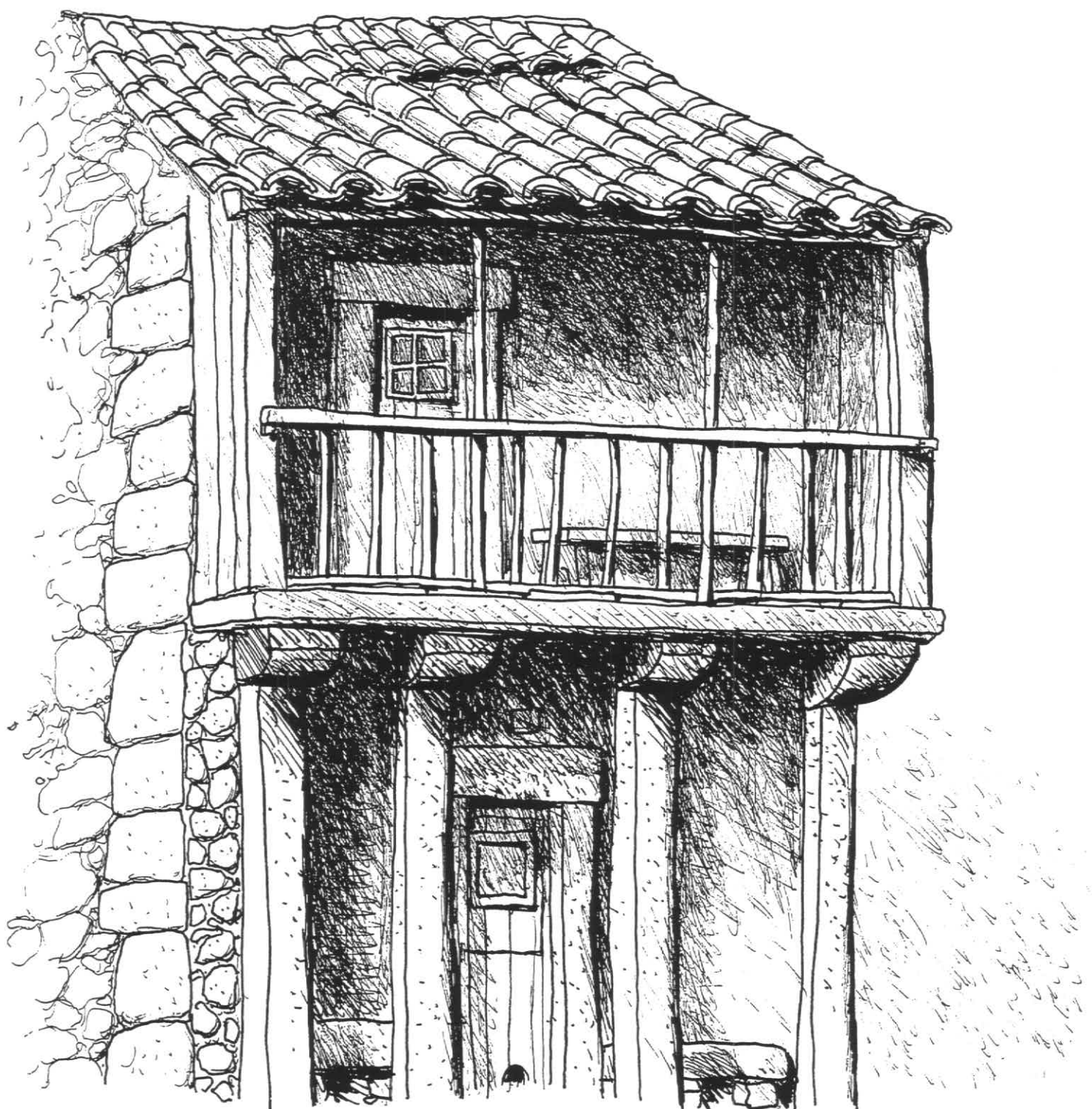
Ricardinos». Não eram só os Ricardinos que habitavam o beco, mas grande parte das relações de vizinhança giravam à sua volta.

«Havia relações de vizinhança muito fortes. Eu lembro-me dos currais estarem sempre cheios de gente, pareciam uma espécie de ilhas, onde todos se juntavam a comer do prato, quando havia fartura de batatas ou feijões, ou salada...Por exemplo no curral dos Ricardinos quando comiam arroz, todos os habitantes do curral iam lá comer.

E assim se estabeleciam relações de entreajuda, de uma maneira muito discreta. As pessoas que queriam ganhar jeiras durante as sementeiras, durante as colheitas, ou para certos trabalhos agrícolas, vinham para casa dos lavradores mais ricos, que lhes davam jeira. Lá faziam trabalhos gratuitos - o lavar as cubas, o rachar um pouco de lenha, faziam umas pequenas coisas para terem garantida a jeira...»

(entrev. 35)

A casa onde viviam era uma modesta casa de lavradores, como modestamente viviam os lavradores da época. «Casa onde caibas, terra quanta vejas» era um ideal que se reflectia numa real exiguidade da habitação tradicional e na simplicidade dos anexos acoplados, cuja construção e organização assentava num princípio de estrita funcionalidade. No exterior, as fachadas eram muito sóbrias, predominando o granito da região, muito embora as casas dos lavradores mais abastados pudessem ser rebocadas e caiadas num caso ou outro.

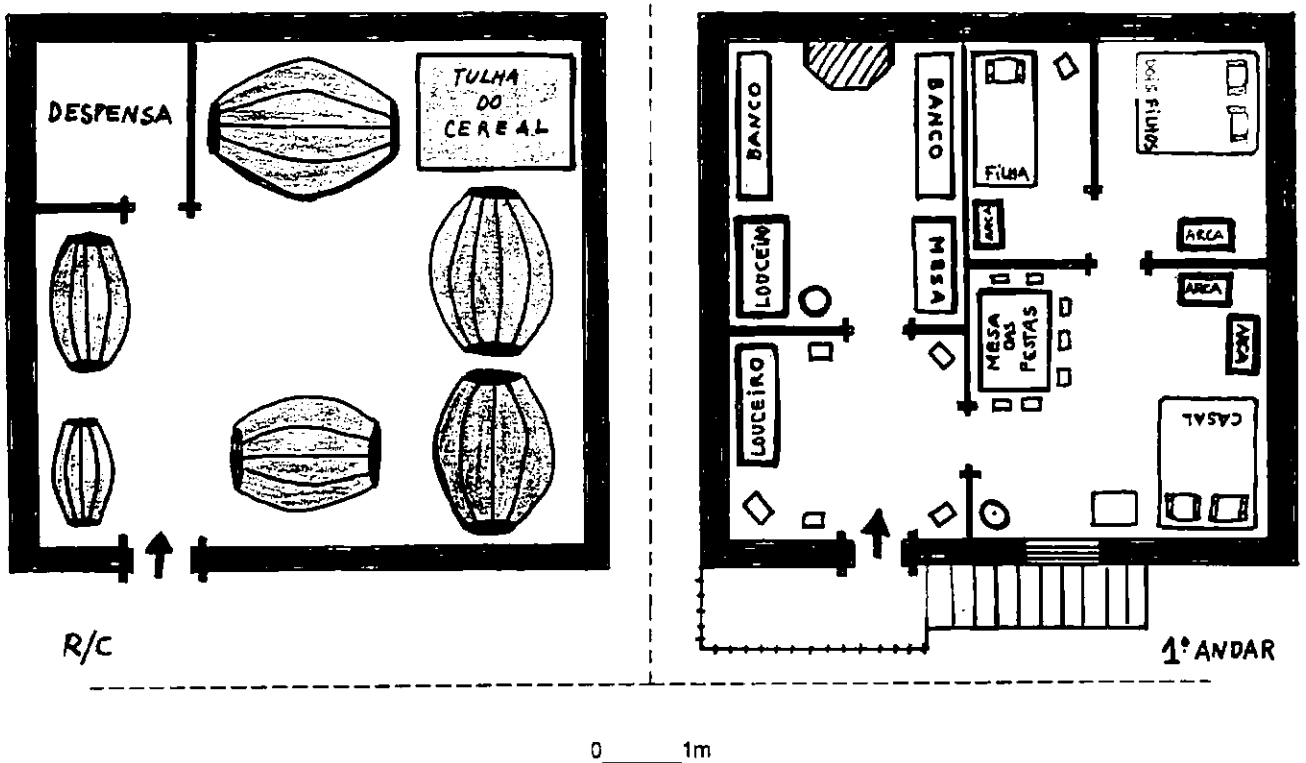


Gravura 5 - Casa de lavradores

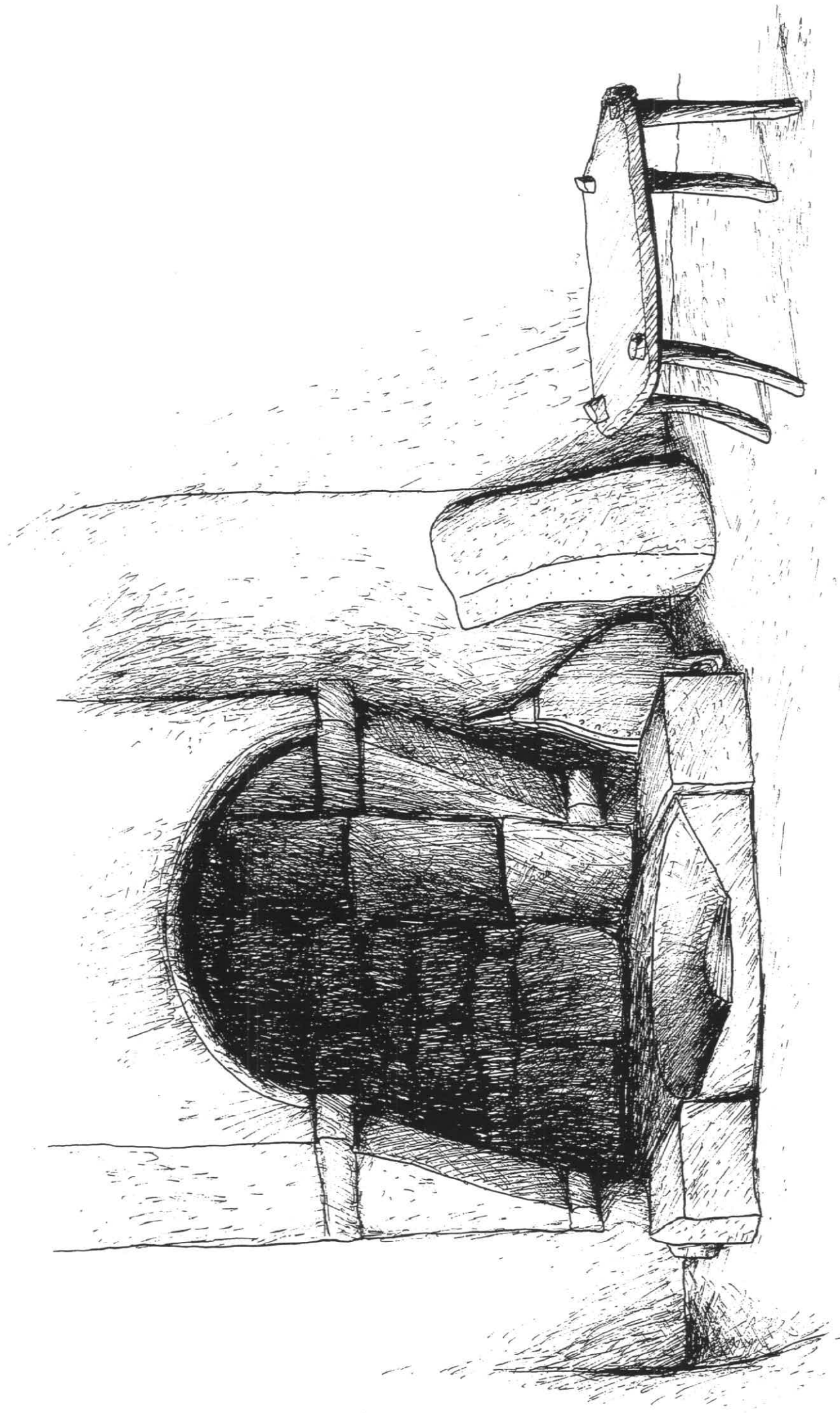
Dentro desta casa mínima, tudo era reduzido ao mínimo: da área coberta ao número de divisões, dos móveis de cada divisão aos objectos de uso doméstico que se guardavam nesses móveis...«Antigamente, que teres havia? Eram as panelicas para aquecer o caldo, dois praticos, uma terrinica, uma dúzia de pratos...E onde estavam os guarda-fatos? Só tínhamos uma arquita onde se guardava a roupa para o domingo...»

Figura 26

Planta do interior da casa



A partir desta casa e sendo indissociável dela, em sentido metafórico e não físico, se avistava a terra: «tanta quanta vejas...». Se se pode dizer que não havia uma grande diferença entre as casas dos sendineses no passado, já em relação à terra que cada um conseguia avistar como sua não se pode dizer o mesmo.



Gravura 6 - Na cozinha, onde o mobiliário era reduzido ao mínimo indispensável, a família reunia-se ao serão

A terra tinha também diferentes medidas: para os lavradores media-se em «sacos» de cereal ou «alqueires» de semente; para os jornaleiros em «jeiras de arada». ¹²⁴ Este lavrador que era considerado abastado, colhia na altura cerca de duzentos sacos de trigo, quando a maioria dos lavradores colhia sessenta, em média sessenta.

Com base na terra que cada um avistava, se jogavam também os destinos dos elementos da casa e, em 1940-44, o futuro dos três filhos deste casal estava já delineado. Nesse futuro, contudo, se projectavam também as ambiguidades de um processo de mudança de valores que a geração de Manuel Ricardino protagoniza:

O mais velho estava prestes a entrar para o sacerdócio, uma situação muito frequente nas casas de lavradores abastados - «não há casa boa sem gado nem coroa». Com o filho mais velho ausente era a filha, fundamental no sistema de reprodução da casa, quem colaborava com a mãe nas tarefas domésticas e com o pai nas tarefas do campo, constituindo, deste modo, uma ajuda familiar que Manuel não podia dispensar. Por isso achou desnecessário que frequentasse a escola. Além desta posição de senioridade no interior do grupo doméstico que passou a ter com a entrada do irmão mais velho para o seminário, o papel da mulher nesta época e neste contexto, onde tudo se organizava num quadro familiar ¹²⁵, afastava completamente as suas expectativas de formação escolar. Como mulher tinha que ter os filhos que haviam de assegurar a expansão e reprodução da casa; como mulher tinha que ficar para assegurar assistência na velhice ¹²⁶.

No filho mais novo projectou este velho camponês as suas hesitações: a terra estava a dar pouco...e os ilustres da terra eram pessoas «com estudos». Iria apostar na

¹²⁴A persistência destas medidas a par da grande relutância dos sendineses em revelarem a terra que têm - *umas terras poucas* foi a resposta que mais frequentemente recebi (as minhas indiscretas perguntas não deixaram de os fazer ligar a minha presença aos sistemas de controlo de impostos...) - levaram-me a desistir de fazer o levantamento extensivo desta informação logo no início da recolha do «Censo94», tendo mantido apenas as questões sobre o tipo de terra cultivada e a sua forma de aquisição.

¹²⁵Sobre o papel da mulher na sociedade tradicional, ver (Tilly e Scott, 1978).

¹²⁶Sobre a importância *assistencial* da mulher, nas diversas fases do ciclo de vida familiar, ver Dolores Comas d'Argemir, 1994.

sua instrução. Depois de ter feito a 4ª classe na aldeia, Tomás entrou para o seminário de Vinhais, que frequentou até ao 7º ano e, posteriormente, ingressou na Universidade de Salamanca onde se «formou».

Manuel Ricardino faleceu em meados dos anos setenta na casa da Rua da Ermida que o seu filho mais velho havia construído com as comodidades que já não podia dispensar quando vinha de visita («a casa do padre Francisco foi das primeiras a ter casa-de-banho...»). Inácia, a única descendente directa que vivia em Sendim, à data da sua morte, deu a notícia aos irmãos: Joaquim, residia então em Moncorvo, onde tinha a sua paróquia, e Tomás vivia em Lisboa, desde que se havia casado.

Tinha pouco mais de sessenta anos quando reuniu os seus três filhos para lhes dizer: «eu já estou velho e não posso trabalhar mais. Vamos a partir». Esta situação não era muito frequente na época, e era diferente da forma como ele próprio herdou - apenas aquando da morte dos pais lhe fora atribuído o seu quinhão. Mas Manuel receava um problema latente e, como não queria guerras entre os herdeiros, resolveu antecipar partilhas.

Inácia sentia-se prejudicada em relação aos irmãos e lamentara o facto de não ter estudado. Apercebendo-se da revolta da filha, não queria deixar esta guerra em aberto e tratou de resolver as coisas à sua maneira para poder morrer em paz. E assim fez: uma vinha e uma terra seriam para a compensar.

Retirando essas duas propriedades, acertou três lotes e cada filho tirou à sorte... Estavam feitas as partilhas. A partir de então, cada um se encarregava de administrar a terra que tinha e, ele e Isabel, passariam a receber uma parte dos lucros, geralmente no período das colheitas. Ficava, deste modo, assegurado o seu sustento.

Com a morte de Manuel Ricardino, morre também um dos protagonistas da geração dos últimos camponeses para quem a terra e o trabalho (e a família para os assegurar) constituíam os valores fundamentais da vida...

O que os filhos fizeram destas terras, mais tarde, é fácil de contar. Inácia procurou consolidar o seu domínio e modernizou um pouco a exploração, através do uso de fertilizantes e da aquisição de um tractor. Foi trabalhando no campo enquanto

pode, e arrendou uma parte das terras quando apareceram interessados - situação que ainda hoje mantém.

Joaquim e Tomás tiveram que se ir desfazendo aos poucos do seu património. Não podiam dar assistência à maior parte das tarefas do ciclo agrícola, e a mão-de-obra era escassa e cara - «era uma época em que não se encontrava um obreiro para trabalhar na terra, quando lá aparecia um, queria um dinheirão de jeira...»

Sempre que a irmã estava interessada numa determinada propriedade era a ela que vendiam por um preço simbólico¹²⁷. As outras terras foram vendidas à medida que apareceram os interessados. Joaquim vendeu tudo, e Tomás conservou, apenas, duas propriedades. As duas melhores vinhas que lhe deixou o pai: «as mais próximas do lugar».

Inácia é, assim, a única filha deste casal de lavradores que ficou em Sendim para tratar das terras e cuidar dos pais. Herdou também a sua velha casa exígua, para onde foi viver, já casada, pouco tempo depois das partilhas. Do seu casamento com um guarda-fiscal nasceram duas filhas. Essa velha casa foi entretanto restaurada e serve de arrumos. Construiu uma nova nas imediações, e é lá que vive actualmente.

Na sua trajectória de vida, ressalta o empenhamento em viabilizar para as filhas um futuro diferente do seu - dar-lhes a instrução que não recebeu foi o objectivo que a levou para Bragança quando não havia ainda a Escola Secundária de Sendim. «Aquela mulher, ninguém lhe tirava aquilo da cabeça - à força que as filhas haviam de estudar. E não parava de dar rendas e presuntos às professoras...»). A filha mais velha, actualmente com 45 anos, casou com um filho de lavradores ricos de uma aldeia próxima, de quem teve um filho. É professora na Escola Primária de Sendim, depois de ter exercido durante alguns anos em várias aldeias próximas. Vive numa casa construída pelos pais, num antigo lameiro do seu avô materno. A filha mais nova tem 40 anos e casou em Bragança com um empregado bancário, de quem tem dois filhos. Nessa cidade construiu uma casa com o apoio financeiro dos pais, logo

¹²⁷O sistema consuetudinário sanciona esta situação e dá direito de opção na aquisição de uma propriedade a um familiar por linha directa.

após o casamento. Vem a Sendim nos fins-de-semana mais prolongados e nas férias do Verão, quando fica na casa dos seus pais.

Tomás vive em Lisboa desde os 24 anos, altura em que se deslocou para cursar Direito. Actualmente quadro da função pública, tem residência principal nesta cidade, desde que se casou. Através de um conterrâneo, seu primo pelo lado da mãe, o casal arranjou o primeiro emprego, quando haviam resolvido deixar a terra natal em busca de um futuro melhor. «Deixar» é uma força de expressão porque se há sítio que este verdadeiro «filho da terra» não tenha deixado, é o seu Sendim: «é aqui que eu tenho as minhas raízes, os meus amigos. Em Lisboa sou um número...».

Dois momentos-chave dos ciclos agrícola e festivo têm-no levado, ano após ano, a Sendim: o mês de Agosto - quando costuma concentrar a maior parte das suas férias laborais; e as vindimas de Outubro - um momento que sempre tem reservado para passar uma semana na vila e fazer a colheita das uvas nas duas vinhas que conservou da herança.

Até à morte da mãe, era na casa da Rua de Ermida, mandada construir pelo seu irmão mais velho, que ficava durante estas pequenas estadias, juntamente com a família, entretanto constituída. Em princípios dos anos 80 construiu uma casa, de várias assoalhadas, num terreno contíguo ao de uma «cortinha» que pertencera ao seu pai, e é esta a casa que hoje ocupa durante as suas estadias na vila. Uma casa que se enche com os filhos e os netos, todos nascidos já em Lisboa, quando vêm passar as férias de Verão a Sendim.

Joaquim vive também em Lisboa, depois de ter sido apoiado pelo irmão na sua instalação inicial na cidade, quando resolveu tirar o curso de Direito. É hoje um celibatário de 75 anos, pároco e advogado. A sua velha casa da Rua da Ermida foi posta «à venda» quando Tomás acabou de construir a sua nova casa - e ainda hoje assim se mantém. Durante as suas breves estadias na vila, geralmente na altura da festa de «Santa Bárbara», é na casa de seu irmão que costuma ficar.



Foto 21 - Porta das casas tradicionais: um símbolo expressivo da inter comunicabilidade entre o espaço público e o espaço privado

2.2. Dinheiro e instrução - o grupo emergente dos comerciantes

Se Manuel Ricardino é lembrado como rico, já Albertina Avileira é lembrada como tendo sido pobre no início da sua vida: *Agora, uma comparação os Ricardino que eram ricos, só tinham terras aqui à roda do lugar, enquanto os Avileira, que eram pobres, só tinham lá para baixo, para o rio, nas arribas...* A partir do seu relato

biográfico foi possível conhecer um pouco do que era a vida dos pobres na época em que se vivia do trabalho duro da agricultura e em que ricos e pobres partilhavam de diferentes maneiras os frios Invernos e os Verões infernais...

Ao contar a história da sua criação¹²⁸, Albertina insistia bastante nos tempos duros da sua infância:

Nós éramos oito irmãos, mas um morreu logo ao nascer. Ficaram três raparigas e quatro rapazes e eu era a mais velha. O meu pai, no céu esteja, andava a ganhar a jeira, mas não era só ele, eram muitos pobres, não era como o tempo de agora, agora é outro tempo. Ainda me lembro que ele andava à jeira para um tal Zé Fidalgo, e era essa profissão que toda a gente tinha, a não ser meia dúzia de ricos que havia na altura. Essa meia dúzia tinha as terras todas e os outros andavam a trabalhar para eles. Morreu cedo e deixou a minha mãe grávida do oitavo filho.

[Quando um jornaleiro morre numa fase crucial do seu ciclo de vida, com uma prole tão numerosa e ainda de tenra idade, a situação é verdadeiramente dramática. O sustento da família depende da sua jeira - é por isso muito difícil que a casa se consiga reproduzir sem a sua presença. A sobrevivência da família ficou, assim, seriamente comprometida]. *Fiquemos quase sem nada em casa, nessa altura não sei se teríamos pão, nem se não teríamos, e ainda para mais com um irmão que estava para nascer.*

A minha mãe arranjava ouro fiado a uns ouriveiros que havia e trocava o pão pelo ouro: um dava-lhe um bolo, outro umas fogaças, outro uma cesta de batatas...andava a trocar por estes povos ao redor: para Palaçoulo, Fonte Aldeia... e trazia-nos tudo para casa, não nos faltava nada, mas nós não tínhamos riquezas, não tínhamos fortuna, tínhamos uma farturica de pão e batatas, que as ganhava ela.

Pouco tempo depois da morte do pai, a sua mãe adoeceu, quando ela tinha dez anos. *Nesse tempo não havia medicina nenhuma, e como não havia médico aqui, vai um vizinho de cá com uma burra buscar um a Vimioso. Foram a buscá-lo e a levá-lo e*

¹²⁸Relato biográfico cuja recolha foi iniciada quando efectuava o trabalho de campo, em 1986, no âmbito da dissertação de mestrado atrás referida. Com o falecimento de Albertina, um ano depois, a sua biografia foi completada junto dos filhos.

deu-lhe 15\$00 ao médico. O médico veio, chegou e disse que se tivessem ido logo a buscá-lo na altura, tinha-se curado com cinco tostões, mas já não havia remédio.

Antes de morrer, tinha apenas duas «coroas»¹²⁹ e disse-me: «guarda essas duas coroas para comprares uns sapatos». E eu guardei as duas coroas, que foi o que sobrou do dinheiro da terra que vendemos, dos remédios e do médico.

Aos dez anos de idade, como irmã mais velha, ficou com a responsabilidade dos seus seis irmãos. Ficámos sem ter pão para comer, claro, pois éramos pobres, pobres porque não tínhamos pai nem mãe. [Numa época em que a subsistência era assegurada num quadro estritamente familiar, numa família de jornaleiros que tinham pouca terra e numa fase do ciclo de vida em que o grupo doméstico estava ainda em expansão, a maior pobreza era de facto perder o pai e a mãe. Também para os jornaleiros a terra, o trabalho e a família eram os pilares sobre os quais se organizava a sua vida].

A infância de Albertina resume-se a uma verdadeira luta pela sobrevivência: éramos todos pequeninos, e fiquei então eu que era a mais velha com esses seis irmãos, mas ajudámo-nos todos. O rapaz mais velho andou a servir em casa do tio Manuel Ricardino, que tinha vacas. Eu, às vezes, ia buscar a roupa para lavar, e lá nos davam um cachico de pão, que o devorávamos. A minha Antónia foi para Remontes, por uma côdea, só por o pão. Outro andava com as vacas de tio Inácio¹³⁰.

Naquele tempo, ia-se para a praça, era lá que iam a saber dos segadores e estava todo o mundo ardendo por ganhar a jeira. E eu, para ver se ganhava a jeira, ia também para a praça, a ver se me levavam: um pedia-me que lhe lavasse uns farrapitos outros para eu fiar umas estopicas e davam-me um cachico de pão. Uns davam-me pão, outros davam-me dinheiro. Ganhava-o a trabalhar, com muita honra. Comecei a ganhar aos doze anos, e consoante o ganhava, guardava-o, não comprava nada, ia poupando.

¹²⁹Uma coroa corresponde a \$50.

¹³⁰A vida dos jornaleiros e dos lavradores caracterizava-se precisamente por esta espécie de simbiose muito desigualitária, sem dúvida, mas que cimentava fortes laços de interdependência.

Dos seis irmãos de Albertina apenas ficaram em Sendim a irmã Antónia, que foi servir para Sevilha alguns anos, e o irmão Frutuoso que trabalhou como criado nas terras dos lavradores mais ricos. Um dos irmãos foi servir para uma casa em Remontes, os outros emigraram: a irmã Ana emigrou para Buenos Aires; o José emigrou para Sevilha: fui levá-lo ao rio e não o voltei a ver; e o António foi para o Brasil. Tinham então escapado todos e eu fiquei só em casa.

[Depois de uma infância de trabalho e luta pela vida, Albertina chega à idade adulta e como todas as raparigas do seu tempo, começa a pensar em casar-se. Os períodos de ponta do ciclo agrícola constituíam momentos privilegiados de convívio que juntavam grupos bastante alargados de cooperantes. Muitos namoros se iniciavam deste modo, sendo o espaço de trabalho o espaço de encontro mais comum].

Assim foi com esta jornaleira: conheci o meu homem num dia em que ele andava a segar e calhou eu ir também e quando andávamos a segar, puseram-me na traseira e eu sempre a andar para a frente (tinha medo que me deixassem para trás e não me pagassem a jeira), e meteram-me então no meio ao pé dele e andámos sempre a segar ao par...eu era ainda uma garota e ele já um homem, mas foi assim que nos conhecemos.

Do seu futuro marido, Sebastião, em solteiro, sei apenas que foi guarda fiscal lá para a raia seca, em Constantim, mas «botaram-no fora que ele era bom demais e não servia para aquilo, deixava passar o contrabando...» e que depois de sair da guarda fiscal resolveu tentar a sorte em França, para onde partiu «a salto», tendo regressado ao fim de quatro ou cinco anos («ele não trazia um tostão, veio empenhado da França»), após uma curta estadia que apenas lhe assegurou uma subsistência temporária.

Quando foi guarda fiscal esteve com um casamento meio arranjado com uma filha de lavradores ricos. Nesse tempo, como poucos empregos havia, ser guarda fiscal era sinónimo de bom partido e não lhe foi difícil chegar à fala com uma das filhas de

um próspero lavrador. No entanto, as coisas correram-lhe mal: «aquele que ia ser o seu futuro sogro, que era um lavrador rico lá para a raia, mandou-o ir buscar uma vaca, mas ele, que não sabia como havia de fazer o nó, para não dar parte de fraco, atou-lhe um laço à volta do pescoço, como melhor conseguiu. Só que fez o laço de tal maneira que enforcou a vaca. E assim se desfez o casamento porque o que ia a ser seu sogro já não o quis...»

Dos irmãos de Sebastião apenas se ouviu falar de um, que foi para França e não voltou a Sendim («nem veio saber da sua parte da herança...»).

Quando regressou de França, Sebastião andava por ali, ajudando a uns e a outros, para ganhar a côdea. Um vizinho que estava desejando de casar a filha já dizia: «há-de se casar com a mi Laurinda», mas ele lá começou a gostar de mim e falou-me. Toda a gente dizia: «ele não se casa com ela», lembro-me muito bem. Diziam isto porque eu era pobre, vinha de tronco muito baixo, e as pessoas caçoavam porque julgavam que ele não me queria. Mas ele veio falar comigo e lá terminemos o casamento. Levava-me onze anos, esses onze anos foi quando eu me criei.

Aos vinte e dois anos, quando nos casámos, eu já começava a ser mocita e tinha o meu dinheirinho de lado que sempre o fui guardando. Lembro-me que tinha juntado 400\$00 e com esse dinheiro comprámos um porqueto e uma cuba para guardar o vinho. E vivíamos do nosso trabalho.

O Assento de Casamento que atesta este matrimónio data de 1926, onde os noivos constam com a idade de 33 anos (ele) e 22 anos (ela). Nos respectivos Assentos de Baptismo, Albertina aparece como filha e neta de *jornaleiros*; Sebastião aparece, igualmente, como filho e neto de *jornaleiros*, todos naturais de Sendim.

Fomos morar para a Rua do Canzelo. A casa era dele, uma casica mui ruim, onde vivíamos todos: eu, o meu irmão e o meu homem. Tratava-se de uma casa típica de *jornaleiros*:

Dois pisos com uma área exígua ligados por uma estreita escada interior de madeira. No piso de cima havia apenas uma divisão: a cozinha com a sua chaminé - consistindo esta numa pedra de granito colocada sobre o sobrado e encostada a uma parede exterior. A tiragem de fumos fazia-se através do telhado em telha vã e tudo

ficava com a cor cinzenta da fuligem. A um canto, um pequeno tapume fazia *um dividimento para uma cama*.

No piso de baixo, em terra batida, guardavam-se as alfaias agrícolas, as cubas de vinho (à medida das exíguas colheitas) e alguns excedentes de produção, que se iam consumindo ao longo do ano. Em certos casos delimitava-se, igualmente, uma pequena divisão para resguardar do frio quem lá precisasse de dormir.

A vida de um casal de jornaleiros, sobretudo quando não havia um apoio familiar que desse uma pequena ajuda nesta fase do ciclo de vida, era uma verdadeira prova de força. Sem terras para prover ao seu sustento, apenas contavam com os seus braços, estando sujeitos à precariedade e incerteza das jornas. Emigrar e tentar a sorte noutros locais era, muitas vezes, uma hipótese considerada - *um dia, andávamos a apanhar vides e o meu homem só dizia: «vamos para a França» mas eu não queria e então disse-lhe: vamos pôr um negocico na rua ali debaixo. E assim fizemos, já tínhamos gasto o dinheiro todo entre o porco e a cuba, mas fiaram-nos um tchibo¹³¹ por 40\$00 e começámos a vender. Pusemos um cepo, abrimos a porta e era assim o nosso talho*.

Optaram, assim, por ficar na aldeia, tendo-se estabelecido num pequeno comércio. A habilidade para o negócio e a conjuntura favorável dos anos 50 fez florescer esta casa que começou, praticamente, do nada. Como tantas outras casas de comerciantes ou agricultores, todo este processo de *fazer casa* - uma expressão muito usada localmente para referir a progressão de um casal ao longo da sua vida - é empreendido através de uma forte solidariedade da unidade conjugal.

Um aspecto que ressalta da sua forma simples de apresentar a organização do dia a dia que era muito semelhante à da generalidade dos casais de comerciantes: *eu ficava em casa, matava os tchibos, não sabia ler. Estava uma semana inteira a pesar carne e sempre a dizer: «vamos fazer isto, hoje é preciso preparar aquela vinha, hoje há que ir lavar aquela terra», e ele lá ia coitado. Eu é que dirigi sempre a vida...*

¹³¹Termo local para borrego.

No *Status Animarum de 1940-44*, Albertina tinha, então, 39 anos e Sebastião 49, sendo registados com a profissão de, respectivamente, *doméstica* e *cortador*. *Cortador* significava que cortava carne para vender, como foi acima referido.

Esta mulher, que aparece como *doméstica* (tal como a maioria das mulheres registadas), tinha, deste modo, um papel fundamental na casa que era praticamente governada por si própria. A venda era da sua responsabilidade, dispensando-a de participar nas tarefas agrícolas que, à excepção de pequenas ajudas pontuais, ficavam a cargo do marido ou eram efectuadas por obreiros, contratados ao dia, nos períodos mais intensos do ano, em particular aquando das colheitas do cereal e das uvas e na altura da poda das vinhas.

No período a que se reporta esta fonte, não havia muitos comerciantes e, ter um negócio destes, permitia que o casal em questão vivesse com algum desafogo: «*Eles viviam bem, tinham um talho que lhes dava algum dinheiro e depois emprestavam dinheiro a juros, naquele tempo onde estavam os bancos e os dinheiros? Muitos desses emigrantes que foram para o Brasil e depois para França, pediam-lhe dinheiro emprestado...*»

A *queda* para o negócio, aliada a um acentuado espírito de poupança, fizeram enriquecer a casa que, com o tempo, se transformou numa das mais florescentes da aldeia: *no talho ia ganhando, depois ganhava num tchibo e ia comprando outro, e outro, e a vida começou a correr bem e tinha a casa sempre cheia de tudo*. À data, já não viviam na sua primeira morada, mas numa casa junto à praça, na *Rua de Santo Cristo*, uma das ruas mais centrais da aldeia.

Enquanto nas casas de lavradores o piso térreo era reservado para guardar as alfaias agrícolas e armazenar os excedentes de produção; nas casas dos comerciantes, esse mesmo piso era reservado à loja e respectivas infraestruturas. Era assim esta casa: em baixo, numa divisão que dava directamente para a rua principal estava instalado o talho e uma pequena mercearia onde se vendia de tudo. Havia ainda um pequeno quarto interior, onde eram guardados os produtos para venda e para consumo doméstico. No piso de cima, dois pequenos quartos, uma cozinha e uma pequena sala esgotavam a área coberta.

Nesta fase do ciclo de vida, o casal havia já herdado por via do marido uma outra casa, que dava para um pequeno quintal, onde existia um poço. Aí plantavam a sua horta e tinham os anexos necessários a qualquer casa agrícola: um lagar de vinho com a respectiva adega; dois pequenos palheiros para os animais - um para os porcos, o outro para guardar uma mula com que lavravam os campos - e uma *curralada* onde era armazenado o feno para os animais e as alfaias agrícolas.

Tinham também adquirido algumas vinhas e terras de cereal, o que lhes permitia complementar o orçamento familiar. A sua actividade organizava-se, assim, em torno destes dois eixos: o trabalho agrícola e o pequeno negócio, sendo os produtos colhidos indispensáveis para o equilíbrio e reforço do orçamento da casa, na medida em que reduziam os gastos de consumo a um limiar bastante baixo e permitiam gerar algum lucro com a venda dos excedentes. Assim sucedia na maioria das outras casas quando um dos membros do casal exercia uma actividade não agrícola.

O primeiro descendente só virá nascer ao fim de onze anos de casamento: Ana que aparece com cinco anos no *Status Animarum*, a quem se segue Iria passados cerca de 4 anos (a última filha não aparece, ainda, neste livro de registo).

Na trajectória de vida do casal, é visível o seu empenhamento em assegurar para as suas filhas um modo de vida que lhes permitisse viver com poucas terras, quando era esta a base da diferenciação social. Em especial no que diz respeito a Albertina - que começou a sua vida sem terras, nem pai nem mãe para lhas deixar - destaca-se, do seu relato biográfico, a sobrevalorização do dinheiro - tendo ficado famosa na aldeia pelo seu exagerado espírito de poupança - um valor ao qual se sobrepunha, na época, o valor da terra.

Na sua tomada de posição face ao futuro das filhas a instrução viria, também, representar uma via privilegiada de mobilidade social, consciencializada de forma muito evidente: *quando a minha filha mais velha foi estudar para Lisboa, eu já não era pobre, já vivia muito bem, tinha dinheiro a juro, tinha vacas de meias, tinha gados, tinha tudo. Mas muita gente, como eu fui criada muito miserável, não queriam as minhas filhas porque eu vinha de tronco muito fraco e outras pessoas*

vinham de tronco muito gordo, mas como eu não gostava que casassem mal quis pô-las a estudar...

Ana e Iria, concluíram a instrução primária na Escola de Sendim, numa época em que poucas crianças o faziam, especialmente as filhas dos agricultores. A mais velha prosseguiu os estudos e frequentou o liceu em Lisboa, onde ficou hospedada em casa de um primo pelo lado da mãe: *A minha Ana com 10 anos foi estudar para Lisboa, para casa da madrinha que tinha estado no Brasil. Eu mandava-lhe o dinheiro para as despesas e ela gastava o que precisava.* Fez depois o Magistério Primário em Bragança. Mais tarde casou-se com Tomás, o filho mais novo da família de lavradores, e foi viver para Lisboa.

Iria, a mais nova, lembra-se muito bem dos seus colegas de carteira do ano de 1947 quando começou a frequentar a escola: *éramos sete raparigas e seis rapazes, mas só dois de cada lado é que ficaram a viver em Sendim - um dos rapazes é hoje professor primário e casou-se com uma colega de carteira, filha de um comerciante; o outro também casou na terra e tem hoje uma empresa de máquinas. A segunda rapariga que ficou, casou-se com um «barragista» e estabeleceu-se num pequeno comércio.*

Das raparigas do meu tempo, duas eram filhas de lavradores (um deles tinha vacas), as outras eram como eu, tinham um comércio, uma é que era filha de um alfaiate e foi depois para o Brasil. Das outras, além de mim que fui para Lisboa, para ao pé da minha irmã; uma casou-se com um guarda e foi para o Canadá, a Antónia casou-se com um filho de lavradores e foram os dois para França e a Francisca, que tinha vacas, casou-se com um guarda e está a viver em Coimbra.

A preocupação com um mau casamento das filhas ilustra de facto a mentalidade de uma época, quando a terra limitava de forma bastante rígida a circulação matrimonial entre os principais grupos sociais. Com efeito, apesar de considerado um *mau casamento*, era mais frequente o casamento de lavradores com filhos de jornaleiros do que com comerciantes ou artesãos (que estão igualmente relacionados com o comércio). Comerciantes e artesãos constituíam, assim, os grupos

mais endogâmicos em termos sociais o que acabava por reforçar a sua disjunção em relação aos agricultores.

É, no entanto, um antagonismo de modos de vida e de valores que se vai atenuar ao longo do tempo, com o progressivo incremento da circulação monetária, trazido por outros modos de vida e intensificado com a melhoria do poder de compra do contingente migratório massivo dos anos subsequentes.

Após ter concluído a instrução primária, Iria ficou a ajudar os pais na loja - *nessa altura eles abriram outro comércio e eu é que vendia porque já fazia muito bem as contas. Ainda pensaram em pôr-me a estudar num colégio no Porto, mas começava a haver um certo movimento por causa da Barragem de Picote e eles precisavam de mim e então já não quiseram que eu fosse.* Aos 18 anos casou com um comerciante que vivia em Sendim e em 1963 foi para Lisboa, depois de ter montado um pequeno negócio no bairro dos funcionários da Barragem de Bemposta, onde esteve cerca de dois anos e meio.

Na sua migração para a cidade, a ligação destas duas irmãs com a aldeia natal foi-se mantendo e reforçando, quer durante os períodos de férias laborais que sucessivamente as têm trazido de volta à aldeia, quer através de um apoio incondicional aos conterrâneos que nos seus trajectos migratórios ou de circunstância fazem escala em Lisboa.

Ambas construíram residências secundárias na vila, que ocupam em períodos pontuais ao longo do ano. Trata-se de casas que se enchem durante o mês de Agosto com os filhos e os netos, que já nasceram em Lisboa, orientadas por princípios muito urbanos de estilo, funcionalidade e conforto. Num pequeno recanto do jardim, um anexo é reservado para efectuar as tradicionais tarefas domésticas: o forno para cozer o pão, a chaminé com telha vã para *curar* os enchidos.

Esta casa é para ser vista - dizia a mais nova das irmãs, enquanto decorriam as obras de construção - *gosto que seja diferente de tudo o que há por aqui, defendia-se deste modo de alguns comentários sobre a descontextualização da arquitectura e dos materiais utilizados nas cantarias e revestimentos do exterior, que usavam um granito rosado trazido de outras paragens.*

2.3. Um *casamento* de valores

Em 1956, Ana, a filha mais velha da jornaleira que se tornou comerciante próspera, e Tomás, o filho mais novo da casa de lavradores abastados casaram-se. Apesar das tensões e conflitos que envolveram este casamento, ele reflecte, de certo modo, um equilíbrio de forças entre dois grupos sociais antagónicos - os *comerciantes* e os *lavradores*¹³². Com efeito, trata-se de dois grupos sociais que polarizam um acentuado antagonismo dos valores que veiculam - a *terra* e o *dinheiro* - e cuja interacção permitiu acompanhar o processo de mudança que esteve na base da dinâmica que a sua emergência ou declínio protagoniza.

A nível micro, é curioso notar como o cruzamento das vidas dos descendentes de duas famílias oriundas destes dois grupos sociais ilustra de modo expressivo o processo que levou à lenta erosão da comunidade de camponeses tradicional, conduzindo-nos a seguir várias pistas que respondem às interrogações que os seus percursos biográficos suscitam.

Quando foi realizado o casamento de Ana com Tomás (1956), Sendim atravessava um período muito particular da sua história. Vivia-se no apogeu da fase de construção da barragem de Picote - um empreendimento que apesar de ter constituído um episódio pontual de desenvolvimento local, marcou profundamente as relações entre os grupos sociais da aldeia.

O incremento da circulação monetária que o acompanhou trouxe consigo uma mudança de valores que transformou, de forma irreversível, o viver tradicional desta pequena comunidade de camponeses, abalando profundamente os pilares que guiavam a conduta de ricos e pobres quando o trabalho agrícola constituía a única alternativa de sobrevivência da maioria dos grupos domésticos, a tal ponto que em seu torno se organizavam os principais aspectos que caracterizavam a vida social de então.

¹³²Um aspecto igualmente salientado por Paula Lema (1972) em relação a Carção, uma aldeia trasmontana do concelho de Vimioso.

Trata-se, com efeito, de duas histórias de vida cujo encontro guia e ao mesmo tempo domina a pesquisa - a partir delas foi possível interpretar, contextualizar e articular uma parte importante dos dados sobre a mudança social da aldeia que foram apresentados anteriormente e contemplaram diversos aspectos sociais e familiares.

Na história do modo de vida e das relações entre estes dois grupos, cuja distância é marcada por diferentes valores, estatutos sociais, modos de vida, e até espaços, parece reflectir-se a dinâmica subjacente ao desenvolvimento desta pequena vila. E o seu “casamento” ilustra, de certo modo, o sincretismo de valores que é indissociável dessa dinâmica.

3. INFÂNCIA DE OUTROS TEMPOS:

VIDAS PASSADAS, VIDAS CONTADAS

3.1. O trabalho dos *filhos de família*

Horácio tem actualmente cerca de 55 anos de idade. Registado com apenas dois anos no *Status Animarum*, o seu relato de vida permitiu esboçar como era passada a infância dos *filhos de família* na época e acompanhar os aspectos mais salientes da mudança nas relações familiares que a sua geração protagoniza.

Indo atrás à minha vida, nós chegámos a ser nove irmãos em casa. Hoje somos cinco porque quatro faleceram. Dois gémeos faleceram quase logo no parto e tenho dois que morreram de acidente (um com 21 e o outro com 25 anos). Os meus pais eram lavradores, tínhamos uma família numerosa. Naquela tempo as famílias eram todas grandes e vivia-se com bastantes dificuldades. Mas em nossa casa nunca conhecemos aquele espírito de fome. Havia pelo menos o pão, o caldo e as batatas, e matava-se um porquito ou dois. Lá se ia ao talho nos dias de festa, Páscoa, Natal e por aí fora, e havia um dia ou outro, mas poucos, em que se comprava uma sardinha e dividia-se por dois.

Eu e os meus irmãos fomos criados na lavoura. No meu caso, posso dizer que ando no campo desde que comecei a dar os primeiros passos. Os meus pais sempre tiveram gado e eu dos meus 5 anitos, talvez, já andava atrás das ovelhas e dos borregos. Aos 9 anos já me metiam a ceifar, só com um suco, com a foice a segar atrás

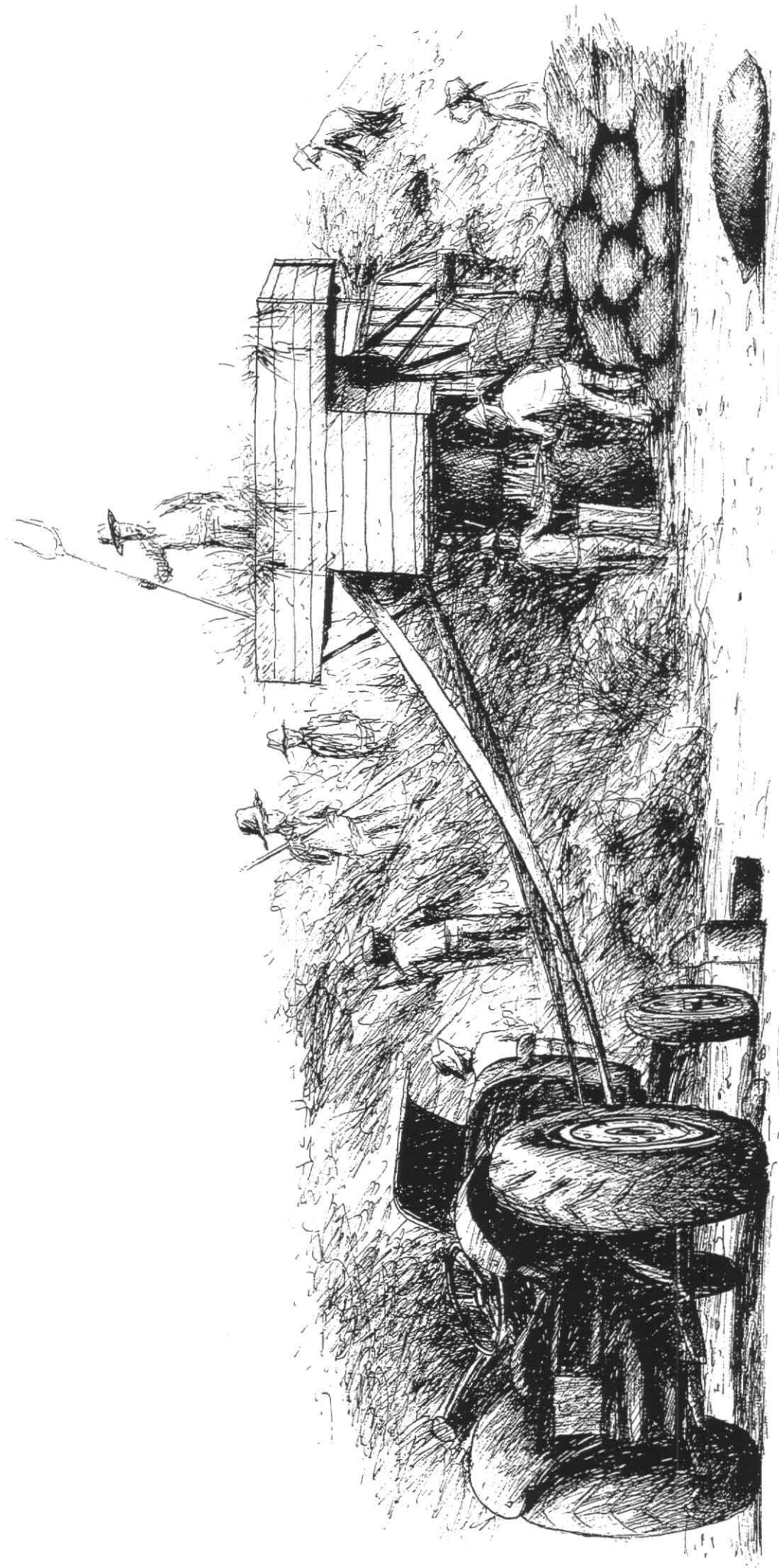
dos meus irmãos. Os meus pais levavam poucos obreiros, porque a família era bastante grande e fazíamos o trabalho só pela própria família, porque era muito dispendioso andar a pagar a pessoas de fora.

E a partir daí comecei a segar em casa, a sachar as vinhas, enquanto andava à escola. Fiz a minha 4ª classe, o que já era muito naquele tempo, porque se fazia a 3ª classe e saía-se. Cheguei muitas vezes a ir regar a horta antes de ir para a escola, que começava às 9 horas. Vinha de lá perto das quatro da tarde e ainda voltava a ir para a horta ou a escavar umas cepas de vinha, aqui mais perto. E lá fui crescendo, sempre na agricultura. A partir dos 12 anos comecei a trabalhar mesmo no duro. Já lavrava, já metia pão e já fazia isso tudo. E, assim de pequeno, agarrei amizade à agricultura.

Depois, os meus pais conseguiram uma terça parte de um tractor e de uma debulhadora e lá se desenrascaram. Com o tempo foram comprando as outras partes, e acabaram por ficar com a ceifeira toda (uma trilhadeira «Tramagal»). Foi desde então que se desenvolveu um bocadinho a casa e já se começava a ganhar algum.

O dinheiro que se justava era chamado «à maquia». Púnhamos a máquina nas eiras, onde era puxada por uma correia do tractor, e depois íamos a trilhar o cereal dos lavradores, e cobrávamos a 5%, segundo aquilo que o lavrador colhesse. Eu passava os meus Verões todos nas eiras de Sendim. Nem vinha à cama, dormia lá e mal. Às vezes só descansava uma hora ou duas e fazia assim a minha vida, sempre a trilhar...Portanto eu sei perfeitamente o que é o trabalho duro e o trabalho mole.

Antes um pai criava um filho sem ligar grande importância à sua educação. Não é que nessa época os pais fossem maus, mas a vida era assim. A certa altura resolvi continuar a estudar e fiz aqui o ciclo preparatório. Estudei sozinho e propus-me a exame. E até tive hipótese de arranjar um emprego para ir trabalhar para a Hidroeléctrica do Douro - um emprego de luxo, eu iria para o escritório, para a Hidouro - mas como fazia tanta falta em casa, para ir com as mulas, e ajudar o meu pai e assim, ele não me deixou ir...



Gravura 7 - Trabalho nas eiras em finais dos anos cinquenta

Da sua juventude, Horácio lembra os tempos alegres, quando ao toque do realejo se fazia um baile na praça aos domingos à tarde ou ainda, nos restolhos ceifados quando concluídas as colheitas: *vivíamos com muito trabalho, mas sempre alegres*. Aos 24 anos casou-se, com uma sendinesa de 21 anos, quando regressou do ultramar, depois de ter feito o serviço militar em Angola.

Quando casámos, só tínhamos quatro contos que eu tinha deixado à minha mulher das minhas economias, antes de ir para a tropa. E foi este o dinheiro que levámos para o nosso casamento. Comprámos a cama, umas cadeiritas e a mesa. Os meus sogros deram-nos uma casinha, assim ao modo daquele tempo e começámos a nossa vidinha do nada.

Depois do nosso casamento estivemos aqui um ano sem ganhar um tostão. Um dia íamos trabalhar para o meu pai, outro dia para o meu sogro, ou para o irmão, ou para o cunhado, e passávamos assim a vida. Mas passado um ano tivemos a primeira filha. A minha mulher foi para o Hospital de Miranda, o que era um luxo, nesses tempos. Muita gente disse: «Ah! Sois ricos para ir para o Hospital!»... Apesar de não ter nada para lhe deixar, já tinha um herdeiro e disse para a minha mulher: «nós temos de nos mudar desta vida. Eu tenho que começar a ganhar dinheiro, porque se estamos casados, temos que começar a fazer o nosso futuro».

A minha mulher muito agarrada aos pais, custou-lhe um bocadinho, mas teve que ser. Então empreguei-me aqui numa retro escavadora, que naquela altura uma pessoa que trabalhasse com essa máquina, já era uma coisa muito elevada. E lá comecei a tirar um ordenadito.

Mas depois acabei por resolver deixar Sendim e ir para França. Partimos e estivemos por lá durante 5 anos. Eu fui à frente, e quando consegui instalar-me, mandei ir o resto da família. Quando voltámos, já eu tinha mais um filho, arranjámos a casa e comprámos umas territas.

E ficámos sem dinheiro outra vez. Até que eu resolvi recorrer ao crédito e pedir um empréstimo para montar um estábulo e dedicar-me à produção de leite. Mas o que eu fui fazer! A minha mulher até se zangou comigo, porque isto de pedir dinheiro à

Banca fazia confusão a muita gente...Mas tudo correu bem e hoje, ganhou-lhe tamanha amizade às vacas, que só ela é que lhes quer dar de comer.

Dos meus filhos, dois ainda andam a estudar. A mais velha formou-se no Porto e agora está à espera de arranjar emprego. Eu tive que a tirar daqui, porque nos tempos que correm não há futuro para as mulheres, quase já nem para os filhos...

Gostaria muito de ter cá os meus filhos, de deixar cá raízes. Mas se tiver que ser na agricultura, será uma mágoa para mim. Tentarei tudo por tudo para que os meus filhos não fiquem na agricultura, apesar de eu ser agricultor e de ter apostado muito aqui, na agricultura.

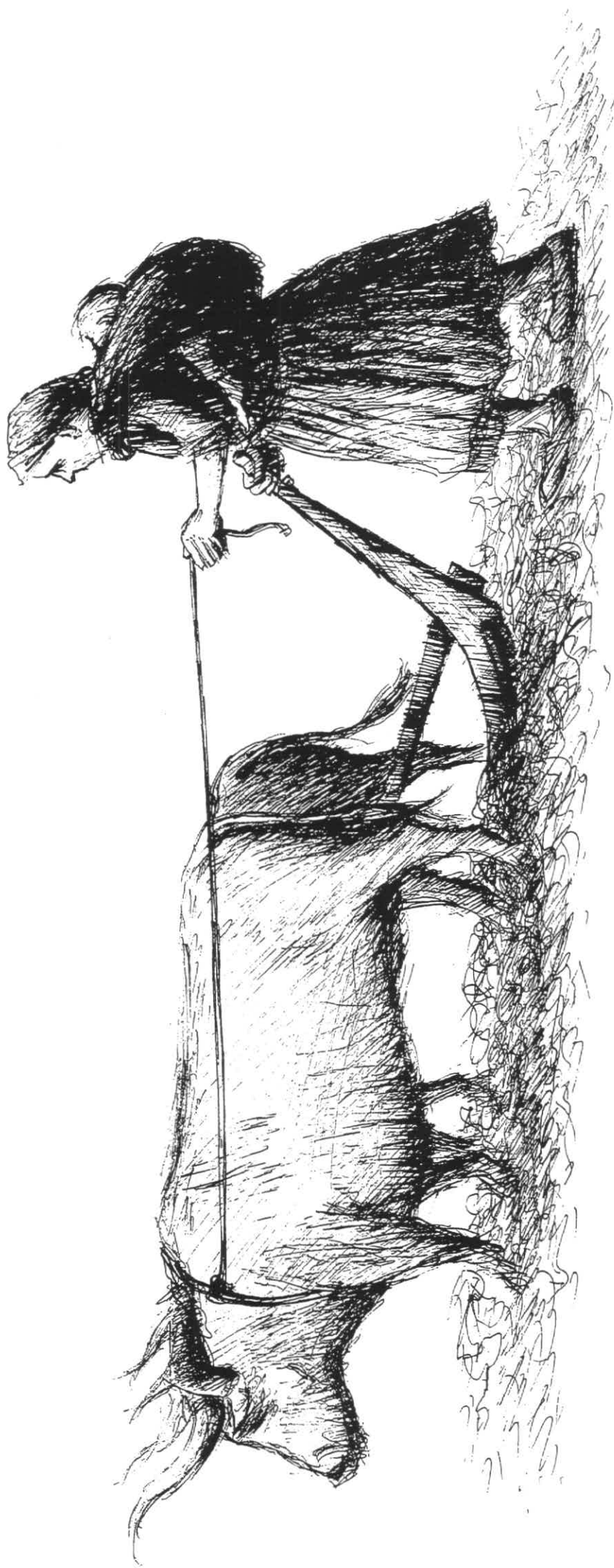
3.2. O infortúnio da irmã mais velha

Laura tem hoje 42 anos e é a mais velha de uma família de seis irmãos, filhos de uma casal de lavradores, nascidos e criados em Sendim. Em termos patrimoniais, tratava-se de uma casa de lavradores médios:

Nós lavrávamos com uma junta de mulas, colhíamos à volta de cem, cento e cinquenta sacos de cereal¹³³. Tínhamos uma vinhas que por junto faziam cerca de cinco hectares e duas hortas para gasto da casa.

Tal como a maioria das raparigas do seu tempo, a infância de Laura foi uma infância de trabalho, como já havia sido a de sua mãe, diferindo, no seu caso, apenas o facto de ter frequentado a escola até à 4ª classe: «na minha geração, já era de obriga, e quase todas fazíamos a primária...». Desde que entrei na escola, aos sete anos para oito, que me lembro de ir para o campo com os meus pais. Ia fazendo o que era preciso: a escavar, a escavicar as vinhas, a plantar nas hortas, a segar à foice, que naquele tempo ainda não havia máquinas.

¹³³Um saco de cereal correspondia, na época a 50 quilos.



Gravura 8 - Mulher a lavar com o filho às costas

E depois, como era a mais velha, ajudei a criar os meus irmãos. Se estava a chover ficava com eles em casa. Se não, pegava neles no campo. Às vezes lavrávamos com os pequenos às costas, presos num xaile, outras vezes deitávamo-los numa manta, à sombra, ou até chegámos a virar a albarda da burra e aquilo fazia a modo de um berço. Era assim, naquele tempo, ia tudo para o campo.

Quando acabei a 4ª classe, ainda disse para os meus pais que gostava de continuar a estudar, que eu não tinha perdido nenhum ano, mas logo me disseram: Então e depois quem nos segura nos pequenos? E quem nos ajuda nas terras? E há que lavar a roupa... Dos meus irmãos mais novos, já todos puderam estudar.

Aos 22 anos casou-se com Augusto, com quem começou a namorar nos bailes que então se faziam. Augusto é também o irmão mais velho de uma prole numerosa de oito irmãos, filhos de um casal de lavradores. Em solteiro trabalhava com uma máquina retro escavadora do pai, e todo o dinheiro que ganhava era para casa. Naquele tempo, os pais que tinham muitos filhos, tinha que ser assim, só lhe davam um tanto por semana para ir ao café. Dos seus sete irmãos, quatro ficaram na aldeia e dedicam-se também à agricultura. Os outros três formaram-se e vivem no Porto.

Um vez casados, começaram a sua vida numa modesta casa que lhes havia sido cedida pelos pais de Laura - era uma casa muito pequenina, tinha só duas divisões em cima e, nos baixos, dava para guardar os animais. Os seus pais cederam-lhe também uma terra, uma vinha e uma horta¹³⁴. Nos primeiros dois ou três meses, íamos várias vezes comer a casa dos pais. Porque dinheiro não tínhamos, e as terras ainda não começavam a dar. Então, íamos lá a casa por uma cestinha de batatas, ou assim umas coisas para comer, e já só vínhamos dormir a nossa casa. Ajudávamos nos trabalhos mais apertados, como a segada, a trilha, a vindima..

Enquanto Laura trabalhava nas suas pequenas parcelas, Augusto continuou a colaborar com o pai, numa posição que considerava muito desvantajosa, pois fazia todo o trabalho com a retro escavadora e apenas recebia um terço das receitas. Esta

¹³⁴Trata-se de propriedades que mais tarde se vão juntar às restantes, quando forem feitas as partilhas, para serem repartidas por todos os irmãos.

situação prolongou-se por cerca de dois anos, até conseguir adquirir ele próprio uma máquina semelhante, em 2ª mão, com a ajuda de um empréstimo contraído aos pais de Laura.

É uma situação que, em relação a Augusto, marcou decisivamente o fraccionamento com o grupo doméstico de origem, e que envolveu fortes tensões familiares: *«os pais de Augusto ainda estiveram três anos sem nos falarem, mas aquilo não podia continuar assim, porque ele, no fundo, andava a trabalhar para os irmãos, e nós também precisávamos de organizar a nossa vida»*.

A partir do momento em que o casal passou a ter um modo de vida autónomo, o seu objectivo centrou-se na construção de uma nova casa, mais moderna e confortável do que a que lhes havia sido cedida pelos pais. E para tal foram canalizadas as suas poupanças, ao longo de cerca de dez anos.

As obras foram feitas aos poucos, à medida que íamos juntando o dinheiro. Eu e o meu homem carregámos as pedras no tractor e íamos trazendo para o terreno. Depois é que chamámos os obreiros para construírem os alicerces. Foram-se erguendo as paredes, encheram-se as placas. E sempre que havia necessidade de muito pessoal, para transportar os tijolos, ou carregar os baldes de massa, juntava-se a família a ajudar - vinham os pais, os tios e os irmãos e, às vezes, algum vizinho mais chegado. Quando já estava telhada, rebocou-se um quarto e a cozinha, e começámos a habitá-la. Até que lá se acabou, à medida das possibilidades.¹³⁵

Terminada a construção da casa, investiram na compra de um novo tractor, depois na aquisição de uma ceifeira-debulhadora e, mais tarde, na construção de um estábulo, passando a dedicar-se à produção leiteira, com vacas turinas.

Augusto e Laura têm dois filhos, que se encontram a estudar. A mais nova está a concluir o 9º ano, na Escola C+S de Sendim. O mais velho frequenta a

¹³⁵Uma parte das relações inter-grupos domésticos, quando o trabalho agrícola só muito pontualmente mobiliza a cooperação do grupo alargado de parentes, passa, deste modo, pela construção da habitação. É um aspecto igualmente salientado por Martine Segalen, em relação a Saint-Jean Trolimon: «Building the house - the nutshell of the domestic group - is a kin-based operation. Because it is possible to assemble a team of relatives who have complementary technical skills, most of the work is done without the intrusion of a commercial firm. This operation is accomplished on an exchange-of-services basis, during weekends and holidays» (Segalen, 1984: 174).

Universidade, em Lisboa, onde se encontra hospedado na casa da tia materna desde os 14 anos. *Quando o rapaz acabou o ciclo, queria ir estudar para Miranda, mas nós não queríamos, porque desde pequenino que vimos como ele era agarrado às máquinas. Aí com oito anos já conduzia o tractor... A nós, claro, dava-nos jeito, mas já se sabe, enquanto são crianças, esta garotada o que gosta é de tractores e andar atrás dos pais com os vitelos, sem terem a noção do que é o trabalho no campo.*

E então, devido a vermos como ele era tão apegado às máquinas, resolvemos pô-lo a estudar fora, para não se entusiasmar tanto com este trabalho...

4. MUDANÇA SOCIAL, TRANSFORMAÇÕES FAMILIARES E SECUNDARIZAÇÃO DO PAPEL FEMININO

Em meados da década de 40, a economia familiar tradicional estava ainda fortemente enraizada e cada grupo doméstico constituía uma unidade de produção, consumo e co-residência, onde todos os membros (desde tenra idade) participavam com o seu trabalho, para a satisfação de um duplo objectivo: 1) alimentar todos os membros da família; 2) vender no mercado local o excesso da produção que permitia adquirir o que a exploração não produzia (bens de primeira necessidade, como certos alimentos, algumas peças de vestuário e calçado, equipamento agrícola, mobiliário, etc.) e constituir um fundo de poupança que permitiria a aquisição de terra suplementar.

Residência, trabalho e família encontravam-se fortemente imbricados, constituindo a expressão prática de um sistema de valores centrado na terra. Neste contexto, a *terra* representava mais do que um simples local de produção, mas um bem raro, cuja aquisição e manutenção constituía o objectivo de toda uma vida. O dinheiro era, assim, pouco importante, uma vez que não constituía um valor em si próprio, mas apenas permitia obter bens com valor, como a terra.

Dantes havia casas fartas, pessoas que até eram capazes de ter bens, no aspecto de trigo e terras, mas muitas vezes guardavam o dinheirinho, não para os filhos irem estudar, mas para comprar mais uma terra. Aqui não havia banco e o dinheiro não circulava. Quem o tinha, tinha-o, às vezes amarrado debaixo da pipa ou no colchão, e não rendia. Estava ali para o que desse e viesse. Aparecia

uma terra e pronto, estava lá. Era a mentalidade da altura, davam muito valor à terra.

(entrev.14)

Apesar de poder considerar-se uma aderência generalizada a este sistema de valores, nem todos os grupos domésticos dispunham dos mesmos recursos económicos e diversas clivagens atravessavam a sociedade aldeã, separando ricos e pobres, agricultores e não agricultores. Nesta medida, a coexistência das famílias que partilhavam o mesmo espaço assentava na criação de estreitos laços de interdependência, consolidados nas ocasiões de trabalho intenso e reforçados nos momentos lúdicos de consagração colectiva.¹³⁶

No entanto, em relação ao desenrolar das actividades do quotidiano, tal como puderam ser apreendidas pela memória dos que as viveram, pode falar-se de uma grande homogeneidade ao nível da organização interna do grupo doméstico, envolvendo a participação de todos os elementos num árduo trabalho inteiramente manual ao longo do ciclo anual.

Como forma de subsistir num meio adverso onde o dinheiro pouco circulava e a actividade agrícola constituía a principal forma de vida, ricos e pobres aproveitavam na íntegra todos os recursos da terra, por um lado, e todos os braços disponíveis, por outro. As famílias eram tendencialmente numerosas, em todos os grupos sociais, e a entrada no mundo do trabalho começava desde muito cedo, normalmente por volta dos seis anos de idade.

Ao longo do ciclo agrícola, a maior parte das tarefas de rotina era efectuada pela família nuclear, exceptuando-se as casas mais abastadas, que recorriam à contratação de criados (em número variável, de acordo com a extensão patrimonial), quando a quantidade de terras ultrapassava as possibilidades de trabalho do grupo doméstico.

A viabilidade de cada casa, entendida aqui como unidade de exploração, consistia, deste modo, numa organização familiar do trabalho baseada numa estreita

¹³⁶Um aspecto que será abordado no capítulo VI.

complementaridade de tarefas que mobilizava homens e mulheres, adultos e crianças. Vida doméstica e vida produtiva encontravam-se fortemente imbricadas, sendo difícil concebê-las isoladamente, contrariamente a certos estereótipos sobre a sociedade rural tradicional que atribuem ao homem o trabalho nos campos, produtivo, e à mulher as tarefas domésticas, improdutivas.

Os relatos apresentados, que nos falam da vida quotidiana das famílias dessa época, permitiram desmistificar estes estereótipos e acompanhar o desenrolar das principais tarefas realizadas pelo grupo doméstico, no decorrer do ciclo anual. Na generalidade das situações, cada unidade doméstica de exploração incluía um núcleo habitacional - constituído pela casa de morada, *lojas* dos animais e *curralada* (onde se guardavam as alfaias agrícolas e o feno) - e um conjunto polivalente de parcelas de terreno, do qual faziam parte, numa situação ideal, terra de cereal, lameiro, vinha, horta e monte, fisicamente separadas do local de residência, mas dele fazendo parte integrante em termos patrimoniais.

A maior parte das necessidades básicas de subsistência eram produzidas neste quadro familiar, *fundamentado num duplo princípio de divisão sexual de certas tarefas e da sua complementaridade* que, apesar de paradoxal, era condição da própria viabilidade do grupo doméstico, como se pode ver pela interdependência destas duas esferas produtivas (Segalen, 1979). Espaço doméstico e espaço agrícola constituíam, assim, espaços de trabalho partilhado entre os dois sexos, de modo disjunto, na casa e complementar, no campo.

No espaço doméstico, as tarefas do domínio exclusivamente feminino consistiam, fundamentalmente, na assistência aos filhos; na preparação dos alimentos, consumidos em casa ou no campo; na execução dos serviços domésticos gerais (como limpeza, arrumação e lavagem de roupa); na manutenção dos animais e na preparação dos materiais para a confecção da maior parte da roupa de uso quotidiano. O serão e os momentos mais livres do ciclo agrícola eram aproveitados a fiar, a fazer meia, a *crochetar* rendas ou *tricot*, ligando, muitas vezes, grupos de mulheres em torno destas actividades. O mesmo sucedia com a lavagem da roupa, a ida à fonte ou o fabrico de pão constituíam as tarefas do domínio feminino, em torno das quais se geravam sociabilidades de âmbito alargado.

Neste mesmo espaço doméstico, constituíam tarefas exclusivamente masculinas, a preparação da lenha (que seria usada para aquecer o rigoroso Inverno e confeccionar os alimentos); o fabrico de azeite e de vinho, estando muitas casas equipadas com um lagar próprio; e os vários trabalhos de *bricolagem* caseira.

No entanto, era no campo que se passava a maior parte do tempo de trabalho, e era também em torno das tarefas agrícolas que a solidariedade dos vários elementos do grupo doméstico adquiria plena expressão, organizando-se com base numa sólida complementaridade de funções, que permitia a prossecução efectiva das diversas operações inerentes ao ciclo agrícola. A forte *densidade cooperativa* (Wilk e Netting, 1984) intra-grupo doméstico surge, deste modo, como a característica preeminente do padrão de trabalho de cada unidade de exploração, num sistema de produção que requeria abundante mão-de-obra, e integrava todos os elementos da casa.

Neste contexto, é de salientar a estreita continuidade dos domínios doméstico e produtivo na vivência do papel feminino, que é particularmente visível nas imagens mais impressionistas da presença da mulher no campo, onde surgia lavrando e transportando, às costas, o filho que amamentava, ou ainda nos gestos mais simples do seu dia-a-dia, fazendo embalar, com o pé, o berço do recém-nascido que sossegava com os incessantes *ru-rus*, saídos da roca com que fiava.



Gravura 9 - Esfera doméstica e esfera produtiva na representação do papel feminino, na época

Num contexto em que a lenta modernização da agricultura tem sido acompanhada pela sua forte desvalorização¹³⁷, os relatos biográficos de *Horácio* e *Laura*, que seguimos desde a infância até à sua actual presença na vila, mostram dinâmicas familiares já muito diferentes, sendo particularmente ilustrativos de assinaláveis mutações nos modelos de socialização e representação do papel feminino.

Nos grupos domésticos de agricultores plenos, grande parte do trabalho da exploração recai nos ombros do casal, em continuidade com a forte interacção cooperativa que caracterizava a organização das tarefas conjugais, antes da modernização agrícola. E, tal como no passado, o grau de interacção depende das necessidades da exploração. Numa situação de forte inter actividade podemos encontrar o homem ou a mulher dirigindo à vez o seu tractor, como outrora os veríamos a ambos lavrando a terra com o arado. Contudo, grande parte do trabalho do campo é, hoje em dia, exclusivamente realizado a dois, sendo dispensada a participação dos descendentes do agregado familiar que, desde muito cedo, são orientados para formas alternativas de ganhar a vida.

No caso de casais pluriactivos, em relação aos quais o homem passou a estar integrado no mercado de trabalho local e apenas se dedica à agricultura nos períodos extra laborais, encontramos um grande envolvimento da mulher na maioria dos trabalhos agrícolas, constituindo uma presença indispensável na continuidade da exploração. No entanto, apesar de fundamental, pôde constatar-se que o tipo de trabalho realizado era interiorizado como uma contribuição precária e incerta face ao salário fixo do marido.

A saída do homem para um trabalho realizado fora de *casa* e dos filhos para uma escolarização cada vez mais prolongada, repercutem-se de forma significativa num progressivo esvaziamento do papel da mulher, uma vez que foram transferidas, para o exterior, actividades outrora confinadas à esfera doméstica. Acompanhando

¹³⁷No capítulo seguinte, referir-se-ão, de forma sistematizada, outras formas de estar na vila, retomando a questão da actividade dos grupos domésticos de forma mais globalizante.

esta secundarização, o “desaparecimento” dos espaços geradores de densas redes femininas de interacção, como o tanque colectivo, a fonte, o forno e os *veladeiros*¹³⁸, parecem ter contribuído para que a vila de hoje se revele pouco atractiva em relação às suas mulheres que, em muitos casos, se sentem sobrecarregadas com um trabalho desvalorizado e privadas dos seus lugares privilegiados de sociabilidade.

Por outro lado, a desvalorização da actividade agrícola manifesta-se, naturalmente, na organização das tarefas do grupo doméstico, segundo a qual a participação dos filhos é meramente esporádica e pouco solicitada. Na realidade, se é verdade que a unidade familiar continua a ser, tal como no passado, *uma unidade de produção, consumo e transmissão* (Wilk e Netting, 1984) as tarefas produtivas, os hábitos de consumo e os valores em que assentava a reprodução social da casa, muito localizados e centrados na terra e na continuidade geracional, encontram-se, hoje em dia, completamente transformados e *deslocalizados*.

No próximo capítulo, através de breves relatos de casas, vidas e trajectos profissionais, captados no presente etnográfico, procura salientar-se em que medida o processo de industrialização e modernização da agricultura, a penetração de modos de vida urbanos e o surgimento de formas alternativas de trabalho fez emergir diferentes grupos que coexistem no espaço desta pequena vila, e cuja leitura já não é susceptível de ser feita com base na terra *quanta vejas*, mas antes na *casa quanta vejas*...

¹³⁸Ver Y. Verdier (1979).

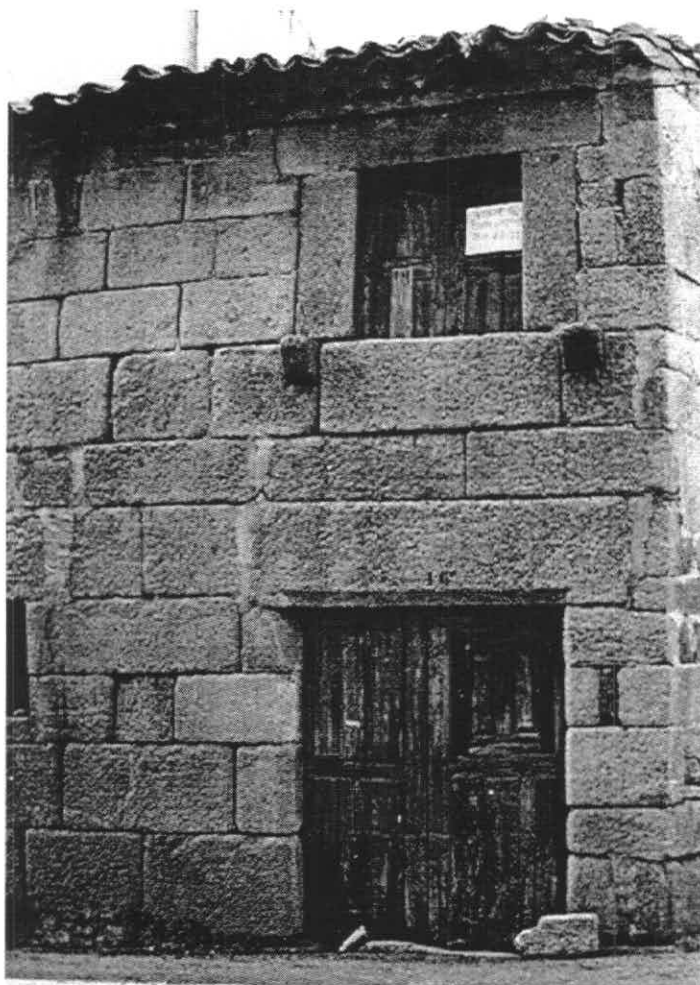


Foto 22 e Foto 23 - Casas de outros tempos



Foto 24 - Sociabilidades femininas de outrora (final dos anos 60)



Foto 25 e Foto 26 - Espaços de sociabilidade masculina (anos 90)

V. *Casa quanta vejas,
terra onde caibas*

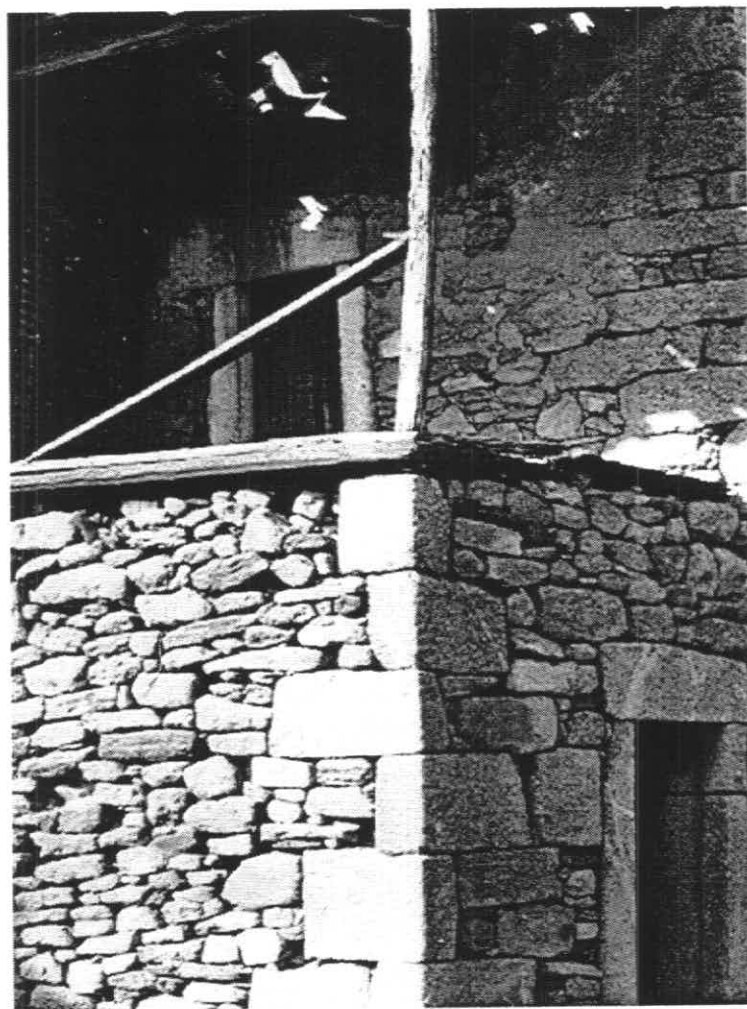


Foto 27 - Ruínas de outros tempos...

Enquanto nos capítulos anteriores se procurou substantivar os aspectos mais visíveis da dinâmica local, sobre a população e as suas actividades, os seus fluxos e refluxos, a sua organização social e familiar, o foco de análise agora privilegiado incide numa abordagem da heterogeneidade social da vila de hoje, perspectivando o

presente etnográfico face ao passado recente, no sentido de acompanhar o que mudou e permaneceu, os que ficaram e os que partiram, como ficaram e como partiram.

1. UMA ALDEIA QUE SE URBANIZA

1.1. Retracção da actividade agrícola e diluição da hierarquia social tradicional

Sendim dos anos 40 era uma aldeia de pequenos agricultores onde a terra constituía um factor fundamental de diferenciação social. Além do seu valor simbólico, era da terra que se extraía uma componente indispensável para o consumo familiar pelo que, mesmo os grupos domésticos cuja actividade principal era orientada para o artesanato ou o comércio, exploravam pequenas parcelas de terreno, de onde retiravam o necessário para o sustento da família. Pode dizer-se que nesta aldeia de camponeses, mais ou menos ricos, havia uma grande homologia de modo de vida e de valores que se sobrepunha às diferenças socio-económicas naturalmente existentes.

Cerca de uma década mais tarde, Sendim era já uma aldeia atravessada por mutações profundas - primeiro, em resultado da implantação das três barragens construídas no rio Douro, mais tarde, com a emigração massiva para a Europa industrializada. Paralelamente, algumas tarefas do ciclo agrícola vão sendo progressivamente mecanizadas, o que produz alterações significativas nas relações sociais e familiares, indissociáveis do modo de produção tradicional.

Com a mudança do regime político, em Abril de 74, as sucessivas reformas administrativas que foram implementadas para melhorar as condições de vida da população, virão traduzir-se num reforço de diversas infraestruturas a nível autárquico, abrindo algumas possibilidades de enraizamento local.

Esta conjuntura contribuiu decisivamente para a expansão do estreito leque ocupacional e, na vila de hoje, a diversificação profissional, que tem sido acompanhada por uma secundarização da actividade agrícola, merece particular atenção, na medida em que permite captar decisivas transformações no tecido social. O tratamento das profissões, e a sua comparação com a informação relativa à década

de 40, continuou a ser uma via de recurso utilizada, com o objectivo de apreender, globalmente, os principais vectores da mudança e constituiu o pano de fundo para uma abordagem mais qualitativa da heterogeneidade dos grupos domésticos que partilham um território comum.

Curiosamente, o número de grupos domésticos residentes, cujo levantamento foi efectuado no âmbito do *Censo94*, era muito aproximado ao do *Status Animarum de 1940-44* (totalizando, respectivamente, 461 e 464 grupos domésticos), o que faz sobressair os principais desvios em relação ao passado.

Quadro 20

Actividades mais representadas segundo a profissão do chefe-de-família (1944/1994)

Profissão	1940-44	%	1994	%
Operários agrícolas ¹³⁹	209	45	13	3
Agricultores ¹⁴⁰	87	19	137	30
Artesãos	46	10	21	6
Novos artesãos	-	-	10	2
Comerciantes	20	4	39	8
Forças de segurança e militares	12	3	17	3
Professores	1	0.2	7	2
Trab. const. civil, mecânicos, oper. indústria	4	0.9	47	10
Funcionários administrativos	-	-	21	5
Construtores civis e peq. patrões da indústria		-	30	7
Outras	6	1.3	23	5
Domésticas	79	17	53	11
Reformados ou pensionistas		-	34	7
Não classificadas		-	7	2
TOTAL	464	100	461	100

Fonte: *Status Animarum 1940-44, Censo94*

¹³⁹Foram aqui agrupados os representantes do grupo doméstico que surgem como *jornaleiros* em 1940-44.

¹⁴⁰*Proprietários, lavradores e agricultores*, em 1940-44.

Alguns aspectos fundamentais configuram uma mudança profunda ocorrida no intervalo de tempo considerado, substantivando as principais vias de expansão da estrutura ocupacional da vila.

A nível global, o alargamento do leque ocupacional é particularmente visível, abrangendo todo um conjunto de profissões relacionadas, principalmente, com a construção civil, o comércio e os serviços, enquanto outras desaparecem, ou encontram-se muito pouco representadas, salientando-se, neste caso, os artesanos tradicionais. Efectivamente, enquanto se assiste a uma progressiva proliferação de todo um conjunto de novos ofícios relacionados, sobretudo, com a construção civil (pedreiros e trolhas, electricistas, canalizadores, mecânicos, serralheiros, etc.), os ofícios tradicionais vão desaparecendo ao mesmo ritmo que se interrompe a transmissão do *saber fazer familiar* que outrora formava gerações sucessivas de artífices.

Diversas trajectórias profissionais ilustram a mudança que acompanhou a queda da manufactura, traduzindo-se no distanciamento que hoje separa as profissões de pais e filhos ou no abandono, puro e simples, das artes tradicionais, a troco de outras actividades.

O pai do António, por exemplo, fazia navalhas, tinha um pequeno atelier onde agora está implantada uma oficina de reparação de automóveis. O António começou por fazer navalhas com o pai, mas depois de vir da tropa, no início dos anos 60, com a sua carta de condução, resolveu dedicar-se à reparação de automóveis. Primeiro trabalhava sozinho, depois, com a procura crescente deste tipo de serviços, formou uma pequena empresa familiar que é, actualmente, uma das mais procuradas do concelho.

Jaime, um velho ferreiro de 75 anos de idade, é filho, neto e bisneto de ferreiros. Tinha cerca de 12 anos quando começou a trabalhar com o pai, «mas era só a apalpar, a bater no ferro», depois, a pouco e pouco foi «ganhando habilidade». Trabalho não lhe faltava, fazia de tudo o que na altura se precisava, em ferro: relhas para os arados, enxadas e «açadões», «atilhos» para apear os animais, «calagouças» para cortar as silvas... Casou-se com uma filha de lavradores e, como o sogro tinha «umas terricas», também se dedicava à lavoura. Fala com orgulho dos dois filhos, ambos licenciados, que vivem em Braga - «eu queria era que eles se formassem, queria lá saber disto!» A sua forja ainda hoje funciona, só para fazer uns jeitos.

O tio Francisco (66 anos de idade) era albardeiro, mas «depois que começaram a vir os tractores e as máquinas», teve de escolher outra ocupação. Andou na escola até aos 12 anos e quando saiu começou a iniciar-se na arte - «o meu pai cosia e a mim mandava-me fazer as linhas para aguentar mais um bocadito». E lá foi aprendendo com ele até que, aos 16 anos, já sabia fazer as albardas para os burros. Andava com o pai «pelos povos a saber de trabalho» e quando se casou, aos 24 anos, começou a exercer o ofício por sua conta. Ainda fez albardas durante alguns anos, «mas a certa altura, começou a escassear o trabalho e então calhou a falarem-me para ir para a Casa do Povo, fazer a recolha das cotas». Ao princípio ganhava pouco, mas as coisas foram melhorando, até que conseguiu um lugar no quadro de pessoal, como contínuo - «já tinha um ordenadito jeitoso» - e por lá ficou, até atingir a idade da reforma.

Dos seus 4 filhos (três rapazes e uma rapariga), dois estão em França como operários da construção civil; um vive em Sendim onde conduz uma carrinha de distribuição de pão e a filha é enfermeira em Miranda do Douro. Actualmente, apesar da sua idade avançada, o tio Francisco continua a cuidar de alguns bocaditos, com a ajuda da mulher - «as terras de cereal não dão nada, algumas estão de adil, e pronto, mas as vinhas e a horta ainda vamos tratando delas».

O tio Zé aprendeu o ofício de ferreiro com o pai. Com o tempo, foi modernizando a sua oficina que é hoje uma pequena serralharia. Os seus três filhos colaboravam com ele até há cerca de dois anos, mas de então para cá encontram-se a trabalhar em Espanha, como operários da construção civil. «O Toino até tinha muita habilidade, mas depois que foi um, chamou os outros e todos fugiram para Espanha. Isto aqui dava pouco e esta gente nova o que quer é o dinheirinho à vista...».

Estas são, apenas, algumas das inúmeras histórias de velhos artesãos, exercendo ou não (ainda) os ofícios tradicionais, a quem o desenrolar do tempo transformou nos últimos receptores de uma cadeia de saber transmitida ao longo de gerações. São também pequenas histórias que sugerem decisivas mudanças nos valores e nos modelos de socialização, dentre os quais se destaca a desvalorização do trabalho manual e a importância da instrução como via de mobilidade social.

Apesar do desvio da agricultura para outros sectores de actividade constituir um vector indissociável da dinâmica local, uma análise do grau de envolvimento dos

actuais grupos domésticos na actividade agrícola, já não como ocupação principal, mas em complemento desta, permitiu considerar o peso da pluriactividade e a sua importância estratégica no reforço do orçamento dos grupos domésticos residentes (Quadro 21).

Quadro 21
Actividade agrícola, por sexo (casais residentes)

Actividade agrícola	Homens	Mulheres
Não exerce activ. agrícola	29%	40%
Outra activ. principal + agricultura	35%	-
Só se dedica à agricultura	36%	60%
Total	100	100

Fonte: *Censo94*

A comparação dos dados dos dois recenseamentos (*Status Animarum* e *Censo94*), tendo como base a profissão do representante de cada um dos grupos domésticos, permitiu, assim, evidenciar os principais vectores da transformação ocupacional da vila. Através desta abordagem, foi possível entrever que, durante o intervalo de tempo que mediou estes dois retratos sociológicos da população, se produziu uma progressiva pulverização de novos *métiers*, uma quebra acentuada do número de agricultores *plenos* e dos ofícios tradicionais e, paralelamente, uma erosão das distâncias sociais que, outrora, configuravam a tecitura social da comunidade de camponeses.

Neste contexto, ressalta a retracção da actividade agrícola, como actividade principal, bem como uma alteração profunda das clivagens internas anteriormente existentes entre os agricultores. Com efeito, verifica-se uma redução muito acentuada do número de operários agrícolas (antigos *jornaleiros*), que é acompanhada por uma subida do número de agricultores (antigos *proprietários* e *lavradores*). De 206 operários agrícolas em 1944, passa-se para 13 em 1994, enquanto os agricultores

autónomos sobem de 87 para 137, o que traduz, com bastante eloquência, a grande transformação ocorrida durante este meio século.

Trata-se de decisivas mudanças na organização social que sugerem uma clara diluição da hierarquia camponesa tradicional com reflexos na própria terminologia utilizada para denominar as diferentes categorias do grupo abrangente dos agricultores. Efectivamente, as anteriores designações - *proprietário, lavrador e jornaleiro* - são, na actualidade, raramente utilizadas, recorrendo-se aos termos genéricos de *agricultor* ou *trabalhador do campo* para distinguir, respectivamente, a situação de agricultor autónomo e a de assalariado rural.

O grande desequilíbrio entre lavradores e jornaleiros, que foi salientado em relação aos anos 40, traduzia a excessiva concentração da propriedade então existente. A forte pressão sobre a terra e uma sequência de maus anos agrícolas levaram muitos jornaleiros a optar pelo êxodo. Com a evasão da principal força de trabalho, criou-se um grande desequilíbrio entre a oferta e a procura de mão-de-obra, o que levou a um aumento, muitas vezes inoportável, dos salários. Proprietários e lavradores abastados foram, assim, ser obrigados a abrir mão do seu património, arrendando ou vendendo terras a quem tenha possibilidades de as explorar conta própria.

Ricos e pobres dão versões complementares do que foram esses tempos:

Entre 1960 e 1965, vieram uns anos muito ruins que levaram muita gente para França. Era no tempo em que não se conseguia arranjar uma terra para arrendar. Não havia terras que chegassem para toda a gente e as poucas que havia, os donos pediam mundos e fundos para as arrendar. Lembro-me do meu pai arrendar uma terra bem longe, por 50 alqueires, uma coisa de nada...E o trabalho era todo por nossa conta, as sementes e tudo, e o dono levava ao terço!

(filho de um antigo cantoneiro)

E outra versão da história:

A certa altura, a coisa tornou-se inoportável. O meu pai tinha dois criados permanentes, mais uns quantos jornaleiros a trabalhar por conta, e chegávamos ao fim do ano com saldo negativo. O que compensava ainda era o vinho. Até que lá se convenceu a acabar com aquilo tudo: os criados, as vacas, os carros...e começou a

arrendar as terras ao terço. Praticamente não tinha despesas e recebia um terço da colheita.

(filho de um lavrador abastado)

Tudo leva a crer que uma transferência de propriedade dos “ricos” para os “pobres” se foi, progressivamente, efectivando, alterando profundamente as relações de inter-dependência anteriormente existentes. A hierarquia tradicional diluiu-se e atenuaram-se as diferenças que separavam ricos e pobres, dando lugar a uma redistribuição do principal recurso económico de então, a terra. *Agora já não há pobres! Agora já é todo o mundo igual!* - são algumas das expressões que sintetizam este processo, consciente e visível aos olhos de todos:

Os pobres, claro, só tinham umas terricas. Mas agora as terras dos ricos já são dos pobres. Desde que começou a emigração, há 30/ 35 anos, a mão de obra foi escasseando...Os emigrantes que voltavam, e não tinham praticamente nada, começaram a comprar. E os ricos foram vendendo, que a terra não sendo trabalhada não dá rendimento.

(entrev. 16)

A expansão do leque de actividades, a secundarização da agricultura e o esbatimento da hierarquia camponesa tradicional, constituíram, deste modo, as principais vertentes da transformação socioprofissional da vila que sugerem a preponderância da emigração massiva dos anos 60 como factor indissociável da dinâmica local. A emigração constituiu, por assim dizer, o grande catalizador da mudança, tanto para os que partiam, como para os que ficavam.

1) Os braços de trabalho levados deixaram os proprietários e lavradores mais abastados numa situação difícil de sustentar, pois não podiam continuar a explorar, nos mesmos moldes, todas as terras que possuíam;

2) O aumento da procura de mão-de-obra provocou uma grande subida nos salários dos trabalhadores rurais que, por diversos motivos, permaneceram na aldeia;

3) A diminuição da pressão sobre a terra impediu a sua excessiva concentração, possibilitando uma nova redistribuição de recursos, mais equilibrada do que antes.

1.2. Emigração e construção civil - o apogeu dos anos 80

Com efeito, o aumento do poder de compra dos emigrantes, em virtude do nível dos salários auferidos no estrangeiro, conduziu a um investimento das poupanças, escrupulosamente amealhadas, na aldeia natal, procurando melhorar o sua anterior situação. A aquisição de algumas parcelas de terreno e a construção de uma casa, tão diferenciada quanto possível das modestas casas dos aldeãos, vão constituir, invariavelmente, os primeiros sinais de uma estratégia bem sucedida.

Referindo-se a este aspecto, dizia um aldeão:

Os emigrantes faziam os seus dinheiros e os primeiros dinheiros que ganhavam, procuravam empregá-los cá. Iam construindo a sua casa e compravam vinhas e terras. Há uns 20 anos, quem é que chegava a uma terra, quem chegava a uma vinha? Ninguém. Os emigrantes limpavam tudo. Tinham que resolver os seus problemas. Estavam por fora mas com o intuito de se segurar na sua própria terra. Eles lá sentiam-se estrangeiros e, então, quando vinham, havia qualquer coisa a vender e lá estavam os emigrantes. Hoje podem vir terras e vinhas que ninguém as quer.

(entrev.14)

Os que partiam e regressavam (definitivamente ou, apenas, em férias), trouxeram consigo novos hábitos de consumo, novas aspirações e, sobretudo, trouxeram dinheiro, permitindo-lhes construir casas e adquirir terras que outros foram obrigados a vender, passando a explorá-las por conta própria. De um modo geral, o investimento no sector agrícola restringiu-se, no entanto, à introdução de pequenas modernizações na exploração - como a aquisição de tractor - e o estabelecimento em pequenas empresas familiares, fosse no sector comercial ou na construção civil, constituindo as vias privilegiadas de reinserção laboral.

Em qualquer dos casos, a construção de casa própria, indissociável do seu projecto de retorno, contribuiu decisivamente para o desenvolvimento local e deu um novo impulso à dinâmica da vila. Referindo-se ao período de finais dos anos 70, início dos anos 80, Eduardo, construtor civil desde 1975 e, actualmente, bastante apreensivo com a falta de trabalho que se avizinha, lembrava esses anos de intenso trabalho:

Nessa altura houve obras abundantes em Sendim - justava-se pelo preço que se queria todo o tipo de obras: obras grandes, obras pequenas, com licença, sem licença. Cheguei a ter dezoito empregados e não chegavam. A maior parte das casas eram de emigrantes. Lembro-me que em 1982, chegou a haver perto de uma centena em construção

(entrev.44)

Vivia-se, então, no “apogeu” dos anos 80 - um período particularmente próspero da história da aldeia. Com efeito, a construção civil dinamizou, de forma decisiva, o sector produtivo, gerando emprego alternativo para uma parte importante da população masculina numa região onde a indústria era praticamente inexistente. Deste modo, contribuiu para estancar o êxodo que constituía a única via de escoamento da mão-de-obra excedentária de uma agricultura progressivamente mecanizada mas, ao mesmo tempo, cada vez mais desvalorizada e decadente.

E são, sem dúvida, os emigrantes que vão protagonizar esta *fúria* construtiva contagiando outros aldeãos e contribuindo, de forma decisiva para a proliferação da habitação, com o conseqüente desenvolvimento da construção civil. O incremento das actividades ligadas a este sector e o empenhamento generalizado na remodelação de interiores e exteriores da habitação, que se tem verificado ao longo das últimas décadas, é o reflexo, por demais evidente, da penetração de novos valores, indissociáveis dos padrões urbanos de vida e de conforto.

A aldeia cresce, sobretudo, com as suas casas e, para os que ficaram, a vida foi-se desenrolando um pouco à sombra das remessas dos emigrantes, durante um tempo de prosperidade, em que havia trabalho para todos, terras para todos e dinheiro quanto baste para as exigências de um consumo comedido.

2. CASAS E GRUPOS SOCIAIS

De aldeia de camponeses do passado, Sendim passou a ser uma vila semi-rural, semi-urbana, um território de referência identitária, lugar de vida ou de memória, onde se cruzam distintas formas de presença. Se a posse da terra, ou de determinados instrumentos de trabalho, constituíam, outrora, factores preponderantes

geradores de clivagens inter grupais, a sua pertinência como critério de diferenciação da sociedade aldeã parece, hoje, extremamente questionável, como aliás havia sido salientado por Cutileiro (1977), referindo-se à situação dos agricultores do Sul, no início da década de 70:

«A terra deixou de ser o bem mais sólido, a bitola pela qual se medem as outras riquezas, a fonte de segurança que os homens se esforçam por conservar ou adquirir. Está em curso uma rápida e profunda alteração da maneira tradicional de ver o mundo - à qual ninguém escapa»[1971].

(Cutileiro, 1977: 52)

No espaço desta pequena vila, desenha-se uma verdadeira miscelânea de formas de estar e de viver, que traduz diferentes histórias ocupacionais, diferentes gerações, valores muitas vezes opostos e coexistentes no mesmo espaço-tempo, sugerindo uma fase de grande entropia local e mostrando, através do seu sincretismo, diferentes vertentes da transformação lenta e progressiva deste pequeno recanto rural.

Na leitura da heterogeneidade do tecido social renovado, a panóplia de casas novas e reconstruídas, em construção ou em ruínas, verdadeiras mansões ou exíguos cubículos, pareceu ser um bom ponto de partida para a desmontagem dos principais grupos emergentes na vila do presente etnográfico, conduzindo a pesquisa a uma exploração da morfologia das casas - uma abordagem que está em estreita consonância com a hipótese central de Rapoport, expressa em *House Form and Culture*:

«The house is an institution, not just a structure, created for a complex set of purposes. Because building a house is a cultural phenomenon, its form and organization are greatly influenced by the cultural milieu to which it belongs. Very early in recorded time the house became more than shelter for primitive man, and almost from the beginning "function" was more than a physical or utilitarian concept (...). If provision of shelter is the passive function of the house, then its positive purpose is the creation of an environment best suited to the way of life of a people - in other words, a social unit of space.»

(Rapoport, 1969: 46)

Se cada casa parece atomizar-se às idiossincrasias do seu proprietário, uma análise da sua fachada e dimensão, do espaço que a circunda (ou não), dos seus interiores, da forma recorrente com que determinados materiais são incluídos ou

excluídos, abandonados ou restaurados, logo começam a entrever-se padrões que traduzem, com uma transparência insuspeita, outros tantos *modos de vida*.

Com efeito, a natureza do local de residência, seja pela simbologia de estilos e materiais utilizados, ou pela organização dos interiores e exteriores, é bastante informativa em relação ao *modo de vida* dos seus ocupantes, a sua ligação ou distanciamento em relação à actividade agrícola, os seus instrumentos de trabalho e a sua proveniência social, pelo que se tentou proceder à sua descodificação, a partir de uma observação atenta e sistemática. É um percurso pela vila que parte, em grande medida, das suas casas, mas que nos leva, necessariamente, a dar voz a quem as habita.

Os «filhos da terra» ausentes

A casa do casal A. é uma verdadeira mansão de dez assoalhadas, circundada de um pequeno jardim, ladeado de tufos de pinheiro francês. Está implantada na periferia da vila, numa rua distante do núcleo central, recentemente urbanizada, e onde antes não havia senão terrenos agrícolas. À sua frente, num extenso relvado pode ver-se uma pequena piscina, que pode estar cheia ou completamente vazia, conforme a altura do ano. A arquitectura da casa nada tem a ver com a traça da região: o telhado de duas águas, exageradamente inclinado, as janelas ogivais, (*tipo fenêtre*), a ausência notória de materiais tradicionais na fachada, as cores garridas de alguns ornamentos exteriores, são alguns dos sinais que denunciam tratar-se de alguém que *está fora*.

Efectivamente, é esse o caso. O casal A. é um casal de emigrantes. Ele, nascido e criado em Sendim, filho de uma viúva que explorava um pequeno comércio da terra; ela, natural de uma aldeia próxima, filha de jornaleiros remediados. Conheceram-se em França, em *Saint-Denis* - um subúrbio parisiense onde se concentram diversos sendineses. Vieram fazer o casamento à aldeia, e, de igual modo, nela baptizaram os seus dois filhos que nasceram, já, em França.

Ele, trabalha na construção civil; ela, *faz ménage*. Todos os anos, no mês de Agosto, a piscina se enche para refrescar os filhos e netos que com eles vêm passar férias à vila. Durante a sua ausência, é a velha mãe viúva, que vive na mesma casa de

sempre, no coração da vila, quem areja a mansão do seu filho e trata de mandar cortar a relva.

A maior parte das casas dos *ausentes* raramente confinam com as casas dos aldeãos e têm um pequeno jardim circundante, ostentando fachadas exuberantes que marcam uma presença deliberadamente diferenciadora. O estilo arquitectónico e os materiais utilizados denotam, de forma quase imediata, os destinos migratórios, pois são, muitas vezes, resultantes da execução de projectos trazidos das regiões onde trabalham.

Esta categoria, por paradoxal que pareça a sua inclusão neste mosaico das diferentes formas de estar na vila, engloba os emigrantes e migrantes internos que, tendo nascido e crescido em Sendim, tiveram que se ausentar por questões laborais. Do ponto de vista sociológico fazem parte da sociedade local, e têm fortes laços identitários com a vila, onde construíram a sua casa, que poderá vir a ser mais ou menos ocupada, consoante a época do ano e o seu percurso de trabalho. Apesar de *estarem fora*, é em Sendim que se sentem perfeitamente enraizados, reactivando em cada estadia os canais de sociabilidade interrompidos. Para os aldeãos que os conhecem desde a infância, são considerados, igualmente, *filhos da terra*.

A permanência na vila *dos que estão fora* articula-se com o seu ciclo de vida e com o próprio ciclo de vida dos seus filhos. No período activo, o local de residência e de trabalho - que varia entre as cidades mais próximas (como Miranda do Douro, Mogadouro, Macedo de Cavaleiros, Bragança) até cidades distantes, dentro e fora do país - leva-os a restringir as suas estadias aos períodos de férias laborais e algumas ocasiões especiais (como o Natal, a Páscoa, ou casamentos e funerais de parentes e amigos). Na fase de reforma, a sua presença é mais prolongada e oscila entre meses interpolados ao longo do ano a períodos de vários meses, que se concentram, especialmente, nas estações da Primavera e Verão.

Em termos estritamente ocupacionais, trata-se de uma categoria muito heterogénea, que engloba operários da construção civil (actividade predominante dos emigrados em França), funcionários administrativos diversos, polícias e militares, técnicos dos serviços de saúde, professores (de vários graus de ensino), profissões liberais.

A interiorização de uma certa ambivalência sobressai nos depoimentos sobre a ligação que é mantida com a vila, lembrando alguns, com pouca nostalgia, os tempos duros do passado, ao mesmo tempo que salientam as vantagens da vida na sua aldeia natal - que vão desde a pureza do ar e da água, à beleza da paisagem, à segurança das chaves na porta, aos bons amigos.

Nos padrões de consumo encontra-se a mesma ambivalência, gostando de ostentar símbolos de progresso e urbanidade - um bom carro, um fato moderno e exuberante. uma casa recheada de electrodomésticos - ao mesmo tempo que valorizam os produtos *da sua terra* - a boa comida, o bom vinho, os legumes frescos apanhados da horta. As suas chegadas e partidas, constituem um verdadeiro *vaivém* de mercadorias, trazendo da cidade as novidades que não se encontram na aldeia, e levando para a cidade todo um conjunto de produtos locais com que enchem a despensa e a arca frigorífica até à próxima vinda (garrações de vinho, vitela, batatas, feijões secos, enchidos, constituem alguns dos principais produtos com que partem, atulhados, até ao próximo Verão).

Nas cidades onde residem, a suas portas estão sempre abertas para os familiares e amigos sendineses, seja em caso de necessidade de recorrer a um hospital especializado, seja para tratar de burocracias, procurar emprego, esperar por um avião, fazer um pequeno estágio ou por qualquer outro motivo, fortalecendo nesta reciprocidade constante a sua inquestionável ligação com a aldeia.

Alguns conservam parcelas de terreno que já tinham antes de partir, ou que vieram a herdar durante o período migratório e, na sua ausência, são os parentes mais próximos que ficaram, ou algum vizinho, quem vai tratando dessas terras, usufruindo do produto das colheitas. Quando a situação económica o permite, a execução dos diversos trabalhos ao longo do ciclo agrícola é feita por trabalhadores rurais que são pagos em dinheiro, de acordo com os dias de trabalho dispendidos. Nesta circunstância são, igualmente, os parentes ou vizinhos mais próximo que se encarregam de orientar o prosseguimento dos trabalhos.

Na maioria dos casos, os filhos dos ausentes cresceram no meio deste *vaivém* contínuo, partilhando o gosto pela terra, que também sentem como a sua terra, e onde continuam a passar uma parte importante das suas férias, mesmo quando adultos.

Estes emigrantes da *segunda geração* acompanharam o percurso migratório dos pais e nasceram já nos centros urbanos de destino, onde prosseguiram a sua formação escolar, o que tende a dissuadi-los de um futuro enraizamento local.

A participação nas tarefas agrícolas da exploração familiar restringe-se a pequenas ajudas pontuais, e é com cepticismo e distanciamento que consideram a perspectiva de um envolvimento futuro na agricultura. Como referia Olivier, estudante de Marketing que costuma passar as férias em Sendim:

Se as coisas se proporcionassem gostava de vir trabalhar aqui para a região. Está-se melhor em Trás-os-Montes do que num grande centro. Os ares são melhores, mas também as pessoas. Aqui conhecemo-nos todos e há mais confiança e convívio do que nas grandes cidades(...). Mas dedicar-me à agricultura, da forma que isto está, de maneira nenhuma. Andar a tirar um curso e vir trabalhar numa actividade que não dá lucros, não vale a pena.

(filho de emigrantes em França, 25 anos)

Os «doutores»

Na periferia da vila, voltada de costas para o aglomerado habitacional e implantada num pequeno ermo de onde se desfruta uma bela vista sobre o planalto, ergue-se, solitária, no meio de imensos vinhedos, uma luxuosa moradia. Apesar da sua dimensão ser comparável ao das mansões fechadas dos *ausentes* e de se encontrar circundada, de igual modo, por um pequeno jardim, a primeira impressão que se tem da fachada denota, neste caso, uma distinta proveniência social. Uma presença marcada pela pedra de granito da região que aparece, aqui, misturada com um reboco liso e branco sugerindo, de forma expressiva, o sincretismo da sua presença de verdadeiros cidadãos no campo.

Ele, natural de Sendim e ocupando um lugar de destaque nos órgãos de representação do poder local, é o filho mais novo de uma família de comerciantes prósperos, vindos de Vimioso e há muito estabelecidos na vila. A irmã mais velha casou e vive em Braga; a segunda irmã, solteira, tem residência em Lisboa, onde um conterrâneo lhe arranjou emprego.

Ela, professora efectiva na Escola C+S de Sendim, não está arrependida de ter trocado a vida urbana de Braga (a sua cidade natal, onde veio a conhecer o seu futuro

marido que nessa cidade fazia a sua formação escolar) por esta pacata vila trasmontana. Os dois filhos do casal, com onze e catorze anos, frequentam actualmente a instituição de ensino local.

A categoria de *doutores*, onde se integrou este caso-tipo, abarca agregados cujo chefe-de-família (e/ou respectivo cônjuge) se dedica a actividades não agrícolas diferenciadas e exercidas localmente. É maioritariamente representada pelos casais mais jovens¹⁴¹ e que possuem um grau de instrução de nível médio ou superior. Aos olhos dos aldeãos e dos ausentes constituem um grupo de privilegiados que tiveram a sorte de acumular as vantagens do campo e da cidade. Como referia um aldeão:

Os que a nós nos parece que estão melhor são os doutores, que ganham um bom ordenado ao fim do mês e quando se reformam têm também boas pensões.

Com uma genealogia fortemente *localizada*¹⁴² e influente, os *doutores* constituem uma minoria que faz parte da elite local, e que, no dia a dia, exerce sua profissão, cumprindo os horários comuns às suas funções, como qualquer cidadão urbano. As casas que habitam encontram-se disseminadas por todo um anel periférico da vila que envolve o núcleo habitacional primitivo, tendo sido implantadas no lugar de antigos terrenos agrícolas reconvertidos em zonas urbanizadas que em muitos casos lhes foram cedidos pelos pais.

Além de casa própria e carro, nalguns casos, dispõem também de um património fundiário considerável que não trabalham directamente mas que, geralmente, arrendam aos agricultores. Noutros casos, têm apenas um jardim à volta da residência, onde fazem uma pequena horta, e onde gostam de consumir os seus ócios, produzindo com grande gosto vários produtos hortícolas para consumo directo.

Os seus depoimentos estão recheados de referências ecológicas, evocando uma forte valorização do espaço rural que é substantivada pela ausência de poluição, de

¹⁴¹O que não quer dizer que todos os que se encontram nestas condições sejam jovens, nem que não haja jovens nas outras categorias a que nos referimos. Pretendeu-se, apenas, apresentar o perfil dominante, em termos de tendência geral de cada um destes tipos.

¹⁴²Embora existam alguns casos em que um dos membros do casal veio de outra localidade e se casou com alguém de Sendim.

stress, de comportamentos desviantes da juventude e da tranquilidade e segurança resultantes das relações *face a face*. E faz sobressair, igualmente, as vantagens da proximidade da família, cuja interacção geracional é particularmente intensa, em especial durante a fase de crescimento dos filhos.

O seu modo de vida e as suas redes de sociabilidade são, contudo, bastante *deslocalizadas* (Lamarche, 1986). Mantêm um relacionamento bastante intenso com familiares e amigos residentes em vários centros urbanos do país (Porto, Lisboa e Coimbra) e visitam-se regularmente ao longo do ano. São também frequentadores assíduos das cidades espanholas vizinhas, como Salamanca e Zamora, onde vão passear e fazer compras. Contrariamente à maior parte dos aldeãos, fazem férias, ausentando-se durante duas a três semanas para irem para a praia, para uma estância termal, e/ou aproveitando para realizar uma estadia mais prolongada junto de familiares estabelecidos na cidade.

Os filhos dos *doutores* nasceram em Sendim e frequentam os estabelecimentos de ensino locais onde realizam os estudos até ao 12º ano¹⁴³. Apesar de crescerem na vila, o seu distanciados em relação à actividade agrícola é uma constante, sendo motivados para o prosseguimento da formação escolar. O ingresso em cursos superiores ou profissionalizantes contribui assim, decisivamente, para o seu afastamento da vila num futuro próximo, pois só em casos muito raros a qualificação adquirida lhes permitirá uma inserção no mercado de trabalho local.

Os regressados

Este grupo é constituído pelos antigos emigrantes, fazendo parte da grande leva que partiu por volta dos anos 60 e que, posteriormente, optou pelo regresso à aldeia numa fase ainda activa do seu ciclo de vida, após um período migratório de duração variável, com os limites mínimo e máximo a rondarem, respectivamente, os 5 e os 20 anos. Uma vez estabelecidos, optaram por um conjunto diversificado de actividades, retomando a actividade agrícola a tempo inteiro ou a tempo parcial, constituindo,

¹⁴³A escolaridade obrigatória é geralmente realizada na própria vila que dispõe de uma Escola C+S até ao 9º ano; seguidamente os estudos podem prosseguir em Miranda do Douro, até ao 12º ano.

neste último caso, um complemento da actividade principal ligada, sobretudo, à construção civil ou ao comércio.

Possuem terras de extensão variável que herdaram, compraram ou arrendaram. De uma maneira geral, todos têm tractor e vão fazendo no que é seu, dedicando-se a uma produção diversificada de legumes, cereais e vinha, destinados ao consumo doméstico e vendidos localmente. É nesta categoria que surge com maior frequência a situação de pluriactividade, combinando os recursos provenientes de ocupações não agrícolas (salário, pensão de reforma, poupanças acumuladas durante o período de emigração, negócios promissores), com os resultantes da actividade agrícola¹⁴⁴.

Pelos motivos já apresentados, todo o movimento de construção e reconstrução de casas favoreceu a reintegração de muitos *regressados*, levando-os a estabelecerem-se como pequenos empreiteiros autónomos ou trabalhadores assalariados da construção civil, em continuidade com a actividade que aprenderam nos países de emigração, de forma mais ou menos especializada. Os novos hábitos de consumo favoreceram também o desenvolvimento do comércio, motivando alguns ex-emigrantes a investir, neste sector, as suas economias.

Noutros casos, uma parte importante das poupanças adquiridas durante o período emigratório foi investido em maquinaria agrícola que é usada tanto nas explorações próprias, como no preparo das terras de alguns agricultores que não dispõem deste tipo de equipamento, recebendo, neste último caso, o pagamento em dinheiro, por cada hora de trabalho.

Têm carro e casa própria, sendo esta de estilo e dimensão variável, de uma maneira geral confinada ao núcleo habitacional primitivo e resultante da remodelação e ampliação da anterior residência, em muitos casos cedida pelos pais de um dos membros do casal, aquando do casamento. As residências mais distanciados deste núcleo (tal como nos casos anteriormente referidos) resultam da reconversão de

¹⁴⁴Esta situação de pluriactividade explica, provavelmente, a resignação com que invariavelmente aceitam os desaires da agricultura (aspecto que sempre me intrigou) e as várias crises (nomeadamente a seca ou a chuva fora de tempo, a falta de pagamento das uvas por parte da Adega Cooperativa que ocorreu nos últimos 3 anos, etc...).

antigos terrenos agrícolas herdados ou comprados, por preços convenientes, a familiares que se quiseram desfazer deles.

Os homens estão perfeitamente integrados nas redes de sociabilidade aldeã, cujos laços nunca perderam durante a sua ausência. Encontramo-los frequentemente a jogarem às cartas com os aldeãos, nos cafés mais tradicionais da vila. No domingo, mantêm o hábito de se encontrarem na praça, onde passam a maior parte conversando sobre questões relacionadas com o ciclo agrícola e com os mexericos locais.

As mulheres participam activamente nos trabalhos agrícolas e são, de forma talvez mais acentuada do que antes, sobrecarregadas com a lida doméstica. As exíguas casas do antigamente que bastava limpar com uma vassourada, transformaram-se em mansões que é necessário limpar, lavar, arrumar, até fazer brilhar. Apesar das facilidades inerentes ao uso dos electrodomésticos, da água canalizada, da compra do pão na padaria, os novos hábitos de consumo exigem um maior dispêndio de tempo na confecção dos alimentos, na limpeza e arrumação da casa, na preparação da roupa.

As casas dos regressados são mais modestas que as dos ausentes e dos *doutores* e contrastam com estas pela ausência notória dos revestimentos tradicionais nas paredes exteriores. Com efeito, é raro vermos vestígios de pedra ou madeira, sendo preferencialmente usado o reboco liso pintado a cores fortes, os mosaicos exibindo uma profusão de padrões e o alumínio metalizado, sugerindo uma clara rejeição dos materiais locais, conotados com a pobreza de outros tempos.

Com o desaparecimento das tarefas domésticas que outrora constituíam redes de sociabilidade feminina, desapareceu também o banco de pedra que ligava o espaço doméstico ao espaço social, encostado à casa, mas já na rua, sendo rara a sua presença ou vestígios junto às casas dos regressados. Nestas remodelações, desapareceu também a *varanda* tradicional - um símbolo igualmente expressivo da forte *inter comunicabilidade entre o espaço privado e o espaço público* (Pais de Brito, 1996).

A idade escolar dos filhos constitui um factor importante no *timing* de regresso e muitos voltaram, precisamente, quando o filho mais velho atingiu os seis anos. A

escolaridade é, assim, realizada localmente até ao 12º ano, seguindo depois diversas vias, de acordo com as motivações e aptidões de cada caso.

De uma maneira geral, à semelhança dos outros grupos domésticos, os filhos são orientados para actividades não agrícolas, prioritariamente na vila ou proximidades. Quando tal não é possível (o que constitui a situação mais frequente), recorrem à rede de parentes e amigos estabelecidos nos centros urbanos do país ou do estrangeiro que têm um papel preponderante na procura de saídas profissionais nas cidades onde se encontram a exercer a sua profissão. Uma vez conseguido um emprego com alguma estabilidade, a contribuição dos pais nas despesas relacionadas com a aquisição de habitação é bastante generosa, sancionando e viabilizando um projecto de vida que quiseram diferente do seu.

Os filhos que vivem no país visitam os pais bastantes vezes ao longo do ano e essas estadias não se restringem aos momentos festivos, sendo uma situação frequente passarem pelo menos um fim-de-semana por mês na vila, reactivando o contacto com familiares e amigos através destas várias incursões interpoladas.

Os aldeãos

Foram considerados numa categoria única os aldeãos (*aldeanos*, como foi sugerido pela auto-identificação de um dos informantes) englobando grupos domésticos cujos representantes têm residido na aldeia durante praticamente todo o seu ciclo de vida. Um critério tão vasto engloba necessariamente um conjunto diversificado de situações, tendo-se dividido esta categoria em dois subconjuntos claramente diferenciados pelas características do seu modo de vida predominante. Considerou-se, assim, dentro do grupo dos aldeãos, dois subgrupos distintos: aldeãos-agricultores e aldeãos-comerciantes¹⁴⁵.

¹⁴⁵Foram excluídos, deste modo, os comerciantes que se encontram em igual situação de permanência, mas cujo padrão de vida é diferente do dos aldeãos, com uma situação económica francamente mais favorecida. Constituem uma espécie de híbridos que é difícil agrupar numa categoria autónoma, apresentando muitos aspectos comuns aos diversos grupos considerados: com os aldeãos, partilham a permanência na aldeia durante todo o ciclo de vida; com os *regressados* têm em comum o tipo de casas e a predominância da pluriactividade; à semelhança dos agricultores mais prósperos, investem largamente na educação escolar dos filhos que em muitos casos frequentam colégios internos fora da região.

Para clarificar melhor esta circunstância comum de permanência, e antes de se referirem as características fundamentais destas duas subcategorias, importa destringir as diferentes formas de permanecer, interrogando-nos, afinal, sobre quem ficou (e como ficou) na aldeia¹⁴⁶, na sequência do grande êxodo dos anos 60.

De um modo muito geral, ficaram os mais velhos que já não estavam em idade de correr os riscos inerentes ao percurso migratório - alguns morreram já, outros estão bastante mais velhos. Viram partir os seus filhos, os filhos dos vizinhos e amigos. E, na vila, actuam como verdadeiros *pivots*, tratando das terras e das casas dos ausentes, sempre que é necessário fazer alguma diligência.

Ficaram muitas casas de lavradores remediados, que possuíam uma exploração suficiente para as exigências da época «*com pão e vinho já se anda a caminho...*», continuando a cultivar os seus cereais e a tratar das vinhas e da horta. Umam foram melhorando a sua situação, sobretudo quando tiveram oportunidade de incorporar algumas parcelas dos que se ausentaram na exploração, substituindo, progressivamente, a tracção animal pelo tractor.

Ficaram os mais pobres que não tinham dinheiro para emigrar ou que simplesmente optaram por continuar a viver na aldeia, numa situação bastante mais favorável que a anterior, com melhores salários e mais garantias de trabalho, num contexto de grande procura de mão-de-obra.

Por último, ficaram ainda muitos dos comerciantes já estabelecidos em pequenas lojas e cafés, onde efectuaram obras de ampliação e renovação, à medida das suas possibilidades, pois tudo levava a crer que o negócio estaria de feição. A conjugação da actividade comercial com a actividade agrícola, que aparece com bastante frequência neste caso, a par do incremento do consumo a diversos níveis (produtos alimentares, vestuário e calçado, espaços de lazer) permitiu-lhes ter um nível de vida muito razoável, optando, sem reservas, pela permanência na aldeia.

¹⁴⁶Na sequência da fundamentada crítica de John Davis (1973) em *People of Mediterranean*, apontando a lacuna dos estudos antropológicos sobre as sociedades rurais da Europa do Sul, em relação às quais o ênfase das questões relacionadas com o êxodo rural tem levado a um maior conhecimento dos que partiram do que, propriamente, dos que ficaram (e sobre os quais pouco se tem publicado), tentou apresentar-se uma breve panorâmica da situação de permanência na aldeia.

Os principais critérios a que se tem vindo a recorrer para distinguir as diferentes formas de estar na vila de hoje (nível socio-económico, padrões de consumo, aspecto exterior da habitação, socialização dos filhos, entre outros) separam de forma clara os aldeãos-comerciantes dos aldeãos-agricultores, pelo que se optou pela sua apresentação separada:

Aldeãos-agricultores

Nesta categoria, encontra-se a maior percentagem de representantes de grupos domésticos de agricultores a tempo inteiro, numa faixa etária que de forma significativa se situa acima dos 50 anos. Engloba níveis de produção variados, que vão desde a mera subsistência, complementada com um salário sazonal proveniente do trabalho agrícola, a um maior envolvimento na produção destinada ao mercado local - de onde se destaca a venda de cereais, batata, uvas e azeitona.

A tecnologia agrícola de que dispõem é também diversificada, verificando-se, nalguns casos a persistência das alfaias tradicionais, como a junta de mulas e o arado de madeira, com uma componente importante de trabalho manual na maior parte das tarefas agrícolas; enquanto noutros casos a lavoura é efectuada com o tractor (próprio), recorrendo-se à contratação de mão-de-obra¹⁴⁷ e de *maquinaria agrícola*¹⁴⁸ suplementar para as tarefas mais absorventes do ciclo agrícola.

Nos meios de transporte encontramos a mesma diversidade de recursos, que vão desde a posse de viatura própria ao uso de jumentos e carroças, ainda hoje utilizadas para efectuar as deslocações necessárias entre o núcleo habitacional e os campos de cultivo.

As casas dos aldeãos traduzem, igualmente, diferentes níveis socio-económicos. Alguns continuam a viver nas minúsculas casas de outros tempos, que são, predominantemente, de piso térreo, têm divisões exíguas e não dispõem de

¹⁴⁷As tarefas efectuadas por trabalhadores agrícolas assalariados, pagos ao dia de trabalho, dizem respeito às operações relacionadas com a preparação da vinha, nomeadamente, *escavicar* e *podar*.

¹⁴⁸O recurso à contratação de maquinaria agrícola é efectuada na altura da colheita de cereal, sendo o dono e operador da ceifeira-debulhadora-enfardadeira, pago à hora, conforme o tempo de trabalho dispendido nesta tarefa.

instalações sanitárias. Por vezes, a pintura das paredes e cantarias de granito, surge como uma forma de camuflar os materiais tradicionais, considerados pouco modernos e conotados com anteriores situações de pobreza. O banco de pedra exterior mantém-se, persistindo como símbolo activo da comunicação entre o espaço doméstico e a mais vasta sociabilidade aldeã. Muitas vezes congregam um pequeno grupo de vizinhas em torno de trabalhos manuais diversos, outras vezes constituem locais preferenciais de monólogo, onde velhos solitários e de olhar distante, passam uma parte importante dos seus ócios, à mercê da palavra reconfortante de quem passa.

Noutros casos, a dimensão e os acabamentos do exterior aproximam as casas dos aldeãos do tipo de habitações descrito em relação aos *regressados* sendo, do mesmo modo, bastante mais modestas que as dos ausentes e revelando níveis de vida muito aproximados com aquele grupo.

Quanto à sua descendência, um conjunto de factores evidencia um certo distanciamento em relação aos filhos dos outros grupos - por um lado, são os filhos dos aldeãos que participam nos trabalhos agrícolas com maior intensidade; por outro lado, apresentam níveis de escolaridade geralmente baixos, raramente ultrapassando o 9º ano de escolaridade. Quando não se dedicam à agricultura, optam frequentemente pela carreira militar, ou paralela, ingressando na guarda nacional ou republicana, na polícia ou na marinha. Sempre que possível, procuram uma colocação na vila ou nas imediações, activando influências de amigos e parentes colocados nos centros urbanos.

Já numa situação laboral um pouco diversa, situam-se os que têm conseguido empregar-se em várias serviços, menos diferenciados do que os dos *doutores*, (nomeadamente, na adega cooperativa, na ordenha mecânica, na Junta de freguesia, na Escola Primária e Secundária), bem como nas oficinas e pequenas empresas locais, onde são operários mais ou menos especializados, dedicando-se a um conjunto diversificado de novos ofícios, relacionados com a construção de casas que têm crescido por todo o lado. Neste último caso, saliente-se, particularmente o número elevado de mecânicos, canalizadores, electricistas, trolhas, serralheiros,

pintores, carpinteiros, entre outros, em comparação com a situação anterior à década de 60.

Aldeãos-comerciantes

Contrariamente ao que sucedeu em relação aos artesãos tradicionais, que praticamente desapareceram dando lugar a novos ofícios, de entre os quais se acabou de referir alguns exemplos, os comerciantes tradicionais têm-se mantido e multiplicado, evidenciando-se, nesta categoria, uma forte continuidade geracional. Com efeito, encontraram-se cadeias de pais e filhos dedicando-se à actividade comercial, muitas vezes dentro do mesmo tipo de especialidade, sucedendo-se no tempo ou coexistindo em paralelo.

Os novos hábitos de consumo têm favorecido o seu enraizamento e expansão, verificando-se uma grande proliferação de pequenos estabelecimentos nas últimas décadas. Saliente-se, particularmente, o ramo alimentar, com uma série de pequenas mercearias onde se vende um pouco de tudo (desde os produtos alimentares ao vestuário e calçado, artigos de papelaria, electrodomésticos, etc.), os talhos que multiplicaram; ou o ramo de hotelaria, onde se tem verificado igual expansão, com um número considerável de novos cafés, restaurantes e pensões, de estilos e dimensões variadas; ou ainda um tipo de comércio mais especializado relacionado com a habitação (como armazéns de móveis e estâncias de construção civil), produtos de papelaria, artesanato e pequenas *boutiques*.

As casas dos comerciantes, renovadas e ampliadas, apresentam estilos e dimensões diversas, com predominância do reboco pintado e caixilharias de alumínio nas janelas. No interior, mantêm, tal como no passado, a mesma simbiose entre o espaço doméstico e o espaço comercial - o primeiro piso é destinado ao balcão e exposição dos produtos de venda e uma escada interior dá acesso à habitação, situada no segundo piso. Nalguns casos foi aumentada a superfície de envidraçados no piso reservado à loja, reflectindo a influência das vitrinas urbanas. A mesma locação das duas superfícies se verifica na maioria dos cafés e restaurantes.

O envolvimento dos aldeãos-comerciantes na actividade agrícola tem constituído uma constante ao longo do tempo, muito embora se verifique, na

actualidade, um claro distanciamento das gerações mais novas em relação ao regime de pluriactividade, particularizando-se a sua intervenção nos trabalhos agrícolas, apenas em algumas ajudas esporádicas nas explorações dos pais.

Nos casos pluriactivos, em termos da divisão sexual das actividades no seio da unidade conjugal, observou-se uma predominância da mulher nos trabalhos inerentes à gestão do estabelecimento, enquanto o homem se dedicava mais à actividade agrícola.

O peso da actividade agrícola no orçamento familiar global é bastante variável e pôde encontrar-se desde níveis de produção que pouco ultrapassam o consumo doméstico a um maior envolvimento nos sistemas de cultivo locais de maior rentabilidade e escoamento assegurado - cultura cerealífera, viticultura e olivicultura. Neste último caso, a posse de um tractor e o recurso a contratos sazonais de mão-de-obra e maquinaria agrícola, constituem factores de diferenciação socio-económica importantes.

Os filhos dos comerciantes enraizados efectuam, geralmente, os seus estudos, após a instrução primária, em escolas particulares fora da região, havendo, por parte dos pais, um forte investimento na educação escolar e uma criteriosa escolha dos locais adequados à sua formação.

Nos casos de insucesso escolar, é frequente a sua inserção no estabelecimento dos pais a quem auxiliam no atendimento aos clientes, efectuando-se uma transferência sucessiva da loja de pais para filhos, à medida que os primeiros vão envelhecendo. Essa passagem adquire diferentes expressões ao longo do ciclo de vida das duas gerações, começando por uma pequena colaboração dos filhos, em idade precoce, e culminando com a cedência total (ou parcial, consoante os acordos efectuados) do estabelecimento, à medida que os pais vão avançando na idade. Esta transferência progressiva da propriedade comercial para um dos filhos, constitui, de certo modo, uma compensação em relação aos irmãos que prosseguiram os estudos e com os quais foi dispendida uma fatia importante do orçamento familiar.

«Os das vacas»

Os criadores de gado bovino constituem os agricultores mais activos e inovadores da vila¹⁴⁹ e, apesar do seu reduzido número, asseguram uma parte importante da produção agrícola local, à qual se dedicam a tempo inteiro. O reduzido número de jovens, envolvido na actividade agrícola a tempo inteiro, concentra-se, precisamente nesta categoria, tendo recebido ajudas governamentais para incentivo da produção - sob a forma de *subsídios para jovens empresários agrícolas* - que foram utilizadas na construção de instalações para gado estabulado e na aquisição de uma parte do equipamento mecanizado.

Na maioria dos casos, descendem de famílias estabelecidas há muitos anos, de quem, também, receberam uma ajuda inicial, substantivada em apoios financeiros ou cedências de habitação e terrenos, encorajando-os a ficar na vila. Têm feito grandes investimentos em maquinaria agrícola - nomeadamente, tractores potentes e modernos, retro escavadoras e ceifeiras-debulhadoras-enfardadeiras - sendo, muitas vezes, contratados pelos agricultores da vila e povoações vizinhas, para efectuarem diversas tarefas mecanizadas.

O seu principal rendimento advém, contudo, da criação de gado estabulado, vocacionado, de forma predominante para a produção leiteira¹⁵⁰, em relação à qual têm tido um escoamento assegurado. Existem na povoação duas ordenhas mecânicas, exploradas de forma distinta - num primeiro caso, trata-se de uma ordenha de usufruto colectivo, instalada em meados da década de 80¹⁵¹, à qual podem aceder todos os agricultores inscritos, desde que seja respeitada a cota leiteira atribuída a Sendim. A referida empresa encarrega-se da recolha diária do leite e detém a exclusividade da comercialização, pelo preço que ela própria estabelece.

No segundo caso, encontra-se uma ordenha particular, a partir da qual é efectuada a venda do leite mediante contrato prévio entre o proprietário e uma (ou

¹⁴⁹Um aspecto igualmente salientado por João Portela em relação a Fontim (1988).

¹⁵⁰Embora alguns animais sejam vendidos também para o matadouro.

¹⁵¹Pela *Lacticoop*.

várias) empresas lácteas interessadas, estando o produtor sujeito, de igual modo, às restrições da cota leiteira regional. Trata-se, no entanto, de uma situação francamente mais favorável do que a dos usufrutuários dos serviços da ordenha colectiva, na medida em que o preço do leite decorre de negociações anuais entre o produtor e a empresa de recolha.

A alimentação dos animais, implica, por sua vez, o incremento da produção agrícola, com especial incidência nas culturas forrageiras. Deste modo, os criadores de gado exploram superfícies consideráveis de terreno, mais ou menos dispersas, consoante as oportunidades de emparcelamento. Apesar de algumas terem sido herdadas, a forma de acesso mais frequente é o arrendamento, pago em dinheiro e tendo como base a rendibilidade da terra em questão.

Esta tendência para o recurso ao arrendamento, constituindo a opção preferencial dos grupos domésticos com as explorações de maior viabilidade económica, sugere, de forma particularmente expressiva, dois aspectos fundamentais da transformação do sistema de valores tradicional, fortemente localizado e centrado na propriedade.

Por um lado, mostra como os critérios diferenciadores se modificaram, perdendo grande parte do seu valor simbólico, quando à importância da terra se sobrepõem outros critérios de divisão social, estabelecidos a partir de normas económicas e essencialmente ligadas aos aspectos materiais da produção. Actualmente, o valor da terra é substituído pelo conjunto dos meios de produção, entre os quais ela é apenas um, mas não o mais valorizado. Não vale a pena investir na aquisição de um título de propriedade, pois a sua posse não confere nenhum estatuto especialmente relevante, sendo até considerado um investimento desprestigiante, *um dinheiro deitado à rua*.

Por outro lado, este não investimento na terra, ilustra uma clara ruptura na continuidade geracional (que outrora funcionava como um importante factor de reprodução social) favorecendo deliberadamente o êxodo agrícola dos descendentes. Esta, constitui, com efeito, uma importante estratégia da maior parte dos grupos domésticos, que preferem utilizar as suas poupanças na formação académica, cada vez mais prolongada, dos seus filhos, destinando-se a maior parte das suas economias

ao financiamento das despesas inerentes ao percurso de escolarização. Com efeito, é bastante frequente a aquisição de habitação nos centros urbanos onde os filhos efectuem os estudos, constituindo um apoio fundamental na viabilização de um futuro distanciado o mais possível da actividade agrícola.

Os «ciganos»

Sem que este termo traduza uma adequada proveniência *étnica*, ele é utilizado pelos outros grupos quando se referem a um conjunto de famílias, consideradas marginais e que, de um modo geral, são segregadas do resto da comunidade. A elevada percentagem de *venediços*¹⁵², que foi apresentada na caracterização global das várias situações de permanência na vila (ver cap.II), resulta, em grande medida, da fixação destas famílias ao longo da última década, sugerindo, também, a importância da vila como pólo atractivo, no contexto da região.

Urtelina vive em Sendim desde meados dos anos 80. Tem cerca de 50 anos, perdeu o seu homem vai fazer alguns meses. Antes de vir viver para a vila, «andava sempre de um lado para outro, aqui pela região». Tem um filho já adulto, (cuja idade não se lembra). «Ele é assim meio-tonto mas lá vai trazendo algum dinheiro para casa. De vez em quando tira umas jeiras na bloqueira¹⁵³, outras vezes chamam-no para trabalhar no campo».

Com os aldeãos, apesar do seu relacionamento se reduzir ao mínimo indispensável, tem uma convivência pacífica, sendo por vezes solicitada para efectuar alguns pequenos serviços domésticos, como limpezas, arear caldeiras, fazer agulhas de renda.

A casa que hoje habita é sua - um antigo palheiro que aos poucos foi arrançando com a ajuda de *outros ciganos*. Entra-se por uma pequena cozinha, forrada a azulejos de diversos formatos e padrões, tantos quantos os que foi conseguindo juntar. Por uma escada de madeira sobe-se para o exíguo quarto que esgota o piso de cima. Encontrámo-la a servir o almoço a uma sobrinha adolescente a quem por diversas

¹⁵²Indivíduos que vieram de outras localidades (ver cap.II).

¹⁵³Fábrica de construção de blocos de cimento, situada na periferia da vila.

vezes dá apoio, pois a irmã, com o marido doente a cargo, vive na porta em frente, na maior miséria.

Trata-se de famílias bastante móveis, que efectuam trabalhos manuais diversos na vila ou nas imediações, ausentando-se por vezes para Espanha, onde realizam trabalhos agrícolas sazonais. Pelo seu modo de vida incerto, são muitas vezes apelidados de *malandros*, e alguns deles considerados os únicos verdadeiramente pobres de Sendim. Para além disso, são acusados de se dedicarem a actividades marginais - como o roubo, a prostituição ou o tráfico de droga.

Em alguns casos esporádicos, sobretudo quando se trata de indivíduos que vivem na vila há já alguns anos, o relacionamento com os aldeãos é menos hostil e segregado, indiciando mesmo um certo paternalismo da parte destes, que muitas vezes lhes cedem *de meias*¹⁵⁴ pequenas *leiras* de horta, cuja produção se destina, exclusivamente, ao consumo doméstico.

Concentram-se, especialmente, numa das ruas da vila - a *Rua do Bairro Alto* - onde vivem, com condições bastante precárias, em exíguas casas que se encontravam desabitadas, sem água, electricidade ou esgotos, tratando-se de antigos palheiros, actualmente em desuso. Este tipo de habitações é vendido ou alugado por preços bastante baixos, constituindo um forte atractivo para a sua fixação.

Até há relativamente pouco tempo, os filhos dos *ciganos*, viviam também à parte, raramente efectuando a escolaridade obrigatória. Paradoxalmente, e em face do reduzido número de crianças da vila e aldeias limítrofes, que coloca sérios problemas para a continuidade de algumas salas de aula (debatendo-se em cada ano que passa com a emergência de terem de fechar as suas portas), os aldeãos têm procurado incentivar várias famílias de *ciganos* a inscreverem os seus filhos na Escola Primária local.

¹⁵⁴ Este tipo de cedência significa que o trabalho é efectuado pelo "arrendatário", recebendo o dono da terra uma parte da colheita.

3. TRADIÇÃO E MODERNIDADE: UMA VILA A DOIS TEMPOS

Apesar de constituir uma das aldeias mais populosas do concelho de Miranda do Douro, Sendim enfrenta, actualmente, problemas demográficos e sociais tão preocupantes como qualquer outra aldeia do interior, manifestando-se num decréscimo populacional, particularmente acentuado nos últimos 15 anos.

Se, por um lado, o êxodo rural constituiu um importante factor de reprodução social, actuando como um verdadeiro mecanismo de regulação demográfica num determinado período da história local; por outro lado, ele trouxe consigo uma mudança radical na estrutura social e no sistema de valores tradicional, veiculando novas conceitualizações sobre o trabalho, novos hábitos de consumo, novos modelos de socialização - em suma, novas formas de vida que são mais difíceis de construir na vila de hoje, do que as casas que marcam a sua presença.

Ao ideal da casa agrícola sendinesa do passado, expresso no ditado popular *casa onde caibas, terra quanta vejas*, parece contra pôr-se, actualmente, a sua total inversão, manifestando-se no intenso movimento ligado à construção e remodelação do tecido habitacional. Materiais, estilos, dimensões, fachadas exteriores e organização dos interiores, tudo converge para a veemente demolição das anteriores conceitualizações sobre a importância da casa, entendida aqui no sentido geral de espaço de habitação. Em detrimento da terra, a casa passou a ser o bem simbólico por excelência, *ex libris* de projectos de vida concretizados, de situações de pobreza e dependência esquecidas ou ultrapassadas, de novas maneiras de viver e de transmitir.

Paredes meias coexistem, muitas vezes, os novos sinais de prosperidade com as exíguas casas de outros tempos, lembrando estas últimas, timidamente e quase em ruínas, os princípios que as edificaram. Muitas ruas da vila são uma verdadeira miscelânea de épocas e valores, o que lhes dá um ar desconcertado, exibindo inconciliáveis princípios éticos e estéticos.

Ao valor da *terra*, cuja aquisição constituía o objectivo de toda uma vida, parece sobrepor-se, hoje, o valor da *casa*, com toda a sua simbologia plurifacetada - sinal de progresso e urbanidade, marca visível de uma pertença desejada à aldeia,

dimensionando-se na esperança de uma presença continuada de geração em geração. Muitos terrenos agrícolas são deste modo reconvertidos em terrenos urbanizados:

Tínhamos quatro territas, e eles (os filhos) querem lá saber de terras, nem de nada! Fizeram os seus bocaditos de casas...Eu dava-lhes uma destas (apontando para uma pequena casa contígua à sua) mas diz que não queriam, cada um fez para lá¹⁵⁵ a sua e graças a Deus estão bem.

(antigo albardeiro-agricultor, 64 anos)

O actual valor social da casa é, deste modo, emblemático de uma inversão de valores e contrasta com as exigências minimalistas do passado, ganhando expressão em fachadas que exibem um conjunto aparentemente heteróclito de estilos e materiais, mas cuja descodificação permitiu entrever padrões distintos que consolidaram a caracterização da pluralidade de modos de vida que atravessam o espaço da vila, recomposto e renovado.

Um tecido social complexo e multifacetado, cujas malhas entretecem um verdadeiro mosaico de diferentes formas de estar, de habitar, de consumir, recorta-se, assim, como o retrato mais fiel de uma transformação progressiva e vivida a ritmos desiguais, por gerações diferentes. Privilegiando as apelações *emic* os *de fora*, os *aldeãos*, os *doutores*, os *regressados* e os *ciganos*, constituem os grupos que emergem (com as suas casas), no espaço social da vila.

Apesar dos destinos laborais *deslocalizados*, Sendim é também um espaço de memória, fortemente *localizado* e que actua como uma poderosa força centrípeta ao longo do ciclo anual e ao longo do ciclo de vida dos indivíduos, sucessivamente levados por ausências de trabalho, mais ou menos prolongadas. Não nos espanta, por isso, que a valorização desse espaço de memória se concretize na construção de uma casa *para a reforma* e que ela seja tão grande quanto o necessário para albergar os filhos e os netos...

¹⁵⁵Referindo-se às suas antigas terras.

Neste espaço compósito, o modo de vida tradicional e os modos de vida emergentes que acompanharam a evolução socio-económica da vila, recobrem-se largamente. Tradição e modernidade coexistem no mesmo espaço-tempo, dando ao campo uma outra *fácies* e sugerindo, na sua amálgama, a complexificação de uma realidade social multifacetada.

É uma coexistência permeada por um antagonismo de sistemas de valor, veiculados por diferentes gerações que protagonizam práticas e representações distintas e opostas, cuja dualidade se reflecte em diversos domínios da vida social, seja nas formas alternativas de ganhar a vida, na tecnologia que usam, no espaço que ocupam ou nos hábitos de consumo.

Em termos ocupacionais o distanciamento em relação à actividade agrícola é sobretudo um distanciamento etário (ver cap. II), sendo por demais evidente a frequência da actividade agrícola entre os mais velhos e a sua pequena representatividade entre os mais novos.

Apesar da fraca presença numérica de agricultores com idades inferiores a 40 anos, a oposição geracional manifesta-se, a este nível, pela tecnologia, coexistindo *lavradores* tradicionalistas e *jovens empresários agrícolas* que usam diferentes formas de cultivar a poucos metros de distância - o tractor com todos os seus apetrechos modernos, ou a junta de mulas puxando o arado de madeira, lavram com igual empenhamento terrenos contíguos, muito embora os sistemas de valores que veiculam sejam diametralmente opostos.

O primeiro, fortemente centrado no valor da terra, orienta-se para a maximização do lucro pelo trabalho e pela poupança em extremo, enquistado em técnicas e processos rudimentares, e encontra no exercício de uma agricultura familiar de baixo rendimento (mas também de baixíssimo investimento) a justificação da sua persistência. No segundo caso, o *gérmen* de uma modernização ainda que incipiente, a influência dos modos de vida urbanos (veiculados pelo intenso *vaivém* que de forma contínua liga o campo à cidade) é acompanhado da emergência de novos valores - como o dinheiro, a casa e a instrução.

Tudo isto implicou uma profunda transformação das relações de trabalho e da sua conceitualização, à qual não é alheio o distanciamento quase generalizado das gerações mais novas em relação à agricultura, trocando-a de bom grado por qualquer modesto trabalho assalariado. A desvalorização do trabalho agrícola reflecte, por sua vez, a estreita imbricação dos factores culturais e económicos que, em unísono, contribuem para o favorecimento do êxodo.¹⁵⁶

No espaço social da vila, desenha-se, assim, uma quase geografia de idades e de valores, ocupando os mais velhos o núcleo habitacional à volta da Igreja, (que aos poucos se vai esvaziando) e os mais novos a periferia, onde construíram casas que se dispersam por terrenos agrícolas reconvertidos, ou pequenos bairros de implantação recente, nos quais proliferam *novas* casas, separadas por pequenos jardins, em tudo comparáveis às zonas residenciais urbanas de classe média.

Em relação aos cafés, lugares de sociabilidade preferenciais, encontra-se a mesma dualidade que se reforça pela própria terminologia com que são referenciados, sendo frequentemente classificados por *cafés dos novos / cafés dos velhos*, e sugerindo neste distanciamento etário extensível aos espaços de lazer, a ruptura ou continuidade com o sistema de valores tradicional¹⁵⁷.

Também nos *gostos* se verificam traços distintivos evidenciáveis, opondo-se o vinho e a aguardente à cerveja e *coca-cola*, conforme pode observar-se pela frequência com que estas bebidas eram consumidas por diferentes gerações - *esta geração já não é de vinho*, dizia um aldeão septuagenário (atribuindo ao pouco consumo do vinho, por parte dos jovens de hoje, a principal causa da crise da vinha), *eu chamo-lhes os cola-cola...*

¹⁵⁶Sobre a desvalorização da actividade agrícola em Espanha, ver W. Douglass (1978), J. Pujadas e D. Comas d'Argemir (1994).

¹⁵⁷Uma situação semelhante foi referida por João F. de Almeida em relação a Fonte Arcada (1986).



Foto 28 - Aldeã limpando feijão à porta de casa

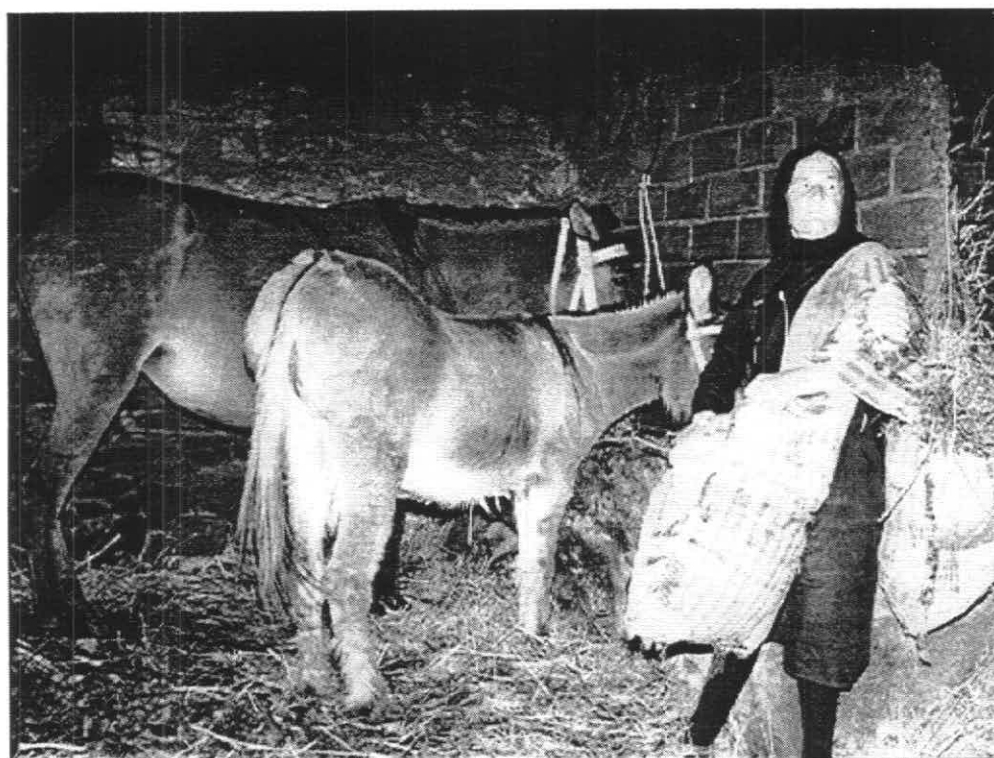


Foto 29 - «Loja» dos animais



Foto 30 e 31 - Aldeão e jovem empresário agrícola nas suas fainas (anos 90)

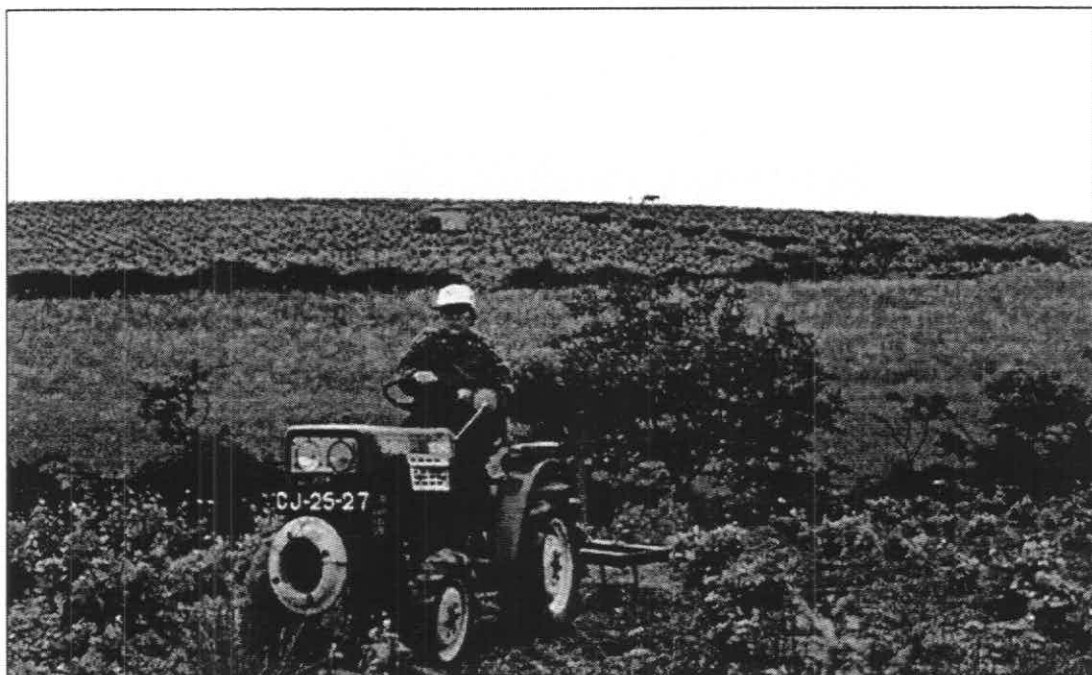


Foto 32 e Foto 33 - Tecnologias que coexistem no tempo (anos 90)

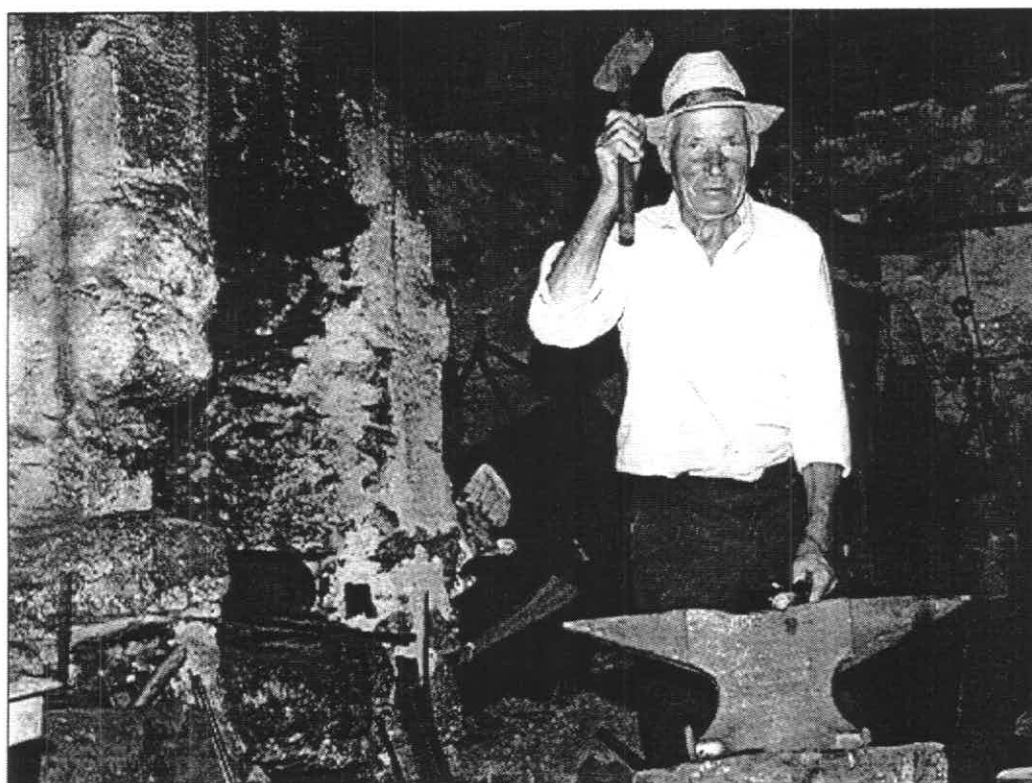


Foto 34 - Ofícios que vão acabando



Foto 35 - Antigo albardeiro mostrando a sua ferramenta

VI. Tempos de festa

Neste capítulo o foco de análise incide nas mudanças evidenciáveis na festa, entendida como janela de observação privilegiada para apreender as repercussões da transformação socio-económica da aldeia nos principais momentos de consagração colectiva que nela têm lugar, encenados ciclicamente ao longo de anos de memórias e observados no seu actual desenrolar através de sucessivas estadias no terreno.

É uma análise, necessariamente exploratória, que se baseia em observações directas feitas sobre festas, umas em acelerado declínio, outras dando sinais de um certo revigoreamento, seja por integrarem novos elementos ou por combinarem excertos de um passado distante (reordenados em sequências de que a memória dos mais velhos já quase esqueceu o sentido) com os sinais dos novos tempos (onde não falta o consumo de ocasião, as decorações vindas de fora e instaladas por empresas especializadas, os conjuntos *pop* ecoando em amplificadores estridentes).

Na maioria dos casos trata-se de festas *folclorizadas*, nas quais o espírito participativo de outrora se perde na poeira de andores de santos e trajas de figuras alegóricas, desembaraçadas, ano após ano, das teias de aranha do fundo das sacristias, contrastando com o passado, quando a estreita articulação entre as datas mais consagradas do calendário litúrgico, os momentos chave do ciclo agrícola e as principais festas colectivas convergiam, dando às celebrações um cunho de maior ou menor fausto, consoante a disponibilidade decorrente dos trabalhos do campo, a grandiosidade do culto ou a abundância das colheitas.

Hoje em dia, apesar da importância da dimensão religiosa no ciclo festivo, verifica-se uma certa flexibilidade na escolha das datas do calendário litúrgico tradicionalmente celebradas, que têm sofrido algumas alterações, acompanhando presenças e ausências, mas continuando a servir de suporte à colectividade, permeando o tempo cíclico de que se faz festa¹⁵⁸.

Já no que diz respeito às festividades relacionadas com o ciclo agrícola, em particular as que envolviam grupos de trabalho alargados - nomeadamente, a ceifa e debulha do cereal e as vindimas - verifica-se que, a pouco e pouco, deixam de ritualizar uma comensalidade festiva e vão desaparecendo com o trautear dos primeiros tractores, com o despacho das ceifeiras-debulhadoras, ou com os subsídios de arranque do que antes constituía um meio de subsistência de primordial importância, restando-nos a memória de um tempo *que era tempo de alegria*¹⁵⁹, para delas se poder fazer registo.

Um bom exemplo da inter penetração entre os momentos de festa e os períodos chave do ciclo agrícola é-nos dado pela própria data de celebração da principal festa da aldeia, realizada em honra de Santa Bárbara e que até finais da década de 60 tinha lugar no dia de *Pentecostes*. Apesar de não ser este o dia calendário de Santa Bárbara¹⁶⁰, a sua comemoração nesta época do ano evocava a importância do culto que lhe está associado - de protecção das colheitas - podendo ser integrado no ciclo de festividades da Primavera, segundo a classificação de Baroja (1979).

Também a *Festa do Alqueire* - nome pelo qual era apelidada a festa de *Nossa Senhora do Rosário*, realizada no terceiro domingo de Outubro - traduz a estreita articulação entre o ciclo agrícola e o ciclo festivo, assinalando o final das colheitas que, nesta época do ano, estariam já concluídas, ou em fase de conclusão. Em ambos os casos, apesar das referidas comemorações estarem relacionadas com o calendário litúrgico, tinham uma dimensão profana acentuada, constituindo momentos de

¹⁵⁸Sobre a importância do ritual na marcação do tempo cíclico, ver Leach (1977 [1961]).

¹⁵⁹Insistem, invariavelmente, os mais velhos, referindo-se ao tempo mais alegre, por natureza intrínseca ao seu ciclo de vida particular - os anos de juventude.

¹⁶⁰De acordo com o calendário litúrgico, o dia de Santa Bárbara era o dia 4 Dezembro (Farmer, 1979).

consagração colectiva indissociáveis do ciclo agrícola e que sofreram, naturalmente, profundas alterações no decorrer das últimas duas décadas.

A separação entre o tempo de trabalho e o tempo de festa surge, deste modo, como um dos aspectos inerentes à transformação socio-económica da aldeia e que acompanhou não só as mudanças técnicas da agricultura, como também a expansão do leque ocupacional a actividades não agrícolas, onde a importância do ciclo das culturas passou a ter uma posição secundária como referência temporal.

Trabalho e festa constituem, actualmente, esferas de actividade relativamente independentes, levando-nos a considerar um ciclo religioso que mantém as principais celebrações com bastante persistência e um ciclo festivo paralelo que se lhe associa, apenas em algumas efemérides, pautando-se mais pela afluência dos *filhos da terra*, dispersos por vários pontos do país e do estrangeiro e pelos períodos mais ou menos livres dos horários laborais padronizados do que, propriamente, pelos momentos chave do calendário agrícola.

Com o objectivo de salientar em que medida as transformações sociais se repercutem ao nível da representação e organização das manifestações de expressão colectiva, observadas localmente, são abordados três aspectos fundamentais da dinâmica que tem acompanhado a evolução das principais festas, actualmente realizadas:

- a) A articulação entre momentos de trabalho e de festa que chama a atenção para a ruptura das sociabilidades aldeãs, como uma das consequências da modernização agrícola, frequentemente referida pelos mais velhos habitantes de Sendim;
- b) A dinâmica inerente às sociabilidades inter-freguesia, apresentada a partir de um ponto de observação estratégico - a *festa da Trindade* - uma festa que outrora reunia um conjunto de aldeias limítrofes junto a uma pequena ermida onde a *mocidade* se envolvia em violentas manifestações agonísticas.
- c) A festa de *Santa Bárbara*, a principal festa colectiva, que merece particular atenção, pela forma expressiva como ilustra alguns

aspectos fundamentais da dinâmica local: a transformação na regulação do tempo inerente às mudanças tecnológicas na agricultura - igualmente relacionada com a diversificação das alternativas laborais a actividades não agrícolas, dentro e fora da vila - e a integração cada vez mais indispensável dos *ausentes* espalhados por diversos pontos do país e do estrangeiro.

1. MECANIZAÇÃO E ENTREAJUDA:

QUANDO O TRABALHO ERA UMA FESTA.

No decorrer dos principais trabalhos agrícolas e quando a agricultura era efectuada, exclusivamente, a poder de braços, havia uma estreita articulação entre o trabalho e a festa, sobretudo no que dizia respeito às tarefas de ponta que envolviam um grupo alargado de cooperantes, extravasando o grupo doméstico nuclear e envolvendo parentes e vizinhos num regime de trocas de trabalho recíprocas denominado de *torna-jeira*. Assinalado por diversos autores (Descamps, 1935; Oliveira, 1955; Iturra, 1977, O'Neill, 1982; Portela, 1986) *estes trabalhos feitos em comum são uma fonte de alegria onde não faltam risos e descantes, de maneira que as pesadas tarefas se desempenham mais facilmente e mais depressa* (Dias, 1953: 139).

Com efeito, se no decorrer das diversas tarefas do ciclo agrícola, a sua sequência *linear*¹⁶¹ permitia que elas fossem executadas num quadro familiar restrito pelo grupo doméstico de estrutura nuclear, já durante os períodos de ponta e no contexto de uma agricultura não mecanizada, o recurso a extensas redes de entreajuda constituía uma opção generalizada da maior parte dos agricultores para quem o pagamento de *jornas* raramente se configurava como uma opção viável e compatível com o orçamento familiar.

¹⁶¹Sobre a distinção dos tipos de sequência no desempenho das tarefas produtivas - *simultaneidade/ linearidade* - e a sua articulação com a dimensão dos grupos de actividade requeridos, ver Richard Wilk e Robert Netting (1984: 7 e ss.)

Pode dizer-se que o trabalho cooperativo era uma via fortemente ritualizada de activar as solidariedades aldeãs, onde o aspecto lúdico¹⁶² marcado por uma comensalidade festiva¹⁶³ constituía um elemento indissociável destes períodos específicos. Como refere António Mourinho:

«Os vizinhos da mesma aldeia auxiliam-se mutuamente nas ceifas, nas vindimas, nas colheitas, na apanha da azeitona, na cava das vinhas, na sega dos fenos, na tosquia, sendo a tosquia, o mata-porco e a limpa as quatro festas do ano do lavrador mirandês em que confraterniza com os seus parentes, amigos e vizinhos em lauta e alegre camaradagem».

(1991: 60).

Não é por acaso que os trabalhos mais duros do referido calendário agrícola e que congregavam um grande número de cooperantes, como era o caso dos que se relacionavam com as principais colheitas - cereal e vinha - são fortemente conotados e lembrados com o tempo que era *tempo de trabalho duro* mas também *tempo de alegria*.

Em torno das pesadas tarefas efectuadas à mão centrava-se, deste modo, uma parte fundamental das relações sociais e através delas se cimentavam fortes laços de interdependência entre os vários grupos domésticos envolvidos:

Não sei bem, mas havia mais alegria, nós íamos para o campo e, por exemplo, a plantar as vinhas era tudo à enxada, havia mais pessoal, mais famílias. A vindimar era na mesma. Depois na segada, fazia-se tudo à mão, por aquelas searas a segar à foice, com o calor que fazia...Acabava-se de segar e já se ia a carregar para as eiras onde o cereal ia ser trilhado. Era um trabalho duro, mas sempre alegre.

(entrev. 45)

À primeira vista, um dos principais efeitos da transformação social e tecnológica ocorrida ao longo destes últimos cinquenta anos parece traduzir-se na desvitalização dessa tecitura de relações sociais, outrora activada nas tarefas mais

¹⁶²A este respeito refere Leite de Vasconcelos: *Em muitas terras de Trás-os-montes, pelo menos no Norte, costumam cantar durante o trabalho nas "segadas" e nas "malhas" do centeio. Cada uma destas operações tem seus cantos especiais. Na primeira d'elas cantam-se "romances", (...) chamados em Miranda "trobas" ou "jacras". Na segunda operação cantam-se curiosíssimas canções, chamadas cantigas dobradas* (1926: 47).

¹⁶³Sobre a refeição terminal, mais ou menos cerimonializada, no fim dos trabalhos agrícolas, ver Arnold Van Gennep, 1947.

mobilizadoras de mão-de-obra extra grupo doméstico. No entanto, uma análise mais pormenorizada de dois dos mais importantes trabalhos agrícolas cooperativos no decorrer do ciclo anual - a *segada/trilha* e as vindimas - leva-nos a considerar não só inegáveis pontos de ruptura com o passado, como também alguns efeitos integradores na construção de novas solidariedades, umas de âmbito colectivo alargado, outras mais centradas no domínio familiar.



Foto 36 - Grupo de segadores (anos 60)

No caso do cereal, a *segada*¹⁶⁴ e a *trilha*¹⁶⁵ são frequentemente referidas como os períodos do ciclo agrícola que melhor caracterizam o espírito de uma época em que tudo se fazia à mão, num regime de solidariedades familiares e vicinais fortemente valorizado e contraposto ao tempo presente, de um certo atomismo familiar, de conotações individualistas, onde raramente há ocasião para a

¹⁶⁴Termo local para designar a ceifa dos cereais, de onde deriva *segar* e *segador*, referindo, respectivamente, o acto de ceifar e os executantes das operações da ceifa.

¹⁶⁵Em *Terras de Miranda*, o processo de debulha do cereal, anterior às recentes inovações tecnológicas, era efectuado com *trilhos*, do tipo do “tribulum romano”: *alfaia agrícola de dois metros por um metro formada de chafrões de madeira cravejados de pontas de aço, ferros de potes, ou quartzo e pederneira, com a qual se debulham os cereais pela tracção de animais. (...) Chama-se “trilha” ao conjunto das diversas operações que constituem a debulha do cereal* (Vasconcelos, 1942, vol.V: 561-562).

dinamização desses fortes laços de solidariedade do passado - *hoje somos mais egoístas, cada um faz a sua vida, já não há aquela amizade que havia antes...*

De que modo eram organizados estas tarefas que envolviam grupos alargados de participantes e como podemos acompanhar e interpretar o seu esbatimento?

Em Junho foice ao punho, diz o velho ditado, assinalando o início da segada, uma das tarefas do ciclo agrícola que excedia largamente a capacidade de trabalho do grupo doméstico. Recorria-se, então, à mobilização de extensas redes de inter-ajuda, constituindo um dos exemplo mais referenciados de trabalhos colectivos, gratuitos e recíprocos, que pertence ao passado. Naquele tempo, *formavam-se grupos e íamos a segar uns para os outros, até que se acabasse*.



Foto 37 - Segada nos anos 60

Estes grupos de trabalho eram grupos compósitos que podiam englobar familiares e vizinhos num regime de voluntariado ou, ainda, trabalhadores assalariados, consoante as características de cada exploração. Em qualquer dos casos, e apesar da extrema dureza dos trabalhos, eles decorriam num ambiente festivo, onde era possível evidenciar diversos elementos lúdicos, nomeadamente os cantares populares que acompanhavam os penosos trabalhos rotineiros:

Fazia-se tudo a cantar: «A modinha da segada ele é muito alegre / ela mesma vai dizendo quem te arramou que te segue / Não segueis o trigo verde, deixai-o amadurar / nas ondas do mar anda quem o há-de vir segar / Andai que não andais nada e no andar sois um ninguém / não sois para ter amores, nem amar nem querer bem...», também na trilha havia outras cantigas, lá para o fim, quando já ia tudo trilhado porque tinha que se puxar muito e a puxar e cantar não dava...Mas alegria, isso não faltava. Em havendo gente junta, já era uma alegria. Eram as televisões daquele tempo, dos rapazes e das raparigas.

(entrev. 45)

A competição jocosa e as refeições melhoradas constituíam outros elementos presentes nestas fainas que, de igual modo, contribuíam para aligeirar a dureza do trabalho e reforçar o tom festivo destes momentos particulares do ciclo agrícola:

Prezava-se muito a força no trabalho e, quando andávamos a segar, muitas vezes era ao despique a ver quem acabava primeiro os sulcos. O que chegasse à ponta, logo dizia, então ainda aí estais? Bebia um gole de vinho e lá lhe respondíamos a cantar, ao desafio...Era outro tempo.

(entrev. 14)

Na casa e no campo, a azáfama era grande e em ambos os espaços se podia encontrar mão-de-obra exterior ao grupo doméstico, apesar de se estar a falar de um tempo em que as famílias eram tendencialmente numerosas. Como refere José Portela a propósito de semelhantes trabalhos cooperativos em Fontim, estes dois domínios fundamentais *fervilham de actividade verificando-se uma ligação estreita entre a prestação de favores ou trabalho e o partilhar de refeições* (1986: 27).

No decorrer dos diversos dias de ceifa, é da responsabilidade do dono da terra que mobiliza um determinado grupo de segadores, o fornecimento das refeições ao longo de todo o dia de trabalho:

Havia sempre comida melhorada, como o queijo - que quase só se comprava para a segada - fazia-se o bacalhau albardado, levavam-se uns salpicões que se guardavam para esta altura, sempre se preparava um prato de carne e faziam-se assim coisas variadas. A mulher passava o dia à volta da cozinha. Tinha que preparar cinco comeres e levá-los para o campo, se tinha filhas elas ajudavam, senão vinha alguma vizinha.

(entrev. 45)

Depois do cereal ceifado e transportado para a eira colectiva onde se amontoava em gigantescos *mornais*¹⁶⁶, uma operação que se arrastava até ao mês de Julho, começava a *trilha*. Cada núcleo familiar procedia a esta operação de desgrana do cereal, espalhando os molhos ceifados e passando-lhe o trilho sucessivas vezes até separar o grão da palha. *Para aumentar o poder cortante, uma pessoa a pé ou sentada num pequeno banco em cima do estrado, conduzia daí o gado. Finda a trilha, em que cada um trabalhava para si, o grão, à mistura com a palha era amontoado em uma “parva”, longa e larga (Oliveira, 1982: 8).*



Foto 38 - Grupo de trabalho amontoando a «parva»

Esta operação de trilhar o cereal, podia arrastar-se por vários dias, consoante a colheita de cada casa e, uma vez terminada, seguia-se-lhe a *limpa* - que consistia na separação do grão da palha. Nesta fase dos trabalhos mobilizava-se de novo um grupo alargado de cooperantes, pois era necessário actuar de forma rápida para proteger o cereal do risco de eventuais chuvas. Os homens, limpavam o grão, atirando-o ao ar e aproveitando a força do vento para o separar da palha, enquanto as

¹⁶⁶Chama-se *mornal* ao conjunto de todos os molhos de uma terra, reunidos em montão (Vasconcelos, *idem*: 558).

mulheres, com as vassouras, iam amontoando o grão assim separado, para depois o ensacarem.

As diversas tarefas relacionadas com esta fase do ciclo do cereal foram sofrendo alterações, mediante a introdução de sucessivas modernizações, cujo início remonta à década de 50, quando a tracção animal é substituída pela tracção mecânica. Na eira colectiva, passaram a estar instaladas duas trilhadeiras particulares, accionadas com a correia de um tractor (*Foto 39*). Neste caso, eram os donos das respectivas máquinas que procediam à trilha do cereal da maioria dos agricultores, que lhes pagavam *à maquia* o frete, ou seja, uma percentagem da colheita. Apesar desta inovação técnica, uma parte considerável do trabalho era ainda efectuada à mão, nomeadamente a ceifa e as limpas, que continuaram a activar densas redes de entrajuda.



Foto 39 - Trabalho na eira (finais dos anos 50)

Só em meados da década de 70 começaram a aparecer as primeiras ceifeiras-debulhadoras-enfardadeiras que procediam de forma automatizada, já não na eira colectiva, mas nas próprias terras, às três operações principais, de ceifar, trilhar e fazer os molhos de palha. Actualmente, existem na vila duas destas máquinas que executam a ceifa e a debulha da quase totalidade das *terras de sementeira*. O cereal

continua a ser ceifado nos moldes tradicionais apenas nas terras de tal maneira pequenas (ou de difícil acesso) que impedem as manobras da ceifeira-debulhadora, sendo depois transportado para a máquina estacionada para, aí, se proceder à separação do grão da palha.

A total modernização desta tarefa de ponta do ciclo agrícola teve repercussões complexas a diversos níveis, sociais, económicos e simbólicos que não é possível desbravar de modo aprofundado na sua totalidade. De forma sucinta, pode dizer-se que, em termos sociais, a desvitalização da teia de relacionamento que outrora cimentava fortes laços de inter-dependência, bem como o ambiente festivo que lhe estava associado, surge como uma das consequências mais evidentes desta transformação, cujos efeitos se estendem a outros sectores de actividade. Em termos estritamente económicos, muitas explorações tornam-se inviáveis, na medida em que não dispendo de capital para custear as despesas de uma exploração que sobrevivia dos baixos investimentos, deixam pura e simplesmente de *fabricar-se*. Casos como os descritos por estes dois agricultores pluriactivos são paradigmáticos:

Do trigo, metade das terras estão por lavar, ninguém faz por elas. Há uma, rende pouco, à outra, a segadeira leva-o ela todo. Eu, este ano, tinha uma terra que deu onze alqueires de aveia, vou a vendê-la e fiz sete ou oito contos do cereal. O da máquina levou-me onze contos - e depois, claro, a gente perde o zelo das coisas.

(entrev. 8)

Antes havia só aquelas máquinas debulhadoras que se punham nas eiras e não andavam a tirá-las. As pessoas é que levavam o trigo para lá. Tinham um motor e havia trilha para o mês de Julho e Agosto. A gente trabalhava e ajudava-se uns aos outros. Foi a época em que em Sendim se produziu mais trigo. Neste momento não dá. Enquanto, antes, as pessoas se desgastavam a si próprias, hoje, desgasta-se o material. Mas é preciso dinheiro para esse material...Eu fabriquei uma terra: levou não sei quantos alqueires de trigo, depois o adubo, seis contos por ceifar, não sei quanto por enfardar. No fim, quando vou fazer as contas fiquei pior do que estava, e foi então que desisti. Hoje, o tractor leva a quatro contos à hora, por lavar a primeira vez, depois vem a máquina debulhadora e quer a catorze contos por ceifar. Ora como é que uma pessoa que não tem maquinaria, vai produzir trigo?

(entrev.14).

Apesar do aumento dos custos de produção ter conduzido ao abandono de algumas explorações, a actividade agrícola continua a ter um peso importante no contexto das actividades globais dos habitantes da vila que procuram minorar o investimento, cada vez mais elevado em relação a um rendimento em baixa, continuando a recorrer a trocas recíprocas de trabalho, cuja natureza da reciprocidade assume formas muito diversas e onde o mero interesse económico parece prevalecer sobre os laços de inter-relacionamento anteriormente consagrados nos períodos de ponta do calendário agrícola.

Deste modo, se a mecanização de algumas das principais tarefas do ciclo agrícola conduziu a uma alteração profunda das relações sociais que se traduz por uma forte desvitalização dos laços de interdependência tradicionais, cimentados em torno da sua execução, já a crise que tem afectado o sector agrícola tem conduzido a formas renovadas de entajuda com expressão tanto a nível social, como familiar.

Refira-se, concretamente, a situação frequente de grupos domésticos não mecanizados interactuarem, em diversas ocasiões, com grupos domésticos mecanizados, tentando os primeiros compensar com trabalho braçal os elevados custos do preço do frete da máquina e os segundos a situação inversa, evitando pagar os preços actuais das salários dos trabalhadores agrícolas que são considerados muito elevados. É o caso que é referido por um agricultor com uma exploração mista de vinha, cereal e pecuária:

Ainda há espírito de ajudar nalgumas pessoas, mas não é como havia aqui há uns anos, quando o pessoal era muito e, então, para não estar em casa parado, ia ajudar o vizinho. Eu, no meu caso, ainda encontro pessoas dessas porque, no que puder, também os ajudo a eles. Na questão da poda e na vindima, quase não pago uma jeira a dinheiro, faço-lhes outras coisas. E embora eu depois até vá pagar mais - por exemplo com um serviço do tractor ou com uma coisa que até dou, como um monte de estrume, que tenho a mais lá das vacas - não é monetariamente que pago, é com o trabalho. E eles depois oferecem-se, que eu nunca chamei ninguém para trabalhar. Apesar da vida agora ser outra, ainda há quem trabalhe assim, sem ser a pagar.

(entrev. 21)

Esta vertente de inter-ajuda que José Portela designou por *trabalho recíproco indirecto*¹⁶⁷ na sua proposta analítica de desagregação dos vários tipos de trabalho cooperativo, feita com base em observações efectuadas em duas aldeias trasmontanas (1986: 67), reflecte-se com particular visibilidade na esfera das relações familiares, traduzindo-se por uma forte interacção geracional. Dizia a este respeito um velho agricultor: *isto não dá nada, mas lá vamos fazendo os nossos bocaditos. Quando é preciso lavrar, ainda temos o rapaz que nos vem ajudar com o tractor, porque se fossemos a pagar, não compensava...*

Verifica-se, assim, que no panorama actual da agricultura local, a introdução de novas tecnologias, manipuladas sobretudo pelas gerações mais jovens ou pelos grupos domésticos pluriactivos, contribuiu para uma profunda alteração do jogo de forças entre os grupos domésticos tradicionais, manifestando-se ao nível das relações sociais pelo recuo dos agricultores plenos em favor dos não agricultores ou dos agricultores pluriactivos, enquanto ao nível familiar se assiste a um evidente afrouxamento das relações gerontocráticas do passado.

Num caso e noutro, se é possível reconhecer formas renovadas de entreajuda, é igualmente notório o desaparecimento *das dimensões extra produtivas de tais tarefas* (Ferreira de Almeida, 1986: 286) que são agora desenvolvidas, na maior parte das vezes, sem o prolongamento lúdico das sociabilidades festivas de outrora e num quadro familiar bastante mais restrito.

O caso da vindima - uma tarefa do ciclo agrícola onde a componente de trabalho manual é ainda bastante grande - permite, de igual modo, salientar alguns dos processos inerentes à transformação das relações de interdependência tradicionais, constituindo um exemplo igualmente expressivo da dissociação entre a festa e a actividade produtiva, como um dos aspectos mais visíveis da evolução que tem caracterizado a dinâmica local.

Sendo uma tarefa que continua a envolver um número alargado de cooperantes, a actual mobilização dos grupos de trabalho que se constituem, de forma espontânea,

¹⁶⁷«O trabalho recíproco indirecto traduziria os casos em que a compensação é ainda feita em trabalho, mas em tarefas alternativas. Por exemplo "malha por cava da vinha"». (Portela, 1986: 67).

neste período de ponta do calendário agrícola, permite evidenciar alguns pontos de ruptura com o passado que reforçam os principais vectores da transformação social anteriormente apresentados.

Face à actual crise que atravessa a adega cooperativa local¹⁶⁸, procura realizar-se a vindima sem o recurso ao pagamento de salários, através da mobilização de redes alargadas de cooperantes, o que tem contribuído, decisivamente, para a manutenção da maior parte das explorações de vinha.

Na formação espontânea destes grupos de trabalho são frequentemente apontados factores de interesse económico, considerados demasiado evidentes e conotados de forma negativa quando contrapostos à consagração das tradicionais solidariedades aldeãs:

Hoje em dia as pessoas quando vão a vindimar para este ou para aquele é só por interesse...Na vindima de fulano, por exemplo, posso-lhe dizer, exactamente, por que motivo estava lá A, B e C. Isto já não é nada do que era antes...ainda se vai para uns e para outros, mas só por interesse, não é por ajudar.

(entrev. 44)

Naturalmente que o cálculo de custos e ganhos não estaria ausente no passado, quando a realização das tarefas de ponta do calendário agrícola tinha lugar através de um sistema de reciprocidade, porventura mais imediato ou vinculador, podendo falar-se de uma certa permanência, previsível, na constituição dos grupos de trabalho, ao longo de vários anos.

Actualmente, a forma extremamente fluida e pontual como estas equipas se constituem e desfazem, variando, consideravelmente, de ano para ano, permitem configurar um real afrouxamento da tecitura de relações sociais que tradicionalmente acompanhava a execução dos trabalhos mais intensos, e que poderá ser interpretado como o reflexo da mobilidade social dos sujeitos envolvidos e com a diversificação das suas esferas de influência, por natureza igualmente móveis, tanto no tempo como no espaço.

¹⁶⁸Nos anos de 1993, 1994 e 1995 o *deficit* da Adega Cooperativa foi de tal maneira grande que a impossibilitou de fazer qualquer pagamento das uvas depositadas durante este período.

Por outras palavras, enquanto no passado, uma certa rigidez da organização social e a permanência de um modo de vida ligado ao espaço da aldeia, tenderia a consolidar as inter-relações dos grupos em torno de um padrão que era reproduzido ao longo de gerações; as profundas mutações que estão na base do esbatimento da hierarquia tradicional e do alargamento do espaço de conhecimento, levam-nos a considerar, hoje em dia, um movimento constante na construção de novas solidariedades, extremamente permeáveis às circunstâncias do momento e, talvez por isso, menos vinculadoras do que antes, acompanhando a dinâmica das trajectórias de vida dos actores sociais em presença.

A vindima constitui um bom exemplo de uma tarefa do ciclo agrícola cujos aspectos práticos da sua execução evidenciam uma estreita continuidade com o procedimento tradicional, mas onde a participação e composição dos grupos de trabalho sugerem inegáveis pontos de ruptura com o passado. Deste modo, se a modernização da agricultura produziu efeitos decisivos na desconstrução de relações sociais consolidadas em torno da dimensão cooperativa do trabalho, nem sempre os processos de mudança em curso decorrem de inovações tecnológicas, levando-nos a perspectivar as transformações sociais com base num modelo explicativo plurifacetado e aberto.

Além dos factores já referidos, é de salientar a fraca participação da juventude, ausente ou desinteressada dos trabalhos agrícolas, como um dos aspectos mais preeminentes que conduziram à erosão da componente lúdica que tradicionalmente acompanhava esta faina agrícola, conforme foi acentuado por diversos aldeãos:

Antes juntava-se muita gente na vindima, ia-se vindimar para um e ao outro dia ia-se vindimar para o outro. Na vindima é que era cantar à farta, quando andasse vindima já se sabia que era festa. Agora é uma coisa escalapachada, já não há aquela alegria, também agora já não há moças, só as velhas é que andam a vindimar.

(entrev. 45)

2. DO AJUSTE DE CONTAS AO PIQUENIQUE FAMILIAR - A FESTA DA TRINDADE.

A ausência da juventude é um aspecto que se reflecte em diversos níveis da organização social e da consagração das tradicionais sociabilidades aldeãs, tornando-se particularmente evidente no rumo de algumas das suas principais manifestações festivas. Tal é o caso da festa da *Trindade* - uma celebração profana ligada ao calendário litúrgico - à qual se dedica uma atenção particular, na medida em que constitui um ponto de observação estratégico utilizado para ilustrar uma vertente fundamental da dinâmica local anteriormente salientada: a erosão das sociabilidades intra-aldeãs que se prolonga com igual visibilidade na retracção, não menos significativa, do relacionamento entre as aldeias localizadas num perímetro próximo.

Desde que há memória que esta importante romaria local tem sido realizada num lugar emblemático, no cimo de um cabeço revestido de sobreiros, situado na confluência dos limites entre Sendim e Fonte Aldeia e de onde se avista o conjunto das aldeias circundantes.

Neste mesmo local foi erigida uma pequena capela dedicada à Santíssima Trindade, cujo dia litúrgico, o primeiro domingo depois do *Pentecostes*, constitui a data da realização da festa, conhecida como festa da *Trindade*, que outrora congregava todas as povoações limítrofes: além de Sendim e Fonte Aldeia, acorriam gentes de Prado Gatão, Palaçoulo, Águas Vivas, Duas Igrejas, Vila Chã, Picote, Atenor (fig.1, Anexo C).

Vinham aqui de todas as aldeias das redondezas, a mocidade juntava-se e todos os anos armavam zaragatas, ora por umas coisas, ora por outras. Era o "ajuste de contas", como lhe chamávamos. Aquele que tinha queixas para outro, chegava aqui e dava porrada. Nesse dia não havia justiça, e quem mais desse, melhor ficava.

(entrev. 45)

A festa era organizada por Fonte Aldeia que partia em procissão até ao cabeço. Das outras aldeias, iam chegando a pé, de cavalo ou de burro magotes de participantes de todas as idades que enchiam o recinto em torno da ermida.

«Os moços preparam seus varapaus, vestem rabonas, cobrem seus chapeirões, enfiam o calção; e parte alegre o bando à romaria. Aldeia em peso - pais e filhos pelos caminhos, a espaços atroando pelos ares, como uma revoada de cotovias implacáveis. Sobe-se o monte e a malta agora compacta dá volta à ermida por entre os outros ranchos de romeiros, cada qual mais bem vestido e melhor ourado, ao som de vivas e canções».

(Mourinho, 1991: 142)

Ao meio-dia tinha então lugar a celebração de uma missa solene, à qual poucos podiam assistir em virtude da exiguidade da capela. Finda a missa, grupos de rapazes das várias aldeias, armados de *calagouças*, *cajados* e paus - *a juventude passava o ano a pensar no seu cacete e a ornamentá-lo para o levar à Trindade*¹⁶⁹ - começavam a dar voltas à capela, organizando-se de acordo com a aldeia de origem. A ordem das rondas começava com Fonte Aldeia, que tinha a primazia por ser a promotora da festa, seguindo-se-lhe as restantes aldeias, em ordem decrescente de importância numérica.

Estes grupos masculinos tomavam o nome de *malta* e quanto maior era a *malta*, mais protagonismo tinha a aldeia correspondente. Cada grupo dava três voltas à capela, entoando cânticos de auto consagração, exultando o poder da respectiva aldeia e, em especial, a força da sua juventude: *siga a malta, siga a malta / siga a malta treme a terra / venha de lá quem vier / esta malta não arreda / Esta malta está parada só por não haver quem cante / agora chegou Sendim / siga a malta para diante!* As mulheres, por sua vez, assistiam a estas manifestações de força, constituindo claques organizadas que “puxavam” pelo seu grupo.

Após as rondas rituais, seguia-se uma merenda melhorada que era comida, em alegre confraternização, à sombra dos sobreiros do cabeço. Terminada a refeição, de

¹⁶⁹Este aspecto da festa da Trindade evoca as características genéricas do *jogo do pau*, na vertente de *jogo-combate*, referido por Ernesto Veiga de Oliveira como uma das manifestações lúdicas relacionada com as estruturas tradicionais das sociedades camponesas: *As posições e rivalidades vicinais, produto de velhas querelas entre a gente de aldeias próximas, a partir de motivos mais ou menos graves - «mulheres, águas, cães» -, e exacerbadas por um sociocentrismo indiscriminado (...) cristalizavam em rancores que perduravam ao longo dos anos e se transmitiam às novas gerações, e que reclamavam desforço ou vingança, a dirimir pelos próprios interessados (...)* (Oliveira, 1995: 321). Também Lorenzo Fernandez, em relação à Galiza fala de semelhantes *refregas a varapau nos lugares onde se verificassem ajuntamentos de gente de várias freguesias* (referido em Oliveira, *idem*: 321).

novo se reuniam os moços de cada povoado, dando vivas à sua aldeia e procurando desafiar as outras. O menor deslize acabava, geralmente, em cenas de pancadaria que podiam resultar de rivalidades entre aldeias, ou de questões mais personalizadas envolvendo indivíduos de diferentes aldeias.

As características desta romaria sugerem, com efeito, uma estreita consonância com as características genéricas do jogo do pau na área nortenha, na sua feição de *jogo-combate*, cuja descrição feita por Ernesto Veiga de Oliveira, permite integrá-la no mesmo tipo de manifestações lúdicas:

«Era mesmo corrente, duas aldeias rivais comparecerem tradicionalmente a determinadas romarias, para desforras sucessivas e encadeadas, das quais não raro a causa primária da dissidência já se diluíra. Nesses casos, as pessoas iam já dispostas ou mesmo com a intenção do combate, que se desencadeava ao menor sinal, pretexto ou provocação (...). E era o «varrer» da feira ou do terreiro, refregas épicas, verdadeiras lutas campais, de paus que se cruzam no ar no furor das pancadas (...), entre nuvens de pó, no meio da gritaria das mulheres que fugiam espavoridas em todas as direcções.»

(Oliveira, 1995: 322, 324).

Quando duas facções rivais resolviam enfrentar-se, procediam a um ritualizado *ajuste de contas*, começando por desafiar de forma directa e provocatória o ofensor. O ritual deste desafio consistia em traçar um risco no chão e dizer ao outro que visse se era capaz de o apagar¹⁷⁰... se este tentasse apagá-lo, logo se envolviam em abertos confrontos, ao qual acorriam em peso as respectivas *maltas* das aldeias em questão.

Aquilo os inimigos em se vendo e desafiando, pumba, era a carregar com as calagouças e paus, e atrás deles iam os povos a dar apoio. Aquilo era mesmo assim, quanto maior fosse a mocidade, mais batia, desatavam à cacetada... Havia sempre cabeças partidas e, uma vez, até cortaram a orelha de um tio! Aquilo era perigoso! A certa altura, já vinha a tropa de Miranda e tudo. À medida que as maltas chegavam ao cabeço, tinham que largar os paus e as calagouças junto a uma árvore, e só no fim, quando a festa acabasse é que as levavam...

(entrev. 18)

¹⁷⁰Na Galiza, de modo semelhante, pisar o risco que se fizera com o pau significava aceitar o repto (Lorenzo Fernandez, referido em Oliveira, *idem* p.324).

Sem nunca ter deixado de realizar-se, a festa da Trindade a que se assiste actualmente, já muito pouco tem a ver com o *ajuste de contas* que a caracterizava no passado - uma evolução que deixa agora mais tranquilos os seus participantes. Continua a ser organizada por Fonte Aldeia, mas o número de povoações que vão agora à romaria é bastante reduzido. Nos últimos três anos de observação, além desta estiveram presentes, apenas, Sendim e Picote - as únicas aldeias que fizeram as rondas rituais.

Desde que começou a gente a sair para a França, poucos povos continuaram a ir à Trindade e a festa passou a ser só com Sendim, Fonte Aldeia e, às vezes, Picote. Aqui há uma dúzia de anos, começou a renovar e, durante um par de anos, voltaram a aparecer também as outras aldeias, mas agora já só vêm, outra vez, Sendim, Fonte Aldeia e Picote.

(entrev. 21)

Não foi possível datar, com precisão, as sucessivas presenças e ausências das aldeias em questão. Contudo, conforme foi referido anteriormente, o surto emigratório dos anos 60 produziu uma certa quebra nas relações inter-aldeãs, que a partir dos anos 80 tenderiam a ser reactivadas, em consequência do retorno de uma parte dos emigrantes e de iniciativas pontuais das respectivas Juntas de Freguesia. Actualmente, assiste-se a uma nova retracção do número de aldeias que acorrem à festa da Trindade, como foi possível constatar através das observações efectuados nos últimos três anos.

É curioso notar como os fluxos e refluxos migratórios se repercutem, de forma significativa, na variação do número de aldeias participantes (ou ausentes) nesta romaria, cuja evolução permite acompanhar as sucessivas fases que têm caracterizado o relacionamento entre as várias aldeias da região - um aspecto que se manifesta, de igual modo, na dinâmica do espaço envolvido pelas trocas matrimoniais inter-freguesia, como foi analisada no cap. III.

A par das alterações directamente relacionadas com os efeitos demográficos neste fenómeno de participação colectiva, a transformação da festa e a sua actual persistência, ainda que desprovida de uma parte importante dos seus romeiros - menos aldeias e menos jovens - constitui um caso paradigmático da *folclorização* da

romaria de raiz camponesa que sem esvaziar o seu poder congregador lhe imprime um cunho muito diverso, podendo dizer-se que à festa contestação da ordem social, se sobrepõe, neste caso, uma festa produtora de decisivos efeitos de revigoração e de integração institucionais, apoiada, em grande medida, pelas acções do poder local.

Trata-se de um fenómeno que apenas é possível aflorar e que não será, obviamente, um elemento novo. Como é salientado por Pierre Sanchis:

«As festas, face ao dinamismo radical que as dirige, serão sempre pobres simulacros, parábolas abortadas de um mundo que nunca pode advir, realidades, é certo, e socialmente actuautes, mas essencialmente alusivas e sempre à mercê de manipulações ideológicas.»

(Sanchis, 1983: 331).

Para apenas referir os aspectos mais recentes da sua evolução, assiste-se actualmente a uma tentativa por parte das autarquias em afirmar e consagrar o seu reduzido poder através da apropriação de manifestações colectivas de índole diversa, aproveitando iniciativas conducentes à recuperação de segmentos desgarrados da sua cultura popular através da promoção de iniciativas para a dinamização das manifestações mais singulares, susceptíveis de ostentar um certo protagonismo regional. Tal parece ter sucedido em relação à festa da Trindade.

Considerada emblemática das relações inter-freguesia, e apesar do esvaziamento do seu grupo participante mais preeminente, é hoje uma ocasião de reencontro entre um número cada vez mais reduzido de aldeias, desprovidas da maior parte dos seus jovens, onde muitas vezes se integram elementos de puro espectáculo (grupos folclóricos, bandas de música, acordeonistas, etc.), financiados pelas respectivas Juntas de Freguesia, com o objectivo de atrair o maior número de participantes.

À volta da capela, cada aldeia continua a dar três voltas, e em vez de paus ou calagouças, são agora empunhados ramos cortados à pressa nos sobreiros envolventes. Da mocidade que outrora *passava o ano a pensar na Trindade*, poucos são os que hoje se deslocam ao cabeço neste dia festivo.

Depois deste ritual, que se observa mais do que nele se participa, a multidão volta as costas à ermida, formando pequenos grupos familiares que se dispersam em busca de uma sombra para merendarem em conjunto.

Antes também se faziam as merendas. Claro que não eram como as de agora, mas já se guardava um frango, criado em casa, para levar à Trindade. Depois, ali no terreiro, à volta da capela, juntava-se tudo. Todo o mundo ali ficava a comer a merenda. A seguir, fazia-se um baile muito grande com os povos todos. Agora não, já não se juntam os povos uns com os outros, e logo desaparece a gente cá para baixo quando acabam as rondas.

(entrev. 17)

Com efeito, nos últimos anos, esta romaria termina sempre com um piquenique familiar e em vez das *mocidades* do passado que ora se desafiavam ora dançavam em conjunto, estão agora presentes, além dos notáveis locais (residentes e *ausentes*), os aldeãos mais velhos e os migrantes internos que aproveitam esta ocasião para um reencontro com a sua terra¹⁷¹.

À consagração das tradicionais sociabilidades inter-aldeãs parece suceder-se, actualmente, um reforço das solidariedades familiares e intra-freguesia que emergem de forma particularmente evidente nas ocasiões festivas - uma atomização e privatização do social que se traduz nesta apropriação de um espaço simbólico de encontro, fortemente ancorado em memórias de infância e de juventude.

3. SANTA BÁRBARA, PROTECTORA DO CEREAL E AS NOVAS COLHEITAS.

Juntar todos os sendineses - Santa Bárbara em Agosto

Tanto quanto a memória dos mais velhos permitiu recordar, a festa de Santa Bárbara sempre foi a principal festa da aldeia - *era a festa do povo, até lhe chamavam a Páscoa de Santa Bárbara* - era também a festa que envolvia mais

¹⁷¹Trata-se, com efeito, de um período do ano em que a maioria dos jovens estão ausentes. No entanto, o mesmo já não se verifica durante as férias de Verão, e em particular no período da festa de Santa Bárbara, como adiante será referido.

participantes e a festa que mobilizava mais os mordomos, sendo estes recrutados para a organização das festividades do ano seguinte, desde o final das festividades do ano em curso¹⁷².

Tradicionalmente, esta celebração realizava-se no mês de Maio, no dia de *Pentecostes*, coexistindo, no ciclo das festividades, as vertentes religiosa e profana. Apesar da resistência da Igreja, que não via com bons olhos uma festividade desta natureza num dia tão especial do calendário religioso¹⁷³ - *uma data com uma solenidade quase tão importante quanto o dia de Páscoa*, referiu o pároco da freguesia - ela acabou por se realizar, durante vários anos, nesta mesma data, o que sugere a estreita articulação entre esta festa e o ciclo das colheitas, como atrás referido.

Com efeito, Santa Bárbara - *a protectora contra as trovoadas e os animais que danificam as culturas* - é venerada numa fase particularmente importante do ciclo de crescimento do cereal, e uma das principais colheitas da região, considerada até há alguns anos como a base do seu sustento. Dizia um informante a este respeito:

As pessoas são muito devotas a Santa Bárbara - dizem muitas vezes «vamos dar para Santa Bárbara para não nos mandar uma trovoada». A trovoada constituía um dos maiores desaires para as colheitas e era também essa altura a que representava maior perigo, pois era a época das grandes trovoadas.

Actualmente, a festa já não se realiza no dia de Pentecostes, mas sim no segundo domingo do mês de Agosto. É assim desde 1967, o primeiro ano em que Santa Bárbara passou a ser festejada em Agosto. Esta mudança de data resulta, obviamente, do novo ritmo social imprimido à aldeia na sequência do êxodo rural e do grande surto migratório ocorrido nos anos 60. Fazer a festa da aldeia quando uma boa parte da população se encontrava ausente seria um empreendimento votado ao

¹⁷²Contrariamente ao que sucedia com *os mordomos* dos outros santos, que eram nomeados pelo pároco na missa do dia 1 de Janeiro, de cada ano.

¹⁷³O pároco da freguesia referiu mesmo que *houve tempos em que o bispo indeferiu o pedido de festejar o dia desta maneira, mas era difícil ir contra a tradição, e acabou por ser realizada com a mesma sequência de sempre.*

inevitável fracasso - pouca gente, pouca participação, poucos fundos monetários, que não chegariam para celebrar um dos acontecimentos sociais mais expressivos da comunidade. A ideia de fazer a festa no mês de maior afluxo dos sendineses dispersos por vários locais do país e do estrangeiro foi colhendo adeptos, e hoje esta opção parece inquestionável.

A festa adaptou-se à evolução dos novos tempos, reforçando o seu poder simbólico identitário, à justa medida da realidade social truncada com que teve de coexistir. Tornou-se um ponto de encontro, revigorando-se, ano após ano, na tentativa de congregar em torno de si uma parte importante dos filhos da terra, ausentes por questões laborais¹⁷⁴. *A população revive muito esta festa. Ela é também uma reunião de família. Esta é a festa*, dizia um dos mordomos do ano de 1995.



Foto 40 - Passagem da mordomia para o ano seguinte

¹⁷⁴Ver Cruces e Díaz de Rada sobre a transformação do ciclo festivo num conjunto de aldeias da Estremadura espanhola, onde relacionam o recente revigoramento das festas de Verão com a celebração da reunião de conterrâneos separados pela emigração: «a comunidade enquanto rede de relações sociais só se encontra completa durante os meses de Verão. assim, um novo ciclo, derivado das férias urbanas, foi acrescentado ao ciclo agrícola e aos calendários litúrgicos e nacionais» (1992: 66). E também Boissevain (1992) sobre a emergência de novos padrões de articulação entre o ciclo festivo e as formas de construção social do tempo.

A entrega da festa

De uma das ruas da vila - a *Rua de Caminho de Prado* - caminha a nova mordomia, anunciada pelo pároco na missa do domingo anterior à festa. Da rua oposta - a *Rua do Baiunco* - vem a mordomia cessante, empunhando o estandarte de Santa Bárbara. No meio da praça, exactamente em frente à escadaria da Igreja, envolvido por uma multidão expectante, produz-se o simbólico encontro, um acontecimento particularmente alto das festividades: os dois grupos de mordomos, acompanhados das respectivas mulheres, cruzam-se e abraçam-se, o estandarte passa da velha para a nova mordomia - é a *entrega da festa*. A multidão aplaude comovida, rejubilando por esta ritualização da continuidade dos festejos.

A porta da Igreja está aberta de par em par, exibindo o andor de Santa Bárbara que serve de cenário a este acontecimento. Os mordomos cessantes sobem a escadaria e falam para a multidão, agradecendo a sua contribuição para a festa que todos fizeram. Os novos mordomos prometem empenhar-se nos preparativos do próximo ano e desde já iniciam funções, oferecendo bolos, tremoços e vinho para *todo o povo*. Os *ex-mordomos* respiram de alívio, por um ano passado *nestes trabalhos*. A multidão come e bebe alegremente, felicitando ora uns ora outros.

É assim que ano após ano, terminam e recomeçam os preparativos da festa de Santa Bárbara - a festa colectiva principal da vila, a partir da qual é possível acompanhar alguns dos aspectos inerentes à dinâmica da comunidade, apreendendo através dos diferentes modos de festejar, retidos pela memória dos mais velhos e observados no seu actual desenrolar, os aspectos mais visíveis das sucessivas integrações, inovações e transformações.

Há cinquenta anos, a festa era mais modesta do que hoje e a passagem da velha para a nova mordomia não tinha a actual projecção de espectáculo. Como dizia um aldeão septuagenário: *Antes não se entregava a festa na praça, ia-se a casa dos mordomos, e lá é que eles davam o vinho e os tremoços, iam os mordomos velhos com a banda e depois o povo todo que queria atrás...*

Com a integração da dimensão de espectáculo em diversos momentos do ciclo da festa, e na *entrega da festa*, em particular, dir-se-ia que o que é hoje consagrado,

numa cerimónia aberta a todos, no recinto mais colectivo possível - a praça pública - será, talvez, a garantia do que, também todos recebem estar mais periclitante do que nunca - a continuidade da festa. *A festa tem evoluído muito. Hoje atingiu proporções que por vezes se questiona se se conseguirá manter. Quem aguenta a festa é a própria população e se a população é cada vez menor, cada vez há menos fundos...*

No entanto, se é verdade que a população residente tem decrescido, de ano para ano, não deixa de ser fundamental o contributo dos ausentes, em especial dos emigrantes, para quem a festa de Santa Bárbara constitui um momento privilegiado para reactivar a sua integração na vila, contribuindo com avultadas esmolos. Uma situação que nos leva a relativizar o depoimento deste aldeão, pois o decréscimo populacional não tem, de modo algum, sido acompanhado por um decréscimo dos fundos angariados para a realização da festa. Antes pelo contrário, os ausentes desempenham um papel fundamental no financiamento da festa, aproveitando esta ocasião especial de consagração colectiva para a afirmação da sua pertença à comunidade.

Organização da festa - antigas e novas mordomias

A responsabilidade da organização dos festejos está a cargo de um grupo de *mordomos* - nome pelo qual são designados todos os zeladores dos santos. Inicialmente, quando a festa era ainda realizada no mês de Maio, a mordomia era constituída apenas por dois indivíduos. Entretanto, à medida que a festa se foi complexificando, a comissão organizadora foi engrossando o seu número de elementos, que já era de três quando a festa passou para Agosto, aumentando para quatro em 1980, depois para seis em 1986, sendo constituída, desde 1992, por oito elementos (altura em que passou a integrar dois emigrantes que voluntariamente se ofereceram para colaborar na organização dos festejos).

A sua organização exige uma cuidadosa preparação, e em virtude das decisões que é necessário tomar e das avultadas somas em dinheiro que é necessário gerir¹⁷⁵,

¹⁷⁵Nos últimos anos foram dispendidos entre 5000 a 6000 contos na organização dos festejos, segundo informação das anteriores mordomias.

efectuam-se reuniões periódicas (geralmente quinzenais), procedendo-se, desde logo, a uma distribuição de tarefas no interior da comissão organizadora. É eleito um *presidente* (cujas funções principais são as de gerir eventuais dissonâncias internas, dinamizar o grupo organizador, promover acções das quais resultem o benefício dos destinatários da festa); um *secretário* (que tem a incumbência de registar as resoluções tomadas nas sucessivas reuniões de trabalho e dar apoio ao presidente) e um *tesoureiro* (que efectua a escrita do movimento financeiro, procedendo ao pagamento das despesas correntes).

O cargo de mordomo é rotativo e são escolhidos indivíduos com residência permanente na aldeia (exceptuando-se o caso dos dois emigrantes, que procura eleger-se tendo em vista uma localização estratégica nos dois pontos-chave de residência da maior parte dos sendineses radicados em França: Fontainebleau e Paris). Escolhem-se pessoas casadas, *com a sua vida já organizada*, e de preferência com filhos em idade de colaborar (raramente são escolhidos mordomos com crianças ainda pequenas). Cada mordomo cessante indica um novo mordomo para o ano seguinte, a quem faz uma sondagem directa sobre a sua eventual receptividade e disponibilidade para o cumprimento da função de que se pensa incumbi-lo.

Apesar da grande responsabilidade e trabalho inerentes ao desempenho do papel de mordomo de Santa Bárbara, constitui um ponto de honra receber tal nomeação, e é com grande orgulho e empenhamento que se aceita o cargo. Como dizia um dos futuros mordomos: *Vieram-me falar para eu ser mordomo no próximo ano. Não é que me desse muito jeito, pois tenho muito que fazer e ando por fora várias vezes. Mas, é claro, apesar do trabalho que dá, a gente fica satisfeito por ser escolhido, é assim como uma honra. E nunca pensei em dizer que não.*

Destes contactos individuais efectuados, caso a caso, por cada um dos elementos que integram a comissão de festas anual, resulta um novo grupo de mordomos que assegurará a organização dos festejos do ano seguinte. Assim, no domingo anterior ao domingo da festa, está já constituída a nova mordomia que é anunciada pelo pároco no final da missa, como, aliás, já sucedia no passado.

Contudo, e como já foi referido, enquanto em relação aos mordomos de outros santos, a sua nomeação é feita, anualmente, pelo pároco da freguesia, no primeiro dia do mês de Janeiro, já no que diz respeito aos mordomos de Santa Bárbara, e desde que a festa foi transferida para o mês de Agosto, se verifica uma transferência directa de responsabilidades, de mordomia para mordomia, que escapa à mediação da igreja. É um aspecto que não deixa de ser evocativo de uma certa erosão da figura hegemónica do pároco e que será retomada mais adiante.

A nova comissão começa a trabalhar logo que lhe é *entregue* a festa, na cerimónia a que se aludiu anteriormente. Apesar de apenas serem nomeados publicamente os *cabeça-de-casal*, as mulheres têm um papel extremamente activo no decorrer de todo o processo de preparação das festividades, um papel fundamental, sendo, até, porventura, mais activas do que os homens, conforme foi salientado de forma unânime pelas anteriores mordomias contactadas.

Com efeito, tratam da preparação de comidas, desde a entrega da festa até ao seu encerramento, passando pelas diversas ocasiões em que através de acções de venda de refeições em determinadas romarias locais se vão angariando alguns fundos para o arranque das primeiras contratações dos artistas convidados. Destaca-se a este respeito, no início de Setembro, a *Festa do Naso* - uma romaria muito importante a nível regional, à qual afluem pessoas de todas as povoações vizinhas - onde a comissão de festas monta a sua primeira tenda de comes e bebes que constitui um dos momentos de particular intensidade dos trabalhos da mordomia, sendo recompensado pela elevada rentabilidade daí decorrente. Dizia um dos mordomos: *No Naso, aquilo é que é trabalhar, mas a gente fica satisfeita - é o primeiro dinheirinho à vista que se faz - é o primeiro empurrão, e geralmente já dá para fazer alguns contratos.*

A comissão de festas tem, assim, a seu cargo, além da concepção e organização do programa das festividades, a promoção de um conjunto diversificado de actividades ao longo do ano, conducentes à angariação de fundos para proverem ao custeamento das despesas necessárias.

A divulgação da festa é feita através de cartazes e panfletos, nos quais consta sempre a imagem de Santa Bárbara bem como o calendário dos festejos. A sua distribuição é efectuada cerca de um mês antes do domingo da festa, num raio de

acção que engloba o Concelho de Miranda do Douro, os concelhos limítrofes de Mogadouro e Vimioso, estendendo-se a outros concelhos do distrito, como Macedo de Cavaleiros, Mirandela e Bragança, e também à vizinha Espanha, onde são espalhados cartazes em diversas povoações próximas, até Zamora.

Na festa tradicional de Santa Bárbara era possível entrever, tal como hoje, a participação conjunta do clero e do povo na organização e preparação dos festejos, muito embora a festa actual evidencie grandes alterações no conteúdo e extensão da dimensão, dita profana, do ciclo festivo.

Em continuidade com o passado, destaca-se, por um lado, o peditório efectuado pelos mordomos no domingo de festa (actualmente no 2º domingo de Agosto; antes de 1967, no dia de *Pentecostes*) e, por outro lado, as celebrações religiosas.

O peditório pela vila - Na manhã de domingo, o dia começa com um trabalho árduo para os mordomos. Cerca das nove horas da manhã, já se encontram reunidos no átrio da igreja, de bandeja na mão, prontos a começar o peditório. Já assim era há 50 anos atrás, mas agora, com o crescimento de casas por todos os lados, a tarefa complexificou-se. Cada mordomo pede ajuda a dois ou três amigos para facilitar a recolha. Duas bandas de música são agora contratadas, em vez de uma. Da *rapaziada* que outrora seguia a banda, hoje, nem viva alma. Dois fogueteiros estão também presentes e transportam um braçado de foguetes, prontos para serem lançados, quando a esmola for de feição.

Começa o peditório: os mordomos dividem-se em dois grupos e combinam o itinerário para a volta à vila ficar completa. Vão andando de porta em porta, percorrendo todas as casas, acompanhados da banda e do fogueteiro. O dinheiro vai caindo, a banda vai tocando e os foguetes ribombando. Aqui e ali alguém diz que se a banda não toca, não dá; se o foguete não rebenta, não dá; se não lhe baterem à porta, não dá. Mas no final, todos acabam por contribuir, à medida das suas possibilidades, recolhendo-se, por vezes avultadas esmolas que chegam a atingir os 50 000 escudos, por casa.

Terminado o peditório, os dois grupos de mordomos juntam-se ao fundo da rua principal, acompanhados das respectivas bandas de música, e desfilam em uníssono

até à igreja. É na sacristia que se procede à contagem do dinheiro, que constitui a etapa final do processo de angariação de fundos¹⁷⁶.

As celebrações religiosas - A organização e sequência da festa religiosa, sempre foram sensivelmente as mesmas. A dimensão era, contudo, menor. A igreja está repleta de gente para assistir à missa que é uma missa cantada, acompanhada pelo coro e um orador de fora é convidado para proferir o sermão.

Depois da missa, realizada às 14 horas, segue-se a procissão, onde são integrados diversos andores, que se sucedem ao andor de Santa Bárbara, transportado em ombros pelos mordomos. Actualmente, no que diz respeito ao conteúdo ornamental e corroborando a afirmação do pároco da freguesia, pode dizer-se *que a procissão está mais enriquecida do que antes*, pela inclusão de várias figuras alegóricas, encenadas por crianças vestidas com os trajes alusivos. O mesmo se não verifica em relação à presença de crentes, sendo notoriamente menos participada, como pôde constatar-se pela dispersão de pessoas que não integravam a procissão, ficando a vê-la passar, à porta dos cafés das imediações, ou no próprio recinto da praça.

Apesar dos mordomos terem efectuado várias tentativas de alteração da ronda da procissão, no decorrer dos últimos anos, com o objectivo de abarcar todo o anel do espaço social da vila, o percurso actual consolidou-se com uma configuração semelhante à do percurso tradicional, enveredando por uma das ruas mais antigas do núcleo habitacional primitivo - a *Rua do Canzelo* - subindo por uma outra das ruas do mesmo núcleo - a *Rua da Frágua* - e dando depois uma volta completa à Igreja, onde os ornamentos são repostos nos respectivos lugares (fig. VII, Anexo C).

Na análise das sucessivas alterações da ronda da procissão, revela-se particularmente adequada a observação de Pierre Sanchis em relação às tensões entre

¹⁷⁶A soma dos últimos peditórios chegou a ultrapassar os 1000 contos, o que é considerado uma óptima contribuição para a festa. Houve já outras esmolas anteriormente, embora mais modestas, que começam a ser recolhidas nas missas dos 4 domingos que antecedem o domingo da festa. Geralmente, as pessoas reservam a contribuição mais generosa para este peditório especial.

o clero e o povo¹⁷⁷, que muitas vezes transparecem no processo de tomada de decisão do itinerário a seguir:

«[...] estabelece-se [...] uma dialéctica do espaço, empenhando-se a Igreja em restringir o círculo à volta do (seu) santuário, lugar onde a sua autoridade é mais integral, ou então, no meio das ruas centrais onde, na pedra e na disposição das casas, a cidade ou a aldeia afirma a sua dignidade; o povo, pelo contrário, desejando alargar ao máximo o círculo processional e fazer comunicar a sua vida mais concreta e simples com o sagrado, anular a distância a que ele se encontra, misturá-lo aos seus jogos e aos seus amores no arraial, torná-lo quotidiano e familiar».

(Sanchis, 1983: 134)

Ir para ver - a festa "espectáculo"

Antes não havia quase diversões, não havia os rendimentos que há hoje, nada dos enfeites de agora - enfeitavam-se as ruas com uns pinhos e punha-se-lhe uma bandeira na extremidade. Apenas havia um dia de arraial. Agora é uma grande festa, mais moderna, mas não tem aquele gosto que tinha antigamente - a mocidade estava à espera daquela festa para dançar, para se divertir, e agora a festa não é feita com os novos - é feita com pessoas já casadas, porque dos novos, já não há ninguém nos arraiais. Fazem um arraial lá para baixo para as eiras - aquilo foi o que acabou com a festa. Antes era feito só na praça - e a mocidade ficava ali: velhos e novos, ficava ali toda a gente. Agora os novos metem-se nas discotecas e nos cafés; e os velhos já lhe doem as pernas e não podem dançar. Nem de longe nem de perto tem aquele gosto de antigamente - é uma festa muito grande, tem aqueles arcos e aqueles foguetes, mas nada... Não se vê quase pessoas a dançar, andam para um lado e para o outro...

(entrev. 45)

Este depoimento de um aldeão, sintetiza de forma extremamente expressiva como alguns dos aspectos inerentes à transformação social da aldeia se reflectem no modo de festejar, reforçando nesta comparação com a festa do passado, os efeitos da actual coexistência de sistemas de valores geracionais tão díspares quanto os que puderam ser evidenciados nos capítulos anteriores em relação às diferentes formas de estar, de cultivar, de consumir.

¹⁷⁷Sobre a interferência da Igreja na celebração das festividades, no contexto das Festas do Espírito Santo nos Açores, ver João Leal (1994: 271-282)

Se em relação ao passado é possível falar-se de um estreito convívio intergeracional nos principais momentos de consagração colectiva, que constituía o prolongamento do padrão de cooperação nas actividades produtivas, actualmente, são emblemáticos os sinais de segregação geracional, manifestos em diversos momentos da festa, como por exemplo através da coexistência paralela de dois tipos de música - a banda e os conjuntos - cuja diferenciação é reforçada por uma segregação dos espaços de festa - na praça, que envolve a igreja matriz, toca a banda, enquanto nas antigas eiras tocam os conjuntos.

Os principais pontos de ruptura em relação à tradicional festa da aldeia incidem, sobretudo, no fausto das actuais decorações; na extensão do ciclo festivo; na forma de viver a festa e no *dinheiro que se estoura*.

O fausto das actuais decorações - quinze dias antes do domingo de festa, uma empresa contratada para o efeito¹⁷⁸ encarrega-se de proceder à decoração da vila, com os arcos coloridos e luminosos, geralmente utilizados em ocasiões desta natureza. A rua principal - *Rua de Caminho de Prado* - é toda ornamentada desta forma, bem como o início das ruas que partem da igreja matriz. Nas outras ruas e travessas menos frequentadas, e também mais longínquas, usa-se ainda a decoração tradicional, colocada pelos mordomos, que consiste num ramo de pinheiro encimado por uma bandeira de cor.

Na zona central, são instaladas colunas de som, emitindo música popular e anúncios publicitários, durante o período festivo.

A extensão do ciclo festivo - Enquanto outrora o ciclo festivo profano começava na véspera do domingo de festa, com um arraial realizado na praça, ao som da banda de música, actualmente tende-se a prolongá-lo por vários dias da semana que antecede o dito domingo, podendo mesmo ocupar toda a semana desde o fim-de-semana anterior, com um calendário de actuações diárias, que inclui ranchos folclóricos convidados, concursos desportivos, noites de variedades com artistas convidados, etc.(doc. 6, Anexo A). A marcar o início e os pontos mais altos da festa,

¹⁷⁸Os custos desta decoração podem atingir cerca de 1500 contos.

não falta a salva de morteiros diária e matinal, lembrando a todos, por volta das 8 horas da manhã, que Sendim está em festa.

Apesar da extensão do programa de actividades, o afluxo de gente à vila só começa a verificar-se, com maior intensidade, na quinta e sexta feira anteriores ao fim-de-semana da festa, manifestando-se no grande movimento de chegadas, tanto dos sendineses ausentes, como de pessoas das aldeias circunvizinhas.

No último ano de observação (Agosto de 1996) uma das principais atracções da festa - a actuação de dois cantores populares, conhecidos dos *écrans* de televisão - teve lugar na noite de sexta-feira, enchendo por completo o recinto da praça, onde a multidão se apinhava à roda do palco. Novos e velhos, assistiam ao espectáculo que parece ter sido o único momento de grande comunhão consensual das festividades. Apesar de os aplausos terem sido pouco efusivos, ouviam-se comentários de agrado e poucos arredaram pé antes do final.

Na manhã de sábado, Sendim acordou sob um nunca mais acabar de ribombar de foguetes, lembrando a todos que a festa iria continuar. Começaram também os preparativos para o arraial - desta vez, o local de concentração seria nas antigas eiras, junto ao edifício dos bombeiros, com as vias de acesso vedadas ao trânsito. Os mordomos iniciaram o dia com a montagem do palco onde, à noite, iriam actuar dois conjuntos musicais. Toda a mordomia participou nos preparativos e, os que podiam, faziam-se acompanhar pelos seus filhos. Este é um trabalho de homens. Em casa, as respectivas mulheres preparam as refeições do dia seguinte, quando tiverem de dar hospitalidade aos músicos das bandas contratadas.¹⁷⁹

Entretanto, na vila, há grande azáfama e movimento, um vai e vem típico dos dias de festa. Fazem-se compras para o almoço melhorado do dia seguinte, os cafés enchem-se de gente. Muitos ausentes continuam a chegar. À noite, esta movimentação continua, concentrando-se à roda do palco onde o conjunto convidado começa a afinar os instrumentos. O recinto está preparado para se fazer um baile, mas poucas são as pessoas que dançam. Deambulam para cá e para lá, vestindo roupas

¹⁷⁹Geralmente, dividem-se os elementos das bandas pelo número de mordomos, estando as refeições do dia a cargo de cada um deles.

domingueiras, ausentes e aldeãos cumprimentam-se, conversando alegremente ao som de amplificadores estridentes. É festa.

A forma de viver a festa - no domingo à noite, depois do peditório pela vila, das celebrações religiosas e da *entrega da festa*, volta de novo a haver arraial. Desta vez, prepararam-se dois recintos para o efeito - um, na praça, onde irão tocar as duas bandas de música contratadas; o outro, no mesmo local onde se havia efectuado o baile do dia anterior, continuando o palco a servir para a actuação dos conjuntos locais. Dois espaços, dois tipos de música, duas gerações como supostos destinatários.

A juventude participa mas de forma diferente dos meus tempos. Vem ver as variedades. À banda nenhum liga, só aos conjuntos (e é preciso que sejam bons). À noite, no domingo, a banda toca na praça só para os mais velhos. Nas eiras os jovens estão com os conjuntos. Por vezes dá-se por lá uma volta, só para dizer que se foi à festa.

(aldeão, 50 anos)

O som da banda é abafado pelos amplificadores eléctricos dos conjuntos, a meio caminho ouve-se uma rocambolesca mistura sonora, sendo difícil tomar uma opção. A população divide-se, e deambula perdida, para um lado e para o outro, sem *assentar arraiais* em parte alguma.

Velhos e novos, seguramente por motivos diferentes, pouco ou nada dançam: os primeiros já cansados; os últimos, preferindo dançar longe dos olhares dos primeiros, e a festa tornou-se espectáculo - está-se lá para ver.

Este alheamento da juventude, visível até no modo de festejar, reproduz, de certo modo, a sua presença ambígua nos restantes dias do ano - meio cá, meio noutra sítio, preparando um futuro que dificilmente se concretizará na aldeia, onde, no entanto, os prendem laços familiares e amigos de infância.

Nos últimos dois anos, uma iniciativa de um conjunto de jovens para dar voz a este hibridismo inconciliador, levou-os a organizar uma festa paralela com todos os ingredientes para ser considerada uma festa de contestação. Deram-lhe o nome de *rave party* - um nome bastante expressivo para se compreender que é de contestação que se trata. Em Agosto de 1995, escolheram o domingo de festa para a organizar,

enquanto decorria o supostamente animado arraial do povo. Prepararam como espaço da sua festa um sítio suficientemente afastado do núcleo populacional - como que a marcar uma presença deliberadamente distanciada. Contrataram a sua música (uma sofisticada aparelhagem sonora semelhante à das discotecas) e preparavam-se para fazer a sua festa.

O assunto chegou aos ouvidos da comissão organizadora, que não viu com bons olhos esta manifestação da juventude, e desde logo arranjou maneira de a boicotar - os contentores de estrume de vaca que resolveu vazar no recinto preparado para o efeito, foram suficientes para desmobilizar mesmo os militantes mais empenhados, e a festa desfez-se.

Em Agosto de 1996 foi preparada uma acção da mesma natureza, pelos organizadores do ano transacto, mas desta vez de forma mais cautelosa, respeitando os dias da festa de Santa Bárbara. Realizou-se no dia subsequente ao encerramento dos festejos e as infraestruturas sonoras foram semelhantes às referidas em relação ao passado ano. Na escolha do local, manteve-se a mesma preocupação de marcar um deliberado distanciamento, tendo sido preparado, para o efeito, um terreno ermo junto à margem do rio Douro, cujo acesso é feito através de um sinuoso caminho distando cerca de 5 quilómetros em relação ao núcleo populacional.

Desta vez, a juventude festejou à sua maneira, mas à vila, apenas chegou um tímido eco de suposta rebeldia, de objectivos pouco claros, de condutas duvidosas, preferindo ignorar-se a satisfazer a curiosidade: *quiseram fazer uma festa lá para o rio...eu sei lá! Parece que aquilo foi um fiasco...* (aldeão, 55 anos).

Do dinheiro que se estoura - À medida que a tradicional festa aldeã colectiva se vai tornando espectáculo, passa a ser, ano, após ano, mais dispendiosa. Há que a fazer suficientemente atractiva para que o poder congregador de que se encontra imbuída possa efectivar-se.

A festa *ponto de encontro*, fenómeno social identitário de uma comunidade feita de pedaços dispersos, é também uma manifestação agonística, cuja eficácia simbólica é tanto maior quanto melhor for ostentada a sua pujança. O excesso (de ruído, de dinheiro, de foguetes, de dias de festejos) faz parte integrante da festa sendo

através do esbanjamento que a comunidade se afirma, um pouco como no *potlatch* dos Kwakiutl. E para esta afirmação anacrónica (porque em cada ano há menos gente, menos empregos, menos subsídios, menos jovens, menos crianças) não há anos bons, nem anos maus (como quando as colheitas mais ou menos fartas produzem uma festa mais ou menos rica), mas em cada ano a festa tem de ser melhor do que no ano anterior.

A diversos níveis de observação encontramos este espírito competitivo de que tem sido feita a festa nos últimos tempos - a *festa de todos os sendineses*, a festa espectáculo, a maior festa do Concelho:

- Ao nível individual, *estar à festa* e dar uma boa *esmola* é uma forma de afirmação de status que, além de contribuir para o reforço e manutenção de uma identidade colectiva que visa consagrar, traduz com inusitada transparência o jogo de forças que permeia o renovado espaço social. Este aspecto é particularmente evidente no caso dos ausentes - emigrantes ou migrantes internos - que, através de avultadas contribuições monetárias, marcam a sua integração na comunidade, reclamando-se como os principais responsáveis pela continuidade e sucesso da festa.

- Ao nível do grupo organizador, ser capaz de fazer uma festa melhor do que a que fizeram os mordomos anteriores pode, igualmente, ser entendido como uma forma de ostentação e afirmação de prestígio, sugerindo, de forma clara, a apropriação da festa como ocasião privilegiada para a consolidação de um lugar de destaque na vila que é possível entrever não só pelo carácter competitivo entre mordomias de anos sucessivos que *querem mostrar que fazem uma festa mais forte que os do ano anterior*, como também pela constituição das recentes mordomias..

No que diz respeito à composição do grupo organizador, verifica-se, com efeito, que ao longo da última década é notória a ausência (ou reduzida participação) de agricultores plenos, sendo as mordomias constituídas, sobretudo, por comerciantes, pequenos empresários ou agricultores pluriactivos que ocupam actualmente as posições cimeiras na vila, em termos económicos e de prestígio social.

- A dimensão da festa espectáculo e a sua propaganda num raio alargado, constitui, por sua vez, uma forma de afirmação à escala regional, sendo através da dimensão de uma festa espectacular que Sendim procura reforçar o seu protagonismo a nível regional.

A inclusão de elementos exteriores, símbolos de modernidade e urbanidade - como as decorações importadas, o fogo de artifício ou os cantores populares - contribuem, em unísono, para abrilhantar uma festa que antes acabava com um modesto balão de fogo a perder-se de vista, e que agora chega a ultrapassar os seis milhões de escudos nos pagamentos dos contratos dos artistas convidados e a fazer estoirar as miríades de mil cores que se esfumam pelos ares, para mostrar que em Sendim ainda se faz festa.

Questionado sobre o rumo que tem tomado a festa de Santa Bárbara em Sendim, disse peremptório um dos membros da comissão de festas do ano de 1995-96:

Com o bairrismo de Sendim, penso que a festa vai durar ainda muitos anos. Há aqui muita gentinha de outras aldeias do concelho que tem inveja desta festa, mas nós dizemos - Fazei como nós, trabalhai!

Mais céptico foi o comentário do pároco:

A festa é capaz de não se conseguir manter com a mesma grandiosidade. Acarreta muita despesa e trabalho. Isto é coisa a mais, mas cada um vai estoirando a pólvora que pode...

4. VILA DE VERÃO / VILA DE INVERNO

A vila vive, assim, ao ritmo de diferentes formas de estar, cuja visibilidade escapa aos recenseamentos oficiais mais fidedignos e às sistematizações globalizantes que mostram, com uma crueza inquestionável, a dimensão do êxodo rural e agrícola.

Com efeito, o despovoamento dos campos tem constituído uma questão central nos estudos sobre o desenvolvimento regional e, particularmente sobre a questão rural. No caso português, o problema da desertificação do interior, em contraste com a elevada densidade urbana do litoral - a célebre assimetria interior *versus* litoral - tem constituído um problema crucial e constante ao longo da história económica e social do nosso país.

Os dados estatísticos oficiais sobre os diversos factores de índole demográfica, económica e social são unânimes nesta divisão regional do país, onde baixa densidade demográfica, forte envelhecimento populacional, atraso económico e ruralidade se encontram em ténues manchas pinceladas ao longo da faixa interior do país, contrastando com as escuridão das manchas que mostram, no litoral, a convergência de factores como elevada densidade, rejuvenescimento populacional, urbanização e industrialização (Gaspar, 1987, 1988).

Contudo, o país talvez possa ser visto de outra forma, considerando diferentes períodos do ano - um contraste que escapa aos levantamentos estatísticos e às análises sociológicas extensivas, que dificilmente dão conta dos fluxos e refluxos individuais ao longo do ciclo anual, ancorando os sujeitos inquiridos, a um espaço circunscrito, a um número de código inflexível, a uma residência principal imutável.

A abordagem antropológica, concebida a partir de sociedades de pequena dimensão, da interacção pessoal relativamente observável, quando se debruça sobre as sociedades complexas, mantém a mesma preocupação pela observação à pequena escala, procurando, a nível micro dar relevo às relações sociais que compõem o tecido social. Esta mudança de escala permite focalizar determinados fenómenos, apenas visíveis nessa pequena escala. O caso da desigual desertificação dos campos ao longo do ciclo anual, parece-me ser um deles.

O conhecimento desta pequena vila contraria a imagem, correntemente difundida, do grande adormecimento e atraso das zonas rurais do interior, evidenciando um forte movimento de atracção-repulsão, que se particulariza num *vaivém* contínuo entre a cidade e o campo, com trajectórias de sentido contrário ao longo do ano e também ao longo do ciclo de vida dos indivíduos, constituindo um aspecto fundamental da sua dinâmica social.

É uma pista que se revelou particularmente interessante a aprofundar em relação a outras regiões do interior português e que, por seu lado, nos conduzirá a articular dois fenómenos convergentes nos movimentos internos da população: a macrocefalia lisboeta e o seu esvaziamento durante certas épocas do ciclo anual.

A imagem de um mundo rural semi-deserto, semi-abandonado, pode ser questionada se forem focalizados diferentes períodos do ano. Com efeito, esta pequena vila vive (e sobrevive) a dois ritmos, a duas estações: Verão e Inverno constituem duas realidades sociais contrastadas que se completam e têm permitido que a vila ultrapasse as graves crises sociais que atravessam as tradicionais sociedades rurais, dando mesmo sinais de um grande dinamismo.

Sendim é, assim, diferente consoante a estação do ano em que a observemos. Este ritmo diferencial, é também favorável à pluriactividade, desenvolvida no contexto de uma produção ainda fortemente confinada ao grupo doméstico, maximizando-se os períodos de Inverno, mais libertos, com os trabalhos não agrícolas, e reservando-se a altura da sementeira e das colheitas para uma dedicação mais intensiva à agricultura, quando se pode contar com algumas ajudas bem-vindas dos que voltam à vila.

As sementeiras de Outubro, pouco tempo depois da vindima, marcam o início do ano agrícola; paralelamente, inicia-se, também, o ano escolar - os que ficaram prosseguem as tarefas rotineiras; os outros vão partindo, dia, após dia, para os seus locais de trabalho ou para as suas escolas, deixando, com pena, aquela que sentem como a sua casa e a sua terra.

O ano vai-se desenrolando, com algumas incursões breves, quando os estudantes dispersos por várias cidades (Porto, Bragança, Lisboa, Vila Real) vêm passar o fim-de-semana à vila, ou alguns *ausentes* (especialmente os migrantes internos) aproveitam para realizar pequenas estadias, durante feriados mais prolongados e ocasiões festivas diversas.

Chega o Verão¹⁸⁰ e a vila transborda - dia, após dia, aparecem por todos os lados, carros atulhados de gente e de mercadorias, trazendo *às revoadas*, os ausentes dispersos pelos vários cantos do mundo. Os aldeãos, sentados nos mesmos bancos onde passaram os dias mais insolarados do calmo e tranquilo Inverno, observam com agrado estas chegadas contínuas. Entre beijos e abraços, há sempre um parente que volta.

Retirados das páginas do *diário de campo*, alguns excertos, registados nestes dias de particular intensidade da vida social, ajudam a dar uma pálida ideia deste movimento.

Sendim, 8 Agosto de 1994

...As ruas começam a movimentar-se e, enfeitadas, esperam pelos sendineses espalhados pelo mundo. A cada carro que passa, espreita-se e diz-se para si próprio, é fulano que chegou. Nas ruas aqui e ali, carros de matrícula francesa que aparecem, pessoas *parlando* francês que se ouvem. Sorrisos e abraços, é mais um parente ou amigo que se revê. *Vem por muito tempo?* - perguntam os aldeãos. *Sim, ficamos para a festa.* - solidarizam-se os ausentes. Os cafés estão mais cheios do que nunca, as lojas jamais desfalcaram tanto os seus *stocks* e, nas casas fechadas durante a maior parte do ano, limpam-se as teias de aranha que se foram instalando, ligam-se os frigoríficos que se vão recheando com a vitela que se saboreia com agrado. Alguns, mais cuidadosos, fazem pequenas reparações: nas fechaduras que teimaram em enferrujar, nos vidros que algum pássaro intrometido estalou; ou dão uns retoques de tinta aqui e ali para se sentirem verdadeiramente em casa. Há grande *azáfama*.

Os que vivem todo o ano na vila querem ter tudo em ordem para receber os filhos, os genros, as noras, os amigos. Os que estiveram fora querem que a casa fique operacional para usufruírem deste tempo de permanência. É a aldeia que se enche, os mordomos da festa que tratam dos últimos preparativos, o padre que ensaia o sermão, e as pessoas que, atarefadamente, reatam antigos canais de sociabilidade, apenas interrompidos por um “emprego” que os levou daqui para fora, para mais ou menos longe. (...)

Sendim, 11 Agosto de 1994

...Continuam a chegar carros de matrícula francesa, em geral bons carros, com rostos de emigrantes ao volante, e uma prole descaracterizada no banco de trás. A aldeia vai-se enchendo aos

¹⁸⁰O principal afluxo de pessoas à vila dá-se a partir da última semana de Julho; contudo, o movimento de chegada, começa a fazer sentir-se, timidamente, logo a partir do mês de Junho.

poucos, e há um intenso movimento nos talhos e mercearias, uma azáfama típica do Verão, em especial deste mês.(...)

Sendim, 18 Agosto de 1994

... Entretanto, a vida diária da aldeia, segue o seu ritmo habitual. É altura de regar as hortas, pois o calor é muito e os legumes não se podem secar. De manhã bem cedo, já se ouvem os cascos das mulas ou das burras, em uníssono com os motores arrogantes dos tractores, numa coexistência pacífica e diária a que toda a gente parece estar habituada. Regressam pelo meio-dia, carregando tomate, pepinos, cebolas, couves, melões, feijões, etc., que irão recheiar a casa na próxima temporada.

Há fartura de tudo e é preciso tratar das provisões de Inverno. O feijão *desbulha-se* e separa-se das folhas com a força do vento, guarda-se grão de bico, *chícharos* e outros tipos de feijão para comer durante o ano. Colhem-se batatas, congela-se tomate, come-se à farta tudo o resto que a horta dá e que não é possível gastar. Dá-se a amigos e parentes, vende-se aos que pior se conhece.

A existência de uma sociabilidade fortemente *localizante*, constantemente activada e renovada através de uma interacção que liga, num *continuum*, o espaço de nascença ao espaço de trabalho, contribuiu, de forma significativa, para a reprodução social da aldeia, que tem conseguido desenvolver-se e criar um ritmo próprio, integrando na sua forma de continuar, o vazio decorrente de uma estrutura social *truncada*, pelas razões de ordem histórica e local a que se tem vindo a fazer referência.

Tal parece ser a dinâmica inerente à reestruturação desta comunidade rural, cuja recomposição é indissociável da sua história recente, construída, em grande parte, pelas trajectórias de vida e de família, que de forma sistemática e cíclica preenchem ou esvaziam o espaço social aldeão, feito de encontros e desencontros, de partidas e chegadas.

Este *vaivém* contínuo de gente que parte e regressa, de coisas que se levam e trazem, surge como uma das características preeminentes da dinâmica social desta pequena vila, insuflando-a de vida e de esperança nos sucessivos *Verões* que vão passando.

Pode ser que haja alguma transformação, que as pessoas mudem para estas aldeias, para aquelas aldeias maiores que tenham ainda alguma esperança de vida. Pode ser que um dia ainda tenhamos um Sendim cheio de gente outra vez..

(Professor primário, agricultor nas horas vagas, 52 anos)



Foto 41 - As voltas à capelinha na festa da «Trindade» (anos 90)



Foto 42 - Mordomos de Sta. Bárbara organizando a volta à vila para fazer o peditório.



Foto 43 - Mordomos de Sta. Bárbara durante a recolha da esmola para a festa



Foto 44 - Mordomos de Sta. Bárbara ao findar o peditório

VII. Conclusões

Esta pesquisa desenrolou-se em torno de uma realidade social, complexa e, até certo ponto, paradoxal - uma aldeia aparentemente próspera, com uma população em declínio - que se procurou desmontar a partir de vários planos de observação, olhando-a a partir das suas pessoas, dos seus grupos domésticos, das suas casas e das suas festas.

O contacto com o terreno, nas sucessivas fases do trabalho de campo, foi a pouco e pouco quebrando o mutismo da paisagem, das casas e dos rostos, cujas histórias iam dando voz à história da aldeia. Deste conhecimento próximo nasceu a preocupação central de fazer o registo da memória, que se procurou manter ao longo da pesquisa, conferindo-lhe, mesmo, um certo carácter de *urgência* - urgia registar um tempo de memória, relativamente abandonado pela generalidade dos cientistas sociais, demasiado longínquo para os sociólogos e demasiado recente para os historiadores.

A situação do investigador num terreno próximo e *familiar* reduziu, certamente, a distância de quinhentos quilómetros que separavam o campo de estudo de Lisboa, mas levantou problemas metodológicos de *distanciamento*, nem sempre previsíveis, que se foram contornando da melhor forma possível, dando ao trabalho de campo um cunho de desafio constante, feito de reflexões e opções (na escolha das técnicas a privilegiar, das pessoas a abordar, dos acontecimentos a registar).

O texto de etnografia apresentado resulta do amadurecimento destes três aspectos fundamentais que são indissociáveis do processo interactivo entre o investigador e os sujeitos da sua pesquisa.

1. OS VECTORES DA MUDANÇA

O dinamismo paradoxal da aldeia, que é sugerido pelo contraste entre dois *flashes* separados por 50 anos, começa a ter expressão com a apresentação do seu perfil demográfico: a população em declínio, a partir dos anos 60, é de facto acompanhada por um acentuado crescimento do número de fogos. A aldeia cresceu, sobretudo, com as suas casas. E apesar de *ausentes*, muitos dos sendineses estão interessados em construí-las.

Nas estatísticas oficiais, fogos e habitantes desencontram-se e o seu conteúdo perde-se. Através do *Censo94*, foi possível entrar dentro das casas e destringir as diferentes situações de permanência na vila que nos confrontou com um complexo mosaico de diferentes modos de estar, de viver, de cultivar, de consumir, que permeiam hoje o espaço aldeão, recomposto e renovado.

O declínio da actividade agrícola e as vias de expansão do leque ocupacional mostraram, contudo, que o dinamismo da aldeia favoreceu o enraizamento de muitos dos homens, mas revelou-se particularmente repulsivo para a sua metade feminina, na medida em que, não só não há lugar para as mulheres no mercado de trabalho local, como também se encontra secundarizado o seu papel produtivo quando se vê a braços com a manutenção da exploração agrícola, contando apenas com as ajudas do chefe-de-família, nos períodos extra-laborais.

Já no que diz respeito à emergência da instrução como factor promocional na actual conjuntura social, ela revelou-se expressiva em ambos os sexos e acusou uma tendência ligeiramente superior no caso das mulheres, tendo em conta os níveis de instrução globais das *cohortes* mais jovens. Esta situação levou-nos a considerar profundas mutações nos modelos de socialização e transmissão dos saberes familiares, que se procurou perspectivar, centrando a análise no grupo doméstico.

A comparação da sua morfologia nos dois momentos considerados - a data da recolha do *Status Animarum de 1940-44* e o presente etnográfico - evidencia uma retracção acentuada na dimensão do grupo doméstico e a persistência do agregado familiar de tipo nuclear que constitui, tal como no passado, a estrutura dominante dos actuais grupos domésticos da vila.

A evolução de duas variáveis relacionadas com o casamento - a idade e a naturalidade dos cônjuges - segundo o levantamento dos Assentos de Casamento do Registo Paroquial - mostrou, no entanto, que o *timing* de fraccionamento do grupo doméstico e a distância geográfica, entre os futuros cônjuges, sofreu grandes oscilações ao longo deste século.

No caso da idade ao primeiro casamento verifica-se que há uma quebra, em ambos os sexos, a partir dos anos 50, relacionada com o afrouxamento da *gerontocracia* nas relações familiares. Com efeito, o casamento *tardio*, que prevalece até esta década, parece indissociável do controle social exercido pelos mais velhos, quando a economia se centrava na terra. Os valores estatisticamente diferentes evidenciados em relação aos homens, na década de 80, e em relação às mulheres, na década de 90, são perspectivados num contexto completamente diferente, onde o prolongamento da instrução surge como factor decisivo na subida da idade dos cônjuges nestas duas últimas décadas.

O levantamento das naturalidades dos noivos ao longo do período considerado evidenciou uma progressiva diminuição dos casamentos intra-freguesia, a partir da década de 70, à qual corresponde uma subida dos casamentos entre Sendim e localidades exteriores ao concelho, indiciando os efeitos a médio prazo da mobilidade geográfica no alargamento do espaço das trocas matrimoniais.

Apesar do perfil acentuadamente endogâmico da freguesia, é curioso notar que, a partir da década de 40, a intensidade das *alianças* entre Sendim e as aldeias mais próximas diminui progressivamente, registando-se um certo recrudescimento na década de 80. A subida dos casamentos que ligam Sendim a outras aldeias do mesmo concelho, verificada nestes anos 80, poderá, assim, reflectir os efeitos do regresso de uma parte importante dos emigrantes na dinamização das relações inter-freguesia. São dados que, de certo modo, nos levam a considerar várias extensões possíveis do

conceito de *isolamento*¹⁸¹, ou seja, à medida que a distância geográfica matrimonial se expande, com o alargamento do espaço de inter-conhecimento, as relações entre as freguesias vizinhas retraem-se. O *isolamento* da aldeia em relação às outras aldeias parece, assim, ser maior agora do que antes, enquanto já o mesmo não se verifica em relação aos principais centros urbanos do país.

A abordagem da proveniência dos casais residentes feita com base nos dados do *Censo94* revela, ainda, uma tendência ligeiramente superior de mulheres provenientes de fora da freguesia, nas *cohortes* mais jovens, o que corrobora a afirmação atrás referida de que Sendim fixa mais os seus homens do que as suas mulheres.

A análise quantitativa das variáveis apresentadas permitiu, deste modo, detectar os principais momentos e vectores de mudança, que se procuraram contextualizar recorrendo à memória dos informantes, e delinear diversas pistas a seguir para tentar compreender que processos estariam na base das transformações sociais que, de forma expressiva, se reflectiam nas transformações familiares.

A comparação de duas imagens cristalizadas no tempo revelou-se, no entanto, um recurso metodológico limitado para apreender a dinâmica subjacente à mudança das relações sociais (e familiares), protagonizada pelos indivíduos e pelas famílias que ocupam, hoje, o espaço da vila.

Foi necessário chegar mais perto e desbravar as redes e enredos de histórias do quotidiano, silenciosas e eloquentes, de alguns sendineses a quem se deu a voz. Relatos de vida, de vidas invisíveis, que nos levaram à descoberta da riqueza documental de um método que apenas se conseguiu ensaiar - o das *Histórias de vida...*

Quatro relatos biográficos elucidam diversos momentos da história local. Num primeiro tempo, duas famílias registadas no *Status Animarum de 1940-44* são acompanhadas até ao presente etnográfico e, a partir delas, tentou-se salientar práticas e representações do quotidiano da aldeia. Num segundo tempo, dois casos da

¹⁸¹Conforme foi salientado por Joaquim P. de Brito (1996).

geração seguinte relatam-nos o seu percurso na vila desde a infância. Nos seus trajectos de vida se cruzam e entretecem relações paradigmáticas que permitiram abarcar, com um olhar microscópico, aspectos relevantes da organização social e familiar, segundo uma perspectiva dinâmica. O conhecimento da vila que se foi construindo ao longo da pesquisa, levou-nos a considerá-los como *casos-tipo*, e a sua selecção, recolha e apresentação, só foi possível depois de consolidada a análise quantitativa e extensiva que constitui uma etapa indispensável para o recurso a esta metodologia de análise.

Sendim dos anos 40 era uma aldeia de poucos ricos e muitos pobres, que partilhavam de forma muito diferente os frios Invernos e os Verões infernais, unidos por estreitos laços de interdependência. Na época, apesar de terem sido registadas outras profissões, a maioria da população vivia do trabalho agrícola e os lavradores e jornaleiros constituíam os dois grupos socioprofissionais mais representados, cuja interacção configurava uma vertente fundamental das relações sociais. O dinheiro circulava pouco e a aldeia vivia, sobretudo, para se alimentar. Homens e mulheres, novos e velhos, trabalhavam de sol a sol, numa terra *dura* e pouco produtiva, mas que era central no seu sistema de valores e na organização da sua economia.

Na aldeia do pós-guerra, a excessiva concentração da propriedade, a queda da manufactura e, um pouco mais tarde, a implantação da *Hidroeléctrica do Douro* (que acompanhou a construção das três barragens no troço internacional deste rio - Picote, Bemposta e Miranda do Douro) são fenómenos convergentes que produzem um abalo profundo no sistema tradicional da comunidade de camponeses, alterando atitudes e comportamentos, com repercussões decisivas na estrutura social e nas relações entre os grupos.

O incremento da circulação monetária faz emergir um novo grupo na tecitura social - os comerciantes - cujo protagonismo é acompanhado por um declínio progressivo dos agricultores plenos. Na aldeia que se tornou vila, a terra deixou de ser o bem a que todos aspiram e o critério básico de diferenciação social. A desmontagem do mosaico das actuais situações de presença na aldeia, conduziu a pesquisa para uma descrição dos principais tipos de casa (que se associou a uma breve caracterização dos seus ocupantes e das suas trajectórias profissionais) e

permitiu destacar seis grupos principais: *ausentes*, *doutores*, *aldeãos*, *criadores de gado*, *regressados* e *ciganos*.

Neste contexto, a importância do lugar de origem na construção social das identidades, surge como um dos aspectos mais relevantes da dinâmica local, seja no tempo longo da sua pequena história, com os fluxos e refluxos dos habitantes que em diversas fases do seu ciclo de vida abandonam a vila ou nela se reinstalam, seja no tempo *ecológico* do ciclo anual (Evans-Pritchard, 1968), com um Verão densamente povoado e intenso de vida social que se contrapõe ao despovoamento e atomismo dos restantes meses do ano.

A evolução das principais festas da vila, e em especial a festa de *Santa Bárbara*, renovada (que mudou de data para poder contar com os sendineses dispersos) e *arrombante* (para afirmar o seu protagonismo regional) permitiu, de igual modo, ilustrar os aspectos mais salientes da dinâmica da freguesia e das relações inter-aldeãs.

Na apropriação deste espaço de afirmação perante o colectivo que se consagra, comerciantes, agricultores pluriactivos e emigrantes, emergem na actual tecitura social e são os grupos mais envolvidos na organização dos festejos. Por outro lado, a festa constitui um período onde é particularmente acentuada a poderosa força centrípeta do lugar onde se nasceu, constituindo uma janela de observação privilegiada para reconsiderar os fluxos e refluxos populacionais, quando se têm em linha de conta as variações ao longo do ciclo anual.

2. OS TEMPOS DA MUDANÇA

Nesta realidade social, complexa, plurifacetada e em constante movimento, dificilmente é possível estabelecer uma cronologia precisa dos *tempos* específicos de mudança. A própria natureza fluida dos acontecimentos e a sua desigual expressão na história das pessoas e das famílias que os veiculam - mais ou menos permeáveis às inovações - criam, naturalmente, diferentes ritmos de mudança, com uma existência paralela no mesmo espaço-tempo de vida e de memória.

(Tempos cruzados que se tentou destrinçar...)

As transformações económicas, tecnológicas, demográficas, sociais e políticas ocorridas durante este meio século, resultantes de factores exógenos e endógenos, produziram mutações decisivas nos comportamentos, nas mentalidades e nos valores dos actores sociais, que não se tornam visíveis de um dia para o outro, podendo apenas falar-se de mudanças progressivas, considerando ciclos, grosseiramente delineados no tempo.

A aldeia de camponeses ricos e pobres, das famílias numerosas e fortemente interactivas, dos casamentos próximos e *arranjados*, dos sendineses pouco instruídos, para quem a terra e o trabalho eram a medida de todas as coisas, foi cristalizada no retrato sociológico que o *Status Animarum* de 1940-44 nos desvenda, e continha em si o gérmen da mudança que os acontecimentos decorrentes de fenómenos pontuais no desenvolvimento regional vieram acelerar (como a implantação da *Hidroeléctrica do Douro*, no início da década de 50).

Os anos 50 constituem, assim, um marco importante na cronologia da mudança, cujos efeitos se prolongam e se manifestam ao longo das décadas seguintes. O contacto com outros modos de vida, veiculados por novas gentes e pelos *media*, mostram ao campo o lado florescente e promissor da cidade, onde o dinheiro parece ser fácil e estar ao alcance de todos. A industrialização dos países europeus e a recuperação do pós-guerra, constituiu uma poderosa força atractiva que facilitou o êxodo, e muitas famílias, de todos os grupos sociais, partiram em busca de um futuro melhor.

A proximidade da fronteira seduziu, certamente, muitos sendineses que, *a salto*, se lançaram numa aventura sem paralelo até então, com destino a França. O êxodo em massa conhece a sua expressão mais significativa nos anos 60, quando a aldeia perde uma grande parte dos seus efectivos em idade activa.

Se a imagem da cidade (e do dinheiro que dela se trazia) levou muitos sendineses a tomar o êxodo como alternativa possível em relação à sua desfavorável permanência na aldeia, já o confronto directo com duras situações de vida e de trabalho cedo revelaram o lado mais inóspito da experiência urbana, fazendo

sobressair o encanto de um quotidiano que teve de se deixar por motivos que decorreram das dificuldades na oferta conjuntural de terra e trabalho.

Uma forte ligação com a sua terra durante o período de ausência, mais ou menos prolongado, e a preparação de um regresso tão breve quanto possível caracterizam a maior parte dos trajectos migratórios dos sendineses que, apesar de *estarem fora*, fazem parte integrante da comunidade local e muito têm contribuído para a dinamizar.

Na vila de hoje, é possível encontrar diversos sinais da sua presença e do seu protagonismo, entre os quais se destaca a construção de casas, ocupadas de diferentes maneiras, ao longo do ciclo de vida e de migração. A proliferação de casas que se viu crescer nos anos 80, a par do regresso progressivo de um número considerável de famílias emigradas, a partir de finais da década de 70, traduz o apogeu deste ciclo da história local e Sendim atravessa, então, um período de grande prosperidade que permitiu estancar o êxodo e favorecer a reinstalação de muitos emigrantes ausentes.

A penetração de outros modos de vida e a mudança de valores que é indissociável da sua emergência - do valor da terra ao valor da casa e do dinheiro, e a importância da instrução como factor promocional - parecem, no entanto, reproduzir-se de forma significativa num novo ciclo de viragem. Na vila de hoje o afastamento dos jovens é uma realidade inquestionável que se tem vindo a verificar acentuadamente ao longo dos últimos anos.

Apesar de ambos os sexos tenderem a deixar a vila, ela revela-se particularmente repulsiva para a sua metade feminina que, sem hesitações, logo a abandonam quando surge a primeira oportunidade. Também em relação ao fluxo de retorno, a abordagem de um número significativo de casais emigrados, mostrou que a motivação de regresso parece ser maior nos homens do que nas mulheres.

A desvalorização do trabalho agrícola e a mudança nos hábitos de consumo, que acompanha a secundarização do papel feminino em relação à casa agrícola tradicional, constitui, assim, um aspecto fundamental da dinâmica local, que apenas foi possível aflorar, em virtude dos constrangimentos de tempo inerentes à apresentação deste relatório de pesquisa, e que se configurou como uma das pistas a

aprofundar numa investigação futura, através da qual se possa dar expressão à construção das identidades de género na actual conjuntura social e familiar, bem como às mudanças na vivência do papel feminino.

Enquanto não houver meio de fixar a mão de obra feminina, a população continuará a fugir, dizia-nos sabiamente um dos informantes, a dado momento do trabalho de campo. Uma frase em perfeita sintonia com o ponto de chegada deste percurso de investigação, que começou com um estudo sobre as transformações sociais de uma aldeia trasmontana e termina com uma alusão à transformação do papel feminino. É, por isso mesmo, uma frase eloquente que sintetiza e encerra a singularidade e fascínio da Antropologia - o de nos ensinar a conhecer, neste caso, uma aldeia *por dentro*...

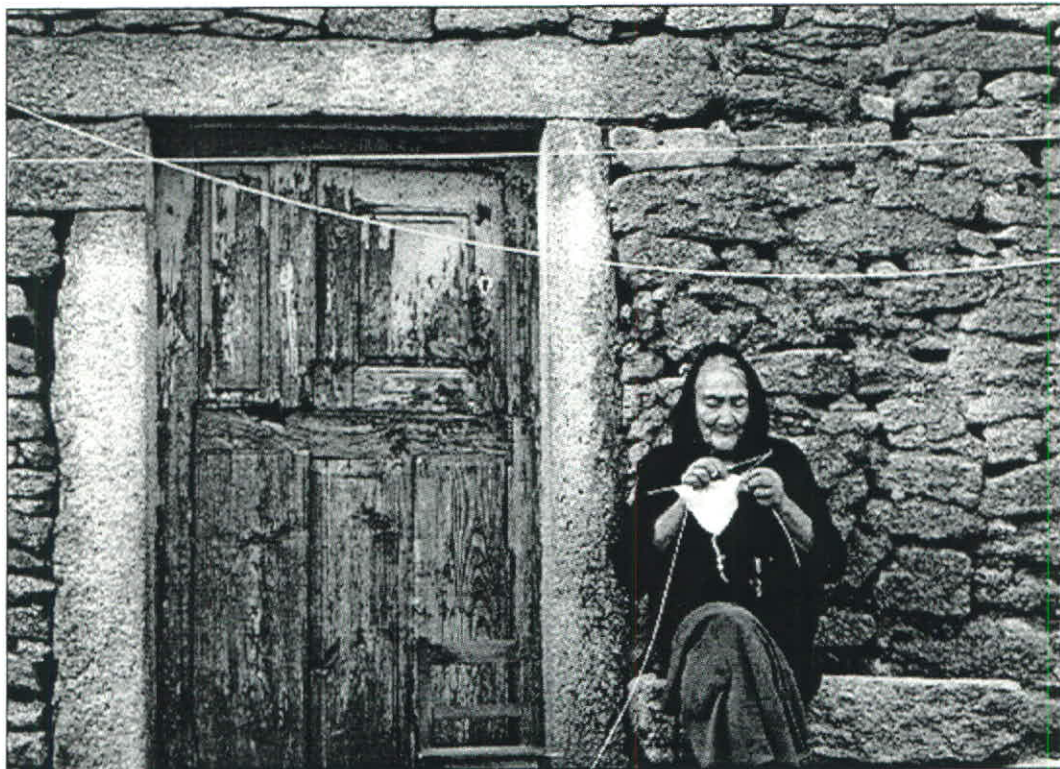


Foto 45 - (sem legenda)



Foto 46 - (sem legenda)



Foto 47 - (sem legenda)



Foto 48 - (sem legenda)

ANEXO A: Documentos

Documento 1

Censo 94 - Ficha de recolha de dados (grupo doméstico)

Censo Sendim 1994

Grupos domésticos

1. Identificação

Rua ou Lugar, n°		Zona		Sec	Gr.Dom.

2. Caracterização

Propriedade	Tem	Forma de ocupação	Anexos
Própria <input type="checkbox"/>	Assoalhadas <input type="checkbox"/>	1 Residência habitual	Curral <input type="checkbox"/>
Arrendada <input type="checkbox"/>	Electricidade <input type="checkbox"/>	2 Uso sazonal	Garagem <input type="checkbox"/>
	Água <input type="checkbox"/>	3 Ocupante emigrado	Cozinha <input type="checkbox"/>
	Retrete <input type="checkbox"/>	4 Vago para venda	Quintal <input type="checkbox"/>
	Telefone <input type="checkbox"/>	5 Vago para aluguer	<input type="checkbox"/>
		6 Vago para demolir	<input type="checkbox"/>

3. Propriedade rural

	Compra	Arrendado	Herança	TOTAL
Vinha				
Horta				
Seara				
Olival				
Pomar				
Pasto				

4. Animais

	N°
Vacas	<input type="checkbox"/>
Ovelhas	<input type="checkbox"/>
Cabras	<input type="checkbox"/>
Cavalos	<input type="checkbox"/>
Burros	<input type="checkbox"/>
Porcos	<input type="checkbox"/>
Aves	<input type="checkbox"/>
Coelhos	<input type="checkbox"/>
	<input type="checkbox"/>
	<input type="checkbox"/>

5. Maquinaria agrícola

Tractor	<input type="checkbox"/>
	<input type="checkbox"/>
	<input type="checkbox"/>
	<input type="checkbox"/>
	<input type="checkbox"/>
	<input type="checkbox"/>
	<input type="checkbox"/>
	<input type="checkbox"/>
	<input type="checkbox"/>
	<input type="checkbox"/>
	<input type="checkbox"/>

Data: / /

Documento 3

Uma folha do *Status Animarum*, 1940-44

STATUS ANIMARUM — Diocese de Bragança — Frèguesia

Lugar, Bairro ou Rua e número	NOMES	Idade	Estado	Profissão
11	Jose Manuel Jacob	40	casado	Lavrador
11	Maria da Conceição Bakard	61	11	doméstica
11	Antónia Augusta Jacob	68	casada	Lavrador
11	Emmeliorda Rosa Antunes	58	11	doméstica
11	Albertina Rosa Jacob	16	solteira	de família
11	Manuel Bertolo	37	casado	formal
11	Anna Teresinha	36	casada	doméstica
11	Maria de Jesus Bertolo	11	solteira	de família
11	Anna de Jesus Bertolo	6	11	11
11	Jose Maria Bertolo	4	11	11
11	Graciosa Bertolo	2,5	11	11
11	Antonio Joaquim Carrueiro	41	casado	formal
11	Adília Carter Teresinha	29	11	doméstica
11	Diamantina de Jesus Comg.	3,5	—	de família
11	Maria Moute Carrueiro	12	solteira	doméstica
11	Adília Moute	4	—	de família
11	Maria Amélia Moute	6	—	11
11	Anna Barbiero Laurenes	80	viúva	doméstica
11	Alfredo Horácio Antunes	54	solteiro	de família
11	Alfredo Bateus	27	casado	formal
11	Adília da Trifegação Barlob	27	casada	doméstica

Documento 5
 Actividades da população, segundo um manuscrito
 do século XVIII

[P. 27] POPULAÇÃO DA CIDADE DE MIRANDA E LUGARES DE SEU TERMO

Terras	Fogos	Almas	Homens	Mulheres	Ecclesiasticos		Pessoas literarias	Sem occupação	Negociantes	Cirurgioens	Boticarios	Lavradores	Jornaleiros	Alfaiates	Sapateiros	Carpinteiros	Pedreiros	Fabricantes de lã	Ferreiros	Ferradores	Pastores	Creados	Creadas
					Seculares	Regulares																	
Miranda e quintas	220	633	340	293	10	14	8	19	7	2	2		20	8	8	2		5	1	3		25	13
Agoas Vivas e quintas	27	107	47	60	1			4				18		1	1				1			2	3
Aldea Nova e Val d'Agua	28	113	42	71	1							10	3			1			2			2	2
Angueira	60	242	113	129	3			3		1		50	12						1		7	5	4
Avellanozo	52	189	96	93	1			4	1			46		1							6	4	3
Caçarelhos	127	470	221	249	4			13				100	6	8	3	2		4	2		10	8	7
Cercio e quintas	58	216	104	112	1							37	13	2	1	2			2		3	4	2
Cicouro	46	160	93	67	3							25	14	3	3	3				1	2	5	3
Constantim	97	306	138	168	1			8	3			80		3	5			2	2		4	6	5
Duas Igrejas e quintas	123	430	212	218	6			24		1		48	2	3	3	2	2	10	1	2	5	8	7
Especioza	30	124	66	58	2							20		1	1	1		4				2	3
Fonte d'Aldea	55	154	84	70	3							32	4	1	1	2		2			2	4	3
Freixioza	41	132	65	67	1							64		2	1							2	2
Genizio	50	206	88	118	3			10		1		64		6	2			4	2		4	3	3
Ifanes	121	489	254	235	4			13		1		100	4	3	2	3		5	3		6	7	4
Malhadas	71	245	115	130	2							50		3	4	2			1		3	4	3
Pallaçoulo	84	277	145	132	5			7				32	18	4	4	6		7	2		6	4	4
Paradella	45	196	84	112	1							30	10		1				1		2	5	6
Picote	71	227	114	113	1			6				90	4	2	2	3		8			2	3	6
Povoa	73	285	150	135	2			3				60		1				6				3	3
Prado Gatão	48	172	85	87	4							28		1	2			8	1		3	4	7
Sindim	244	966	490	476	4			14		1		50	74	8	14	6	2	11	2	2	8	9	10
S. Martinho	99	415	208	207	4			4				68	14	4	2	2		1			6	10	9
Villa Chã	91	227	114	113	3			14		1		40	20	2	2	4	4		2		7	6	7
Villar Secco	79	278	138	140	2							52		1	2	1		1	3		4	3	4
<i>Somma</i>	2 040	7 259	3 606	3 653	72	14	8	146	11	8	2	1 194	218	68	64	42	8	80	31	8	90	138	123

Fonte: Mendes, José (1981: 176)

Dia 2 - Sexta

- 08h 00** - Grande Salva de Morteiros anunciará o início das festividades.
15h 00 - Início das Sonorizações com anúncios publicitários a cargo da PROSOM - Sendim.
22h 00 - Inauguração da Iluminação Decorativa e Ornamental a cargo de ARTUR CARVALHO & FILHO - Vila Real.

Dia 3 - Sábado

- 22h 00** - Actuação do Grupo Etnográfico - AS BARROCAS DE AVEIRO

Dia 4 - Domingo

- Manhã Desportiva
16h 00 - Tarde Recreativa com a actuação de vários Ranchos Folclóricos

Dia 6 - Terça

- 22h 00** - Actuação do Organista VÍCTOR SALOMÉ

Dia 7 - Quarta

- 22h 00** - Noite de Variedades com o Cantor LUÍS FILIPE REIS

Dia 8 - Quinta

- 22h 00** - Actuação do Grupo STARGATE

Dia 9 - Sexta

- 08h 00** - Salva de Morteiros
22h 00 - Grande Noite de Variedades com JOSÉ MALHOA e ANA MALHOA
Actuação do Grupo MUSICAL TRIÂNGULO

Dia 10 - Sábado

- 08h 00** - Salva de Morteiros
21h 00 - Missa do Emigrante na Igreja Paroquial
22h 00 - Grandioso Arraial com os Grupos Musicais NÚCLEO - Sendim e TURBO - Santa Comba Dão.
01h 00 - Grande Espectáculo de Fogo Preso

Dia 11 - Domingo

- 08h 00** - Salva de Morteiros
08h 30 - Chegada das Bandas de Música de Miranda do Douro e Freixo de Espada à Cinta.
09h 00 - Início do Peditório pelas ruas da Vila.
14h 00 - Missa Solene com Sermão a cargo de um Distinto Orador Sagrado, seguida de Majestosa Procissão abrilhantada por figuras alegóricas.
16h 00 - Concerto pelas Bandas Filarmónicas.
19h 00 - Cerimónia da Entrega da Festa à Comissão de 1997. Fogo Preso com diversas figuras - no recinto da Praça.
22h 00 - Grandioso Arraial abrilhantado pelos Grupos Musicais NÚCLEO e MIDNES.
01h 00 - Grande Festival de Pirotecnia a cargo de ANTÓNIO MOREIRA FERNANDES - Amarante.

Programa da festa de Santa Bárbara (1996)
Documento 6

Anexo B: Quadros

Quadro I
Número de fogos, por freguesia (M. do Douro) 1864-1991

Freguesias	1864	1878	1890	1900	1911	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1981	1991
Sendim	261	323	325	373	393	372	414	460	509	625	-	742	825
Atenor	85	92	95	111	121	104	100	135	101	144	-	108	110
Cicouro + Constantim*	171	195	182	195	203	181	188	102+136	74 + 130	88 + 171	-	71 + 103	83 + 146
Duas Igrejas	204	231	232	253	273	275	257	332	371	508	-	403	464
Genísio	110	107	121	136	151	151	159	170	174	225	-	163	208
Ifanes	130	145	153	163	174	158	146	170	155	174	-	157	227
Malhadas	101	102	107	113	129	122	113	120	150	216	-	204	188
Miranda do Douro	221	253	252	241	253	246	261	340	321	1249	-	595	1007
Palaçoulo	176	181	184	192	214	207	221	249	244	325	-	316	336
Paradela	67	79	81	83	84	74	76	111	92	93	-	110	109
Picote	95	109	138	141	141	148	156	196	154	538	-	256	195
Póvoa	81	95	95	101	107	111	112	121	132	184	-	163	137
S. Mart. de Angueira	122	159	165	173	186	184	211	210	261	289	-	288	359
Silva	145	150	200	191	171	172	178	224	202	242	-	190	223
Vila Chã de Braciosa	188	185	208	237	244	240	247	284	283	323	-	289	213

Fonte: Recenseamentos Gerais da População (INE, 1864-1991)

* Nos anos de 1864 a 1930, Cicouro tinha anexada a freguesia de Constantim. Desde 1936 passaram a ser freguesias autónomas. Os dados anteriores a esta data foram aglutinados, para fins comparativos, ao longo desta sequência temporal.

Quadro II
População residente, por freguesia ((Miranda do Douro) 1864-1991

Freguesias	1864	1878	1890	1900	1911	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1981	1991
Sendim	1176	1374	1273	1496	1524	1524	1556	1767	1827	1983	1605	1669	1393
Atenor	340	380	375	398	469	423	429	436	410	428	275	263	205
Cicouro+Constantim	721	718	788	770	727	677	729	743	769	729	450	357	296
Duas Igrejas	778	891	952	1009	1109	1079	1084	1334	1499	1542	1130	990	860
Genísio	408	434	462	523	583	565	596	684	705	714	610	380	284
Ifanes	624	574	598	628	639	539	527	606	636	608	395	353	291
Malhadas	381	360	376	404	491	482	447	528	589	547	385	497	405
Miranda do Douro	914	966	988	982	1004	930	1064	1290	1331	5867	1750	1793	1950
Palaçoulo	700	740	659	810	894	885	975	978	993	1034	690	806	780
Paradela	325	324	309	325	275	255	274	316	322	363	225	246	154
Picote	406	458	547	569	578	529	549	617	523	1875	795	692	484
Póvoa	329	361	386	405	457	439	463	464	490	494	375	372	317
S. Martinho de Angueira	537	619	719	728	796	770	853	946	1009	1029	745	559	439
Silva	599	551	764	717	715	665	719	823	827	733	515	403	380
Vila Chã de Braciosa	766	814	813	875	947	976	1007	1052	1014	1026	735	568	459

Fonte: *Recenseamentos Gerais da População (INE, 1864-1991)*

Quadro III

Densidade populacional, por freguesia (1960-1991)

	1960	1970	1981	1991
	(HAB/KM ²)	(HAB/KM ²)	(HAB/KM ²)	(HAB/KM ²)
Atenor	18.5	12.7	11.4	8.9
Cicouro+Const.	19.9	12.8	9.7	8.1
Duas Igrejas	31.1	22.9	20	17.4
Genísio	24	17.4	12.8	9.5
Ifanes	21.3	15.5	12.4	10.2
Malhadas	19.9	17.1	18.1	14.7
M. do Douro	156.5	46.6	47.8	52
Palaçoulo	20.6	14.5	16.1	15.6
Paradela	26.3	19.2	17.8	11.2
Picote	93.8	40.6	34.6	24.2
Póvoa	22.1	17.1	16.6	14.2
S.M ^o Angueira	27.8	19.2	15.1	11.9
Sendim	51.8	40.5	43.6	36.4
Silva	23.3	15	12.8	12.1
V. Chã Braciosa	24	14.7	13.3	10.7
Concelho	38.8	21.8	20.4	17.8

Fonte: *Recenseamentos Gerais da População*, INE (1960, 1970, 1981 e 1991)

Quadro IV

Pedidos de licenciamento de obras (1975-1994)

Anos	N ^o Licenças
1975-79	61
1980-84	126
1985-89	80
1990-94	66
Total	333

Fonte: Câmara Municipal de Miranda do Douro

Quadro V

Tipo de ocupação das casas recenseadas (1994)

Tipo de ocupação	N.º Casas	%
Residência habitual	458	47.7
Uso Sazonal	40	4.1
Ocupante emigrado	78	8.1
Desocupada	385	40.1
Total	961	100

Fonte: Censo 94

Quadro VI

Situações de permanência na vila, por sexo (1994)

Tipo de permanencia	Mulheres	Homens	Total	%
Emigrante	93	93	186	12.1
Permanente	388	373	761	50.2
Regressado	72	105	177	11.5
Sazonal	84	71	155	10.2
Venediço	124	105	229	15.7
Total (pessoas recens.)	761	747	1508	100

Fonte: Censo 94

Quadro VII
Tipo de permanência por grupos de idade (1994)

idade	permanente		regressado		venediço		total residentes		sazon.		emig.		total ausentes			Tota		
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M		
0-4	20	12	0	0	0	1	20	13	1	0	2	1	3	1	23	14		
5-9	18	23	0	0	1	2	19	25	0	0	2	3	2	3	21	28		
10-14	40	42	0	0	5	7	45	49	0	3	5	9	5	12	50	61		
15-19	37	28	1	0	15	6	53	34	11	12	9	13	20	25	73	59		
20-24	23	8	3	0	7	8	33	16	23	29	14	5	37	34	70	50		
25-29	17	14	3	1	11	11	31	26	13	16	5	7	18	23	49	49		
30-34	24	10	5	3	2	15	31	28	6	5	2	2	8	7	39	35		
35-39	21	25	2	4	9	12	32	41	2	1	5	6	7	7	39	48		
40-44	19	20	6	10	9	11	34	41	3	3	10	14	13	17	47	58		
45-49	14	16	12	8	4	12	30	36	2	4	12	14	14	18	44	54		
50-54	17	27	15	18	12	11	44	56	3	3	9	8	12	11	56	67		
55-59	24	32	20	7	10	7	54	46	2	2	8	5	10	7	64	53		
60-64	23	28	17	9	7	6	47	43	2	2	6	3	8	5	55	48		
65-69	22	25	4	5	3	6	29	36	2	1	2	2	4	3	33	39		
70-74	29	37	11	5	3	3	43	45	0	1	1	1	1	2	44	47		
75-79	8	21	1	1	4	2	13	24	1	1	0	0	1	1	14	25		
80-84	11	12	4	1	2	4	17	17	0	1	1	0	1	1	18	18		
85 e +	6	8	1	0	1	0	8	8	0	0	0	0	0	0	8	8		
Total	373	388	105	72	105	124	583	584	71	84	93	93	164	177	747	761		

Fonte: Censo94

Quadro VIII

População (+12 anos), segundo os grupos profissionais (1940-44)

Grupo profissional	Designação emic	Mulher	Homem	Total	%
Agricultores	<i>agricultor</i>		23		
	<i>lavrador(a)</i>		43		
	<i>pastor</i>		6		
	<i>proprietário(a)</i>	3	18		
	<i>quinteiro</i>		2		
	<i>vinhateiro</i>		1		
Sub-total		3	93	96	7.3
Operários agrícolas	<i>criado (lavoura)</i>		12		
	<i>jornaleiro(a)</i>	7	249		
Sub-total		7	261	268	20.3
Artesãos	<i>albardeiro</i>		3		
	<i>alfaiate</i>		8		
	<i>carpinteiro</i>		6		
	<i>cesteiro</i>		1		
	<i>doceira</i>	1			
	<i>estanqueiro</i>		1		
	<i>ferrador</i>		8		
	<i>ferreiro</i>		3		
	<i>latoeiro</i>		1		
	<i>moleiro</i>		1		
	<i>padeira(o)</i>	12			
	<i>sapateiro</i>		10		
	<i>costureira</i>	3			
	<i>modista</i>	4			
	<i>canteiro</i>		2		
	<i>pedreiro</i>		9		
<i>trolha</i>		3			
Sub-total		20	56	76	5.7
Comerciantes	<i>carneiro</i>		1		
	<i>comerciante</i>		7		
	<i>cortador</i>		1		
	<i>negociante</i>		8		
	<i>barbeiro</i>		4		
Sub-total		0	21	21	1.6
Forças de segurança e militares	<i>GNR</i>		2		
	<i>guarda fiscal</i>		15		
	<i>maninheiro</i>		2		
	<i>soldado</i>		1		
	<i>oficial do exército</i>		1		
Sub-total		0	21	21	1.6

(cont.)

Grupo profissional	Designação emic	Mulher	Homem	Total	%
Outras profissões	<i>criada de servir</i>	8			
	<i>lavadeira</i>	1			
	<i>professor oficial</i>	1	3		
	<i>professor seminário</i>		1		
	<i>regente</i>	1			
	<i>cantoneiro(a)</i>		1		
	<i>serrador</i>		1		
	<i>mecânico</i>		1		
	<i>pároco</i>		2		
	<i>emp. correios</i>	1			
	<i>caixeiro</i>	1	2		
	<i>emp. balcão</i>	1			
Sub-total		14	11	25	1.9
Estudantes	<i>estudante</i>	2	11		
Sub-total				13	1
Não classificada	<i>doméstica</i>	438			
	<i>filho(a) de família</i>	161	199		
	<i>pensionista</i>		1		
	<i>inválido</i>		1		
	<i>não mencionada</i>		2		
Sub-total		599	203	802	60.7
POPULAÇÃO TOTAL		645	677	1322	100

Fonte: *Status Animarum1940-44*

Quadro IX

Actividade do chefe-de-família, segundo as profissões mais representadas (1940-44)

Grupo Profissional	Designação emic	Mulher	Homem	Total	%
Agricultores	<i>agricultor</i>		22		
	<i>lavrador(a)</i>		39		
	<i>pastor</i>		6		
	<i>proprietário(a)</i>		18		
	<i>quinteiro</i>		1		
	<i>vinhateiro</i>		1		
Sub-total			87	87	18.8
Operários agrícolas	<i>jornaleiro(a)</i>	3	206		
Sub-total				209	45
Artesãos	<i>albardeiro</i>		2		
	<i>alfaiate</i>		3		
	<i>canteiro</i>		2		
	<i>carpinteiro</i>		5		
	<i>cesteiro</i>		1		
	<i>costureira</i>	1			
	<i>doceira</i>	1			
	<i>estanqueiro</i>		1		
	<i>ferrador</i>		3		
	<i>ferreiro</i>		3		
	<i>latoeiro</i>		1		
	<i>modista</i>	1			
	<i>moleiro</i>		1		
	<i>padeira(o)</i>	4			
	<i>pedreiro</i>		9		
	<i>sapateiro</i>		8		
	<i>trolha</i>		3		
Sub-total		7	42	49	10.6
Comerciantes	<i>barbeiro</i>		3		
	<i>carneiro</i>		1		
	<i>comerciante</i>		7		
	<i>cortador</i>		1		
	<i>negociante</i>		8		
Sub-total			20	20	4.3
Forças de segurança e militares	<i>guarda fiscal</i>		11		
	<i>oficial do exército</i>		1		
Sub-total			12	12	2.6
Outras profissões	<i>cantoneiro(a)</i>		1		
	<i>criada de servir</i>	1			
	<i>lavadeira</i>	1			
	<i>mecânico</i>		1		
	<i>pároco</i>		2		
	<i>professor oficial</i>		1		
	<i>serrador</i>		1		
Sub-total		2	6	8	1.7
Não Classificada	<i>doméstica</i>	79		79	17
TOTAL		91	374	464	100

Fonte: *Status Animarum 1940-44*

Quadro X

Actividade do chefe-de-família, segundo as profissões mais representadas (1994)

Grupo Profissional	Designação emic	Mulheres	Homens	T	%	
Agricultores	<i>agricultor</i>	11	116			
	<i>jovem empresário agrícola</i>		1			
	<i>lavrador(a)</i>	1	8			
	<i>pastor</i>		1			
	<i>tractorista</i>		1			
Sub-total		12	127	139	30.2	
Operários agrícolas	<i>emp. vacaria</i>		1			
	<i>trab. no campo, à jeira</i>	1	11			
Sub-total		1	12	13	2.8	
Artesãos	<i>carpinteiro</i>		10			
	<i>escultor</i>		1			
	<i>estofador</i>		1			
	<i>faz renda</i>	1				
	<i>ferrador</i>		2			
	<i>ferreiro</i>		1			
	<i>latoeiro</i>		1			
	<i>marceneiro</i>		1			
	<i>pedreiro</i>		3			
	<i>sapateiro</i>		3			
	<i>tecedeira</i>	2				
	"Novos Artesãos"	<i>electricista</i>		9		
	Sub-total	<i>electromecânico</i>		1		
		3	33	36	7.8	
Comerciantes	<i>armazenista</i>		1			
	<i>cabeleireira</i>	1				
	<i>comerciante</i>		23			
	<i>distribuidor pão</i>		1			
	<i>emp. conta própria</i>		1			
	<i>feirante</i>		1			
	<i>magarefe</i>		4			
	<i>negociante</i>	1				
	<i>negociante de porcos</i>		1			
	<i>vendedor peixe</i>		1			
Sub-total		2	33	35	7.6	
Forças de segurança e militares	<i>forças armadas</i>		1			
	<i>GNR</i>		11			
	<i>guarda fiscal</i>		3			
	<i>major</i>		1			
Sub-total			16	16	3.5	
Const. civis e peq. patrões da	<i>construtor civil</i>		14			
	<i>gráfico</i>		1			
	<i>industrial</i>		8			
	<i>serralheiro</i>		4			
	<i>empresário</i>		1			
	<i>empresário ind. (fno)</i>		1			
	<i>industrial de hotelaria</i>		1			
Sub-total			30	30	6.5	
Trabalhadores da construção civil	<i>canteiro</i>		1			
	<i>trab. nas obras de estrada</i>		1			
	<i>pintor</i>		1			
	<i>trab. p/ conta outrém</i>		2			
	<i>trolha</i>		21			
Sub-total			26	26	5.6	

(cont.)

Grupo Profissional	Designação emic	Mulher	Homem	Total	%	
Motoristas e taxistas	<i>maquinista</i>		2			
	<i>motonista</i>		4			
	<i>taxista</i>		1			
Sub-total			7	7	1.5	
Mecânicos e operários da indústria	<i>mecânico</i>		15			
	<i>operário fabril</i>		1			
	<i>trab. Adega Cooperativa</i>		2			
	<i>trab. casa pneus</i>		1			
	<i>trab. empresa</i>		1			
	<i>trab. indústria</i>		1			
Sub-total			21	21	4.6	
Funcionários administrativos	<i>administrador da casa povo</i>		1			
	<i>administrativo</i>		1			
	<i>bancário</i>		1			
	<i>carteiro</i>		1			
	<i>emp. correios</i>		2			
	<i>escriturário administrativo</i>		2			
	<i>escriturário dactilógrafo</i>		1			
	<i>fiscal EDP</i>		1			
	<i>func. banco</i>		1			
	<i>func. EDP</i>		4			
	<i>func. público</i>		1			
	<i>observador de estruturas</i>		1			
	<i>trab. Câmara</i>		3			
	<i>trab. Casa do Povo</i>	1				
	Sub-total		1	20	21	4.6
Professores	<i>professor ciclo</i>		1			
	<i>professor primário</i>	1	3			
	<i>professor secundário</i>		2			
Sub-total		1	6	7	1.5	
Outras profissões	<i>cozinheiro(a)</i>	1	1			
	<i>desenhador const. civil</i>		1			
	<i>fotógrafo</i>		1			
	<i>músico</i>		1			
	<i>pároco</i>		1			
	<i>auxiliar acção educativa</i>	1	2			
	<i>estudante</i>		1			
	<i>criada de servir</i>	1				
	<i>mulher-a-dias</i>	1				
	Profissões liberais	<i>advogado</i>		1		
		<i>médico</i>		1		
		<i>veterinário</i>		1		
<i>farmacêutico</i>			1			
Sub-Total		4	12	16	3.5	
Não classificada	<i>doméstica</i>	53				
	<i>não mencionada</i>		7			
		53	7	60	13	
Reformados e pensionistas	<i>antigo agricultor</i>	5				
	<i>GNR reformado</i>		7			
	<i>Guarda-fiscal reformado</i>		8			
	<i>inválido</i>		2			
	<i>pensionista</i>	1	2			
	<i>reformado</i>		9			
Sub-total		6	28	34	7.4	
TOTAL		83	378	461	100	

Fonte: *Censo 94*

Quadro XI

Ocupação da população residente (+ de 12 anos), por sexo (1994)

Grupo profissional	Designação emic	Mulheres	Homens	T	%
Agricultores	<i>agricultor</i>	65	125		
	<i>industrial agrícola</i>		1		
	<i>jovem empresário agrícola</i>		1		
	<i>lavrador(a)</i>	3	9		
	<i>pastor</i>		1		
	<i>pecuário</i>		1		
	<i>tractorista</i>		1		
Sub-total		68	139	207	19.7
Operários agrícolas	<i>emp. vacaria</i>	1	1		
	<i>trab. no campo, à jeira</i>	7	12		
Sub-total		8	13	21	2
Artesãos	<i>artesã</i>	1			
	<i>carpinteiro</i>		12		
	<i>escultor</i>		1		
	<i>ferrador</i>		2		
	<i>ferreiro</i>		1		
	<i>latoeiro</i>		1		
	<i>marceneiro</i>		2		
	<i>padeira(o)</i>	3			
	<i>sapateiro</i>		4		
	<i>tecedeira</i>	2			
	<i>pedreiro</i>		4		
	<i>bordadeira</i>	2			
	<i>confeccionista</i>	1			
	<i>costureira</i>	3	1		
	<i>faz renda</i>	1			
	<i>estofador</i>	1	1		
	<i>modista</i>	1			
"Novos Artesãos"	<i>electricista</i>		14		
	<i>electromecânico</i>		1		
	<i>reparador mat. eléctrico</i>		1		
Sub-total		15	45	60	5.7
Comerciantes	<i>armazenista</i>		1		
	<i>comerciante</i>	25	28		
	<i>distribuidor pão</i>		1		
	<i>emp. conta própria</i>		1		
	<i>feirante</i>		1		
	<i>magarefe</i>	2	5		
	<i>negociante</i>	1			
	<i>negociante de porcos</i>		1		
	<i>vendedor peixe</i>		1		
	<i>cabeleireira</i>	2			
	Sub-total		30	39	69
Trabalhadores do comércio	<i>ajudante farmácia</i>		1		
	<i>emp. bombas gasolina</i>	1	1		
	<i>emp. óptica</i>	1			
	<i>responsável de vendas</i>		1		
	<i>trab. bombeiros</i>	1			
	<i>trab. restaurante</i>	3			
Sub-total		6	3	9	0.9

(cont.)

Grupo profissional	Designação emic	Mulheres	Homens	Total	%
Forças de segurança e	<i>forças armadas</i>		1		
	<i>GNR</i>		11		
	<i>guarda fiscal</i>		3		
	<i>guarda florestal</i>		1		
	<i>major</i>		1		
	<i>marinha</i>	1			
	<i>militar</i>		1		
	<i>tropa</i>		1		
Sub-total		1	19	20	1.9
Const. civis e peq. patrões da indústria	<i>construtor civil</i>		14		
	<i>gestor de empresas</i>		1		
	<i>gráfico</i>		1		
	<i>industrial</i>		8		
	<i>empresário</i>		2		
	<i>empresário ind. (frio)</i>		1		
	<i>industrial de hotelaria</i>		1		
	<i>serralheiro</i>		4		
Sub-total			32	32	3
Trabalhadores da construção civil	<i>canteiro</i>		1		
	<i>obras na estrada</i>		1		
	<i>pintor</i>		1		
	<i>trab. p/ conta outrém</i>		2		
	<i>trolha</i>		27		
Sub-total			32	32	3
Motoristas e taxistas	<i>maquinista</i>		2		
	<i>motorista</i>		5		
	<i>taxista</i>		1		
Sub-total			8	8	0.8
Mecânicos e operários da indústria	<i>aprendiz mecânico</i>		1		
	<i>engarrafadeira</i>	1			
	<i>mecânico</i>		20		
	<i>operário fabril</i>		3		
	<i>trab. Adega Cooperativa</i>	1	3		
	<i>trab. casa pneus</i>		1		
	<i>trab. empresa</i>		1		
	<i>trab. fábrica</i>	1			
	<i>trab. indústria</i>		1		
<i>trab. tipografia</i>	1				
Sub-total		4	30	34	3.2
Funcionários administrativos	<i>administrador da casa do povo</i>		1		
	<i>administrativo</i>	1	1		
	<i>bancário</i>		1		
	<i>carteiro</i>		1		
	<i>chefe de secretaria</i>		1		
	<i>contabilista</i>	1	1		
	<i>emp. correios</i>		2		
	<i>emp. escritório</i>	6			
	<i>escriturário dactilógrafo</i>		3		
	<i>fiscal EDP</i>		1		
	<i>func. banco</i>	2	2		
	<i>func. CTT</i>	1			
	<i>func. da Adega Cooperativa</i>	1			
	<i>func. EDP</i>		5		
	<i>func. público</i>	2	1		
	<i>func. serv. saúde</i>	1			
Sub-total		15	20	35	3.3

(cont.)

Grupo profissional	Designação emic	Mulheres	Homens	Total	%
Professores	<i>educadora infantil</i>	6			
	<i>professor ciclo</i>	2	1		
	<i>professor primário</i>	7	3		
	<i>professor secundário</i>	4	2		
Sub-total		19	6	25	2.4
Outras profissões	<i>cantoneiro(a)</i>	1			
	<i>cozinheiro(a)</i>	2	1		
	<i>desenhador const. civil</i>		1		
	<i>fotógrafo</i>		1		
	<i>músico</i>		2		
	<i>pároco</i>		1		
	<i>criada de servir</i>	1			
	<i>mulher-a-dias</i>	1			
	<i>enfermeiro(a)</i>	2			
	Profissões liberais	<i>advogado</i>		1	
<i>farmacêutico</i>			1		
<i>médico</i>			1		
<i>veterinário</i>			1		
Sub-total			7	10	17
Contínuos e auxiliares	<i>auxiliar acção educativa</i>	5	2		
	<i>auxiliar centro de dia</i>	1			
	<i>contínuo(a)</i>	2			
	<i>trab. centro de dia</i>	1			
	<i>trab. Câmara</i>	1	4		
	<i>trab. Casa do Povo</i>	1			
Sub-total		11	6	17	1.6
Não classificada	<i>faz uns ganchos</i>	2	5		
	<i>não mencionada</i>	11	11		
	<i>doméstica</i>	253	2		
Sub-total		266	18	284	27
Estudantes	<i>estudante</i>	55	78		
Sub-total		55	78	133	12.7
População inactiva	<i>antigo agricultor</i>	6	1		
	<i>GNR reformado</i>		7		
	<i>guarda-fiscal reformado</i>		8		
	<i>antigo trolha</i>		1		
	<i>inválido</i>	2	2		
	<i>pensionista</i>	1	1		
	<i>reformado</i>	5	10		
	<i>desempregado</i>	1	3		
Sub-total		15	33	48	4.6
TOTAL		520	531	1051	100

Fonte: Censo 94

Quadro XII
Ocupação dos emigrantes (+12anos), por sexo (1994)

Grupo profissional	Designação emic	Mulheres	Homens	Total	%
Operários agrícolas	<i>colector minhoca</i>	1			
	<i>florestal</i>		2		
	<i>jardineiro</i>		3		
Sub-total		1	5	6	3.4
Artesãos	<i>carpinteiro</i>		2		
	<i>padeira(o)</i>		1		
	<i>plaquista</i>		1		
	<i>electricista</i>		5		
	<i>modista</i>	1			
	<i>pedreiro</i>		4		
Sub-total		1	13	14	8
Comerciantes e trabalhadores do comércio	<i>comerciante</i>		1		
	<i>vende casas</i>		1		
	<i>vendedor</i>	1			
	<i>agente vendas (Hiper-Continente)</i>		1		
	<i>trab. restaurante</i>	1	2		
Sub-total		2	5	7	4
Trabalhadores da const. civil	<i>trabalha na construção civil</i>		7		
	<i>trab. na construção de obras</i>		1		
	<i>capataz</i>		1		
	<i>impermeabilizador (const. civil)</i>		1		
	<i>pintor</i>		2		
	<i>telhador (couvreur)</i>		1		
	<i>troilha</i>		12		
Sub-total			25	25	14.3
Mecânicos e operários da indústria	<i>mecânico</i>		3		
	<i>operário especializado</i>		1		
	<i>operário fabril</i>	1			
	<i>reprografa</i>	1	2		
	<i>trab. fábrica</i>	4	6		
Sub-total		6	12	18	10.3
Emp. domésticas	<i>mulher-a-dias</i>	13			
Sub-total				13	7.4
Outras profissões	<i>agente técnico tipografia</i>		1		
	<i>aviador</i>		1		
	<i>supervisor cozinhas</i>	1			
	<i>auxiliar hospital</i>	1			
	<i>emp. limpeza</i>	2	1		
	<i>trab. centro de dia</i>	1			
	<i>motorista</i>		2		
	<i>militar</i>		3		
	<i>secretária</i>	2			
	<i>analista</i>	1			
	<i>enfermeiro(a)</i>	1			
	<i>educadora infantil</i>	1			
	<i>tradutora</i>	1			
Sub-total		11	8	19	10.9
Estudantes (+ 12 anos)	<i>estudante</i>	23	18	41	23.4
Sub-total				41	
Não classificada	<i>doméstica</i>	30	2		
Sub-total		30	2	32	18.3
TOTAL		87	88	175	100

Fonte: Censo 94

Quadro XIII

Ocupação dos sazonais (+12anos), por sexo (1994)

Grupo profissional	Designação emic	Mulheres	Homens	Total	%
Forças de segurança e militares	<i>força aérea</i>		1		
	<i>forças armadas</i>	1	1		
	<i>GNR</i>		2		
	<i>guarda fiscal</i>		1		
	<i>inspector PJ</i>		1		
	<i>marinha</i>		1		
	<i>oficial da armada</i>		1		
	<i>polícia</i>		2		
	<i>tropa</i>		5		
Sub-total		1	15	16	10.5
Funcionários administrativos	<i>administrativo</i>	1			
	<i>contabilista</i>	2			
	<i>escriturário administrativo</i>	1	1		
	<i>func. CTT</i>		1		
	<i>func. público</i>	1			
	<i>secretária</i>	1			
Sub-total		6	2	8	5.3
Profissões intermédias da saúde	<i>enfermeiro(a)</i>	1			
	<i>técnico laboratório</i>	1			
	<i>técnico(a) análises clínicas</i>	1			
	<i>assistente social</i>	1			
Sub-total		4		4	2.6
Professores	<i>professor ciclo e secundário</i>	6	2		
	<i>professor primário</i>	2			
Sub-total		8	2	10	6.6
Profissões liberais	<i>advogado</i>	1	1		
	<i>arquitecto</i>	1	1		
	<i>economista</i>		1		
	<i>engenheiro</i>		1		
	<i>médico</i>		2		
Sub-total		2	6	8	5.3
Outras profissões	<i>agricultor</i>		2		
	<i>cabeleireira</i>	1			
	<i>caracterizadora</i>	1			
	<i>costureira</i>	1			
	<i>cozinheiro(a)</i>		1		
	<i>delegado informação médica</i>		1		
	<i>emp. na escola</i>	1			
	<i>informático</i>	1			
	<i>motorista</i>		1		
	<i>electricista</i>		1		
	<i>serralheiro</i>		2		
	<i>trilha</i>		2		
	<i>trab. Danone</i>	1	1		
Sub-total		6	11	17	11.2
Não classificada	<i>não mencionada</i>	3			
	<i>doméstica</i>	8			
Sub-total		11		11	7.2
Estudantes (+ 12 anos)	<i>estudante</i>	42	30	72	47.4
Inactivos	<i>inválido</i>	2	4	6	3.9
TOTAL		82	70	152	100

Fonte: Censo94

Quadro XIV

Solteiros com + 12 anos, cuja profissão mencionada não é *filho de família*

Solteiros (+ 12 anos)			Chefe-de-família		
Gr. Dom.	Profissão	Idade	Profissão	E. C.	Sexo

A) Profissões não ligadas à agricultura

SE06	barbeiro	16	doméstica	c	M
SE44	caixeiro	20	doméstica	v	M
SE44	caixeiro	25	doméstica	v	M
S001	estudante	12	cesteiro	c	H
SE44	estudante	12	doméstica	v	M
SL16	estudante	14	guarda fiscal	c	H
SE44	estudante	15	doméstica	v	M
SD33	estudante	17	guarda fiscal	c	H
SE44	estudante	17	doméstica	v	M
SJ46	estudante	19	lavrador(a) 1.1.	c	H
SB62	estudante	20	oficial do exército	c	H
SB62	estudante	21	oficial do exército	c	H
SE41	estudante	21	proprietário(a)	c	H
SB62	estudante	23	oficial do exército	c	H
SE45	pároco	53	o mesmo	s	H
SL32	pároco	81	o mesmo	s	H
SB62	professor oficial	28	oficial do exército	c	H
SL 18	professor oficial	30	doméstica	v	M
SB64	professor	24	doméstica	v	M
SJ10	GNR	25	doméstica	v	M
SD34	guarda fiscal	24	ferrador	c	H
SD23	marinheiro	27	quinteiro	c	H
SE46	soldado	21	jornaleiro(a)	c	H
S012	não mencionada	30	proprietário(a)	c	H

B) Artesãos

SJ32	albardeiro	15	albardeiro	c	H
SH32	alfaiate	20	comerciante	c	H
SB12	alfaiate	23	alfaiate	c	H
SB12	alfaiate	25	alfaiate	c	H
SB12	alfaiate	27	alfaiate	c	H
SH32	alfaiate	33	comerciante	c	H
SD10	ferrador	17	ferrador	c	H
SD10	ferrador	20	ferrador	c	H
SD10	ferrador	22	ferrador	c	H
SB20	ferrador	23	jornaleiro(a)	v	H
SJ07	sapateiro	20	carniceiro	c	H
SN32	carpinteiro	29	jornaleiro(a)	v	M

(cont.)

Solteiros (+ 12 anos)			Chefe-de-família		
Gr. Dom.	Profissão	Idade	Profissão	E. C.	Sexo

C) Criados da lavoura ou jornaleiros na casa paterna

SJ21	criado (lavoura)	16	jornaleiro(a)	c	H
S097	criado (lavoura)	16	jornaleiro(a)	v	H
S079	criado (lavoura)	17	jornaleiro(a)	c	H
SJ21	criado (lavoura)	19	jornaleiro(a)	c	H
S097	criado (lavoura)	19	jornaleiro(a)	v	H
S079	criado (lavoura)	20	jornaleiro(a)	c	H
S097	criado (lavoura)	20	jornaleiro(a)	v	H
SJ44	criado (lavoura)	23	jornaleiro(a)	c	H
S040	criado (lavoura)	24	doméstica	"s"	M
SJ44	criado (lavoura)	25	jornaleiro(a)	c	H
S013	criado (lavoura)	27	negociante	c	H
SH36	criado (lavoura)	30	doméstica	v	M
SE09	jornaleiro(a)	25	agricultor 1.1.	c	H
SH12	jornaleiro(a)	30	agricultor 1.1.	c	H
SL09	jornaleiro(a)	25	carpinteiro	v	H
S001	jornaleiro(a)	17	cesteiro	c	H
SH32	jornaleiro(a)	29	comerciante	c	H
SH21	jornaleiro(a)	19	doméstica	v	M
SN27	jornaleiro(a)	20	doméstica	v	M
SH21	jornaleiro(a)	22	doméstica	v	M
SN09	jornaleiro(a)	22	doméstica	v	M
SN15	jornaleiro(a)	22	doméstica	v	M
SH13	jornaleiro(a)	24	doméstica	v	M
SN09	jornaleiro(a)	25	doméstica	v	M
SE18	jornaleiro(a)	28	doméstica	v	M
SN08	jornaleiro(a)	28	doméstica	v	M
SJ05	jornaleiro(a)	29	doméstica	v	M
SE18	jornaleiro(a)	31	doméstica	v	M
S005	jornaleiro(a)	15	jornaleiro(a)	c	H
SA01	jornaleiro(a)	15	jornaleiro(a)	c	H
SA01	jornaleiro(a)	17	jornaleiro(a)	c	H
SA02	jornaleiro(a)	17	jornaleiro(a)	c	H
S003	jornaleiro(a)	18	jornaleiro(a)	c	H
S006	jornaleiro(a)	20	jornaleiro(a)	c	H
SB43	jornaleiro(a)	20	jornaleiro(a)	v	H
S010	jornaleiro(a)	23	jornaleiro(a)	c	H
SN19	jornaleiro(a)	24	jornaleiro(a)	v	M
S037	jornaleiro(a)	25	jornaleiro(a)	v	H
S010	jornaleiro(a)	28	jornaleiro(a)	c	H
SB53	jornaleiro(a)	30	jornaleiro(a)	c	H
S010	jornaleiro(a)	31	jornaleiro(a)	c	H
SE07	jornaleiro(a)	40	jornaleiro(a)	c	H
S076	jornaleiro(a)	22	lavrador(a) 1.1.	c	H
S076	jornaleiro(a)	32	lavrador(a) 1.1.	c	H
SD27	jornaleiro(a)	38	lavrador(a) 1.1.	c	H
S076	jornaleiro(a)	40	lavrador(a) 1.1.	c	H
SL03	jornaleiro(a)	35	negociante	c	H
S090	jornaleiro(a)	16	pedreiro	c	H
S090	jornaleiro(a)	29	pedreiro	c	H
SD30	jornaleiro(a)	19	proprietário(a)	c	H
SD30	jornaleiro(a)	22	proprietário(a)	c	H
SD30	jornaleiro(a)	27	proprietário(a)	c	H
SD30	jornaleiro(a)	30	proprietário(a)	c	H

(cont.)

Solteiros (+ 12 anos)			Chefe-de-família		
Gr. Dom.	Profissão	Idade	Profissão	E. C.	Sexo

D) Profissões ligadas à agricultura, exercidas por solteiros que vivem num fogo independente

SH05	agricultor	32			
SL08	agricultor	59			
SL06	agricultor	61			
SL41	agricultor	78			
SJ30	lavrador(a)	52			
S066	pastor	43			
SH20	pastor	43			
S052	proprietário(a)	35			
S055	vinhateiro	59			
SL37	jornaleiro(a)	26			
SL43	jornaleiro(a)	30			
SD09	jornaleiro(a)	33			
SL29	jornaleiro(a)	33			
S084	jornaleiro(a)	35			
SE48	jornaleiro(a)	35			
SJ01	jornaleiro(a)	37			
SA24	jornaleiro(a)	39			
SE36	jornaleiro(a)	58			
S077	jornaleiro(a)	67			
S098	jornaleiro(a)	74			

Fonte: *Status Animarum 1940-44*

Quadro XV

Idade dos proprietários (1940-44)

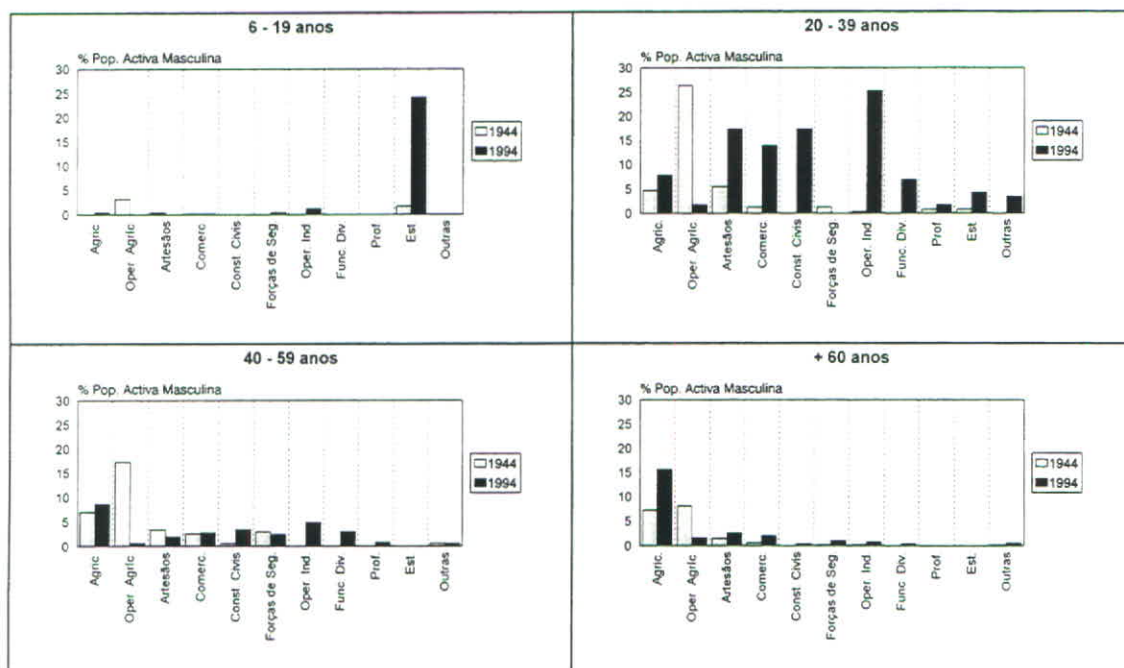
Profissão no <i>Status Animarum</i>	Idade
<i>proprietário</i>	88
"	75
"	72
"	70
"	69
"	67
"	67
"	63
"	62
"	60
"	60
"	59
"	58
"	56
"	52
"	52
"	46
"	43
"	43
"	35
"	22
Média	58

Fonte: *Status Animarum 1940-44*

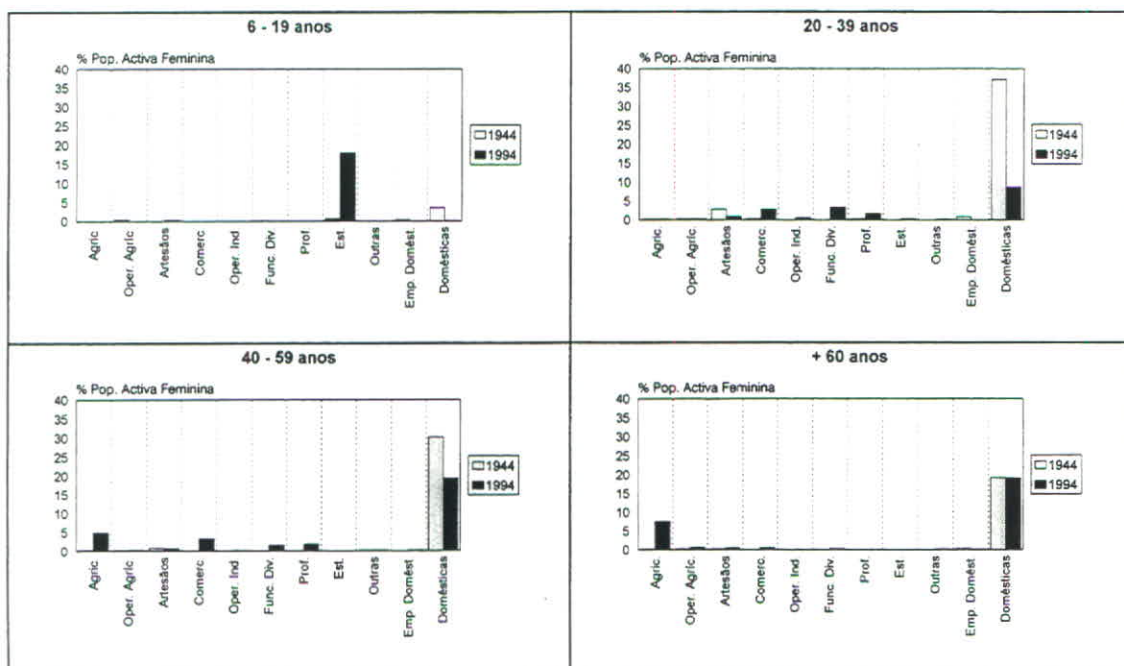
Quadro XVI

Distribuição das profissões por grupos de idade, 1944 / 1994

População masculina



População feminina



Fonte: INE, *Resençamento Populacional de 1991*

Quadro XVII
Naturalidade dos noivos, por década

(1910)

Noivo: ↓	Noiva: →	Atenor	Duas Igrejas	Picote	Sendim	Bemposta
Lagoaça		1		1		
Atenor					2	
Duas Igrejas					3	
Picote					1	
Sendim			1	1	58	
Vila Chã de Braciosa					1	
Azinhoso					1	
Bemposta						1
Mogadouro					1	
Remondes					1	
Urrós					1	

(1920)

Noivo: ↓	Noiva: →	Atenor	Palaçoulo	Picote	Sendim	V. Chã Brac.	Loulé	Espanha
Bragança (Concelho)					1			
Macedo de Cavaleiros					1			
Atenor							1	
Constantim					1			
Duas Igrejas					2			
Miranda do Douro					1			
Picote					2			1
Sendim		1	1	1	101	2		
Vila Chã de Braciosa					1			
Mirandela (Concelho)					1			
Remondes			1					
Travanca (C. Mogadouro)					1			
Urrós					1	1		
Vilarinho dos Galegos					1			
Caçarelhos					1			
Vinhais (Concelho)					1			

(1930)

Noivo: ↓	Noiva: →	Malhadas	Sendim	V. Chã Brac	Lisboa	Espanha
Bragança (Concelho)			1			
Duas Igrejas			1			
Ifanes					1	
Palaçoulo			3			
Sendim	1		117	1		1
Pena Róia			1			
Urrós			1			
Vilarinho dos Galegos			1			
Carção			1			

(cont.)

(1940)

Nolvo: ↓	Nolva: →	Vila Chã	Atenor	2 Igrejas	M.Douro	Palaçoulo	Picote	Sendim	Bemp.	Lisboa	Porto	Golega
Oliveira de Azemeis								1				
Bragança (Concelho)									1			
Freixo de Espada à Cinta												1
Macedo de Cavaleiros								1				
Atenor								2				
Duas Igrejas								2				
Miranda do Douro								1				
Palaçoulo								1				
Picote								3				
Póvoa								1				
Sendim		2	2	3	1	2	2	94		2	2	
Mogadouro								1				
Saldanha			1					1				
Urrós								1				
Argozelo								1				
Moncorvo								2				
Marco de Canaveses								1				
Chaves (Concelho)								1				
Vila Real (Concelho)								2				

(cont.)

(1950)

Noivo: ↓	Noiva: →	F. Esp. Cinta	Atenor	Constantim	S. Mart.Ang.	Sendim	Bemposta	Travanca	Vale Madre	Pinelo	Alc. Sal	Espanha
Fafe (Concelho)						1						
Atenor						1						
Cicouro						1						
Constantim						1						
Miranda do Douro						1			1			
Palaçoulo						1						
Picote						4						
Póvoa						1						
Sendim			1	2	1	106				1		1
Silva						1						
Vila Chã de Braciosa						1						
Mogadouro (Concelho)							1					
Bemposta		1										
Mogadouro						1						
Saldanha								1				
Travanca						1						
Urrós						1						1
Pinhel (Concelho)						1						
S. Mamede						1						
Felgueiras (Concelho)												1
Gondomar (Concelho)						1						
Paredes (Concelho)												1
Porto (Concelho)						1						
Alcácer do Sal (Concelho)											1	
Alijó (Concelho)						1						
Peso da Régua (Concelho)						1						
S.Marta	Penaguião					1						
Tarouca (Concelho)						1						
970000 - Apátrida						2						

(cont.)

(1960)

Noivo: ↓	Noiva: →	Braga	Alf.da Fé	Bragança	2 Igrejas	Genísio	Malhadas	M. do Douro	Picote	Sendim	Silva	Urrós	Lousada	Vila Real
Vila Chã										2				
Braga (Concelho)	1													
Vieira do Minho (Concelho)										1				
Alfândega da Fé (Concelho)										1				
Freixo de Espada à Cinta (Concelho)										1				
Duas Igrejas										1				
Miranda do Douro										2				
Picote										3				
Sendim	1	1	1	1			2	2	1	101	1	1		
Mirandela (Concelho)					1									
Brunhozinho										1				
Mogadouro										1				
Urrós										2				
Argozelo										1				
Sabugal (Concelho)										2				
Lousada (Concelho)										1				
Marco de Canaveses						1								
Vila Nova de Gaia														
Setúbal (Concelho)										1				
Vila Real (Distrito)													1	
Vila Real (Concelho)														1
Espanha										2				

(cont.)

(1970)

Noivo: ↓ Noiva: →	Fafe	Atenor	2 Igrejas	Malhad	Sendim	Azinh	Salda	Trava	Moncorv	Amar	Montalegre
Agueda (Concelho)					1						
Braga (Concelho)					2						
Bragança (Concelho)					2						
Lagoaça									1		
Macedo de Cavaleiros								1			
Atenor					2						
Constantim						1					
Miranda do Douro					1						
Palaçoulo					1						
Sendim	1	1	1		80		1			1	1
Silva					1						
Castelo Branco					1						
Mogadouro				1	1						
Urrós					4						
Vila de Ala					1						
Argozelo					1						
Vimioso					1						
Pinhel (Concelho)					1						
Pombal (Concelho)					1						
Lousada (Concelho)					1						
Vila Nova de Gaia											
Chaves (Concelho)					1						
Sta. Marta de					1						

(1990)

Noivo: ↓ Noiva: →	Duas Igrejas	M. do Douro	Sendim	França
Aveiro (Concelho)			1	
Vila Chã			1	
040601 - Atenor			1	
Miranda do Douro			1	1
Palaçoulo			1	
Picote			1	
Sendim	1		9	2
Vila Chã de Braciosa				1
Bemposta			2	
Meirinhos			1	
Mogadouro			1	
Travanca (C.			1	
Uva			1	
Meda (Concelho)			1	
Moncorvo			1	
Lisboa (Concelho)			2	
Gondomar (Concelho)			1	
Matosinhos (Concelho)			1	
Porto (Concelho)			1	
Viana do Castelo			1	
França			1	1
Angola			2	

(cont.)

(cont.)

(1980)

Noivo: ↓ Nolva: →	Braganç	2 Igrej.	M.Dour	Sendi	Silva	Bemp.	Brunho	Mogadou	Vil. Galeg	Vimios	Porto	Pte.Lim	Alemanh	Espanh	Franç	
Arouca				1												
Vila Chã				1												
Vila Verde				1												
Carraz. Ansiães				1												
Lagoaça				1												
Mac. Cavaleiros				1												
Atenor				1											1	
Duas Igrejas				2												
Ifanes										1						
M.Douro				2												
Palaçoulo				3	1										1	
Picote				2												
Sendim	1	1	1	34		1	1				1	1	1		3	1
Brunhozinho				2												
Castelo Branco				1												
Castro Vicente				1												
Mogadouro				1												
Travanca (C.				1												
Urrós				2												
Vil. Galegos										1						
Uva				2												
Vale de Frades								1								
Vimioso	1															
Vinhais (Concelho)				1												
Moncorvo																1
Caldas da Rainha				1												
Porto de Mós				1												
Porto				1												
Setúbal				1												
Sabrosa															1	
Armamar				1												
França				1												

Fonte: Assentos de Casamento do Registo Paroquial de Sendim, 1910-1994

Quadro XVIII

Idade ao casamento, considerando a profissão do noivo

(*) = diferença estatisticamente significativa para $P > 0.05$

X	Lavrad. e prop.	Jornaleiro	Artesão	Comerciante
Lavrad. e Prop.		55.5	56.6	55.7
Jornaleiro	44.2		31.9	30.4
Artesão	89.0*	44.7*		32.3
Comerciante	6.3	50.6*	95.3*	

Fonte: Assentos de Casamento do Registo Paroquial de Sendim (1910-1960)

Quadro XIX
Tipos de grupo doméstico, segundo a tipologia de Laslett¹
1940-44

Tipo	Descrição	Nº de GD	%
1a	Viúvo/a	48	10.3
1b	Solteiro/a	18	3.9
2a	Siblings co-residentes	2	0.4
3a	Casal só	50	10.8
3b	Casal com filhos	268	57.8
3c	Viúvo/a com filhos	53	11.4
3e	Mãe solteira com filhos	2	0.4
4a	Extensão ascendente	7	1.5
4b	Extensão descendente	3	0.6
4c	Extensão lateral	2	0.4
4d	Combinação ascendente-lateral	1	0.2
5b	Unidade secundária descendente	10	2.2
Total de GD		464	100

1994

Tipo	Descrição	Nº de GD	%
3b	Casal com filhos	202	43.8
3a	Casal só	121	26.2
1a	Viúvo/a	62	13.4
3c	Viúvo/a com filhos	22	4.8
4a	Extensão ascendente	21	4.6
1b	Solteiro/a	19	4.1
4c	Extensão lateral	5	1.1
4b	Extensão descendente	3	0.7
5b	Unidade secundária descendente	2	0.4
2a	Siblings co-residentes	1	0.2
2b	Outras relações de co-residência	1	0.2
3d	Viúvo/a com netos	1	0.2
4d	Combinação ascendente-lateral	1	0.2
Total de GD		461	100

Fonte: Status Animarum 1940-44 e Censo 94

¹ in Laslett (1972)

Quadro XX

Caracterização sucinta das pessoas cujas entrevistas foram transcritas

Nº ENTREV.	SEXO	D. NASC. (aprox.)	ACT. PROF.	PERM. NA VILA
1	várias pessoas	1934-1919	agricultor	residente
2a	♂	1934	comerciante	venediço
2b	♂	1962	mecânico	residente
2c	♂	1924	guada-fiscal (ref.)	residente
3	♂	1919	antigo criado da lavoura	residente
4	♀	1935	comerciante	residente
5	♀	1952	artesã	residente
6	♂	1912	médico	venediço
7	♀	1925	pároco	venediço
8	♂	1925	antigo albardeiro	residente
9	♀	1932	func. serv. sociais	venediço
10	♂	1954	presidente da J. Freguesia	residente
11	♀	1926	agricultor	residente
12	♂	1921	antigo pastor	residente
13	♂	1923	comerciante	venediço
14	♂	1945	professor primário	residente
15	♂	1922	antigo g. fiscal e artesão	residente
16	várias pessoas	1926-1944	-	residente
17	♀	1926	agricultor	residente

(cont.)

Nº ENTREV.	SEXO	D. NASC. (aprox.)	ACT. PROF.	PERM. NA VILA
18	♀	1922	agricultor	residente
19	♂	1911	antigo g. fiscal e comerciante	residente
20	♀	1952	agricultor	residente
21	♂	1945	agricultor- comerciante	regressado
22	♀	1951	agricultor	residente
23	♂	1919	pároco e advogado	sazonal
24	♀	1971	caracterizadora	sazonal
25	♀	1956	comerciante	residente
26	♀	1962	prof. primário	sazonal
27	♂	1975	estudante	sazonal
28	♂	1934	comerciante	regressado
29	♂	1914	ferreiro e agricultor	residente
30	♀	1925	agricultor	residente
31	♂	1969	estudante	regressado
32	♀	1909	antigo comerciante	regressado
33	♀	1950	mulher-a-dias	residente
34	♀	1949	agricultor	venediço
35	♂	1929	investigador	emigrante

(cont.)

Nº ENTREV.	SEXO	D. NASC. (aproximada)	ACT. PROF.	PERM. NA VILA
36	♂	1915	agricultor e antes contrab.	regressado
37	♂	1929	comerciante	residente
38	♀	1949	mulher-a-dias	emigrante
39	♂	1956	agricultor	residente
40	♀	1930	comerciante	emigrante
41	♀	1949	«cigana»	venediço
42	♀	1912	agricultor	residente
43	♀	1939	emp. secretaria	sazonal
44	♂	1946	construtor civil	regressado
45	♀	1940	agricultor	residente
46	♂	1910	antigo jornaleiro	residente

Anexo C: Mapas

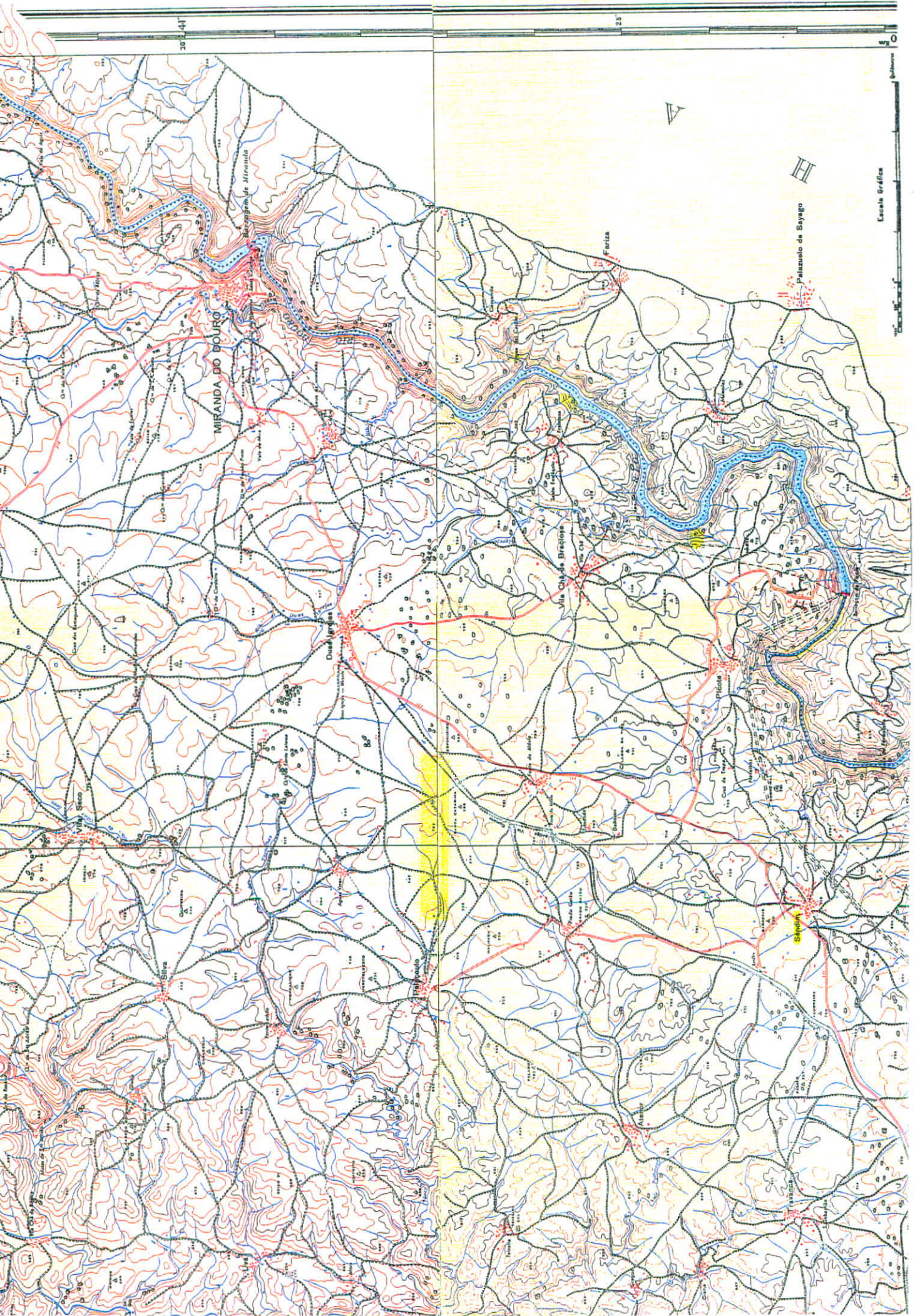


Figura I

Região de Miranda do Douro - carta corográfica (Inst. Geográfico e Cadastral)

Figura II
 Mapa geográfico do idioma mirandês

Mappa geographico do idioma mirandês.



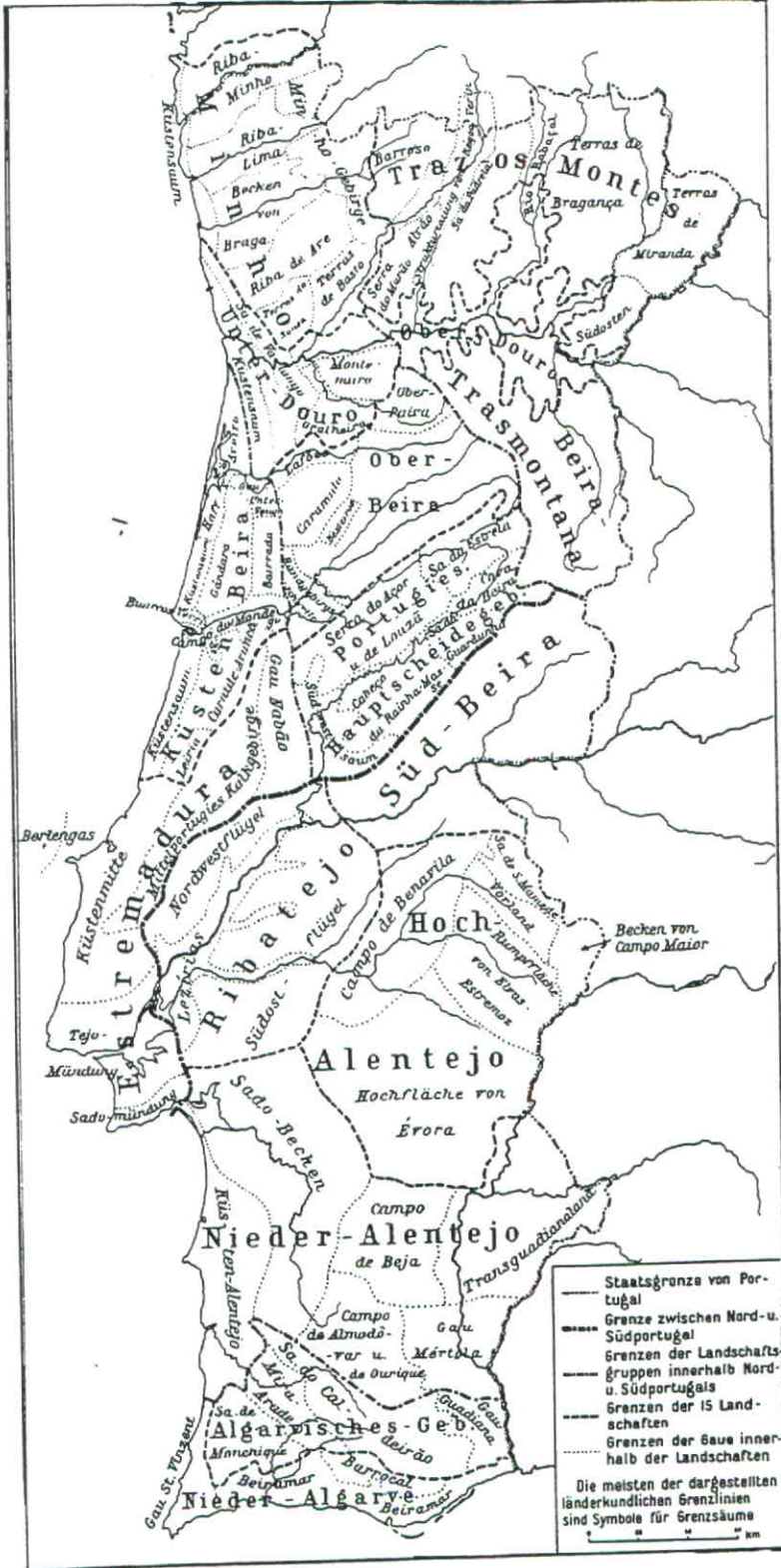
Legenda

- Localidades onde já não se falla mirandês, mas onde se fallou out'ora.
- Localidades onde actualmente se falla mirandês: o ponto maior denota sêde de freguesia, o menor denota simplex aldeia.
- Localidades onde é duvidoso se se falla mirandês.

Escala 1: 250000.

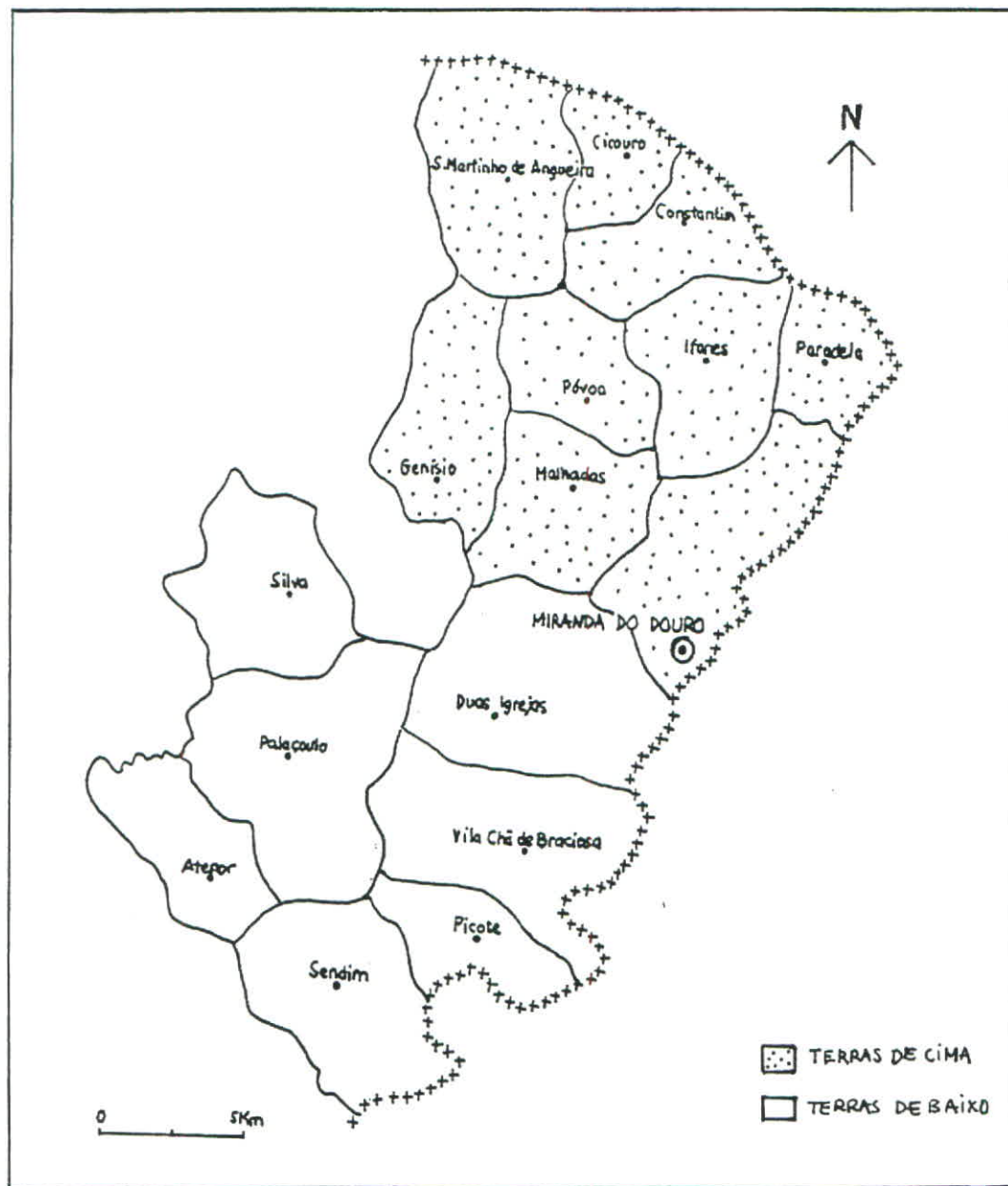
Fonte: Leite de Vasconcelos (1900)

Figura III
Regiões geográficas de Portugal, segundo Lautensach



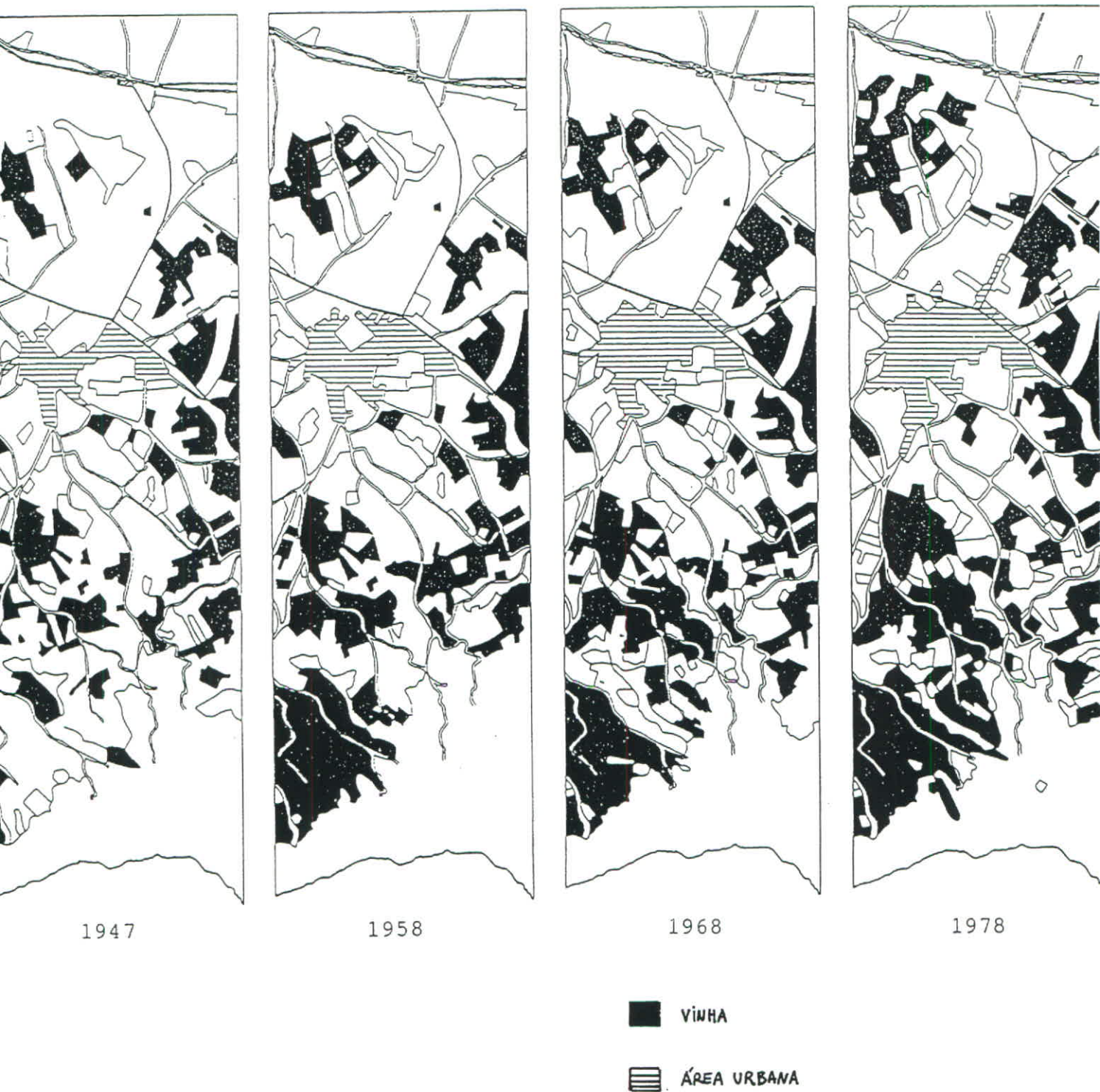
Fonte: Lautensach (1937)

Figura IV
Localização das Freguesias do Concelho de Miranda do Douro



Fonte: Plano Director Municipal de Miranda do Douro (1993)

Figura V
Dinâmica da ocupação do solo, na zona teste de Sendim



Fonte - João Guerreiro (1986)

Figura VI
Barragens no troço internacional do rio Douro ↓

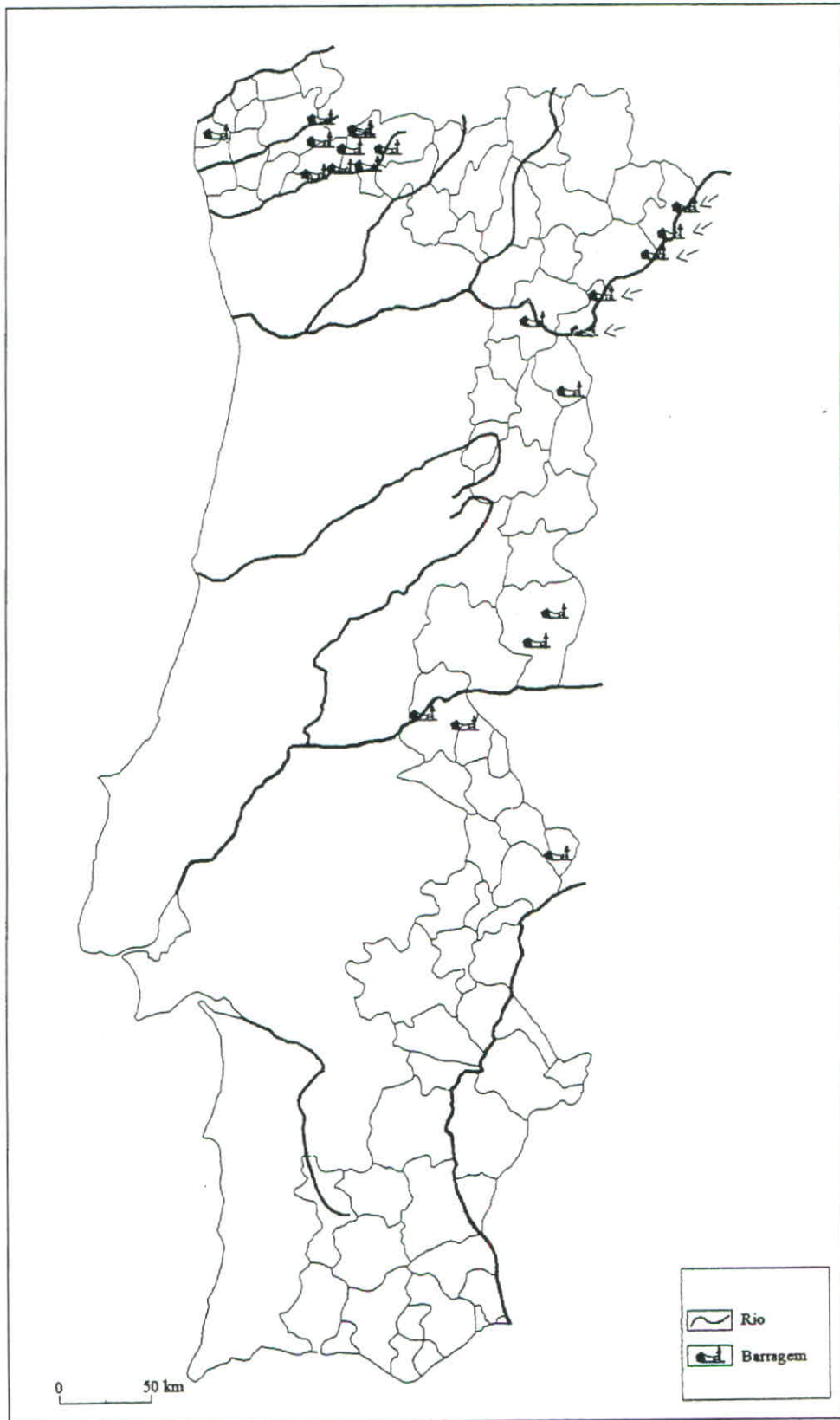


Figura VII
Percurso da procissão na festa de Sta. Bárbara (1994-1996)



Bibliografia

FONTES MANUSCRITAS

1758 *Memórias Paroquiais* (Arquivo Nacional da Torre do Tombo).

Arquivo Paroquial

1880-1994 Assentos de Baptismo e Casamento da freguesia de Sendim.

1940-44 *Status Animarum* da freguesia de Sendim.

Documentação local

1941 -1991 Actas da Casa do Povo de Sendim.

1971 Recenseamento dos Eleitores da freguesia de Sendim.

OBRAS PUBLICADAS

ALMEIDA, Ana

1984 - *Do campo à cidade - o impacto do processo de migração na organização interna da família*, Lisboa, Comissão da Condição Feminina.

1984a - *Comportamentos Demográficos e Estratégias Familiares no Continente Português: 1900-1970*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais.

ALMEIDA, Ana; GUERREIRO, M^a das Dores; TORRES, Anália e WALL, Karin (orgs.)

1992 - *Familles et Contextes Sociaux - les espaces et les temps de la diversité*, Actes du colloque de Lisbonne 10-12 Avril 1991, Lisboa, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, ISCTE.

ALVES, Carlos

1910 - «O Culto dos Mortos entre os Mirandeses», *Ilustração Transmontana*, n.º3: 107-108.

ALVES, Francisco Manuel

1909/48 - *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, (XI vols.), Porto/Coimbra/Bragança.

1929 - *Trás-os-Montes*. Portugal-Exposição Portuguesa em Sevilha, Lisboa, Imprensa Nacional.

AMBRÓSIO, Teresa

1981 - «Democratização do ensino», in *Sistema de Ensino em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

AMORIM, Maria Norberta

1973 - *Rebordões e a sua População nos sécs. XVII e XVIII. (Estudo Demográfico)*, Imprensa Nacional / Casa da Moeda - Centro de Estudos Demográficos.

1981 - «Demografia Histórica. Fontes e Métodos manuais para a reconstituição de famílias», *Revista do Centro de Estudos Demográficos*, 25: 15-82.

ANDERSON, M.

1975 - *Sociology of the Family. Selected Readings*, Harmondsworth, Pinguin Books.

APPLEBAUM, Herbert

1984a - *Work in Non-Market and Transitional Societies*, Albany, State University of New York Press.

1984b - *Work in Market and Industrial Societies*, Albany, State University of New York Press.

ARIÈS, Philippe

1973 - *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*, Paris, Seuil.

ASSIER-ANDRIEU, Louis

1984 - «Le Play et la famille souche des Pyrénées: politique, juridisme et science sociale», *Annales ESC*, XXXIX, 3: 495-512.

AUGUSTINS, Georges

1977 - «Reproduction sociale et changement social: l'exemple des Baronnie», *Revue Française de Sociologie*, XVIII: 465-484.

1979 - «Division égalitaire des patrimoines et institution de l'héritier», *Archives Européennes de Sociologie*, XX: 127-141.

1981 - «Mobilité résidentielle et matrimoniale dans une commune du Morbidan au XIX^e. siècle», *Éthnologie Française*, XI: 319-328.

1982 - «Esquisse d'une comparaison des systèmes de perpétuation des groupes domestiques dans les sociétés paysannes européennes», *Archives Européennes de Sociologie*, XXIII: 39-69.

1985 - «Choix matrimonial et réseaux d'alliance en Beauce au XIX^e. siècle», *Terrain*, 4: 50-61.

AZEVEDO, Pedro

1906 - «O Antigo Casamento Portuguez», *Arquivo Histórico Portuguez*, III: 107-110.

BARNARD, Alan e GOOD, Anthony

1984 - *Research Practices in the Study of Kinship*, Londres, Academic Press.

BARNES, J.

1971 - *Tree Styles in the Study of Kinship*, Londres, Tavistock.

BAROJA, Julio

1979 - *La Estacion del Amor. Fiestas Populares de Mayo a San Juan*. Madrid, Taurus.

1984 - *El Estio Festivo. Fiestas Populares del Verano*, Madrid, Taurus Ediciones.

BARROS, Afonso

1981 - «Modalidades de pequena agricultura», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n°7/8: 111-134.

1990 - «A Sociologia Rural perante a problemática do espaço», *Sociologia - Problemas e Práticas*, 8: 43-53.

BASTO, E. A. e BARROS, Henrique

1943 - *Inquérito à Habitação Rural*, 1.º vol., Lisboa, Universidade Técnica.

BASTOS, Cristiana

1993 - *Os Montes do Nordeste Algarvio*, Lisboa, Cosmos.

BEÇA, Berta

1988 - «Loas de Casamento do Distrito de Bragança», *Revista Lusitana*, n.s.9: 109-150.

BEHAR, Ruth

1986 - *Santa Maria del Monte: The Presence of the Past in a Spanish Village*, Princeton, Princeton University Press.

BELL, C. e NEWBY, H.

1971 - *Community Studies*, Londres, Allen & Unwin.

BELL, Rudolph

1979 - *Fate and Honour, Family and Village: Demographic and Cultural Change in Rural Italy since 1800*, Chicago, University of Chicago Press.

BENSON, Janet

1990 - «Households, Migration and Community Context», *Urban Anthropology*, 19, 1: 9-29.

BERARDO, Félix

1990 - «Trends and Directions in Family Research in the 1980s», *Journal of Marriage and the Family*, 52: 809-817.

BERTAUX, Daniel

1986 - «Fonctions diverses des récits de vie dans le processus de recherche», in *Les Récits de vie. Théorie, Méthode et Trajectoires Types*, D. Desmarais e P. Grell (orgs.), Montréal, Saint.Martin, pp.21-34.

BIROT, Pierre

1950 - *Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte.

BOISSEVAIN, Jeremy (ed.)

1992 - *Revitalizing European Ritual*. Londres, Routledge.

BONNAMOUR, J.

1973 - *Géographie Rurale. Méthodes et Perspectives*, Paris, Masson et C.ie Éditeurs.

BONTE, Pierre

1994 - *Épouser au plus proche: Inceste, prohibitions et stratégies matrimoniales autour de la Méditerranée*, Paris, Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales.

BOTT, Elisabeth

1971 - *Family and Social Network*, Londres, Tavistock Publications.

BOURDIEU, Pierre

1962 - «Célibat et Condition paysanne», *Études Rurales*, V-VI: 83-134.

1972 - «Les stratégies matrimoniales dans le système de reproduction», *Annales ESC*, XXVII, 4-5: 1105-1127.

1977 - «Sur le pouvoir symbolique», *Annales ESC*, XXXII, 3: 405-411.

1980 - *Le sens pratique*. Seuil, Les Éditions de Minuit.

1982 - «Les rites comme actes d' institution», *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 43: 58-63.

1985 - «De la règle aux stratégies: entretien avec Pierre Bourdieu», *Terrain*, 4: 93-99.

1987 - *Choses Dites*, Paris, Éditions de Minuit.

BRADLEY, Tony e LOWE, Philip (eds.)

1984 - *Locality and Rurality: Economy and Society in Rural Regions*, Norwich, England, Geo Books.

BRANDÃO, M^a de Fátima

1994 - *Terra, Herança e Família no Noroeste de Portugal. O caso de Mosteiro no século XIX*. Porto, Afrontamento.

BRANDES, Stanley

1975 - *Migration, Kinship and Community: Tradition and Transition in a Spanish Village*, Londres, Academic Press.

BRAUDEL, Fernand

1982 - *História e Ciências Sociais*, Lisboa, Editorial Presença.

BRETTELL, Caroline

1975 - «Portuguese Emigration and the "local group": Variations on a Theme», Lisboa, UNL, 24pp. (policopiado).

1991 - *Homens que Partem, Mulheres que Esperam: Consequência da Emigração numa Freguesia Minhota*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

BRITO, Joaquim Pais de

1988 - «Frontière et village. Notes sur l'assise locale d'une frontière politique», *Annales de Géographie*, 541: 330-343.

- 1991 - «A Taberna: Lugar e Revelador da Aldeia» in Brian O'Neill e Joaquim P. de Brito (orgs.) *Lugares de Aqui: Actas do Seminário "Terrenos Portugueses"*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, pp.167-199.
- 1996 - *Retrato de Aldeia com Espelho: Ensaio sobre Rio de Onor*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- BRITO, Joaquim Pais de, Costa, António e Oliveira, José
- 1989 - «Villages et agents médiateurs de communication» in M. Bassand e J.M. Moeckli (orgs.), *Villages: Quels espoirs?*, Berne/Frankfurt/Nova Iorque/ Paris, Peter Lang.
- BURGESS, R.
- 1984 - *In the Field. An Introduction to Field Research*, Londres/Boston, George Allen & Unwin.
- BURGUIÈRE, A. et al. (eds.)
- 1986 - *Histoire de la Famille*, Paris, Armand Collin.
- CABRAL, Manuel Villaverde
- 1983 - «A economia subterrânea vem ao de cima: estratégias da população rural perante a industrialização e a urbanização», *Análise Social*, 76: 199-234.
- 1986 - «État et paysannerie. Politiques agricoles et stratégies paysannes au Portugal depuis la Second Guerre Mondiale», *Sociologia Ruralis*, XXVI, n.º1: 6-19.
- 1985 - «Trás-os-Montes entre as máscaras e a roda da fortuna», *Análise Social*, XXI, n.º 85: 157-162.
- CALDAS, Eugénio de Castro
- 1978 - *A agricultura portuguesa no limiar da reforma agrária*, Oeiras, Fundação Calouste Gulbenkian (Centro de Estudos de Economia Agrária).
- CALLIER-BOISVERT, Colette
- 1966 - «Soajo - Une communauté féminine rurale de l'Alto-Minho», *Bulletin des Études Portugaises*, XXVII: 237-278.
- 1967 - «La vie rurale au Portugal. Panorama des travaux en langue portugaise», *Études Rurales*, n.º27: 95-133.
- 1968 - «Remarques sur le système de parenté et sur la famille au Portugal», *L'Homme*, VIII, n.º 2: 87-103.
- CALLIER-BOISVERT, Colette e LAFFON, Virginie
- 1992 - *Recherches en Anthropologie au Portugal*. Paris, Centre d'Études Portugaises de L'École des Hautes Etudes en Sciences Sociales.
- CÂMARA MUNICIPAL DE MIRANDA DO DOURO
- 1993 - *Plano Director Municipal de Miranda do Douro* (5 vols.), Lisboa, Consultores Económicos S. A.
- CARMO, Bento Pereira do
- 1834 - *Mappa n.º 1 Contendo os Concelhos, Parochias, e numero de Individuos de cada uma, segundo os recenseamentos enviados á Comissão de Estadística, pelos respectivos Parochos, até ao anno de 1828; distribuidos segundo a Nova Divisão do territorio do Reino de Portugal, em oito Provincias, e quarenta Comarcas, determinado pelo Decreto N.º 65 de 28 de Junho de 1833*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- CARQUEJA, Bento
- 1916 - *O Povo Portuguez: Aspectos Sociaes e Económicos*, Porto, Livraria Chardron.
- CARTER, Anthony
- 1984 - «Household Histories», in *Households - Comparative and Historical Studies of the Domestic Group*, R. Netting et al. (eds.) Berkeley-Los Angeles-London, University of California Press, pp. 44-83.

CARVALHO, José

1952 - «Porque se Falam Dialectos Leoneses em Terras de Miranda?», *Revista de Filologia*, V: 265-281.

CASEY, James

1989 - *História da Família*, Lisboa, Editorial Teorema.

CAVACO, Carminda (coord.)

1988 - «Léthargie et mutation de l'agriculture portugaise. Quelques aspects structuraux et spatiaux», *Annales de Géographie*, 541: 275-290.

1995 - *As regiões de Fronteira. Inovação e Desenvolvimento na perspectiva do Mercado Único Europeu*. Lisboa, Centro de Estudos Geográficos.

CENTRO NACIONAL DE CULTURA (orgs.)

1980 - *Trás-os-Montes (viagens/4)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, (colectânea de textos), 30 pp.

CEPEDA, Francisco

1988 - «Emigração, Regresso e Desenvolvimento no Nordeste Interior Português», Tese de Doutoramento, Universidade de Trás-os-Montes e Alto-Douro, Vila Real.

1991 - «O regresso dos Emigrantes ao Nordeste Interior Português e o seu Contributo para o Desenvolvimento da Região», *Brigantia*, XI, n.º1-2: 3-31.

CÉSAR, Amândio

s.d. - *Trás-os-Montes e Alto-Douro*, Lisboa, Bertrand

CHAMBOREDON, Jean-Claude

1980 - «Les usages urbains de l'espace rural: du moyen de production au lieu de récréation», *Révue Française de Sociologie*, XXI (1): 97-119.

CHAMOUX, A.

1984 - «Les structures familiales au royaume des familles-souches: Esparros», *Annales ESC*, XXXIX, 3: 513-528.

CHAVES, Luís

1945 - «A Arte Popular e o Folclore nas Ceifas», *Boletim da Federação Nacional dos Produtores de Trigo*, n.º7: 45-52.

CHAVEZ, Leo

1990 - «Coresidence and Resistance: Strategies for Survival Among Undocumented Mexicans and Central Americas in the United States», *Urban Anthropology*, XIX, 1: 31-61.

CINTRA, Luís

1983 (1962) - *Estudos de Dialectologia Portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa.

CLAVERIE, E. e LAMAISON, Pierre

1982 - *L'impossible mariage. Violence et parenté en Gévaudan, XVII, XVIII et XIX.ème siècles*, Paris, Hachette.

COELHO, Adolfo

1993 - *Festas, Costumes e outros materiais para uma Etnologia de Portugal*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

COHEN, A. P. (ed.)

1982 - *Belonging. Identity and Social Organisation in British Rural Cultures*, Manchester, manchester University Press.

COLE, Sally

1991 - *Women of the Praia: Works and Lives in a Portuguese Coastal Community*, Princeton-New Jersey, Princeton University Press.

COLLOMB, Gérard

1970 - «L'Alliance et la Parenté à Villarembert», *Mémoire de Maîtrise*, Institut d'Éthnologie, Paris, 75 pp.

1980 - «Parler Folklore: les fêtes au village en Savoie», *Cahiers Internationaux de Sociologie*, LXVIII: 83-93.

COLLOMP, A.

1972 - «Famille nucléaire et famille élargie en Haute Provence au XVIIIème. siècle (1703-1734)», *Annales ESC*, XXVII, 4-5: 969-976.

1977 - «Alliance et filiation en Haute Provence au XVIIIème. siècle», *Annales ESC*, XXXII, 3: 445-477.

COMAS D'ARGEMIR, Dolors

1984 - «La Estructura Familiar en el Pirineo de Aragon. Analisis contextual del proceso de transformation de las relaciones domesticas (siglos XIX y XX)», *Meridies*, 1: 73-103.

1987 - «Rural Crisis and the Reproduction of Family Systems: Celibacy as a Problem in the Aragonese Pirenees», *Sociologia Ruralis*, XXVII, 4: 263-277.

1988 - «Household, Family and Social Stratification: Inheritance and Labor Strategies in a Catalan Village (séc. XIX e XX)», *Journal of Family History*, XIII, 1: 143-163.

1994 - «Gender Relations and Social Change in Europe: On Support and Care», in *The Anthropology of Europe. Identities and Boundaries in Conflict*, U. Goddard e J.R. Llobera (eds.), Oxford/Providence, Berg., pp.209-225.

CÓNIM, Custódio

1985 - «Migrações Internas em Portugal - 1981», *Revista do Centro de Estudos Demográficos*, 27: 7-14.

CORDEIRO, Graça

1994 - «A construção social de um Bairro de Lisboa: a vocação marítima da Bica através dos seus Registos de Baptismo e de Nascimento (1886-1970)», *Ler História*, 26: 125-149.

COSTA, António Carvalho da

1868 - *Corografia Portuguesa e descrição topográfica do famoso reino de Portugal*, Braga, Tipografia de Domingos Gonçalves Gouvea (1ª edição: 1706).

COSTA, Joaquim

1990 - «Festas Religiosas, Emigração e Ostentação no Alto Minho», *Economia e Sociologia*, 50: 5-28.

CRESSWELL, Robert

1969 - *Une Communauté Rurale de l'Irlande*. (Travaux et Mémoires de L' Institut du Musée de L'Homme). Paris, Institut d'Éthnologie du Musée de L'Homme.

CRUCES, Francisco e DIAZ DE RADA, Angel

1992 - «Public Celebrations in a Spanish Valley», in Jeremy Boissevain (ed.) *Revitalizing European Ritual*, Londres, Routledge: 62-79.

CUISINIER, J. e SEGALLEN, Martine

1977 - *Le cycle de la vie familiale dans les sociétés européennes*, Paris, Mouton.

CUTILEIRO, José

1977 [1971] - *Ricos e Pobres no Alentejo. Uma Sociedade Rural Portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa.

DAVIS, John

1973 - *People of the Mediterranean: An Essay in Comparative Social Anthropology*, Londres, Routledge & Kegan Paul.

- DESCAMPS, Paul
1935 - *Le Portugal - La vie sociale actuelle*, Paris, Firmin-Didot.
- DESMARAIS, Danielle e GRELL, Paul
1986 - *Les Récits de vie. Théorie, méthode et trajectoires types*. Montréal, Editions Saint- Martin.
- DESROSIÈRES, A. e THÉVENOT, L.
1988 - *Les Catégories socio-professionnelles*, Paris, Éditions La Découverte.
- DEUSDADO, Domingos
1930 - *Trás-os-Montes*, Lisboa, Gazeta dos Caminhos de Ferro.
- DIAS, Jorge
1948 - *Vilarinho da Furna: uma Aldeia Comunitária*, Porto, IAC.
1984 - *Rio de Onor: Comunitarismo Agro-Pastoril*, Lisboa, Presença (1.ª ed. 1953).
1961 - «Algumas Considerações acerca da Estrutura Social do Povo Português», in *Ensaio Etnológicos*, Lisboa, JIU, Estudos de Ciências Políticas e Sociais, n.º52 (1.ªed. 1955).
- DIRECÇÃO GERAL DE ORDENAMENTO E GESTÃO FLORESTAL
1979 - «Distribuição da Floresta em Portugal Continental: Áreas Florestais por Concelhos, 1978», *Estudos e Informação*, n.º284.
- DOUGLASS, William
1969 - *Death in Murelaga: Funerary Ritual in a Spanish basque Village*, Seattle: University of Washington Press.
- DOUGLASS, William e ACEVES, Joseph
1978 - *Los aspectos cambiantes de la España rural*, Barcelona, Barral.
- DUBY, Georges e WALLON, Armand (orgs.)
1976 - *Histoire de la France rural*, vol. III, Paris, Seuil.
- EAMES, Edwin
1977 - *Anthropology of the city*, New Jersey, Prentice-Hall, Inc.
- ELLEN, Roy
1984 - *Ethnographic Research. A Guide to General Conduct*. London, Academic Press.
- EVANS-PRITCHARD, E. E.
1968 [1940] - *Les Nuer. Description des modes de vie et des institutions politiques d'un peuple nilote*. Paris, Gallimard.
- FARMER, David
1979 - *The Oxford Dictionary of Saints*, Oxford, Clarendon Press.
- FERNANDES, Ana
1994 - «Relações familiares, transformações demográficas e solidariedades intergeracionais», *Forum Sociológico*, 4: 45-59.
- FERRAROTTI, Franco
1983 - *Histoire et Histoires de Vie. La méthode biographic dans les sciences sociales*, Paris, Meridiens.
- FERREIRA DE ALMEIDA, João
1977 - «Sobre a Monografia Rural», *Análise Social*, 52: 789-803.
1986 - *Classes Sociais nos Campos - camponeses parciais numa região do noroeste*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais.
- FERREIRA, Albino
1898 - *Dialecto Mirandês*, Lisboa, Imprensa Libanio da Silva.

- FINE-SOURIAC, A.
1977 - «La famille-souche pyrénéenne au XIXe. siècle: quelques réflexions de méthode», *Annales ESC*, 32, 3: 478-487.
- FISCHER, Michael
1994 - *Applications in Computing for Social Anthropologists*, London, Routledge.
- FOX, Robin
1978 - *Anthropologie de la parenté*, Paris, Gallimard.
1986 - *Parentesco e Casamento - uma perspectiva antropológica*, Lisboa, Vega.
- FRANKENBERG, Ronald
1966 - *Communities in Britain. Social Life in Town and Country*. Harmondsworth, Middlesex, Penguin Books.
- GASPAR, Jorge
1987 - *Portugal. Os Próximos 20 anos. (Ocupação e Organização do Espaço)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
1988 - «Réseau urbain et régionalisation», *Annales de Géographie*, 541: 291-307.
- GEERTZ, Clifford
1989 - *Works and Lives. The Anthropologist as Author*. Cambridge, Polity Press.
- GIDDENS, Anthony
1982 - *Sociology: a Brief but Critical Introduction*, London, The Macmillan Press.
- GIESE, Wilhelm
1957 - «Zur bäuerlichen Kultur der Tierra de Miranda (NE - Portugal)», sep. *Zeitschrift für Ethnologie*, 82, 2: 251-266.
- GILMORE, David
1982 - «Anthropology of the Mediterranean Area», *Annual Review of Anthropology*, 11: 175-205.
- GIRARD, André
1974 - *Le choix du conjoint*, Paris, Puf (INED, *Travaux et Documents*, cahier n.º 70).
- GODINHO, Vitorino
1978 - «L'émigration portugaise (XV-XX siècles): une constante structurale et les réponses aux changements du Monde», *Revista de História Económica e Social*, 1: 5-32.
- GOLDEY, Patricia
1981 - «Emigração e estrutura familiar - estudo de um caso no Minho», *Estudos Contemporâneos*, 2/3: 111-127.
- GOODE, William
1963 - *World Revolution and Family Patterns*, New York, The Free Press.
- GOODY, J. e TAMBIAH, S. J.
1973 - *Bridewealth and Dowry*, Cambridge, Cambridge University Press.
- GOODY, J., THIRSK, J. e THOMPSON, E. P.
1979 - *Family and Inheritance - rural society in Western Europe 1200-1800*, Cambridge, Cambridge University Press.
- GOODY, Jack
1971 - *The Developmental Cycle in Domestic Groups*, Cambridge, Cambridge University Press.
1976 - *Production and Reproduction: a comparative study of the domestic domain*, Cambridge, Cambridge University Press.

- 1983 - *The development of the family and marriage in Europe*, Cambridge, Cambridge University Press.
- GRIAULE, Marcel e DIETERLEN, Germaine
1965 - *Le Renard Pâle. Le mythe cosmogonique*, Paris, Institut d'Ethnologie.
- GUERREIRO, João
1986 - «Problemas y Perspectivas de la Ordenacion Rural en Areas Perifericas. El caso de Miranda do Douro (Portugal)». Tese de mestrado, Instituto Agronomico Mediterraneo de Zaragoza.
- GUIA DE PORTUGAL
1970 - *Trás-os-Montes e Alto-Douro*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, vol.V, Tomo 2.
- HABAKKUK, H.
1955 - «Family structure and ecomic change in nineteenth-century Europe», *Journal of Economic History*, 15: 1-12.
- HAJNAL, John
1965 - «European Marriage Patterns in Perspective», in D. Glass e D. Eversley (orgs.) *Population in History: Essays in Historical Demography*, Londres, Edward Arnold, pp. 101-143.
1982 - «Two Kinds of Preindustrial Household Formation System», *Population and Development Review*, 8: 449-494.
- HAMMEL, E.A
1984 - «On the ***of Studying Household Form and Function» in *Households - Comparative and Historical Studies of the Domestic Group*, R. Netting et al. (eds.) Berkeley-Los Angeles-London, University of California Press, pp. 29-43.
- HAMMEL, E.A. e LASLETT, Peter
1974 - «Comparing Household Structures Over Time and Between Cultures», *Comparative Studies of Sociology and History*, 16: 73-109.
- HAREVEN, Tamara
1982 - *Family time and industrial time: the relationship between the family and work in a New England industrial community*, Cambridge, Cambridge University Press.
1991 - «The History of the Family and the Complexity of Social Change», *American Historical Review*, 1: 95-124.
- HARRIS, Christopher Charles
1983 - *Family and industrial society*, Londres, George Allen & Unwin (versão castelhana: *Familia y sociedad industrial*, Barcelona, Península, 1986).
1990 - *Kinship*, Bristol, Open University Press.
- HÉRITIER, Françoise
1982 - *L'Exercice de la Parenté*, Paris, Gallimard-Le Seuil.
1994 - *Les Deux Soeurs et leur mère*, Paris, Eitions Odile Jacob.
- INE (Instituto Nacional de Estatística)
1954, 1968 - *Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente*, Lisboa,.
Recenseamentos Gerais da População, Lisboa, 1864-1991
- ITURRA, Raúl
1977 - «Strategies in social recruitment: a case of mutual help in rural Galicia» in M. Stuchlik (org.) *Goals and Behaviour*, Queen's University of Belfast.
1983 - «Estratégias de organização doméstica da produção da Galiza rural», *Ler História*, 1: 81-109.
1985 - «Casamento, ritual e lucro: a produção de produtores numa aldeia portuguesa (1862-1983)», *Ler História*, 5: 59-81.

- 1987 - «Stratégies de reproduction. Le droit canon et le mariage dans un village portugais», *Droit et Société*, 5: 7-21.
- JACKSON, Anthony
1987 - *Anthropology at Home*. Londres e Nova Iorque, Tavistock Publications.
- JANSSENS, Angélique
1993 - *Family and Social Change. The household as a process in an industrializing community*, Cambridge, Cambridge University Press.
- JOLAS, T., VERDIER, Y. e ZONABEND, F.
1970 - «Parler Famille», *L'Homme*, X, 3: 5-26.
- KARNOUOH, C.
1973 - «La démocratie impossible. Parenté et politique dans un village Lorrain», *Études Rurales*, 52: 24-56.
1979 - «Penser "maison", penser "famille". Résidence domestique et parenté dans les sociétés rurales de l'Est de la France», *Études Rurales*, 75: 35-75.
- KELLERHALS, J. e TROUTOT, P. Y.
1984 - *Microsociologie de la famille*, Paris, Puf.
- KERTZER, David, HOGAN, Dennis e KARWEIT, Nancy
1992 - «Kinship beyond the household in a nineteenth-century Italian town», *Continuity and Change*, VII, 1: 103-121.
- LAMAISON, Pierre
1979 - «Les stratégies matrimoniales dans un système complexe de parenté: Ribennes en Gévaudan (1650-1830)», *Annales ESC*, 34, 4: 721-743.
- LAMARCHE, Hugues
1986 - «Localisation, Délocalisation, Relocalisation du Milieu Rural» in *L'Esprit des lieux. Localités et changement social en France*. Paris, Éditions du CNRS, pp.69-99.
- LASLETT, Peter
1972 - «La famille et le ménage: approches historiques», *Annales ESC*, XXVII, 4-5: 847-872.
- LASLETT, Peter e WALL, R. (eds.)
1972 - *Household and family in past time*, Cambridge, Cambridge University Press.
1978 - *Family Life and Illicit Love in earlier Generations*, Cambridge, Cambridge University Press.
- LAUTENSACH, Hermann
1989 (1932) - *Geografia de Portugal* (vol.III), S. Daveau (coment. e actual.), Lisboa, Edições João Sá da Costa.
1991 (1937) - «A divisão Regional» in *Geografia de Portugal* (vol.IV) S. Daveau (coment. e actual.), Lisboa, Edições João Sá da Costa.
1967 - *Geografia de España y Portugal*, Barcelona, Editorial Vicens-vives (Atlas temático)
- LEACH, Edmund
1977 (1961) «Two Essays Concerning the Symbolic Representation of Time» in *Rethinking Anthropology*, Londres: The Athlone Press, 124-136.
- LEAL, João
1994 - *As Festas do Espírito Santo nos Açores*, Lisboa, Dom Quixote.
- LEBRUN, François
s.d. - *A Vida Conjugal no Antigo Regime*, Lisboa, Edições Rolim.

LEEDS, Anthony

1987- «Work, Labor, and Their Recompenses: Portuguese Life Strategies Involving “Migration”, in H. C. Buechler e J.M. Buechler, *Migrants in Europe. The role of family, labor and politics*, New York, Greenwood Press.

LEITÃO, Joaquim (orgs.)

1908, 1909, 1910 - *Ilustração Trasmontana: Archivo Pittoresco, Litterario e Scientifico das Terras Trasmontanas*, Porto, Typographia Occidental.

LEMA, Paula

1972 - «A função de algumas aldeias diferenciadas no Nordeste Trasmontano. Para um estudo da hierarquia das distâncias», *Finisterra*, VII, 13: 71-101.

1977 - «O Norte de Portugal» *Finisterra*, XII, 24: 244-277.

1978 - *Tourém: uma Aldeia Raiana do Barroso*, Lisboa, INIC/Centro de Estudos Geográficos.

1980 - «Desenvolvimento das Funções Centrais em Trás-os-Montes», Tese de Doutoramento, Faculdade de Ciências de Lisboa.

LENCLUD, Gérard

1979 - «Des feux introuvables. L'organisation familiale dans un village de la Corse traditionnelle», *Études Rurales*, 76: 7-50.

LEPAGE, Yvan

1976 - «Aires Préférentielles d'échanges matrimoniaux aux XIXe. et Xxe. siècles: Bassily», *Bulletin de la Société Belge d'Anthropologie et Préhistoire*, 87: 103-115.

1981 - «L'Assortiment matrimonial en Belgique, approche socio-démographique. Méthodes et résultats ruraux et urbains», Université Libre de Bruxelles, Thèse présentée pour l'obtention du grade de docteur en Sciences Sociales.

LISÓN-TOLOSANA, Carmelo

1990 - *Antropologia Cultural de Galicia*, Madrid, Akal.

LOURENÇO, Nelson

1991 - *Família Rural e Indústria*, Lisboa, Editorial Fragmentos.

MACFARLANE, Alan

1977 - «History, anthropology and the Study of Communities», *Social History*, 5: 631-652.

MAIR, Lucy

1973 - *O Casamento*, Lisboa, Ulisseia.

MALINOWKI, Bronislaw

1922 - *Argonauts of the Western Pacific. An account of the native enterprise and adventure in the Archipelagoes of Melanesian New Guinea*, London, Routledge & Kegan Paul.

MAP (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E PESCAS)

1989 - *Recenseamento Geral Agrícola/89*, Mogadouro, Direcção Regional de Agricultura de Trás-os-Montes (Documento de trabalho N.6).

MEDICK, H. E SABEAN, D. (eds.)

1984 - *Interest and Emotion: essays on the study of family and kinship*, Cambridge, Cambridge University Press.

MENDES, José

1980 - «A Província de Trás-os-Montes nos Finais do séc.XVIII: Alguns Aspectos Económico-sociais», *Estudos Contemporâneos*, 1: 9-44.

1981 - Trás-os-Montes nos fins do séc. XVIII, segundo um manuscrito de 1796, Coimbra, INIC/Centro de História da Sociedade e Cultura da Universidade de Coimbra.

MENDRAS, Henri

1976 - *Sociétés Paysannes. Eléments pour une théorie de la paysannerie*. Paris, Armand Colin.

MERZARIO, Raul

1981 - *Il paese stretto. Strategie matrimoniali nella diocesi di Como, secoli XVI-XVIII*, Torino, Giulio Einaudi Editore.

1990 - «Land, Kinship and Consanguineous Marriage in Italy from the seventeenth to the nineteenth centuries», *Journal of Family History*, XV, 4: 529-546.

MILLER, Brent

1986 - *Family Research Methods*, Londres, Sage Publications.

MINISTÉRIO DA HABITAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS

1982 - *Plano da Área Territorial dos Concelhos de Miranda do Douro e Vimioso*, vol. n.º 7, Lisboa.

MINISTÉRIO EMPREGO E SEGURANÇA SOCIAL - D.G.F.

1989 - *Alguns dados sobre o quotidiano das famílias portuguesas*. Lisboa, Coleção Estudos/Documentos.

MÓNICA, Mª Filomena

1978 - *Educação e Sociedade no Portugal de Salazar. A Escola Primária Salazarista 1926-1939*. Lisboa, Editorial Presença.

MOURINHO, António Maria

1961 - *Nôssa Alma I Nôssa Tiêrra*, Lisboa, Imprensa Nacional.

1985 - «Um Apontamento de Vida Rural para a História Económica Moderna: o preço do centeio numa aldeia mirandesa, desde 1621 a 1881», *Brigantia*, V, 1: 5-31.

1991 - *Terra de Miranda. Coisas e Factos da nossa Vida e da nossa Alma Popular*, Câmara Municipal de Miranda do Douro.

1991a - Poema ...?

MOURINHO, António Rodrigues

1993 - *Figuras Rituais no Solstício de Inverno na Terra de Miranda*, Miranda do Douro, Museu da Terra de Miranda.

MURDOCK, G. P.

1972 - *De la Structure Sociale*, Paris, Payot (1.ª edição 1949).

NAZARETH, J. Manuel

1979 - *O Envelhecimento da População Portuguesa*, Lisboa, Presença/GIS.

1988 - *Portugal. Os Próximos 20 anos*. (Unidade e Diversidade da Demografia Portuguesa no final do século XX), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

1996 - *Introdução à Demografia*, Lisboa, Fundamentos.

NETTING, Robert

1981 - *Balancing on an Alp: Ecological Change and Continuity in a Swiss Mountain Community*, Cambridge, Cambridge University Press.

NETTING, Robert; WILK, Richard e ARNOULD, Eric

1984 - *Households - Comparative and Historical Studies of the Domestic Group*, Berkeley-Los Angeles-London, University of California Press.

NEWBY, Howard

1980 - *Community*, Walton Hall, Open University Press.

NOBRE, Ana

1987 - «Lamas, village de Trás-os-Montes. Permanence et transformations (1800-1986). Thèse de doctorat de troisième cycle, Paris, Université de Nanterre.

NUNES, João

1986 - «On Household Composition in North Western Portugal: some critical remarks and a case study», *Sociologia Ruralis*, XXXVI, 1: 48-69.

NUNES, João e FEIJÓ, Rui

1986 - «Household Composition and Social Differentiation in North Western Portugal in the Nineteenth Century», *Sociologia Ruralis*, XXVI (3): 249-267.

O'NEILL, Brian

1982 - «Trabalho Cooperativo numa Aldeia de Trás-os-Montes», *Análise Social*, XVIII (70): 7-34.

1984 - *Proprietários, Lavradores e Jornaleiras*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

1985 - «Morrer e Herdar no Trás-os-Montes Rural» in Rui Feijó *et alii*, (orgs.) *A Morte no Portugal Contemporâneo*, Lisboa, Editorial Quercus, pp.111-161.

1989 - «Repensando Trabalhos Colectivos Lúdicos: a matança do porco em Alto Trás-os-Montes» in *Estudos em Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira*, Lisboa, INIC, pp. 471-520.

1991 - «Espaços Sociais e Grupos Sociais no Nordeste Trasmontano» in Brian O'Neill e Joaquim P. de Brito (orgs.) *Lugares de Aqui: Actas do Seminário "Terrenos Portugueses"*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, pp.141-166.

O'NEILL, Brian e BRITO, Joaquim Pais de (orgs.)

1991 - *Lugares de Aqui: actas do seminário "Terrenos Portugueses"*, Lisboa Publicações Dom Quixote.

OLIVEIRA, Ernesto

1955 - «Trabalhos Colectivos Gratuitos e Recíprocos», *Revista de Antropologia*, III, 1: 21-43.

1982 - *Trás-os-Montes: a mão do homem*, Vila Real, IUTAD (catálogo de uma exposição efectuada no Museu de Etnologia de Lisboa), 25 pp.

1995 - *Festividades Cíclicas em Portugal*, Lisboa, Publicações Dom Quixote (1ª edição: 1984).

OLIVEIRA, Ernesto; GALHANO, Fernando

1992 - *Arquitetura Tradicional Portuguesa*, Lisboa, Dom Quixote.

OLIVEIRA, Ernesto; GALHANO, Fernando e PEREIRA, Benjamim

1977 - *Alfaia Agrícola Portuguesa*, Lisboa, I.A.C.

1978 - *Tecnologia Tradicional Portuguesa - o Linho*, Lisboa, INIC.

PARSONS, T. e BALES, R. (eds.)

1955 - *Family, Socialization and the Interaction Process*, New York, The Free Press.

PELLEGRINO, Pierre, MESQUITELA-LIMA, A. *et al.*

1986 - *Espace et Développement (Tome I). Développement spatial et identités régionales au Portugal; espaces en interaction, transformations régionales et structures locales*, Genebra, CRAAL-UNESCO.

PESSANHA, Sebastião

1960 - *Mascarados e Máscaras populares de Trás-os-Montes*, Lisboa, Livraria Ferin.

PINA-CABRAL, João

1989 - *Filhos de Adão, Filhas de Eva: a visão do mundo camponesa no Alto Minho*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

PITT-RIVERS, Julian (orgs.)

1963 - *Mediterranean Countrymen. Essays in Social Anthropology of the Mediterranean*, Paris, Mouton.

PLUMMER, Ken

1983 - *Documents of Life. An Introduction to the Problems and Literature of a Humanistic Method*, Londres, George Allen & Unwin.

POINARD, Michel

1983a - «Emigrantes portugueses: o regresso», *Análise Social*, 75: 29-56.

1983b - «Emigrantes retornados de França: a reinserção na sociedade portuguesa», *Análise Social*, 76: 261-296.

POIRIER, Jean; CLAPIER-VALLADON, Simone e RAYBAUT, Paul

1983 - *Les récits de Vie. Théorie et pratique*, Paris, PUF.

POLANAH, Luís

1984 - «Camponeses de Sayago. Estrutura Social e Representações Simbólicas de uma Comunidade Rural». Dissertação de doutoramento, Braga, Universidade do Minho.

PORTELA, José

1981 - «Notas sobre a transformação da “pequena agricultura”: uma perspectiva local», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78: 309-326.

1985 - «Terras e Arremates em Fontim», *Brigantia*, V, 2/4: 683-694.

1986 - *Trabalho cooperativo em duas aldeias de Trás-os-Montes*, Porto, Afrontamento.

1988 - «Rural Household Strategies of Income Generation: A study of North-Eastern Portugal, 1900-1987», Ph.D. Thesis, University of Wales, 1988.

1989 - «Trás-os-Montes: região verdadeiramente singular», in *Estudos em Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira*, Lisboa, INIC, pp.619-627.

PUJADAS, Juan e ARGEMIR, Dolores d'

1994 - *Estudios de Antropologia social en el Pirineo Aragonés*, Zaragoza, Diputación General de Aragón.

RAPOPORT, Amos

1969 - *House Form and Culture*, London, Prentice-Hall.

RAVIS-GIORDANI, G.

1972 - «Familles et pouvoir en Corse: endogamie de lignées et préservation d'un patrimoine symbolique, le pouvoir électif», *Sociologie du Sud-Est*, 21: 63-69.

REDFIELD, Robert

1973 (1953) - *The Little Community and Peasant Society and Culture*, Chicago, University of Chicago Press.

REHER, David

1990 - «Marriage Patterns in Spain 1887-1930», *Journal of Family History*, XVI, 1: 7-30.

REIS, Manuela e NAVE, Joaquim

1986 - «Emigrating Peasants and Returning Emigrants - emmigration with return in a portuguese village», *Sociologia Ruralis*, XXVI, 1.

RÉMY, Jean

1993 - «Le rural et l'urbain entre la coupure et la différence: la méthanomorphose des relations villes/campagnes», *Espaces et Sociétés*, 72.

RIBEIRO, Margarida

1967 - «Nossa Senhora da Luz. Nota Etnográfica da Raia Mirandesa», *Revista de Etnografia*, III, 2: 392-410.

RIBEIRO, Orlando

s.d. - «Sur quelques traits de la campagne portugaise», in *Mélanges Géographiques offerts em hommage à M. Daniel Faucher*, Toulouse, Éditions Toulousaines de l'ingénieur.

- 1938 - «L'Habitat rural au Portugal», *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 9-10: 402-411.
- 1940 - «Villages et communautés rurales au Portugal», *Biblos*, XVI, II: 411-425.
- 1942 - «Para uma geografia do Trigo em Portugal», *Boletim da Federação Nacional dos Produtores de Trigo*, 2: 11-19.
- 1969 - «Proémio metodológico ao estudo das pequenas cidades portuguesas», *Finisterra*, IV (7): 64-75.
- 1979a - «Agricultura», in Joel Serrão (dir.) *Dicionário de História de Portugal*, vol.1, Lisboa, Iniciativas Editoriais, pp.60-66.
- 1979b - «Aldeia», in Joel Serrão (dir.) *Dicionário de História de Portugal*, vol.1, Lisboa, Iniciativas Editoriais, pp.85-89.
- 1979c - «Povoamento», in Joel Serrão (dir.) *Dicionário de História de Portugal*, vol.1, Lisboa, Iniciativas Editoriais, pp. 466-485.
- 1983 - *Mediterrâneo. Ambiente e tradição*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- 1986 (1947) - *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, Lisboa, Sá da Costa.
- 1991 (1955) - «As regiões geográficas», in S. Daveau (coment. e actual.), *Geografia de Portugal, Lisboa*, Sá da Costa.(tradução do capítulo IX de *Geografia de Espanha y Portugal*).
- RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Hermann, DAVEAU, Suzanne (comentários e actualização)
1987-1991 - *Geografia de Portugal* (4 vols.), Lisboa, Edições João Sá da Costa.
- RIEGELHAUPT, Joyce
1964 - «In the Shadow of the city: integration of a portuguese village», PhD Thesis, Columbia University, Faculty of Political Science.
1979 - «Os camponeses e a política no Portugal de Salazar - o Estado Corporativo e o 'apoliticismo' nas aldeias», *Análise Social*, 59: 505-523.
- ROCHA PEIXOTO
1990 (1967) - *Etnografia Portuguesa*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- ROCHA-TRINDADE, M^a Beatriz
1987-«As micropátrias do interior português», *Análise Social*, 98: 721-732.
- ROGERS, S.-C.
1992 - «Culture et changement social dans l'Occident contemporain», *L'Homme* 121, XXXII, 1: 31-46.
- ROHLF, F. J. e SLICE, D.E.
1995 - *BIOMstat for Windows. Statistical Software for biologists version 3.0*, New York, Exeter Software.
- ROSALDO, M. e LAMPLERE, L.
1974 - *Woman, Culture and Society*, Stanford, Stanford University Press.
- ROSAS, Fernando (coord.)
1990 - *Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*, Joel Serrão e A.H. Oliveira Marques (dir.) *Nova História de Portugal*, Vol.XII, Lisboa, Presença.
1994 - *O Estado Novo (1926-1974)*, *História de Portugal* (vol.VII), dir. de José Mattoso, Lisboa, Círculo de Leitores.
- ROUSSEL, Louis
1976 - *La famille après le mariage des enfants. Étude des relations entre générations*, Paris, PUF.
- ROWLAND, Robert
1981 - «Âncora e Montaria, 1827: duas freguesias do Noroeste segundo os livros de registo das Companhias de Ordenanças», *Estudos Contemporâneos*, 2/3: 199-242.

- 1984 - «Sistemas Familiares e Padrões Demográficos em Portugal: questões para uma investigação comparada», *Ler História*, 3: 13-32.
- 1986 - «Demographic Patterns and Rural Society in Portugal», *Sociologia Ruralis*, XXVI, 1: 36-47.
- SABELLI, Fabrizio
- 1982 - «Le Rite d'institution: résistance et domination», *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 43: 64-69.
- SALORT, Marie-Martine e BRÉMOND, Janine
- 1977 - *La Famille en Question*, Paris, Hatier.
- SAMPAIO, Alberto
- 1923 - «As vilas do Norte de Portugal», *Estudos Históricos e Económicos* (vol.1), Porto, Livraria Chardron de Lello e Irmão, pp.3-254.
- SANCHIS, Pierre
- 1983 - *Arraial: Festa de um Povo - as romarias portuguesas*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- SANTOS JUNIOR, J. R.
- 1965-66 - «Dois "fornos do povo" em Trás-os-Montes», *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XX, 1,2: 119-145.
- SANTOS, Maria José
- 1967 - «Os Falares Fronteiriços de Trás-os-Montes», Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vols. XII, XIII e XIV.
- SARACENO, Chiara
- 1992 - *Sociologia da Família*, Lisboa, Editorial Estampa.
- SCOTT, James
- 1985 - *Weapons of the Weak. Everyday Forms of Peasant Resistance*, New Haven/London, Yale University Press.
- SEGALEN, Martine
- 1971 - «Choix du conjoint et homogamie», *Population*, 3: 487-498.
- 1972 - *Nuptialité et alliance, le choix du conjoint dans une commune d'Eure*, Paris, G. P. Maisonneuve et Larose.
- 1977 - «Household structure, the family life cycle over five generations in a french village», *Journal of Family History*, II, 3: 223-236.
- 1979 - *Mari et femme dans la société paysanne*, Paris, Flammarion.
- 1981- *Sociologie de la Famille*, Paris, Armand Collin.
- 1984 - «Nuclear is not independent: Organization of the Household in the Pays Bigouden Sud in the Nineteenth and Twentieth Centuries», in *Households - Comparative and Historical Studies of the Domestic Group*, R. Netting et al. (eds.) Berkeley-Los Angeles-London, University of California Press, pp. 163-186.
- 1985 - *Quinze Générations de Bas-Bretons*, Paris, PUF.
- 1991 - «Mean age at Marriage and Kinship Networks in a town under the influence of the metropolis: Nanterre 1800-1850», *Journal of Family History*, XVI, 1: 65-78.
- SHANIN, T.
- 1971 - «Peasantry: Delineation of a Sociological Concept and a Field of Study», *Archives Européennes de Sociologie*, 12: 289-300. (sep.23)
- SILVA, Augusto
- 1994 - *Tempos Cruzados - um estudo interpretativo da Cultura Popular*, Porto, Edições Afrontamento.

SILVA, Manuel

1994 - *Resistir y Adaptarse, Constreñimientos y estrategias campesinas en el noroeste de Portugal*, Universidade de Amesterdão.

SINGLY, François (dir.)

1991 - *La Famille: L'état des savoirs*, Paris, Editions La Découverte.

SOKAL, R.R. e ROHLF, F. J.

1981 - *Biometry. The Principles and Practice os Statistics in Biological Research*, New York, W.H. Freeman.

SPRADLEY, James

1980 - *Participant Observation*, New York, Holt, Rinehart and Winston.

STOETZEL, J.

1983 - *Les valeurs du temps présent: une enquête européenne*, Paris, PUF.

SUSSMAN, Marvin e STEINMETZ, Suzanne (eds.)

1987 - *Handbook of Marriage and the Family*, New York, Plenum Press.

TABORDA, Virgílio

1987 - *Alto Trás-os-Montes, Lisboa*, Horizonte (1.ª edição 1932).

TIERNO, João

1904 - «O Gado Bovino Mirandês», *Boletim da Direcção Geral de Agricultura*, 8 (1): 1-43.

TYLLY, Louise e SCOTT, J.

1978 - *Women, Work and Family*, New York, Halt, Rinehart and Winston.

VAN GENNEP, Arnold

1947 - *Manuel de Folklore Français Contemporain*, (Tomo I), Paris, Picard.

VARAGNAC, André

1948 - *Civilisation Traditinnelle et genres de vie*, Paris, Editons Albin Michel.

VÁRIOS

1985 - *Les campagnes portugaises de 1870 a 1930: image et réalité*, Actes du Colloque de la Société Française des lusitanistes de l'enseignement supérieur, Aix-en-Provence, 2-4 Décembre 1982, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centre Culturelle Portugais.

VÁRIOS

1986 - *Aspectos do Portugal Rural*, Actas do 3.º Congresso Europeu de Sociologia Rural, Braga, Sociedade Portuguesa de Estudos Rurais.

VÁRIOS

1986 - *L'Esprit des lieux. Localités et changement social en France*. Paris, Éditions du CNRS.

VASCONCELOS, José Leite de

1900-1901 - *Estudos de Philologia Mirandesa* (I e II), Lisboa, Imprensa Nacional (reeditado em 1993).

1917 - *Por Trás-os-Montes. Notícia de uma excursão*, Separata de *Archeologo Português*, Lisboa, Imprensa Nacional.

1927 - *De Terra em Terra. Excursões arqueológico-etnográficas*, vol.1, Lisboa, Imprensa Nacional.

1929 - «Língua raianas de Trás-os-Montes», in *Opúsculos*, vol.IV, Coimbra, Imprensa da Universidade (1.º ed. 1886).

1942 - *Etnografia Portuguesa - tentame de sistematização* (vols. III, V, VI e X), Lisboa, Imprensa Nacional.

VELASCO, Honorio

1982 - *Tiempo de Fiesta - Ensayos Antropologicos sobre las Fiestas en España*, Madrid, Editorial "Tres-Catorce-Diecisiete".

VERDIER, Yvonne

1979 - *Façons de dire, façons de faire*, Paris, Gallimard.

WALL, Karin

1984 - «Mulheres que partem e mulheres que ficam: uma primeira análise da função social e económica das mulheres no processo migratório», *Ler História*, 3: 53-63.

1988 - «Modernization et Dynamique Familiale: le cas de la famille paysanne portugaise» in A. Gonçalves, A. Fernandes e A. D'Épinay (dirs.), *La Sociologie et les nouveaux défis de la modernisation*, Porto, Faculdades de Letras.

1992 - «Pour une sociologie des formes familiales dans la société rurale» in A. Almeida et al. (org.), *Famille et Contextes Sociaux*, Lisboa, ISCTE/CIES, pp. 163-182.

1994 - «La Fabrication de la vie familiale. Changement Social et Dynamique Familiale des Paysans du Bas-Minho», Thèse de Doctorat, Université de Genève, Faculté de Sciences Économiques et Sociales.

WALL, Karin e LOBO, Cristina

1995 - «A família na sociedade portuguesa», *Sociologia - Problemas e Práticas*, 18: 173-194.

WATSON, Lawrence e WATSON-FRANKE, Maria-Barbara

1985 - *Interpreting Life Histories. An Anthropological Inquiry*. New Brunswick, New Jersey, Rutgers University Press.

WERNER, Oswald e SCHOEPFLE, G.

1987 - *Systematic Fieldwork*, California, Sage.

WILK, Richard e NETTING, Robert

1984 - «Households: Changing Forms and Functions», in *Households - Comparative and Historical Studies of the Domestic Group*, R. Netting et al. (eds.) Berkeley-Los Angeles-London, University of California Press, pp.1-28.

WILLEMS, Emilio

1963 - «On Portuguese Family Structure», in J. Mogeý (ed.) *Family and Marriage*, Leiden, E.J. Brill.

WOLF, Eric

1966 - *Peasants*, New Jersey, Prentice-Hall.

WRIGLEY, Edward

1973 - *Identifying People in the Past*, Londres, Richard Clay.

YANAGISAKO, Sylvia

1979 - «Family and Household: the analysis of domestic groups», *Annual Review of Anthropology*, 8: 161-205.

YOUNG, Michael e WILLMOTT, Peter

1983 (1957) - *Le village dans la ville*, Paris, Centre Georges Pompidou.

ZONABEND, Françoise

1980 - *La Mémoire Longue*, Paris, PUF.

1981 - «Le très proche et le pas trop loin», *Ethnologie Française*, XI, 4: 311-318.

PERIÓDICOS LOCAIS

1894 -1898 *O Mirandez.*

1940 - 1994 *Mensagem de Bragança* (quinzenal).

